

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MATHEUS MACHADO VIEIRA

O PODER DA PRINCESA QUE ORA E ESPERA:
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES
DO CONSERVADORISMO FEMININO (2000-2017)

CURITIBA

2020

MATHEUS MACHADO VIEIRA

O PODER DA PRINCESA QUE ORA E ESPERA:
PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES
DO CONSERVADORISMO FEMININO (2000-2017)

Tese apresentada ao curso de Pós-Graduação em História,
Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná,
como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em
História.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Kosicki Bellotti

CURITIBA

2020

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Vieira, Matheus Machado

O poder da princesa que ora e espera : práticas e representações do conservadorismo feminino (2000-2017). / Matheus Machado Vieira. – Curitiba, 2020.

Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora : Prof^a. Dr^a. Karina Kosicki Bellotti

1. Mulheres – Líderes religiosos. 2. Liderança cristã – Igrejas protestantes. 3. Mulheres - Conservantismo cristão. 4. Mídias sociais - Religião. 5. Identidade de Gênero. I. Bellotti, Karina Kosicki. II. Título.

CDD – 280.40981



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO HISTÓRIA -
40001016009P0

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da tese de Doutorado de **MATHEUS MACHADO VIEIRA** intitulada: **O Poder da Princesa que Ora e Espera: práticas e representações do conservadorismo feminino (2000-2017)**, sob orientação da Profa. Dra. KARINA KOSICKI BELLOTTI, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de doutor está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Agosto de 2020.

Assinatura Eletrônica
30/08/2020 20:07:52.0
KARINA KOSICKI BELLOTTI
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica
30/08/2020 21:07:47.0
CLELIA PERETTI
Avaliador Externo (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE
CATÓLICA DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
31/08/2020 10:54:08.0
PRISCILA PIAZENTIN VIEIRA
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
31/08/2020 09:56:12.0
ANA PAULA VOSNE MARTINS
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ)

Assinatura Eletrônica
31/08/2020 09:52:55.0
MAGALI DO NASCIMENTO CUNHA
Avaliador Externo (INTERCOM)

Rua General Carneiro, 460, Ed.D.Pedro I, 7º andar, sala 716 - Campus Reitoria -
CURITIBA - Paraná - Brasil CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5086 - E-mail: cpghis@ufpr.br
Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de
outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 51101
Para autenticar este documento/assinatura, acesse
<https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 51101

Aos meus pais Luimar e Rita.

AGRADECIMENTOS

Esta tese é fruto de uma ampla pesquisa que desenvolvi no decorrer dos últimos quatro anos. Mas, trata-se de algo que comecei a ter interesse há quase uma década. E como todo trabalho, do início até a conclusão contou com o apoio de inúmeras pessoas que de alguma forma contribuíram para transformar o que de início era apenas um projeto em trabalho finalizado.

Agradeço de forma muito especial:

À professora doutora Karina Kosicki Bellotti, minha orientadora durante o Doutorado em História, que sempre esteve presente em todos os momentos que precisei nesses anos. À professora doutora Ana Paula Vosne Martins com quem aprofundi muito meus conhecimentos teóricos sobre gênero e conservadorismo feminino. À professora doutora Magali do Nascimento Cunha pelas importantes recomendações de leitura e teorias críticas sobre comunicação durante o processo de qualificação deste trabalho. Às professoras Clélia Peretti da PUC-PR e Priscila Piazzentini Vieira da UFPR pela leitura atenta da tese e excelentes contribuições durante a banca de defesa.

Aos professores da linha de pesquisa *Intersubjetividade e Pluralidade: Reflexão e Sentimentos na história*, do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, pela leitura crítica do meu projeto inicial. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos que viabilizou a compra de livros, viagens para eventos, coleta de fontes e o desenvolvimento desta pesquisa. À Maria Cristina Parzowski, servidora pública super eficiente que durante esses quatro anos orientou de forma ampla sobre prazos e os procedimentos burocráticos de minha vida acadêmica no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná.

Ao ex presidente Luiz Inácio Lula da Silva e à ex presidente Dilma Vana Rousseff, pela promoção de políticas sociais e educacionais que possibilitaram pessoas como eu, fruto de uma família da classe trabalhadora com poucos recursos econômicos a entrar em uma universidade pública de qualidade e concluir um doutorado, algo necessário em um país tão desigual como o nosso.

Agradeço profundamente meu querido amigo Evander Ruthieri da Silva pela leitura e revisão normativa deste trabalho. Também, a minha grande amiga Flora Maria Morena de Araújo pela sua amizade verdadeira e presença cotidiana em

minha vida, no trabalho e em projetos. Ao meu amado amigo Alvaro Daniel Costa por acompanhar-me em eventos, seminários, publicação de artigos e acima de tudo pela companhia de 14 anos ininterruptos de amizade.

A Sabrina Demozzi, a chef de cozinha mais inteligente, dedicada e de grande cultura que tive a oportunidade de conhecer. A minha companheira de viagens, jantares e sociabilidades, a elegante Solange Maria Minozzo, não posso esquecer jamais do acolhimento que recebo há anos da família Minozzo como um todo. Obrigado pelo carinho: Bernardo Rafael Minozzo Carneiro, Daniele Solana Minozzo, Graciele Mara Minozzo, Marcele Cristiane Minozzo e Maurício Trovato.

Não esquecendo todos os colegas de trabalho do Curso e Colégio Dinâmico de Curitiba, o lugar mais fantástico e acolhedor que já trabalhei na minha vida. Aos meus queridos amigos: Alexandre Cozer, Felipe Fillipetto, Gabriel Braga, Gustavo Glodes Blum, Mara Cristina Nobile, Sara Nobile, Rosângela Wosciak Zulian, Rodrigo Cribari Prado. Aos amigos de uma vida: Jefferson Ribas Oliveira e Zilá Angelina Dal Col, não só pela presença em cada segundo em minha vida, mas, pelo apoio em momentos muito difíceis.

À minha família querida, irmãs: Camila Aparecida Vieira e Rafhaele Maria Vieira com quem eu tenho uma relação muito próxima, com a maturidade ficamos cada vez mais unidos. À minha mãe Rita de Cássia Machado Vieira, mulher de fibra, batalhadora e vencedora a quem eu devo tudo. Ao meu pai Luimar César Vieira que com muito sacrifício e trabalho duro nunca deixou faltar nada para os filhos, principalmente o estudo. Aos meus lindos sobrinhos: Helena Vieira Gonçalves e Pedro Lucas Vieira Krum que enchem o meu coração de esperança para um futuro melhor onde todos poderão ser livres de verdade, iguais e diversos, sem medo e sem julgamento.

A todas as pessoas que me apoiaram nessa etapa que estou vivendo. Muito obrigado!

[Eu seria gay, se os gays não fossem queimados;
Eu seria um africano, se os africanos não fossem esquecidos;
Eu seria pobre, se os pobres não fossem humilhados;
Eu seria uma criança, se as crianças não fossem exploradas;
Eu seria uma mulher, se as mulheres não fossem violentadas;
Eu seria um muçulmano, se os muçulmanos não fossem odiados;
Eu seria um índio nativo, se os índios não fossem dizimados;
O MUNDO É SELVAGEM, O CAMINHO É SOLITÁRIO!]

Somos Semelhantes
Como as impressões digitais, iguais e diferentes
Na espera que outros de nós vivam a sua história
Livres, sem medo, sem julgamentos!

RESUMO

Nos últimos anos o discurso religioso evangélico ganhou força na sociedade, algo reforçado pela presença cada vez maior de novas lideranças nas mídias digitais. O Objetivo dessa pesquisa é compreender como lideranças evangélicas femininas criam estratégias de divulgação e convencimento em seus espaços de atuação. Os objetos centrais da análise são as lideranças religiosas: Stormie Omartian, escritora cristã estadunidense, a pastora brasileira Sarah Sheeva, conhecida nacionalmente por seus cultos e atuação nas mídias, a escritora e conselheira religiosa Andressa Urach, a psicóloga cristã Marisa Lobo e a escritora evangélica britânica Sheila Walsh. Essas mulheres fazem uso da tradição cristã para disseminar um amplo conservadorismo de gênero. Em suas concepções, as mulheres devem ser castas antes do casamento e após submissas aos maridos. Como mães devem zelar pela boa educação dos filhos e moralidade familiar. Trata-se de um modelo institucional antigo, mas com roupagem moderna. As características atualizadas desse discurso somadas à forma de divulgação fazem com que essas lideranças consigam exercer suas enunciações e torná-las atraentes, mais que isso, valorizadas como ganho e reconhecimento social. As mulheres evangélicas, fontes desse trabalho, utilizam suas mídias sociais para apregoar esses ideais. Não obstante, seus aconselhamentos também se encontram presentes em livros de autoajuda, essa forma de comunicação é explorada na tese juntamente com os perfis das mídias sociais de cada uma. Esse trabalho discorre sobre as práticas e representações femininas no discurso evangélico e como esse elemento faz uso da tradição para manter um ideal de sociedade perfeita, restaurada em Cristo e voltada à produção de tecnologias de gênero. Teórica e metodologicamente partimos dos conceitos de Práticas e Representações, Conservadorismo, História Cultural, História do Tempo Presente, Gênero, Trajetória Biográfica, Mídia, Autoajuda, e Tradição. Essa pesquisa é um estudo direcionado a problematizar um discurso voltado à mulher, a família e a sexualidade no tempo presente, mais em específico entre os anos de 2000 a 2017.

Palavras Chave: Conservadorismo Feminino. Gênero. Mídias Sociais. Mulheres Evangélicas. Religião.

ABSTRACT

In recent years, the Evangelical religious discourse has gained strength in society, something reinforced by the increasing presence of new leaders in digital media. The objective of this research is to understand how female evangelical leaders create strategies for dissemination and convincing in their areas of activity. The central objects of the analysis are the religious leaders: Stormie Omartian, American Christian writer, Brazilian pastor Sarah Sheeva, known nationally for her services and media activities, the religious writer and advisor Andressa Urach, the Christian psychologist Marisa Lobo and the British evangelical writer Sheila Walsh. These women make use of the Christian tradition to spread wide-ranging gender conservatism. In their conceptions, women should be chaste before marriage and after that, submissive to their husbands. As mothers, they must ensure a good education for their children and family morality. It is an old institutional model, but with a modern look. The updated characteristics of this discourse added to its publicity makes these leaders able to exercise their statements and make them attractive, more than that, valued as gain and social recognition. Evangelical women, which are this work's sources, use their social media to proclaim these ideals. However, their advice is also present in self-help books, this form of communication is explored in the thesis together with their social media profiles. This work discusses female practices and representations in Evangelical discourse and how this element makes use of tradition to maintain an ideal of a perfect society, restored in Christ and focused on the production of gender technologies. Theoretically and methodologically we start from the concepts of Practices and Representations, Conservatism, Cultural History, History of the Present Time, Gender, Biographical Trajectory, Media, Self-help, and Tradition. This research is a study aimed at problematizing a discourse aimed at women, family and sexuality in the present time, more specifically between the years 2000 to 2017.

Keywords: Female Conservatism. Gender. Social Media. Evangelical Women. Religion.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: INSTAGRAM OFICIAL DE SARAH SHEEVA:	72
POSTAGEM DE DIVULGAÇÃO DE SEU LIVRO DEFRAUDAÇÃO EMOCIONAL ...	72
FIGURA 2: TWITTER DA ESCRITORA STORMIE OMARTIAN	73
FIGURA 3: NÚMERO DE SEGUIDORES DE STORMIE OMARTIAN NO TWITTER.....	74
FIGURA 4: SARAH SHEVA, VESTIDA DE PRINCESA PARA O CULTO HOMÔNIMO NO RIO DE JANEIRO	75
FIGURA 5: TWITTER OFICIAL DE STORMIE OMARTIAN	119
FIGURA 6: TWITTER OFICIAL DE STORMIE OMARTIAN	121
FIGURA 7: SARAH SHEEVA APRESENTA O SEU ESTILO EM ENTREVISTA AO <i>PLENO NEWS</i>	140
FIGURA 8: PRIMEIRO ÁLBUM DE MÚSICA GOSPEL DE SARAH SHEEVA (2005).....	142
FIGURA 9: CULTO DAS PRINCESAS REALIZADO NA IGREJA BOLA DE NEVE CHURCH (SÃO PAULO- SP).....	145
FIGURA 10: ACONSELHAMENTO PARA AS MULHERES EM RELAÇÃO AO CORPO (POSTAGEM DE FEV. 2014).....	154
FIGURA 11: POSTAGEM DE SARAH SHEEVA (TWITTER, 11/10/2010).....	155
FIGURA 12: POSTAGEM DE SARAH SHEEVA (INSTAGRAM, SETEMBRO DE 2015)	157
FIGURA 13: INSTAGRAM DE SARAH SHEEVA, QUANTIDADE ATUAL DE SEGUIDORES	158
FIGURA 14: TWITTER DE SARAH SHEEVA, QUANTIDADE DE SEGUIDORES	159

FIGURA 15: ACONSELHAMENTO DE SHEEVA, COM PROPAGANDA DO CULTO DAS PRINCESAS	160
FIGURA 16: MENSAGEM E SARAH SHEEVA DURANTE O CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO NÍVEL 1 (2011)	162
FIGURA 17: SARAH SHEEVA EM MENSAGEM DO CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO 8 (OUTUBRO DE 2016).....	163
FIGURA 18: TABLÓIDE INGLÊS <i>THE SUN</i> , RELATANDO QUE “RONALDO MALANDRO SE DIVERTE COM MISS BUMBUM”	194
FIGURA 19: VÍDEO DE ACONSELHAMENTO SEXUAL PARA MULHERES EVANGÉLICAS (22/02/2018).....	201
FIGURA 20: O ANTES E O DEPOIS: REFORÇO DA SUPERAÇÃO DE UMA VIDA "DEVASSA" E CONSTRUÇÃO DE UMA VIDA REGRADA	202
FIGURA 21: MARISA LOBO DEFENDE A EDUCAÇÃO RELIGIOSA PARA AS CRIANÇAS (TWITTER, 23/11/2017).....	213
FIGURA 22: MARISA LOBO DIVULGA NOTÍCIA DE IGREJA EVANGÉLICA INCENDIADA POR FEMINISTAS NA ALEMANHA. (TWITTER, 10/08/2017)	214
FIGURA 23: MARISA LOBO NA DIVULGAÇÃO DE SEU LIVRO "IDEOLOGIA DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO. (TWITTER, 2017)	214
FIGURA 24: POSTAGEM DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA ACERCA DO DIA DA VISIBILIDADE BISSEXUAL, SEGUIDA DE POSTAGEM OPOSITORA DE MARISA LOBO. (INSTAGRAM, 23/09/2017)	215
FIGURA 25: SARAH SHEEVA E MARISA LOBO COMENTAM A PARADA LGBT DE 2012 (TWITTER, 11/06/2012	216
FIGURA 26: SARAH SHEEVA E MARISA LOBO DISCUTEM O PONTO DE VISTA CRISTÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE (TWITTER, 13/06/2012).....	216
FIGURA 27: FORMATO DO LIVRO DE SHEILA WALSH, <i>A BÍBLIA DA PRINCESINHA</i>	223

FIGURA 28: TWEET DE SHEILA WALSH SOBRE SEU PROJETO <i>PRAYING WOMEN</i> (TWITTER, 22/11/2017).....	224
FIGURA 29: DESCRIÇÃO DO PERFIL DE SHEILA WALSH (INSTAGRAM, 16/01/2017)	225
FIGURA 30: DIVULGAÇÃO DA CAMPANHA <i>JOIN A MILLION WOMEN IN PRAYER ACROSS AMERICA</i> (AGOSTO DE 2016)	225
FIGURA 31: LANÇAMENTO DO LIVRO <i>PRAYING WOMEN</i> (TWITTER, SETEMBRO DE 2017).	226

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	17
2. HISTÓRIA CULTURAL, CONSERVADORISMO FEMININO, MÍDIA E AUTOAJUDA.....	36
2.1 – HISTÓRIA CULTURAL: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES	36
2.2 – HISTÓRIA CULTURAL DO TEMPO PRESENTE E RELIGIÃO	39
2.3 – CONSERVADORISMO: CONCEITUAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO	41
2.4 – CONSERVADORISMO FEMININO E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO	45
2.5 – PRESENTE E TRADIÇÃO: A SEXUALIDADE NO CRISTIANISMO	50
2.5.1 – Cristianismo e tradição: mudam-se os métodos, mas permanecem os sentidos	53
2.6 – LIDERANÇAS EVANGÉLICAS FEMININAS: GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE.....	56
2.7 – RELIGIÃO E MEDIATIZAÇÃO: USOS E ESTRATÉGIAS	62
2.7.1 – Mídia e Religião ontem e hoje	66
2.7.2 – Mídias Sociais: os usos e a autoimagem de Sarah Sheeva e Stormie Omartian.....	70
2.8 – AUTOAJUDA CRISTÃ: SEXUALIDADE E ACONSELHAMENTOS	76
2.8.1 - Definição de Autoajuda	80
3. O PODER DA ESCRITORA QUE ORA: STORMIE OMARTIAN E SUAS PRÁTICAS DISCURSIVAS.....	88
3.1 – STORMIE OMARTIAN: BIOGRAFIA, VIDA E OBRA	93
3.2 – O ENCONTRO COM DEUS.....	104

3.3 – STORMIE OMARTIAN: A VIDA PÓS-CONVERSÃO	106
3.4 – MÍDIAS, GÊNERO E RELIGIÃO NAS OBRAS DE STORMIE OMARTIAN ...	110
3.5 – FAMÍLIAS CRISTÃS E MULHERES VIRTUOSAS: A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO DENTRO DE UM MODELO DE SOCIEDADE “PERFEITA” NOS LIVROS DE STORMIE OMARTIAN	114
3.6 – A FAMÍLIA CRISTÃ NORMATIZADA: A PERSPECTIVA DO MARIDO E A RELAÇÃO COM OS FILHOS NOS TEXTOS DE STORMIE OMARTIAN	124
4. A PASTORA SARAH SHEEVA: ACONSELHAMENTOS, SEXUALIDADE E MÍDIAS DIGITAIS.	138
4.1 – SARAH SHEEVA: TRAJETÓRIA	141
4.2 – A CONVERSÃO, O CULTO DAS PRINCESAS E O COMBATE PELA CASTIDADE	142
4.3 – PECULIARIDADES DO CULTO DAS PRINCESAS	148
3.4 – MÍDIAS SOCIAIS E TECNOLOGIAS DE GÊNERO NOS ACONSELHAMENTOS DE SARAH SHEEVA	150
3.5 – SARAH SHEEVA E O CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO NÍVEL 1	160
4.6 – NAMORO EM SANTIDADE	174
4.7 – CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO NÍVEL 2 E O LIVRO “ONDE FOI QUE EU ERREI”	176
5. ANDRESSA URACH, MARISA LOBO, E SHEILA WALSH: “MULHERES VIRTUOSAS E IDEAIS”	188
5.1 – ANDRESSA URACH: VIDA, CONVERSÃO E RESSIGNIFICAÇÃO	189
5.2 – O SUBMUNDO DA FAMA E DA PROSTITUIÇÃO	191
5.3 – O PROCESSO DE CONVERSÃO DE ANDRESSA URACH	196

5.4 – MARISA LOBO: “OS PERIGOS DA IDEOLOGIA DE GÊNERO”	206
5.5 – SHEILA WALSH: “A BÍBLIA DA PRINCESINHA”	218
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	229
REFERÊNCIAS.....	236
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	239
SITES CONSULTADOS.....	249

1. INTRODUÇÃO

Em muitos momentos, nós, historiadores e historiadoras, nos intrigamos com nossos objetos de estudo e as fontes despertam questões que nos chamam atenção, instigando-nos a desvendar problemáticas construídas a partir de meras curiosidades. Um quesito compreensível, pois os motivos para que isso ocorra são diversos. Em primeiro lugar, é importante compreender a relação que o autor possui com o objeto estudado, pois muitas vezes trata-se de algo ligado à sua experiência, o que inevitavelmente o leva a identificar-se com o problema a ser desenvolvido. Dentro desse processo, é inegável que todo historiador ou historiadora traz consigo subjetividades e inquietações no trabalho que desenvolve.

As subjetividades e inquietações presentes nesse trabalho estão relacionadas às relações de gênero, à moral sexual e à religião, mesmo porque, impreterivelmente, fizeram parte de minha experiência em trabalhos anteriores. O tema dessa pesquisa se apresenta em torno do conservadorismo religioso feminino e suas estratégias de divulgação. Trata-se de um estudo desenvolvido por meio da análise dos discursos de mulheres evangélicas que possuem visibilidade e reconhecimento no meio que pertencem: o universo cristão evangélico no tempo presente.

Como objetos centrais dessa análise apresentam-se as lideranças religiosas: Stormie Omartian, escritora cristã estadunidense de sucesso, com inúmeros livros publicados e traduzidos; a pastora brasileira Sarah Sheeva, conhecida nacionalmente por seus cultos e atuação nas mídias sociais; a escritora e conselheira religiosa da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Andressa Urach; a psicóloga cristã Marisa Lobo, e a escritora evangélica britânica Sheila Walsh.

Essa pesquisa tem um início peculiar em 2012, ainda no mestrado, quando, em uma visita a uma grande rede de livrarias, deparei-me com a lista dos 10 livros mais vendidos naquele ano, e entre os nomes chamou-me atenção um em específico: *O poder da esposa que ora*, de Stormie Omartian. Fiquei a refletir como um livro de orações dedicado a mulheres cristãs pode entrar na lista de mais vendido, e deparei-me com esse livro outras vezes e em ocasiões distintas: à venda em catálogos de cosméticos, nos caixas de inúmeros supermercados e também em vários sites cristãos.

Após esse momento, busquei pesquisar e saber quem era essa escritora, quais eram suas publicações e, principalmente, que mensagens enunciava. A partir de então, encontrei uma fonte que poderia ajudar-me a pensar uma problemática que sempre me intrigou: o conservadorismo feminino. Ao pensar um projeto de pesquisa, busquei unir o material da escritora estadunidense com as falas de uma pastora que estava em ascensão na mídia em meados de 2011 e 2012, Sarah Sheeva, filha de Baby do Brasil e Pepeu Gomes. Sarah ficou muito conhecida pelas entrevistas que cedeu a inúmeros veículos de comunicação naquele momento, em especial para apresentar o famoso “Culto das Princesas”, ministrado por ela a convite das igrejas evangélicas.¹

Com base nessas duas mulheres, foi possível pensar esse trabalho e entender como o conservadorismo ganhou destaque e popularidade no meio evangélico, e como as lideranças femininas foram importantes nesse meio para manter e arregimentar fiéis em torno de seus discursos. Suas enunciações orbitam sobre valores muito antigos, em especial as tradições familiares patriarcais, costumes calcados em submissão e hierarquia de gênero.

No momento inicial da pesquisa, foi importante amadurecer o senso comum presente em mim, pois pensava o conservadorismo somente pela via da proibição, normatização, sofrimento e dominação. Entretanto, o discurso conservador dessas evangélicas mulheres conquista outras mulheres justamente por colocá-las como centro de um protagonismo social que historicamente lhes foi negado. A partir do momento que a figura da mãe e esposa é apontada como algo muito importante para a manutenção da ordem e progresso na sociedade, as mulheres que recebem o discurso das lideranças religiosas são colocadas em um patamar de poder: de educar os filhos, de manter o casamento e a estrutura familiar, e ao mesmo tempo trabalhar, construir uma carreira, serem protagonistas de si, mas sempre mantendo a tradição.

Para tanto, a autoimagem das lideranças femininas é muito importante nesse processo. Sarah Sheeva e Stormie Omartian são mais que religiosas evangélicas,

¹ Entre 2011 e 2014 Sarah Sheeva foi convidada para dar entrevistas em vários programas da TV aberta e paga, tais como: De frente com Gabi da apresentadora Marília Gabriela no SBT, Amaury Jr. Na Rede TV, O Melhor da Tarde na Rede Bandeirantes, Manhã Maior na Rede TV, onde no ano de 2012 teve um quadro chamado “Fora Cachorrada”. Sheeva também foi convidada em 2014 para participar do programa da apresentadora Tátá Weneck no canal por assinatura Multishow, tempos depois a entrevista foi ao ar na Rede Globo em TV aberta.

pastora e escritora: são mulheres empreendedoras. Afinal, Sarah ministra seus cultos e projetos pastorais e Omartian manteve uma participação expressiva no mercado editorial por meio de seus livros, alguns deles *Best sellers*. O sucesso dessas mulheres conservadoras é uma inspiração para quem as segue. Por isso, Sheeva e Omartian não estão sozinhas na defesa dessas propostas, e muitas outras lideranças compartilham e ampliam seus universos simbólicos. Por isso, Andressa Urach, Marisa Lobo e Sheila Walsh tornaram-se um complemento essencial no trabalho.

Andressa Urach, uma ex-prostituta de luxo, convertida recentemente e parte da Igreja Universal do Reino de Deus, atualmente faz sucesso na internet, e constantemente é convidada para ministrar nos templos da IURD. Andressa busca enunciar depoimentos de superação e conselhos para mulheres casadas ou em fase matrimonial. Esses aconselhamentos são principalmente voltados à castidade e continência sexual antes e depois do casamento. Marisa Lobo é uma psicóloga cristã, muito combativa nas mídias sociais, e membro de grupos conservadores atuantes na política e na defesa dos valores familiares tradicionais. Por isso, pode ser considerada um dos principais baluartes do conservadorismo feminino no Brasil contemporâneo. Sheila Walsh, por sua vez, é uma teóloga e escritora de sucesso britânica, porém radicada nos Estados Unidos. É discreta em seu discurso, com uma formação religiosa ampla, mas nem por isso menos conservadora na mensagem que busca passar em seus livros.

Todas essas lideranças são mulheres bem sucedidas, algumas empreendedoras de sucesso, com ampla visibilidade e valorizadas na sociedade. Além disso, são mulheres cristãs, casadas, mães e esposas. Essas características contribuem para um simbolismo imenso em torno delas, o que incide no sucesso que conquistam frente ao público evangélico conservador. Nelas, o conservadorismo pode ser pensado pelo lado positivo, isto é, o ganho, o status social, o reconhecimento, a atuação e o poder para as mulheres que o colocam em prática.

O que todas essas mulheres têm em comum, além do conservadorismo? Como cristãs assíduas, suas pautas de apelo midiático nos grupos evangélicos. Pautas voltadas à castidade feminina, ao casamento, à família cristã, à moral e bons costumes na criação dos filhos, na manutenção das hierarquias e nas relações de gênero. Todas essas características conectam essas mulheres a uma retórica discursiva muito próxima, pois defendem o mesmo ponto de vista moral e social. Por

meio da análise de suas enunciações, buscaremos compreender como constituem estratégias para a defesa de seus discursos e como buscam convencer as seguidoras. Uma das estratégias mobilizadas pelos discursos das religiosas é mostrar a seu público feminino que elas têm muito a ganhar ao seguirem a pedagogia da tradição religiosa, ao defenderem a família e o matrimônio, local por essência em que essas mulheres devem colocar em prática os aconselhamentos das lideranças religiosas.

Mas por que a família e a religião? São nessas instituições que os sujeitos recebem boa parte dos valores que carregam em suas vidas. Pela religião e a família são absorvidos os discursos que socializam o sujeito. Esses constroem os indivíduos e os direcionam a uma incorporação de valores morais por meio da cultura, muitas vezes compartilhados e ressignificados no espaço e tempo. Seguindo a premissa durkheimiana, é desde a infância que, através de inúmeras influências passadas, o indivíduo aprende a se portar na sociedade, ou seja, é socializado.² O sujeito é levado a exercer padrões de comportamento, entre eles, os religiosos, familiares e sexuais. Essa divisão sexual caracteriza-se na separação das funções femininas e masculinas, nas atitudes de homem e mulher, na construção de tecnologias de gênero.

Teresa di Lauretis apresenta as “tecnologias de gênero” como um produto existente na sociedade, que se apresentam de diferentes formas, principalmente pela linguagem e consequentemente nos espaços sócioinstitucionais. A comunicação seria um dos espaços construtores dessas tecnologias de gênero: o cinema, a TV, o rádio, a publicidade, e na atualidade podemos incluir a internet e as mídias digitais. Quando partimos para a epistemologia institucionalizada, as tecnologias de gênero encontram-se presentes em instituições como a família, a escola, a divisão social do trabalho e também na religião. Todos esses espaços comunicacionais e institucionais produzem o que Lauretis denomina de “gendramento”.³

Esse conceito pode ser entendido como uma máquina que condiciona o sujeito, ou seja, são espaços de atuação discursiva tomados pelo binarismo

² QUITANDEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de Clássicos:** Marx, Durkheim e Weber. 2ªed. Belo Horizonte: UFMG, 2009, pp. 67-100

³ LAURETIS, Teresa Di. **Technologies of Gender:** Essays on Theory, Film, and Fiction. Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

macho/fêmea, circunstância presente no cotidiano, nas atitudes e práticas dos indivíduos. Para a autora, gênero não é algo que naturalmente existe nos seres humanos, mas um conjunto de efeitos produzidos nos corpos. São comportamentos e relações sociais discursivamente repetidos ao longo da vida, sobretudo nos processos de interação social.⁴Partindo desse pressuposto, nossa problemática se concentra nas tecnologias produzidas pelo discurso, pelas práticas e representações religiosas enunciadas pelas lideranças evangélicas femininas apresentadas, e como essas mulheres contribuem para a formação de um universo simbólico voltado à tradição, ao costume e à submissão da mulher ao homem. Busca-se, nessa problemática, uma possibilidade de compreensão de como se forja a produção de sentido nas relações de gênero, como essas mulheres constroem espaços de atuação, poder e hegemonia por meio de um discurso profundamente conservador, mas, legítimo por parte muitas por ser o canal essencial de construção de suas experiências e atuações diretas na formação da sociedade.

Ao construir a problemática dessa pesquisa, buscamos a via religiosa e sua gama discursiva produtora de significados como uma dimensão cultural que molda corpos obedientes para a manutenção de premissas conservadoras, um conservadorismo indissociado da tradição. Ao longo do trabalho, a tradição é estudada por meio do cristianismo, em específico o protestantismo evangélico do tempo presente. Na tradição, buscamos entender com quais estratégias o discurso conservador é enunciado pelas lideranças femininas. A ênfase do discurso produzido por mulheres evangélicas recai sobre suas práticas e representações moldadas por elas mesmas. No cerne desses discursos estão seus ideais de “sociedade perfeita” que em suas concepções só seriam possíveis através de uma sexualidade regrada e relações de gênero tradicionais. Nessas relações, homens e mulheres ocupam papéis específicos delimitados pela religião cristã.

Nos aconselhamentos direcionados às mulheres, as lideranças pesquisadas buscam de forma ampla construir um modelo de mulher obediente, submissa, contida sexualmente, mas atuante pela via conservadora para a manutenção de uma sociedade socialmente moralizada. Sheeva, Omartian e as outras religiosas buscam arregimentar “princesas que oram e esperam em santidade”, mulheres que

⁴ Ibidem.

contribuem para manter as práticas e representações do conservadorismo feminino como algo positivo.

Para a realização do trabalho, a análise das práticas, representações e tecnologias de gênero disseminadas pelas fontes constituem o problema central que percorre as próximas páginas. A análise é construída não somente pela via da proibição ou repressão, mas por meio de espaços de atuação e exercício do poder feminino, o qual, na retórica das religiosas, se faz no lar e nos valores familiares, na educação cristã dos filhos e na luta constante para manter o matrimônio. Só é possível compreender esse discurso a partir do momento que o historiador busca saber como essas agentes religiosas compreendem a si mesmas e os grupos religiosos que pertencem.

Esse universo simbólico pode ser desvendado pela análise de suas trajetórias, um auxílio indispensável nesse processo. Por suas histórias de vida é possível compreender que modelos de sociedade essas mulheres buscam construir, e como isso reflete em suas práticas discursivas. As experiências pessoais de cada uma contribuem com a forma em que suas representações de gênero são apresentadas em suas falas.

As denominações ou igrejas as quais as lideranças pertencem não farão muita diferença na pesquisa, mas a tradição evangélica em que estão inseridas encontra-se demarcada no pentecostalismo. Não obstante, nosso interesse central é voltado às questões morais, e a compreensão do *corpus* discursivo de gênero construído na longa duração. Antes de determo-nos às facetas de cada religiosa, é muito importante situarmos o espaço temporal, objetivos e metodologia da pesquisa. Esse trabalho traz uma proposta calcada na figura pessoal das religiosas e como elas constituem suas retóricas normatizadoras, como convencem o corpo enunciatário a ganhar com o conservadorismo e a moralidade.

Nossas fontes são os discursos da escritora Stormie Omartian, da pastora Sarah Sheeva e das religiosas coadjuvantes Andressa Urach, Marisa Lobo e Sheila Walsh. Suas falas encontram-se em livros que publicaram, e nas mensagens postadas em suas mídias sociais. Por meio dos livros, mensagens, e aconselhamentos dessas mulheres, nosso objetivo é compreender como traçam estratégias de convencimento através do carisma presente nas mensagens que enunciam e como usam sua autoimagem perante o público a que se direcionam.

A imagem que buscam passar é de central importância, pois, por meio dela, almejam construir uma visibilidade positiva sobre si mesmas, embasada no perfil de mulheres respeitadas, recatadas, cristãs assíduas e conservadoras em relação aos costumes. A autoimagem padronizada que promovem serve para reforçar falas estruturadas em normatizações de gênero. Por meio dos discursos dessas mulheres, buscamos entender como constroem estratégias de convencimento, sobretudo por meio da literatura de autoajuda e do aconselhamento nas mídias sociais. Além disso, buscamos compreender como essas lideranças agem publicamente com seus instrumentos de comunicação para consolidar tecnologias de gênero.

As fontes elencadas concentram-se nos escritos, falas e posicionamentos dessas lideranças, e para estudá-los selecionamos um recorte temporal entre os anos de 2000 e 2017. Não obstante, esse espaço de tempo não é seguido linearmente ao longo do trabalho, pois, para entender os discursos do tempo presente, a descontinuidade da narrativa se coloca como uma necessidade, principalmente no que concerne à pesquisa histórica sobre o cristianismo e sua tradição. As fontes se concentram em livros publicados pelas lideranças, e também imagens e textos publicados nas mídias sociais de cada religiosa.

O critério para a escolha dos livros de Stormie Omartian e Sarah Sheeva segue o padrão de obras que abarcam o assunto principal da pesquisa, que são: família, sexualidade e relações de gênero. Todos os livros foram publicados no espaço de tempo entre 2000 a 2017. As obras escolhidas de Stormie Omartian e Sarah Sheeva são:

- Uma história de perdão e cura*
(2007: publicação no Brasil, original nos EUA em 2000)
- O Poder da mãe que ora*
(2007: publicação no Brasil, original de 2005)
- O Poder da Esposa que Ora*
(2002: data de publicação no Brasil e EUA);
- O Poder do Marido que Ora*
(2002: data de publicação no Brasil e EUA);
- O Poder de Orar Pelos Filhos Adultos*
(2001: data de publicação no Brasil e EUA;)
- O Poder da Mulher que Ora*
(2000: data de publicação no Brasil, original de 1998)
- O Poder da Oração no Casamento*
(2000: data de publicação no Brasil e EUA);

Os livros elencados de Sarah Sheeva São:

Defraudação Emocional (2007)

Onde foi que eu errei (2008)

Em relação à escolha das postagens em seus perfis ativos nas mídias sociais, o número de fontes é infinito, e para isso foram estabelecidos alguns critérios metodológicos. Serão trabalhadas as mensagens que estão diretamente voltadas à temática do trabalho e que divulguem os projetos das religiosas, o que compõe tanto livros quanto palestras e projetos pastorais nas igrejas. No caso de Sarah Sheeva, que é pastora, esses projetos são bastante significativos. Na prática, foram feitos recortes de publicações que abrangem conteúdos nas mídias digitais: Twitter, Facebook, Instagram, Youtube, blogs e sites oficiais das religiosas. No que concerne ao espaço de tempo desses recortes da internet, foram selecionadas postagens entre os anos de 2008 e 2017, período no qual as religiosas adentraram e utilizaram mais continuamente as mídias. Algumas de forma mais assídua, tal como Sarah Sheeva, outras de forma mais pontual, como Stormie Omartian.

As fontes analisadas de Andressa Urach se constituem basicamente em sua autobiografia *Morri para viver*, publicada em 2015, onde revela sua trajetória de vida, prostituição e conversão. Também as mídias sociais da conselheira, em específico Twitter, Youtube e Instagram, com postagens selecionadas entre 2015 e 2017. No caso de Marisa Lobo, o material analisado é seu livro publicado em 2016, intitulado: *Famílias em Perigo: o que todos devem saber sobre a ideologia de gênero*, também postagens pontuais de sua militância conservadora no Twitter e Instagram, entre 2015 a 2017. O material analisado de Sheila Walsh é o livro *A Bíblia da Princesinha*, publicado no Brasil em 2012 e também algumas postagens de seus projetos religiosos em suas mídias sociais, Facebook, Instagram e Twitter entre 2015 a 2017.

As protagonistas da pesquisa e as lideranças coadjuvantes pertencem à mesma produção discursiva, e partem de uma longa tradição no cristianismo para legitimarem as suas falas. Dessa forma, são inúmeras as facetas que consolidam as suas enunciações e as estratégias de difusão compartilhadas em seus discursos. A estratégia, segundo Michel de Certeau, pode ser comparada ao modelo empresarial, e funciona de forma a eliminar possíveis ameaças (outras empresas, instituições,

clientes ou concorrentes)⁵. Na sociedade de consumo do tempo presente, em que boa parte das religiões tornou-se mercadoria, compra-se e troca-se de religião quando conveniente, e não espanta-nos o comportamento estratégico por parte de várias lideranças e instituições. A religião de mercado é uma realidade em um mundo conectado e secularizado, uma estratégia para manter-se parte significativa do corpus social.

Todas as religiosas partem de uma estratégia que corrobora para a elevação do senso de “nós” (puros) e os “outros” (mundanos). As temáticas levantadas são questões presentes não somente no universo religioso, mas também dentro da perspectiva cultural, nas práticas e representações sociais. Para isso, a história cultural das religiões, pautada em um recorte voltado ao tempo presente, é adotada como prática teórica para analisarmos essas fontes.

No que concerne ao *corpus* teórico-metodológico, partiremos dos conceitos de “práticas” e “representações”, “tecnologias de gênero”, bem como os debates em torno do conservadorismo e cultura. Nessa pesquisa, a religião é compreendida como parte da cultura, das práticas e representações por ela construídas.

Dentro das estratégias presentes nas práticas discursivas de nossas fontes está o que Pierre Bourdieu denomina de “ilusão biográfica”⁶. As religiosas discursivamente constroem sua autoimagem por meio de suas trajetórias pessoais com uma dose de excessos, e por meio das narrativas de superação de um passado “promíscuo” defendem um novo modelo de vida, calcado no casamento, família, sexualidade e relações de gênero patriarcais, ou seja, no antes superado e no depois esperado. Trata-se de representações de feminilidade e sexualidade possibilitadas pela experiência da conversão.

Por representações, podemos compreender uma imagem que nos remete à ideia e memória de objetos ausentes, e segundo Roger Chartier, a representação, no sentido jurídico e político, visa também manter o lugar de alguém, ter em mãos a sua autoridade.⁷ Nessa perspectiva teórico-conceitual, as representações podem ser compreendidas como a demonstração de uma presença e uma ausência, a

⁵CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: as artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 19ªed. Petrópolis: Vozes, 2012, p.91

⁶BOURDIEU, Pierre. **L’illusion biographique**. Actes de La recherche en sciences sociales, v.62/63, n.L’illusion biographique, juin, 1986.

⁷CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002. p.165

apresentação pública de uma coisa ou de uma pessoa. Dessa maneira, na modalidade particular codificada de sua exibição, é a própria pessoa quem constrói a sua representação, mas não dissociada de uma identidade coletiva/social.⁸

Por meio das contribuições de Chartier podemos compreender que os modelos de sexualidade e relações de gênero disseminados por Sheeva e Omartian podem ser compreendidos como construções culturais, erigidos por meio de discursos, repetições, práticas e representações. Esse processo submeteu os papéis de gênero à autoridade religiosa, mediante a qual o discurso sobre a contenção sexual, a castidade e a submissão do sexo feminino ao masculino consolidaram-se no que Peter Berger e Thomas Luckmann denominam de construção social da realidade.⁹

Nesse viés, no qual o universo simbólico determina os papéis sociais, bem como o lugar ocupado pelo sujeito nos grupos a que pertence, a religião pode ser compreendida como parte desse lugar. Seguindo a premissa de Berger e Luckmann, podemos compreender a religião como algo que preenche necessidades, traz respostas para inúmeros sujeitos e, assim como a representação, atribui sentido a algo ausente.¹⁰ Nas práticas discursivas de nossas fontes, os modelos de conduta eivados por uma suposta “virtude sexual” marcam as relações de gênero. Nelas, a mulher é uma figura dominada, porém empoderada pelo protagonismo doméstico e familiar que, segundo os discursos de Omartian e Sheeva, só a mãe e a esposa são capazes de conquistar no casamento e na família.

Pelo conceito de gênero é possível compreender e delimitar as relações sociais e culturais entre os sexos construídas historicamente, uma categoria útil de análise no campo da história segundo a historiadora Joan Scott¹¹. Gênero, na perspectiva de Scott, apresenta-se como parte de um estudo que elenca fatos históricos para compreender as violências, a sobreposição de um sexo sobre o outro e as desigualdades geradas por meio dessa relação. O que é ser mulher e homem na sociedade? Como os corpos são construídos culturalmente? Ao fazer essa análise, Scott busca dizer que as diferenças entre os sexos, bem como os discursos

⁸ Ibidem. p.166

⁹ BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. tradução de Floriano de Sousa Fernandes. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.

¹⁰ Ibidem.

¹¹ SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade, v.I5, n.2, jul./dez. 1990.

que as legitimaram, são parte de todo um arcabouço cultural que teceu desigualdades, violências e dominação. Portanto, o real significado de gênero para Scott é a relação direta encontrada entre as diferenças sexuais, bem como a legitimação para fazer valer as relações de poder.¹²

Contudo, nesse trabalho, o ganho que essas mulheres conquistam com a dominação se coloca como um objeto importante, pois mulheres conservadoras não observam as relações de poder como algo que as diminuem socialmente, ao contrário, nelas encontram possibilidades de protagonismo. Historicamente, as mulheres foram separadas das estruturas de poder político, religioso e institucional. Religiosas como Sarah Sheeva e Stormie Omartian simplesmente enxergam a via do conservadorismo como formas de reconhecimento social. A partir do momento que são respeitáveis mães de família, esposas, religiosas, escritoras, pastoras e conselheiras, todas ganham visibilidade, reconhecimento e protagonismo em uma sociedade ainda muito voltada à tradição patriarcal, ao conservadorismo institucional e de gênero.

Por conservadorismo, podemos entender uma miscelânea de possibilidades que vão da tradição política histórica à reação religiosa com modernidade, perpassando pelo fundamentalismo cristão do século XX. Nesse trabalho, adotamos a contribuição filosófica de Karl Mannheim, que, para além da política, nos ajuda a pensar o conservadorismo como um elemento carregado de possibilidades a partir do momento que o separa de tradicionalismo. Tradição é algo que está ligado ao pensamento mágico de nossa consciência, ou seja, a religião, aos costumes, o que difere em partes do conservadorismo político.¹³ Dessa forma, seguindo a premissa do filósofo, indivíduos politicamente "progressistas", apesar de suas convicções políticas, podem se comportar amplamente de maneira tradicionalista em algumas esferas da vida, o que pode ser traduzido para a vida religiosa, familiar e sexual. Não obstante, isso não é uma regra inquestionável, pois, no tempo presente, tradição religiosa e moral muitas vezes mesclam-se ao conservadorismo político.

Essas relações entre conservadorismo e tradição encontram-se presentes em Sheeva e Omartian, pois ambas elaboram discursos bastante tradicionais sob o ponto de vista moral, exercendo poder e interdições sobre os sujeitos enunciatários.

¹²Ibidem.

¹³ MANNHEIM, Karl. **Conservatism**: A Contribution to the Sociology of Knowledge. New York: Routledge, 1986, p.73-74

Contudo, em alguns pontos, buscam reforçar um amplo conservadorismo político ao defenderem pautas voltadas a um ideal de “sociedade perfeita” restaurada pela religião, situação complexa na atualidade, tendo em vista a diversidade cultural e os embates discursivos do tempo presente. Um reforço ao embate discursivo adotado pelas religiosas é a escrita, mais em específico um segmento literário útil para a constituição de suas propostas, trata-se dos aconselhamentos e a autoajuda.

Esses gêneros de escrita estão presentes em publicações evangélicas nos Estados Unidos, mas também ganharam popularidade no Brasil, interpelando as publicações de muitos religiosos nacionais. Para Francisco Rudiger¹⁴, a autoajuda é um estilo de literatura caracterizado pelos anseios de uma sociedade individualista do tempo presente, ou seja, a construção de uma narrativa literária calcada em processos de individuação que se massificaram nas sociedades modernas. Rudiger não vê o sujeito consumidor da literatura de autoajuda como dado, ou passivo aos discursos do estilo literário, mas o vê como parte de um dispositivo da produção cultural e individualista como tantos outros.¹⁵

Para o autor, a literatura de autoajuda constitui uma mediação através da qual as pessoas comuns procuram construir um eu de maneira reflexiva, gerenciar os recursos subjetivos e, desse modo, enfrentar os problemas colocados ao indivíduo na modernidade, algo que pode ser compreendido pela via sociológica. Para Anthony Giddens, a sociedade moderna desintegrou os simbolismos comuns da tradição que construíam a realidade dos sujeitos na pré-modernidade, espaço e tempo nos quais a salvação do eu era explicado pela providência divina, e o eu pessoal estava entrelaçado aos propósitos comuns da comunidade. Todo esse propósito é superado pela sociedade moderna, pois os processos individualistas romperam com a tradição e a liberdade individual, transformando as relações sociais.¹⁶

Ao problematizarmos essa conceituação no consumo da literatura de autoajuda, podemos partir da premissa de Rudiger, o qual a interpreta como uma forma dos homens e mulheres contemporâneas construírem uma nova maneira de

¹⁴RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo**: Contribuição ao Estudo da Subjetividade na Cultura de Massa Contemporânea. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

¹⁵Ibidem.

¹⁶GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

lidar com a liberdade individual. As práticas construídas pela autoajuda representam uma nova forma do sujeito tecer diversos movimentos de subjetivação popular, nas quais o indivíduo comum procura encontrar-se e resolver o paradoxo dessa famigerada liberdade.¹⁷

A autoajuda compõe um segmento literário que se popularizou nos Estados Unidos ao longo do século XX e, segundo Ângelo Bosco¹⁸, é um estilo de produção preocupada com o resgate de virtudes pessoais, que para o autor foram solapadas pela sociedade moderna e suas transformações. Na premissa da autoajuda, ganham ênfase o bem-estar, a força de vontade, o pensamento positivo, bem como a prosperidade individual.

Nessa linha, Sarah Sheeva e Stormie Omartian buscam construir uma narrativa que contempla as necessidades do sujeito que se identifica com seus textos. O bem-estar, nos textos das religiosas, só seria possível por meio de uma vida “regrada”, na qual Deus está no comando e conduziria o indivíduo a uma vida contemplada de realizações. No caso das mulheres, essas realizações pessoais são viáveis somente por meio do casamento, da maternidade, dos cuidados com o lar, bem como pela subserviência ao esposo, para que assim consigam realizarem-se como pessoas. Alcançar essa graça jamais seria possível sem a castidade e continência sexual antes do casamento, sendo a virtude sexual a necessidade maior o alcance dessa contemplação proporcionada por Deus.

Todos esses aconselhamentos propostos nos textos das religiosas não se restringem aos livros, pois estão presentes nos cultos (no caso de Sarah Sheeva) e principalmente nas mídias de ambas. As postagens e compartilhamentos desses conteúdos se colocam como uma das principais estratégias da divulgação. Os textos escritos pelas religiosas não teriam um alcance maior sem essas estratégias, sendo a internet e as mídias seu principal fio condutor. Nesse sentido, a compreensão da relação entre mídia e religião ao longo do tempo são indispensáveis para entendermos a forma como as religiosas publicizam seus conteúdos.

Mediatização é um importante conceito do campo da comunicação para entendermos os processos históricos de transformação da religião. Contudo, trata-se

¹⁷ RUDIGER, op. cit., p.14-15

¹⁸ BOSCO. ÂNGELO Marcos. **Sucessos que não ocorrem por acaso**: literaturas de autoajuda. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia, Ciências e Letras. Campinas: 2001.

de uma dimensão que, durante muito tempo, os intelectuais das ciências humanas ignoraram em suas pesquisas acadêmicas. Para isso, temos que compreender mídia e religião não como dimensões separadas, mas partes de um mesmo processo. Nesse sentido, não é a mídia que vem antes e a religião depois, a mídia em suas inúmeras facetas fez parte da sociedade e acompanhou as suas mudanças ao longo do tempo, logo com a religião que faz parte da sociedade o processo não seria diferente. Desde a mídia impressa, passando pelo rádio, TV e internet, a religião sempre esteve junto à mídia, utilizando-a para disseminar as suas mensagens.

Nos Estados Unidos, o rádio era utilizado por religiosos protestantes desde o início do século XX, algo, que segundo Karina Bellotti, ampliou-se nas décadas de 1930 e 40, com os usos de fundamentalistas evangélicos.¹⁹ A convivência entre mídia e religião massificou-se de maneira ainda maior entre os anos 1950 e 1970 com o advento da TV, bem como o fenômeno do televangelismo.²⁰ Se o rádio e a TV desempenharam um papel dinâmico em suas formas de propagação na mídia evangélica e no cultivo de relações mais individualizadas com os fiéis, o meio digital se fez ainda mais amplo no que tange a essa questão. A partir do momento em que nas plataformas digitais o cristão teve a possibilidade de interagir (algo não comum na mídia convencional) os difusores das mensagens religiosas cada vez mais se adaptaram a elas.

Henry Jenkins²¹ parte de uma concepção hoje muito utilizada nos debates sobre mídia: a convergência. Para o autor, estamos em plena cultura da convergência, devido ao fato da mídia digital ganhar espaço dentro daquilo que antes era monopólio da radiodifusão. Assim, para Jenkins, a convergência é o reflexo imediato da era digital, na qual os meios de comunicação de massa

¹⁹ BELLOTTI, Karina Kosicki. A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a reconstrução dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970). **Revista Madrágora**, v.25, nº1, 2019.

²⁰ O televangelismo nasceu nos Estados Unidos e a partir da década de 1960 ganhou corpo nas redes de TV que estavam disponíveis a todos os cidadãos americanos naquele momento.²⁰ No Brasil, um dos maiores exemplos no segmento são: o missionário Romildo Ribeiro Soares, o bispo Edir Macedo, seguido de Silas Malafaia. MATEO, Luiza Rodrigues. **A direita cristã e a política externa norte americana durante a administração W. Bush**. 3º Encontro Nacional ABRI, 2011. Artigo disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000122011000300013&lng=en&nrm=iso Acessado em 02 de Julho de 2019.

²¹ JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana de Alexandria. 2ªed. São Paulo: Aleph, 2009.

tradicionais transformaram-se e adaptaram-se. O resultado da convergência incide no compartilhamento de informações por uma legião de indivíduos. Hoje, qualquer pessoa pode espalhar ideias e interagir com pessoas pelas mídias sociais. Mesmo as informações oficiais, que em outros tempos eram monopólios dos noticiários da grande mídia, atualmente podem ser divulgadas e interpretadas de diversas formas.

A convergência dos meios de comunicação inegavelmente tem auxiliado as lideranças religiosas de inúmeras igrejas na visibilidade de seus cultos, mensagens e mercadorias. Por meio dela, os porta-vozes das igrejas buscam arregimentar um número cada vez maior de pessoas, ao mesmo tempo em que vendem seus produtos, valendo-se do consumo cristão. Sarah Sheeva, Stormie Omartian e inúmeros outros religiosos do tempo presente buscam utilizar dessas estratégias para manter e angariar fiéis, bem como disseminar suas mensagens.

É importante frisar que no caso das religiosas aqui estudadas, elas não atraem ninguém pra igreja nenhuma, e sim para seu próprio ministério. Sarah Sheeva, a única pastora de todas, possui um Ministério com projetos e cultos especiais. Seu ministério está a serviço de todas as igrejas evangélicas que a convidam para ministrar, independente da denominação. No caso das outras religiosas, embora sejam filiadas a denominações específicas- Stormie Omartian à Igreja do Evangelho Quadrangular, Andressa Urach à IURD, Marisa Lobo à Igreja Batista e Sheila Walsh à Igreja Metodista - as mensagens de todas são para as mulheres cristãs em geral.

Essa pesquisa parte do tempo presente e, dessa forma, a história cultural, a história do tempo presente e o conceito de cultura ajudam-nos na compreensão das personagens evangélicas analisadas. Por história do tempo presente, podemos compreender o que Marieta Moraes Ferreira descreve como um modelo de história estabelecida com desconfiança por parte do cânone historiográfico, por se tratar do estudo de períodos recentes, nos quais as fontes históricas ainda encontram-se vivas, podendo cercear a interpretação do historiador e desconstruir a sua legitimidade de pesquisador.²²

No século XX, com o fazer histórico pautado pela necessidade de distanciamento do pesquisador perante o objeto, a possibilidade de trabalhar com

²² FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente. Desafios. **Revista Cultura Vozes**, v.94, nº3. pp.111-124, Maio/Junho, 2000.

desfechos históricos recentes sofreu inúmeras limitações, pois a tradição calcada no cânone historiográfico temia que a sustentação da pesquisa pudesse ser comprometida. Contudo, nas últimas décadas do século XX, novas abordagens e problematizações no campo da história possibilitaram o reconhecimento da história do tempo presente como uma possibilidade metodológica.²³

Foi no final do século XX que houve a primeira inovação trazida pelos debates da história do tempo presente, quando buscou-se colocar em pauta a discussão sobre a união e a interação entre passado e presente. O segundo ponto era a afirmação de que tal história poderia perfeitamente repousar sobre bases científicas e que era preferível que esse período histórico pudesse figurar no domínio de historiadores do que ser objeto exclusivo de outras ciências sociais. No entanto, para garantir o sucesso dessa metodologia, era preciso assumir desafios epistemológicos e metodológicos:

A despeito do reconhecimento cada vez maior da história do tempo presente, os desafios permanecem, se atualizam e exigem novas respostas. Como lidar com eventos não terminados e, conseqüentemente, com variáveis para análise que não podem ser previstas ao se estudarem processos não finalizados?²⁴

François Hartog e Jacques Revel²⁵ consideram que “o contemporâneo tornou-se uma pressão (...) que se exerce sobre o conhecimento”, e dessa forma, noções como memória, identidade, testemunhos tem permeado as discussões acadêmicas. Na historiografia, esse avanço do presente pode ser percebido em múltiplas mudanças do fazer histórico. Como resultado, a chamada história do tempo presente passou das margens do campo historiográfico para o centro da disciplina.

O tempo presente permeia as relações teóricas desse trabalho, cujo objeto central, calcado em discursos produzidos culturalmente pelo viés religioso, tem como consequência normatizar e construir práticas e representações nas relações de gênero e sexualidade. Segundo Roque Laraia, a cultura abarca tudo o que o ser

²³ Ibidem.

²⁴ FERREIRA, Marieta de Moraes. Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

²⁵ HARTOG, François; REVEL, Jacques. Note de conjecture historiographique. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. (Orgs.). **Les usages politiques du passé**. Paris: Editions de L'École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2001, p. 13- 24.

humano produz²⁶ e, portanto, a religião faz parte dessa produção, o que Clifford Geertz²⁷ denomina de “teia de significados”. A religião integra essa teia e constitui-se culturalmente em práticas e representações compartilhadas pelos grupos que se identificam com os discursos ali produzidos. Essa identificação é histórica, consolidada na longa duração por meio da tradição cristã, mas essa tradição é reelaborada e adaptada aos nossos dias por meio de estratégias discursivas muito bem delimitadas por novos agentes religiosos, tais como as religiosas analisadas nesse trabalho.

No primeiro capítulo, abordaremos o objeto desse estudo de forma mais contundente, e a análise parte de uma revisão bibliográfica sobre os estudos de conservadorismo, história cultural, mídia, autoajuda, gênero e religião. Em um primeiro momento, as fontes analisadas serão localizadas em seu tempo e espaço, seguido do conteúdo discursivo de Sarah Sheeva e Stormie Omartian. A ênfase recai sobre tradição em que caminham, quais os elementos que constituem suas enunciações, bem como porque os elementos voltados às tecnologias de gênero constituem a premissa principal do discurso de ambas, tanto em seus livros, como em seus projetos pastorais, sempre com um forte elemento midiático no que concerne a sua divulgação e propagação. Seguindo o primeiro capítulo, buscamos compreender o convívio entre mídia e religião, e como esse processo transformou-se ao longo do tempo até o momento presente, no qual as mídias digitais tornaram-se parte do cotidiano de lideranças religiosas. Na sequência, são analisadas as principais contribuições bibliográficas que estudam o segmento do aconselhamento cristão e a literatura de autoajuda, ainda pouco debatidos no campo da história. Analisar a autoajuda é essencial para o entendimento do estilo de escrita das religiosas em questão.

No segundo capítulo, Stormie Omartian será apresentada de forma ampla, com atenção aos elementos de sua autobiografia bem como sua vida antes e após a conversão no ano de 1976. Posteriormente ao processo de conversão, discute-se os elementos de sua vida cristã e a construção de uma carreira de sucesso como escritora. Por fim, as estratégias narrativas que constituem os textos e aconselhamentos de Omartian são analisadas pelas problematizações do conceito

²⁶ LARAIA, Roque. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

²⁷ GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

de gênero, sendo o último o fundamento que constitui o *corpus* discursivo da escritora.

No terceiro capítulo, Sarah Sheeva seus discursos e projetos pastorais constroem o cerne da pesquisa. A retórica de Sheeva é muito próxima de Omartian, pois ambas partem do aconselhamento cristão como base de construção de suas figuras pessoais e projetos de difusão do evangelho, o que leva esse terceiro capítulo a mergulhar nas estratégias de convencimento e alcance das representações de gênero da religiosa. Sarah, ao contrário de Omartian, é pastora, o que a faz se destacar muito mais na oratória desenvolvida em seus cultos, e na presença massiva nas mídias digitais para divulgar seus projetos. Esses projetos, assim como os livros de Omartian encontram na tradição cristã a base de sustentação para a defesa de tecnologias de gênero.

No quarto capítulo, é feito um balanço das propostas tanto de Sheeva como de Omartian no que concerne aos seus universos simbólicos, práticas e representações discursivas, até que ponto eles se aproximam e se diferenciam. Para isso, são apresentadas outras mulheres evangélicas com características discursivas semelhantes às da pastora e da escritora, com o intuito de comparação com as protagonistas. Dessa maneira, não houve a necessidade de nos aprofundarmos nas figuras pessoais dessas religiosas e tampouco em seus projetos como fora realizado com as protagonistas.

Afirmar que Sheeva e Omartian são “protagonistas” do trabalho e Urach, Lobo e Walsh as “coadjuvantes” não pode ser encarado como algo problemático na pesquisa, pois trata-se de uma estratégia meramente metodológica, já que as primeiras obtiveram um maior número de fontes coletadas e analisadas, o que não diminui a importância das outras, pois todas reivindicam e defendem um protagonismo feminino conservador.

As religiosas do quarto capítulo são a ex-garota de programa, hoje convertida à IURD, Andressa Urach, a psicóloga cristã curitibana Marisa Lobo, e a escritora cristã britânica Sheila Walsh. A breve análise de todas essas religiosas é de grande valia para que possamos compreender que Sarah Sheeva e Stormie Omartian não estão sozinhas ou isoladas no cenário evangélico, pois são parte de algo muito maior e atuante. Todas essas mulheres possuem um elemento em comum: o conservadorismo cristão, a divisão sexual de gênero, e o patriarcado como base de sustentação de seus discursos. Todavia, com novas roupagens e elementos para a

sua manutenção, sentidos e simbolismos em um mundo conectado, individualista, secularizado e cada vez mais constituído em grupos culturais que disputam espaço nas sociedades.

Este trabalho é mais que um trabalho de história, é uma pesquisa necessária para nos situarmos e entendermos características tão peculiares que delimitam o nosso tempo presente.

2. HISTÓRIA CULTURAL, CONSERVADORISMO FEMININO, MÍDIA E AUTOAJUDA.

Nas últimas décadas, as religiões de matriz evangélica ganharam força, especialmente no Brasil. Uma das chaves para compreendermos o que propiciou esse crescimento incide sobre a convivência entre religião e as diferentes mídias. Por meio das mídias, diferentes igrejas e lideranças religiosas conseguiram conquistar maior visibilidade social, ancorada a um significativo aumento no número de fiéis e seguidores. No desenvolvimento desse trabalho, buscaremos construir uma narrativa que envolva o estudo das lideranças evangélicas femininas, seus discursos e a presença constante da comunicação midiática para a difusão de aconselhamentos que contribuem para construção de tecnologias de gênero sobre os indivíduos receptores de suas mensagens.

As temáticas levantadas são questões presentes não somente no universo religioso, mas, também dentro da perspectiva cultural, nas práticas, representações, e universos simbólicos construídos por nossas fontes. Para isso, a história cultural das religiões pautada em um recorte voltado ao tempo presente é adotada como estratégia teórica.

2.1 – HISTÓRIA CULTURAL: PRÁTICAS E REPRESENTAÇÕES

Teoricamente, é importante encamparmos na proposta dessa pesquisa discussões sobre história cultural das religiões, problematizando-a no recorte do tempo presente. Pela dinâmica entre as práticas e representações, é possível compreender a pluralidade do discurso religioso, suas estratégias de conquista, bem como a apropriação que os indivíduos fazem dela. Para Michel de Certeau, as práticas podem ser vistas como o fazer cotidiano, a exemplo: andar pela vizinhança, consumir, ver TV e crer. Certeau não vê os indivíduos como passivos perante o que recebem, ao contrário, analisa-os como criativos. Nesse sentido, com relação à

religião, os indivíduos podem ser vistos como criadores de imagens e representações próprias, algo que fazem por meio das práticas²⁸.

Para Certeau, a maioria dos historiadores de religiões procura compreender como as práticas religiosas renovam-se e adaptam-se à cultura. Sendo a história um discurso sobre a “realidade”, o historiador, quando analisa o fenômeno religioso, busca entendê-lo como algo que pode ser questionado para além daquilo que a fonte traz, ou seja, pode interrogar a fonte religiosa a respeito do que ela pode ensinar a respeito das formas coletivas e pessoais da vida espiritual do indivíduo. Dessa maneira, interpreta-se o sentimento religioso como uma representação que se constrói na sociedade, bem como nas sensibilidades individuais e coletivas.²⁹ Dentro da perspectiva cultural de Certeau, nós, historiadores, temos que enxergar o indivíduo religioso não tão passivo em relação àquilo que é proliferado pelas instituições, pois utilizam de táticas para, à sua maneira ressignificarem a compreensão de si e dos outros.

Por essa via podemos pensar o objeto dessa pesquisa, pois compreendemos que as lideranças religiosas analisadas possuem suas próprias interpretações do cristianismo, e à sua maneira entendem como a religião delimita os espaços das relações de gênero e sexualidade. Essa interpretação sempre vai variar de um indivíduo para o outro, sendo que sempre tende a contemplar a forma como cada um é socializado, e como compreende a realidade pela via da cultura. Dessa maneira, é importante entender as estratégias utilizadas pelos enunciadores da religião, ou seja, os agentes religiosos, que podem ser as inúmeras lideranças concentradas em pastores ou reverendos, mas também, conselheiros, que por meio de sua escrita ou palavra falada trazem contribuições bastante amplas na construção de um *corpus* discursivo.

As representações, juntamente com as práticas, são as vias para compreendermos o fenômeno religioso. Em *À beira da falésia*, Roger Chartier analisa a “representação” como um conceito chave quando aborda seu objeto de pesquisa, “a história da leitura, da mídia impressa e suas práticas no Antigo Regime”. Nesses estudos, também problematiza a recepção da leitura pelos agentes

²⁸ CERTEAU, Michel: **A invenção do cotidiano Vol. 1: Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2008 p.103-104

²⁹ CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 3ª ed. tradução de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2011. pp.165-170

que dela se apropriam, e o que esses leitores faziam com as informações obtidas por meio dos livros.³⁰

O conceito de representação pode ser compreendido a partir das colocações de Chartier e dos teóricos com os quais dialoga, entre eles, o sociólogo Èmile Durkheim³¹. Esse teórico compreende a representação como algo coletivo e integrado às práticas que constroem o próprio mundo social. Chartier compartilha e amplia os conceitos clássicos do sociólogo ao entender a representação como “uma imagem presente que dá sentido a um objeto ausente”, ou também, “como algo que não possui existência senão na imagem que a exhibe”, ou como algo turvado de fragilidade e imaginação. Dessa forma, a representação faz com que os indivíduos tomem o engodo pela verdade, de modo a construir sinais visíveis e indícios seguros de uma realidade que não existe.³²

Segundo Chartier, a representação transforma-se em máquina de fabricar respeito e submissão, em um instrumento que produz uma imposição interiorizada, necessária, lá onde falta o possível recurso à força bruta.³³ Toda representação social só é hegemônica quando compartilhada por um grupo, todavia, a recepção das representações que são disseminadas por agentes detentores de poder nem sempre obtém a hegemonia esperada.

Dessa forma, quando elencamos os discursos e imagens religiosas nesse trabalho, precisamos pensar que a eficácia simbólica das representações não pode ser vista como hegemônica, pois, são passíveis de ressignificações quando recebidas pelo enunciatário. Assim, a construção discursiva pelos agentes enunciadores é cuidadosamente selecionada e estrategicamente divulgada, circunstância nítida nos textos e nos aconselhamentos das religiosas a serem abordadas. A recepção do discurso não entrará como objeto deste trabalho, devido à alta dificuldade de localização e problematização, bem como as lacunas que podem ficar abertas em uma possível análise receptiva. Nesse sentido, será destacado o que as fontes nos propiciam, ou seja, as estratégias utilizadas pelas agentes religiosas nos discursos de suas literaturas, bem como a divulgação maciça

³⁰ CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia**: a história entre certezas e inquietude. Tradução de Patrícia Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

³¹ QUITANDEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. 2ªed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2007.

³² CHARTIER, op. cit., 2002, p.75

³³ Ibidem, p.75

dessas estratégias nas mídias sociais de Sheeva, Omartian e das religiosas coadjuvantes que estarão presentes no quarto capítulo.

Dentro da perspectiva da história cultural o conceito de representação auxilia-nos muitas vezes na compreensão de modelos disseminados pelas instituições, como, por exemplo, a idealização de mulher, família, sexualidade e relações de gênero a serem seguidas, normas que estão presentes nos discursos de Sheeva e Omartian. Muitas lideranças religiosas definem suas representações de gênero e sexualidade, transformadas em regra dentro dos grupos de crentes, e, quando possível, utilizam sua autoridade para exercer o poder de convencimento fazendo uso do sagrado.

Os embates acerca das relações de gênero são muito presentes no cotidiano dos grupos cristãos atuais e, nesse quesito, o uso do sagrado é bastante significativo, a partir do momento em que lideranças fazem da Bíblia um instrumento para legitimar suas falas. As sagradas escrituras são o símbolo principal dos grupos cristãos, pois, com elas, legitimam suas retóricas. Contudo, o conteúdo discursivo calcado no corpo, em uma sexualidade regrada, e por ora com normas muito rígidas não é um conteúdo que surgiu com as lideranças religiosas contemporâneas. Trata-se de uma característica inserida na longa duração do cristianismo, na qual corpo, religião e sociedade possibilitaram a construção de inúmeras tecnologias de gênero.

2.2 - HISTÓRIA CULTURAL DO TEMPO PRESENTE E RELIGIÃO

A história do tempo presente é fruto da história cultural, e durante muito tempo foi vista pelos historiadores convencionais como um apanhado teórico-metodológico imediatista. Segundo François Dosse, até meados dos anos 1990 a prática do tempo presente na história permanecia como suspeita e ilegítima, pois, ainda não era considerada científica, e a viam muito marcada por uma relação direta com o imediatismo³⁴. Nessa lógica, a história do tempo presente seria um trabalho

³⁴ DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v.4, nº1, p.5-22, Janeiro/Junho de 2012.

voltado mais aos profissionais da comunicação, e não aos historiadores na percepção daquele momento.

Para Dosse, o historiador do tempo presente está na interseção entre o presente e a longa duração, e esta metodologia coloca uma questão importante para os historiadores que trabalham com objetos atuais: afinal, como o presente é construído no tempo? Pois, diferenciando-se do imediatismo, impõe-se um dever de imediação entre presente e passado, algo que deve ser tecido de forma cuidadosa. O tempo presente, para o autor, não seria um simples período adicional destacado na história contemporânea, mas uma concepção por parte da produção do conhecimento histórico³⁵.

Partindo de nosso objeto de análise é possível construir cuidadosamente a história do tempo presente a partir de uma perspectiva que dialoga com a longa duração. Essa pesquisa pauta-se em discursos que buscam normatizar o indivíduo, dessa forma é necessário buscar na longa tradição do cristianismo a gênese dessa normatização, e como ela estruturou-se no tempo. Os posicionamentos presentes nas falas da pastora Sarah Sheeva e da escritora americana Stormie Omartian são frutos de uma estratégia defendida por religiosos contemporâneos, ou seja, esses têm buscado formas eficazes na construção de verdades sobre questões morais acerca do sexo, verdades que, segundo Anthony Giddens³⁶, adaptaram-se às mudanças sociais e culturais do mundo contemporâneo, mas possuem raízes culturais bastante antigas.

A estratégia, segundo Certeau, pode ser comparada ao modelo empresarial, pois funciona de forma a eliminar possíveis ameaças (outras empresas, instituições, clientes ou concorrentes). Em nossa sociedade de consumo, boa parte das religiões tornou-se mercadoria, assim como qualquer outro produto. Compra-se e troca-se a religião quando conveniente, e nesse âmbito as disputas estratégicas por parte de várias lideranças e instituições religiosas encontram-se cada vez mais acirradas. Tais disputas, e o uso de estratégias, são visíveis nas práticas discursivas das religiosas estudadas. Pois, elas investem demasiadamente em suas imagens pessoais, e a aparência é um cartão de visita, o marketing pessoal que ensejam através de suas vestimentas e comportamentos.

³⁵ Ibidem.

³⁶ GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2012, pp- 495-511

A opção desse trabalho parte de um recorte muito específico advindo da história do tempo presente e suas implicações para o estudo da história cultural das religiões por meio dos discursos das religiosas evangélicas Sarah Sheeva no Brasil e Stormie Omartian nos Estados Unidos da América. Compreende-se que ambas compartilham um discurso mantenedor de práticas antigas no que concerne a sexualidade e divisão dos papéis de gênero. Não obstante, é importante esclarecer que a “verdade” religiosa sobre o sexo presente nos discursos de nossas protagonistas é algo que não surge com o pentecostalismo evangélico, ramo ao qual pertencem, e sim na longa tradição cristã que se consolidou no tempo.

Esses enunciados são reestruturados no tempo presente a partir de novas estratégias de convencimento, calcadas na ótica do mercado cultural do mundo contemporâneo, no qual a religião passou a ser consumida como qualquer outra mercadoria, mas, nem por isso deixou de ser menos conservadora no que tange aos valores morais, à sexualidade e às relações de gênero. Este conservadorismo é nítido nas mensagens presentes nas enunciações das fontes.

2.3 – CONSERVADORISMO: CONCEITUAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO

Ao pensarmos o conservadorismo, temos que ter em mente que o uso do termo é plural e pode nos levar a inúmeras possibilidades de análise que podem ser políticas, sociais e também religiosas. Segundo as análises de Anthony Giddens, os termos “conservador” ou “conservadorismo” são frutos da França pós-revolucionária, os quais surgiram pela primeira vez por volta da década de 1810, quando alguns políticos e intelectuais visavam resgatar os valores do Antigo Regime.³⁷

Pela via do conservadorismo clássico, podemos compreender inúmeras possibilidades e interpretações do conceito, entre elas o pensamento filosófico britânico, seio do pensamento conservador. David Hume e Edmund Burke se fazem presentes nessa tradição. O conservadorismo clássico tem o ceticismo como cerne de seu entendimento, pois, quando o indivíduo não acredita na possibilidade

³⁷ GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. Tradução de Alvaro Hattner. São Paulo: Unesp, 1996. pp.33-40

humana de ter certeza do que ele sabe, ou não se apega ao conhecimento científico para provar uma teoria, por medo ou receio, então busca preservar as verdades e instituições que consolidam a certeza e segurança.³⁸ Dessa forma, o pensamento conservador está associado ao respeito a hábitos, a um ceticismo epistemológico, ao apego às tradições e ao passado. Através dessa análise podemos pensar o conservadorismo como algo presente na política e todos os âmbitos da sociedade.³⁹

No século XVIII, David Hume combinou a filosofia das luzes com o conservadorismo. Na tradição filosófica, Hume ficou conhecido como liberal conservador, pois, ao mesmo tempo em que encampou as propostas do iluminismo, também defendeu valores tradicionais e a ordem. Tendo Kant como forte influência e Descartes como parte de uma intensa negação filosófica, Hume é considerado um grande cético, pois não defendia veementemente a ciência e as novas teorias advindas naquele momento. Hume equilibra seu pensamento ao entrelaçar a tradição, os costumes calcados nas instituições e a filosofia das luzes.⁴⁰

Na mesma linha de David Hume, Edmund Burke (1729-1797) se posicionou de forma crítica às consequências da Revolução Francesa. Em seu texto *Reflexões sobre a revolução em França* (1790), formulou uma crítica ideológica às ações dos grupos que tomaram o poder em 1789. Contudo, o conservadorismo político de Burke nunca se baseou de fato na manutenção do *status quo*, e sim em definir a política como “o exercício para respeitar a conservação, segurança e transmissão”, não excluindo a melhora da sociedade. Dessa forma, “conservar, transmitir e melhorar” eram o lema de Burke, e assim, na sua visão, o que havia acontecido na França resultou em um grande equívoco calcado no excesso, arbitrariedade e desestruturação das instituições.⁴¹

A historicização do conceito de conservadorismo também se consolida na tradição intelectual alemã, e dentre tantos autores germânicos que problematizaram a discussão, Karl Mannheim se coloca como uma importante contribuição.

³⁸ Ibidem

³⁹ Ibidem

⁴⁰ TORRIANI, Tristan. **A construção estética e teórica de personagens no iluminismo alemão: Lessing, Moses Mendelssohn, Mozart e Kant.** Tese de Doutorado em Filosofia. Campinas: Unicamp, 2004, pp. 5-13.

⁴¹ BURKE, Edmund. **Reflections on the Revolution in France: a Critical Edition.** Stanford: Stanford, 2000. p. 25

Mannheim, ao conceituar o conservadorismo, o aponta como algo que deve ser pensado de forma separada do tradicionalismo:

Pode-se dizer, com razão, de tal tradicionalismo, que simplesmente se refere a um apego a modos antigos, que é um modo de conduta anterior ao reformismo de qualquer tipo, do que qualquer esforço deliberado de inovação. Pode-se afirmar ainda que esse modo é "universalmente humano", que sua forma original está ligada à consciência mágica, como é evidenciado pelo fato de que, entre os povos "primitivos", o apego às formas de vida herdadas está intimamente ligada ao medo de males mágicos que podem sofrer mudanças. O tradicionalismo desse tipo ainda existe nos tempos modernos, e ainda hoje está frequentemente conectado a resíduos de pensamento mágico em nossa consciência. Portanto, a conduta tradicionalista não está ligada, ainda hoje, ao conservadorismo político ou a qualquer outro tipo. Indivíduos politicamente "progressistas", por exemplo, apesar de suas convicções políticas, podem se comportar amplamente de maneira tradicionalista em algumas esferas da vida.⁴² (Tradução minha)

Essa concepção Mannheimniana que distingue tradição de conservadorismo político adéqua-se à problematização de nosso objeto de pesquisa, que é contemporâneo, elemento do tempo presente e está distante de um tempo e espaço em que o conceito se consolidou nos debates filosóficos. Mas, os debates clássicos servem para entendermos algumas nuances do conceito e o atualizarmos à contemporaneidade. Pois, como aponta Mannheim, um indivíduo pode ser progressista em muitos quesitos de sua vida e prezar pela tradição em outros, algo recorrente já no período da consolidação da modernidade ocidental. Os elementos ligados ao sobrenatural, que o filósofo denomina de universo mágico, se manifestam nas diversas formas de religiosidade, que mesmo com o processo de secularização moderna não deixaram de se manter nas sociedades.⁴³

Dessa forma, podemos pensar o conservadorismo também no âmbito religioso, e nele encontrar respostas para os discursos das religiosas elencadas nesse trabalho. É no processo contraditório da secularização moderna e da tradição apontados por Mannheim que podemos analisar o quão presente a tradição religiosa

⁴²One can rightly say of such a traditionalism that it simply refers to an attachment to old ways, which is a way of conduct prior to reformism of any kind, than any deliberate effort at innovation. It can also be said that this mode is "universally human", that its original form is linked to magical consciousness, as evidenced by the fact that, among "primitive" peoples, attachment to inherited forms of life is closely linked to fear of magical evils that can change. Such traditionalism still exists in modern times, and even today it is often connected to the residuals of magical thought in our consciousness. Therefore, traditionalist conduct is not linked, even today, to political conservatism or any other type. Politically "progressive" individuals, for example, despite their political beliefs, can behave widely in a traditionalist manner in some spheres of life. MANNHEIM, Karl. **Conservatism: A Contribution to the Sociology of Knowledge**. New York: Routledge, 1986, p.73

⁴³ Ibidem

se fez no mundo contemporâneo, independente dos ataques teóricos e filosóficos sofridos desde o iluminismo. Peter Berger encampa a tese de que, devido ao pluralismo e à presença de diferentes cosmovisões e sistemas de valores presentes na sociedade moderna, “o nosso mundo atual não é nada secular, ele é tão religioso como outrora, e em alguns lugares mais ainda”. Essa prerrogativa nos faz pensar acerca da presença da religião e seus dogmas em uma sociedade como a do tempo presente.⁴⁴

Ao fecharmos a discussão prévia sobre a historicização do conceito de conservadorismo é interessante apontá-lo pelas lentes de outros pesquisadores. De acordo com Ana Paula Vosne Martins, a perspectiva teórica conservadora pouco considerou, nos trabalhos acadêmicos de história, o conservadorismo feminino, sendo as mulheres muitas vezes analisadas pelas lentes da opressão ou da resistência⁴⁵. A proposta desse trabalho visa justamente entender as nuances das mulheres que buscam manter o *status quo* e nele convencer com seus discursos, mas, ao mesmo tempo consolidar estruturas de poder e ação para si mesmas.

Nossas fontes veem ao encontro dessa proposta, pois não podemos pensar Sarah Sheeva, Stormie Omartian e outras religiosas apenas pela ótica da proibição, da censura e das formas reacionárias que constituem os seus discursos. Pois, segundo Ana Martins, a religião se coloca como um elemento chave, um eixo moral onde se articulam concepções de mundo, visões e ações, algo nítido também para pensarmos os espaços de poder construído por lideranças femininas como os objetos dessa análise.⁴⁶ O conservadorismo feminino não pode ser visto como apanágio das elites e nem somente das mulheres desse segmento, mas, sim como parte de todos os grupos sociais principalmente quando se trata de questões relacionadas à religião, sexualidade, a família e os papéis de gênero.⁴⁷

Muito embora Martins esteja discutindo em seu trabalho o conservadorismo feminino católico do início do século XX, a perspectiva da longa duração adotada em nossa metodologia permite-nos problematizar esse conservadorismo como parte da

⁴⁴ BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade**. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Tradução de Noeli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017, pp-17-47

⁴⁵ MARTINS, Ana Paula Vosne. **A Católica e a Feminista**: O protagonismo público de Stella de Faro e Eugenia Hamann no cenário das políticas brasileiras de assistência social na primeira metade do século XX. Relatório de atividades pós doutorais apresentado ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2016.

⁴⁶ Ibidem, p.32

⁴⁷ Ibidem.

tradição cristã e encampada de forma muito próxima pelas mulheres evangélicas estudadas. Dessa forma, independente da igreja ou do segmento, quando se trata de conservadorismo feminino e a moral sexual cristã, costume e tradição, temos que pensar todos esses termos como algo culturalmente construído e parte das enunciações proferidas por lideranças religiosas do passado e do presente.

2.4 - CONSERVADORISMO FEMININO E AS TECNOLOGIAS DE GÊNERO

Segundo Teresa di Lauretis, o conceito de “Tecnologia de Gênero” pode ser pensado como algo que encontra-se presente nos discursos institucionais e tem o poder de controlar inúmeros campos de significados nas esferas sociais. As tecnologias de gênero produzem e programam representações. Essas tecnologias muitas vezes se constituem como parte de discursos hegemônicos nas esferas institucionais, ao exemplo da família e da religião. Essas instituições são gendradas⁴⁸ por uma repetição discursiva que constitui o comportamento de inúmeros corpos que por elas perpassam.⁴⁹

A proposta de Lauretis possibilita-nos entender porque muitas mulheres agarram-se a esses discursos. Os espaços gendrados constituem mecanismos de poder sobre o outro e promovem uma autovalorização daquele que cerceia esse poder, dessa forma, nesses espaços as mulheres conservadoras encontram possibilidades de construir representações positivas de si mesmas, ao tornarem-se lideranças morais, como no caso de nossas fontes. Essas representações positivas servem como um espelho para uma gama de indivíduos que as seguem, e as tem como referência moral e religiosa.

Stormie Omartian e Sarah Sheeva podem ser pensadas como produtos dessas tecnologias e de espaços gendrados, e isso fica mais nítido a partir do momento que analisamos os seus processos de conversão e a elaboração de suas

⁴⁸ GENDRAMENTO: O vocábulo gendrado, oriundo de gender (palavra inglesa para gênero), tem sido utilizado por feministas, na falta de um adjetivo correspondente ao substantivo gênero. Trata-se de um neologismo, incorporado do inglês (gendered) e ainda não dicionarizado. Pode-se falar em corpo gendrado para designar não o corpo sexuado, mas o corpo formatado segundo as normas do ser mulher ou do ser homem. In: SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015. pp.27-28

⁴⁹ LAURETIS, Teresa Di. **Technologies of Gender**: Essays on Theory, Film, and Fiction. Indianapolis: Indiana University Press, 1987. pp.1-30

enunciações. Essas tecnologias podem ser analisadas por meio da mudança árdua em seus estilos de vida após a conversão, pois elas mesmas reforçam o rigor dessa mudança, bem como os motivos que as levaram a aceitar e levar adiante o discurso religioso. Por essas análises, problematizaremos como elas constroem suas autoimagens e seus lugares de enunciação. A conversão e o processo de liderança as submeteu ao poder discursivo da religião, mas também produziu um local para exercerem poder e influência.

Para manter esses espaços discursivos de poder, Omartian e Sheeva fazem uso de estratégias como a literatura de autoajuda e as mídias digitais. No caso de Omartian a literatura em primeiro lugar, as mídias em segundo. Em sua retórica discursiva a escritora estadunidense defende um modelo de mulher cristã regrada, submissa, boa mãe, esposa exemplar, piedosa, amável e submissa ao marido, algo comum não somente em sua literatura cristã, mas também na produção escrita de outras lideranças religiosas.

Ao pensarmos o discurso conservador evangélico feminino pela ótica de Omartian é importante compreendermos o contexto em que se converteu e construiu uma vida totalmente voltada à religião e a família. Omartian tornou-se cristã na década de 1970, quando era uma jovem atriz. Trata-se de um momento conturbado no âmbito político e cultural dos Estados Unidos. Após o período que consolidou os movimentos de contracultura nos anos 1960, os Estados Unidos presenciaram na década seguinte um crescente movimento reacionário levado a cabo pela direita cristã.

Segundo Gabriela Larocca, isso ocorreu devido ao temor de parte da população a uma sublevação social e moral, e grupos conservadores reagiram contra uma era de “permissividades” e direitos sociais conquistados por grupos voltados aos direitos civis dos negros, mulheres e homossexuais. Nem toda a sociedade apoiava essas conquistas, e entre estes, incluíam-se alguns segmentos cristãos.⁵⁰ Larocca destaca que a reação conservadora buscou permear a vida cultural, política, econômica e social, encontrando eco de divulgação nas mídias que naquele momento já faziam parte da vida da maioria dos americanos.⁵¹

⁵⁰ LAROCKA, Gabriella Muller. **O Corpo Feminino no Cinema de Horror: gênero e sexualidade nos filmes Carrie, Halloween e Sexta-Feira 13 (1970 – 1980)**. Dissertação de Mestrado em História. Curitiba: UFPR, 2016. p.92

⁵¹ Ibidem.

É por meio das interações sociais que incorporamos significados do que é ser homem e ser mulher. Essas interações produzem tecnologias de gênero, e muitas vezes a religião é parte desse processo. Stormie Omartian, a exemplo, nasceu em uma família muito rígida no interior dos Estados Unidos em 1953 e, conforme a sua biografia apresentada no próximo capítulo, nota-se que tratava-se de uma família muito religiosa, contudo, bastante pobre e desestruturada. Essas e outras questões levaram Stormie a sair de casa para tentar uma vida totalmente nova em Los Angeles no final dos anos 1960. Mas, a busca por verdades e sentidos para a sua vida (o que buscou em inúmeras religiões a partir de então), a levou para um casamento infeliz como forma de estabilidade e felicidade, algo que não aconteceu até a sua conversão em 1976.⁵²

Dessa maneira, é notável que mesmo antes da conversão, a jovem Stormie já havia sido socializada em uma forma tradicional de vida, onde os papéis femininos e masculinos eram bem delimitados, o que fica visível quando busca no casamento a resolução de seus problemas. A sua conversão à religião somente ampliou uma normatização que já era presente em sua vida, contudo, passou a ser mais institucionalizada na igreja. Sarah Sheeva em sua trajetória também sofreu um processo de interação social voltado a referências construtoras de normas, muito embora essas tenham sido muito mais “elásticas” se comparadas a Omartian.

Sarah Sheeva nasceu em uma comunidade alternativa em 1973. Seus pais, os artistas e músicos Pepeu Gomes e Baby Consuelo, eram adeptos do “amor livre” e conectados às religiosidades orientais, mais em específico as divindades indianas. Sheeva conta em sua biografia que, para os seus pais, Deus estava em todo lugar, principalmente na natureza, por isso todos os seres vivos mereciam respeito. A busca por um sentido religioso mais completo, e uma vida regada institucionalmente levou à conversão evangélica em 1997, como veremos de forma ampla no terceiro capítulo. O que é válido enfatizar nesse momento é que ambas buscaram um sentido para as suas vidas, algo regado e institucionalizado, em um momento de crises pessoais. Ambas buscaram certezas e discursos para apoiarem-se, verdades para sustentar as suas existências.

⁵² Todas essas informações ficarão mais claras no segundo capítulo por meio do estudo da autobiografia de Stormie Omartian.

Nos espaços discursivos, tanto dos livros quanto das mídias sociais das religiosas, ambas ampliam esses universos simbólicos, compartilham suas interpretações da realidade, suas concepções de certo e errado, de normal e anormal, de aceito e não aceito. Esses dualismos a todo o momento acompanham suas enunciações. As certezas sobre uma única possibilidade a ser seguida, as normatizações sobre a sexualidade e as relações de gênero são tão reiteradas em seus discursos religiosos, que algumas vezes chegam muito próximas a uma forma fundamentalista de vida.⁵³

Stormie Omartian busca construir um discurso mais ameno e maternal em seus livros, e aborda questões voltadas à maternidade, ao casamento ao poder da oração quando essa é usada como estratégia de proteção para as mulheres que são mães e esposas. Omartian eleva as mulheres ao papel de líderes e protetoras do lar, que em sua concepção é considerado sagrado perante Deus e a Bíblia. Em meio à construção desses enunciados, a escritora não deixa de normatizar as condutas femininas apontando às mulheres um padrão sociocultural, tendo a família, a maternidade e a submissão ao marido como base.

Todavia, a construção desses espaços gendrados de atuação feminina se colocam também como locais de atuação pessoal, onde a mulher se põe como autoridade e busca resolver problemas e conflitos familiares. No espaço gendrado da família, a mulher se torna uma vitoriosa, o baluarte moral de manutenção da ordem social, algo que se faz pelas dinâmicas de poder. Para Omartian, a família cristã constitui um espaço onde as relações de gênero são muito bem delimitadas na relação marido/mulher, mãe/filhos, religião/família, e o discurso religioso da escritora estadunidense busca suavizar os impactos de dominação ao trazer as possibilidades do exercício de poder e influência das próprias mães e esposas. Algo que se faz, por exemplo, quando Omartian afirma em seus livros que a mãe é conselheira e a

⁵³ Ao trazermos o conceito de fundamentalismo para o cerne do trabalho, obviamente não estamos a afirmar que as religiosas estudadas sejam fundamentalistas, apenas em alguns posicionamentos como veremos de forma melhor colocada nos capítulos subsequentes. Para entender o fundamentalismo é necessário analisarmos como uma parte distinta dentro do cristianismo evangélico se posiciona em relação a questões seculares. Marsden problematiza o recorte específico dos Estados Unidos, e aponta que o fundamentalismo cristão construído na América é fruto entre cultura e experiência religiosa, entre o “eu e o outro”, é centrado na premissa genuína da religião e na continuidade das tradições cristãs, algo presente no discurso de todas as nossas fontes. MARSDEN, George M. **Fundamentalism and American culture**. 2ªed. New York: Oxford University Press, 2006, p.3

esposa é compreensiva. Manter a família, independente de tudo, seria uma vitória pessoal para as mulheres cristãs.⁵⁴

Em Sarah Sheeva, essa proposta não é diferente, contudo, a forma como a pastora brasileira constrói seu regime discursivo se faz de forma mais direta por meio de seus canais de comunicação, nos livros e mídias sociais. A sexualidade feminina é o cerne das questões apontadas por Sheeva, que, em sua concepção, deve ser contida, pois entende que a virgindade é o caminho para uma vida contemplativa e a sexualidade só pode ser vivida após o casamento. E só por meio de uma sexualidade normativa que é possível a mulher encontrar um marido e ser abençoada com uma família. Dessa forma, a vigilância e o cuidado com as irmãs evangélicas que “se atijam muito”, como bem prega a pastora, são essenciais para que elas mesmas não sejam mulheres infelizes e desvalorizadas pelos homens caso optem por uma vida não casta.

Trata-se de um discurso bastante conservador, mas que corrobora para a construção de espaços de atuação da mulher, que na concepção de Sheeva, é no casamento e na família. Nota-se que a mensagem que Sarah Sheeva busca passar para as suas seguidoras é a mesma que Omartian, e as diferenças e peculiaridades entre as duas serão melhor compreendidos nos capítulos subsequentes. Dentro dos moldes concebidos pela religião, Omartian e Sheeva são conservadoras e normativas em seus discursos sobre a sexualidade. Mas, cada uma constrói essas enunciações de formas diferentes: Stormie de maneira discreta e suave, Sarah Sheeva de forma didática e direta, sendo que não utiliza mecanismos de linguagem polidos para falar aquilo que pensa. São tipos de conservadorismo construídos culturalmente de formas diversas em trajetórias e experiências pessoais específicas e em contextos diferentes. Todavia, ambas possuem como base um único elemento, a tradição cristã e uma moral sexual consolidada nas tecnologias de gênero.

⁵⁴ Essas afirmações estão bastante claras nos livros *O poder da esposa que ora*, de 2002, e *O poder da mulher que ora*, de 2000. Livros que serão abordados no segundo capítulo. OMARTIAN, Stormie. **O poder da mulher que ora**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000. **O poder da esposa que ora**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2002.

2.5 - PRESENTE E TRADIÇÃO: A SEXUALIDADE NO CRISTIANISMO

Ronaldo Vainfas⁵⁵, em sua pesquisa sobre o amor e o desejo no Ocidente, trouxe inúmeras possibilidades para compreendermos questões referentes ao sexo e à religião cristã. Afinal, por quais vertentes o corpo, o desejo e sexualidade foram construídos com o alvorecer do cristianismo institucionalizado? Segundo o historiador, quanto mais o cristianismo institucionalizou-se, maior foi sua normatização sobre o sexo. Essa norma recaiu principalmente sobre as mulheres, pois, para elas, o ato sexual só poderia ser exercido no casamento com o intuito da reprodução. Essa tradição durou séculos e construiu uma “verdade” sobre o corpo, algo que se sobrepôs junto à cultura.

A problemática de Vainfas acompanha as discussões de Peter Brown em sua obra *Corpo e Sociedade*. Nesse livro, questões relacionadas à problemática da carne nos primeiros tempos do cristianismo são destacadas como de extrema relevância. Nos apontamentos do historiador, isso se faz para compreendermos o processo mediante o qual a sexualidade foi moldada por discursos e práticas que possibilitaram a negação da carne em prol da contemplação da alma. Brown cita que esse processo aconteceu de forma lenta e gradual nos primeiros séculos do cristianismo, e possibilitou a construção de novos códigos morais e conjugais naquele momento:

As proibições sexuais sempre haviam distinguido os judeus dos outros povos. Assim fez-se com que os códigos conjugais cristãos se tornassem ainda mais idiossincráticos através de alguns aspectos inéditos, como a renúncia ao divórcio e o preconceito crescente em relação aos casamentos entre homens e mulheres viúvos. Acima do sólido aglomerado de noções judaicas arcaicas elevou-se então o pico da castidade total.⁵⁶

Muito próximo a Brown, Michel Foucault, em *História da Sexualidade Vol. IV*, destaca os processos em relação à moral sexual sofrida na antiguidade tardia e início do cristianismo. Segundo Foucault, o discurso que se criou nos primeiros séculos do cristianismo visava construir uma problemática da carne que enfatizasse a fuga do crente de todo tipo de imoralidade, pois, a crença na vida eterna e o

⁵⁵ VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992. 20-34.

⁵⁶ BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p.61

desejo de se unir a Deus tornam-se uma razão profunda e sólida para que os cristãos realmente passassem a seguir preceitos mais austeros em relação ao corpo naquele momento.⁵⁷

Nos volumes II e III da *História da Sexualidade*, Foucault analisou inúmeros textos de filósofos greco-romanos e lá buscou encontrar princípios de uma “técnica de si” ou autocontrole⁵⁸. Já no volume IV ocorre uma continuação dessas reflexões a partir dos pensadores dos primeiros séculos do Cristianismo (II a V d. C.), os “padres fundadores da Igreja”, passando por Clemente de Alexandria, Tertuliano, São João Crisóstomo e Santo Agostinho

Em um primeiro momento de sua análise, Foucault reconstitui a questão da virgindade e do casamento, analisando como essa relação se pôs como uma norma no cristianismo primevo em continuidade e descontinuidade com a experiência greco-romana de corpo e sexualidade. Os pensadores gregos e romanos haviam estabelecido várias *técnicas de si* para o sujeito, denominadas de “regime dos *aphrodisia*”. Esse regime se baseava na busca de uma conformidade com a natureza e exigia do indivíduo contenção diante do sexo, o que construiu um discurso acerca dos riscos de uma vida de excessos em relação ao prazer carnal.⁵⁹

Dessa forma, a contenção e a pureza vinculam-se a uma concepção de verdade, ou seja, somente seria capaz de viver uma vida contemplativa e equilibrada o indivíduo que conseguisse construir uma alma sadia, e para isso seria necessário liberar o corpo dos perigos dos prazeres incontroláveis. Em partes, o cristianismo se ancora nesses mecanismos de existência da antiguidade, e como novidade se baseia em uma disciplina muito semelhante, porém, com algumas características específicas.

⁵⁷FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité 4**. Les aveux de la chair. Paris: Gallimard, 2017.

⁵⁸ Segundo H.C. Nardi e R. N. da Silva, em Foucault, as “técnicas de si” não podem ser dissociadas do “Cuidado de Si”, e podem ser compreendidas como o conjunto de tecnologias e experiências que participam do processo de (auto) constituição e transformação do sujeito. Na antiguidade, por exemplo, o cuidado de si se fazia pela busca de uma vida transformada e equilibrada, onde o sujeito teria um controle sobre si, podendo dessa maneira transformar a sua vida em uma obra de arte por meio de uma estética da existência. Com o cristianismo há uma ruptura das “Técnicas de si” vigentes através de uma problematização dessas em uma nova possibilidade de existência, que seria o controle, a disciplina e a confissão. In: Nardi, H. C., Silva, R. N. da. *Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos*. In: Guareschi, N, Hüninng, S. M. (org.) **Foucault e Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

⁵⁹ FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**. Ética, Sexualidade e Política. Tradução de Elisa Monteiro. 3ªed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

Segundo Foucault, os novos mecanismos de existência do cristianismo não se baseiam na virgindade em si, mas, em prescrições e regulamentações, técnicas e recomendações dos primeiros padres no que concerne à carne. Uma vida virtuosa voltada a Deus poderia constituir uma nova forma de autocontrole, e quando isso não fosse possível por completo, o casamento seria o mal necessário para resolver questões voltadas à problemática da carne. Posteriormente, com a estruturação teológica do cristianismo na Idade Média, esses elementos transformaram a família cristã na “célula *mater* da sociedade”, nos discursos, práticas e representações cristãs.⁶⁰

Na perspectiva foucaultiana, a obediência e a penitência seriam a versão cristã da *Aphodisia* grega. Enquanto as técnicas antigas de controle se faziam por meio do cuidado de si, do equilíbrio e controle interno do corpo, no cristianismo isso passou ser definido através da obediência e submissão a Deus, o que se torna a partir de então a ordem natural das coisas. Ao citar Clemente de Alexandria, nota-se que essa nova pedagogia dos primeiros padres da Igreja se fez com ensinamentos muito bem delimitados:

Em resumo, o que Clemente oferece [...] é um corpus prescritivo em que o nível de "adequado" é apenas o lado visível da vida virtuosa, que por sua vez é uma jornada para a salvação. A onipresença do Logos, que controla as ações adequando-as a manifestar a razão correta e salvar almas, unindo-as para Deus, assegurando a solidariedade em três níveis. Os livros "Práticas" do Pedagogo que se abrem imediatamente após esta passagem são repletos de pequenas precauções [...] (Tradução Minha)⁶¹

Foucault aponta ainda a forma pedagógica que as primeiras lideranças cristãs constituíam nos discursos sobre o corpo, com precauções, ensinamentos e práticas, algo que Clemente de Alexandria o fez da melhor forma em seu tratado intitulado *Práticas do Pedagogo*.⁶² Assim, ao nos ancorar em Foucault, Brown e Vainfas, podemos pensar a problemática cristã da carne como algo marcado pelas contradições.

⁶⁰ Ibidem.

⁶¹ FOUCAULT, op. cit., 2017, p. 25.

⁶² **Clemente de Alexandria:** Atenas 150- Palestina 215. D.C. Clemente foi um erudito numa época em que os cristãos eram pouco letrados. Não obstante, foi capaz de construir argumentos lógicos convincentes, baseados nas escrituras e na filosofia, a favor do cristianismo. Em Alexandria, no período Helenístico, a religião judaica e a filosofia se encontraram e se influenciaram mutuamente, ali surgindo a escola que, influenciada pela filosofia platônica encontraria um método natural de harmonizar a religião com a filosofia clássica na interpretação da Bíblia. In: SPINELLI, M. **Helenização e recriação de sentidos.** A Filosofia na época da expansão do Cristianismo - Séculos, II, III e IV. Porto Alegre: PUC-RS, 2002, p. 63-78.

Desde o início, o cristianismo impugnou diversas manifestações morais acerca do sexo, presentes em todos os códigos, encíclicas e documentos da Igreja. O maior peso dessa moral, sem dúvida, foi “a recusa ao prazer”.⁶³ A visão cristã católica colocou o prazer como um mal, um obstáculo à salvação e à vida eterna, algo que permaneceu nas religiões reformadas a partir do século XVI. A reforma protestante, contestando a devoção aos santos e particularmente as santas, reiteraria da Idade Média a ênfase na qualidade masculina de Deus e, portanto, a supremacia dos homens, vetando a alternativa feminina da Virgem Maria, a quem as mulheres recorriam nos momentos de aflição.

Esta assimetria no tratamento dos gêneros por parte das teologias cristãs receberia um novo reforço nos últimos anos do século XIX com o surgimento do fundamentalismo protestante⁶⁴. Contrapondo-se às tendências mais liberais do protestantismo, essa expressão religiosa insistiria na inferioridade natural das mulheres enfatizando a posição feminina na base da hierarquia divinamente ordenada que confere poder e autoridade a Deus e aos homens.⁶⁵

2.5.1 – Cristianismo e tradição: mudam-se os métodos, mas permanecem os sentidos

O que precisa ficar claro na metodologia adotada para pensar o conservadorismo cristão em relação ao corpo e à sexualidade é que nossa proposta se propaga na longa duração. Os aconselhamentos dos primeiros padres da igreja, que tratavam sobre a continência, a castidade e a contemplação da alma e de si em

⁶³ VAINFAS, op. cit.

⁶⁴ Algo importante a ser enfatizado nessa pesquisa é que, no século XIX e XX não foi somente o pentecostalismo que enfatizou a inferiorização das mulheres, o fundamentalismo cristão também, e dele sai o evangelicalismo na segunda metade do século XX nos EUA. Segundo a historiadora Karina Kosicki Bellotti, os *Neoevangélicos* ou *Evangelicals*, muito embora discordassem da vertente fundamentalista e possuísem um viés mais moderado em relação à sociedade secular americana, não deixaram de se levantar quando necessário para a defesa dos valores morais, principalmente os familiares, e logo se tornaram significativos opositores aos segmentos progressistas a partir dos anos 60. Sobre os evangélicos fundamentalistas nos Estados Unidos, o que é importante sabermos é que conquistaram inúmeros espaços nos meios de comunicação de massa entre as décadas de 1920 e 1960, o que incluiu em um primeiro momento o rádio e posteriormente a TV. In: BELLOTTI, Karina K. A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo cristão norte americano e a reconstrução dos “valores familiares pela mídia” (1920-1970). **Revista Madrágora**, nº 25, v. 1, 2019.

⁶⁵ MACHADO, Maria das Dores Campos. Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos. **Revista Estudos Feministas**, v.7, nº1, 1995. p.1.

prol da negação do corpo não ficou no passado, se fez ao longo dos séculos como parte da tradição cristã.

Na contemporaneidade, o conservadorismo encontra-se parcialmente adaptado às demandas do mundo de hoje, uma sociedade individualista, consumista, em parte secularizada, mas nem por isso alheia aos valores morais sobre o sexo e as relações de gênero. Da mesma forma que o cristianismo antigo produzia tecnologias de gênero no discurso dos primeiros teólogos, os pastores e lideranças midiáticas do tempo presente continuam a produzir. Mudam-se as técnicas, as formas de enunciação e aconselhamento, mas, a base do discurso permanece.

Independentemente da vertente, muitos segmentos evangélicos no século XX, buscaram alcançar demandas que legitimassem um *status quo* normativo nas relações entre os sexos, e, para isso, se agarraram à tradição cristã. As questões de gênero preencheram boa parte dos discursos desses segmentos. Nos Estados Unidos, por exemplo, alguns movimentos em prol da castidade tomaram corpo no final do século XX e início do XXI. Um desses movimentos é o conhecido *True Love Waits* (TLW) e o segundo é o *The Silver Ring Thing* (SRT). O primeiro deles foi fundado no ano de 1993, e constituiu-se em um grupo cristão que promove a abstinência sexual antes do casamento para adolescentes e estudantes. Segundo Christine Gardner, o TLW foi criado pelos Batistas do sul dos EUA e patrocinado pela empresa LifeWay Christian Resources.⁶⁶ Trata-se de um movimento cristão conservador acerca da sexualidade, sendo uma de suas principais bandeiras a fidelidade conjugal, e principalmente a castidade juvenil antes do matrimônio⁶⁷, o que não é tão diferente da proposta do *The Silver Ring Thing*.

O segundo movimento prega em defesa da castidade de jovens. O movimento nasceu como contraponto ao crescente aumento no número de adolescentes grávidas e também devido ao índice alarmante de DSTs, principalmente após a grande epidemia de HIV dos anos 1980 e início dos anos 1990.⁶⁸ O movimento surgiu em Yuma (Arizona), criado pelos jovens evangélicos Amy Pattyn e Danny Pattyn e se estendeu até a cidade de Pittsburgh, na

⁶⁶ GARDNER, Christine J. Gardner. **Making Chastity Sexy**: The rhetorical of evangelical abstinence campaigns. Los Angeles: University of California Press, Berkeley, 2011, p. 23-36

⁶⁷ Ibidem, p. 23-36

⁶⁸ MILLER, Montana. Vernacular abstinence. Teenagers, purity rings, and rites of (blocked) passage. **Practical Matters**, v. 2, pp.1-19, agosto de 2009.

Pensilvânia, no ano 2000. Ele ganhou visibilidade por meio de um movimento de jovens cristãos adeptos do discurso sobre a castidade, e o símbolo maior do movimento é chamado anel de prata. O *Silver Ring Thing* pode ser entendido como um verdadeiro congresso de santificação para jovens. O SRT funciona por meio de palestras compostas por um grupo em torno de 12 cristãos adultos de 18 a 25 anos, os mesmos discursam pela castidade em verdadeiras turnês pelos Estados Unidos⁶⁹.

Uma das principais bandeiras do movimento é o combate à pornografia e o sexo sem compromisso, que são tratados pelo movimento como exemplos de imoralidade. O convencimento à contenção sexual e à virgindade é o foco principal do The Silver Ring Thing. Suas passagens pelas escolas de Ensino Médio nos EUA são frequentes, pois, ali encontram as principais fontes de recepção e seu discurso, adolescentes e jovens⁷⁰. Segundo Gardner, o movimento também recebeu verbas federais para a sua manutenção, algo que ocorreu principalmente no governo Republicano de George W. Bush (2001-2008).⁷¹

Christine Gardner⁷² afirma que nos Estados Unidos o conceito de castidade está ganhando corpo nos movimentos evangélicos. Trata-se de um reflexo presente em uma sociedade saturada de sexo como a estadunidense, na qual a mídia e a indústria cultural o exploram demasiadamente. Também não podemos esquecer que o país é produtor da maior indústria de filmes adultos no mundo,⁷³ o que por outro lado gera uma reação em cadeia em prol de um combate pela moralidade. Todavia, fica a pergunta: como milhões de jovens evangélicos estão sendo convencidos a permanecer virgens até o casamento?

Um dos pontos centrais para a autora seria a eloquência presente no discurso dos porta-vozes desses movimentos, bem como as formas de convencimento do público receptor. A maioria das apresentações desses grupos conta com a presença de shows de humor, e muitas vezes com a presença de artistas, testemunhos e até

⁶⁹ Ibidem.

⁷⁰ Ibidem.

⁷¹ GARDNER, op. cit., p. 23-36.

⁷² Ibidem, p. 23-36

⁷³ ALVES, Guilherme di Angellis da Silva. **O Erótico da Pornografia:** imagens, sons e escritas das representações do sexo. Tese de doutorado apresentada a Universidade de Brasília- UNB: Brasília, 2018. p. 131-132

balada gospel para atrair um número cada vez maior de adolescentes, uma estratégia que almeja trazer uma eficácia prática para os movimentos.⁷⁴

O discurso em si de ambos os movimentos centra-se na exploração do lado “negativo” de uma sexualidade sem controle, uma forte arma de convencimento para sujeitos em plena formação, tais como adolescentes e jovens. Segundo o grupo, entre as principais consequências de uma sexualidade não-casta estão a gravidez indesejada e as DSTs, uma verdadeira vitrine discursiva enunciada pelos membros do movimento para milhões de jovens pela América. Trata-se de um verdadeiro combate pela castidade.⁷⁵ Discursos como o dos grupos “The Silver Ring Thing” e “True Love Waits” não são fortes somente nos Estados Unidos, pois os mesmos discursos estão presentes e readaptados no Brasil pela fala de inúmeras lideranças religiosas, e reforçado principalmente devido à tradução de literaturas de autoajuda e aconselhamento cristão de pastores estadunidenses.

Esses movimentos são encampados em suas versões nacionais⁷⁶ por pastores tais como Sarah Sheeva com o “Culto das Princesas” e o “Congresso de Santificação 1 e 2”, colocados em prática em cultos pelas igrejas evangélicas brasileiras por meio do “Ministério Sarah Sheeva”. Esse conteúdo também é recorrente nos livros da pastora e em suas mensagens digitais.

2.6 – LIDERANÇAS EVANGÉLICAS FEMININAS: GÊNERO, CULTURA E IDENTIDADE

A escritora Stormie Omartian e a pastora Sarah Sheeva, por meio de suas literaturas e também mídias digitais, buscam construir um modelo de feminilidade e sexualidade adequado aos moldes cristãos tradicionais, ou seja, determinam o que as mulheres devem e podem ser. Segundo seus discursos, as mulheres devem ser recatadas, obedientes e submissas, pois, só assim serão contempladas pela graça

⁷⁴ GARDNER, op. cit., p. 23-36

⁷⁵ Ibidem, p. 23-36

⁷⁶ O “**Escolhi Esperar**” é um movimento de castidade não só para jovens, mas, também para adultos. A intenção do movimento religioso seria “encorajar, fortalecer e orientar adolescentes, jovens e pais sobre a necessidade de viver uma vida sexualmente pura e emocionalmente saudável antes do casamento. HORTELAN. Luiza Terassi. “Moderno à Moda Antiga”: discursos terapêuticos, concepções românticas e performances de gênero no movimento Eu Escolhi Esperar. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 251-277, ago./dez. 2018.

divina. Na concepção de Sheeva e Omartian, a mulher, ao se colocar dentro dessa norma, transforma-se em sujeito ativo na sociedade, algo viável somente pela castidade, casamento e o exercício da maternidade. Uma perspectiva onde os papéis sexuais possuem um valor irrevogável⁷⁷. Quando afirmam comportamentos antigos como norma no que concerne às relações de gênero, Omartian e Sheeva estrategicamente as endossam com uma roupagem moderna. Na elaboração de seus discursos, elas se apropriam de estratégias presentes na sociedade contemporânea para divulgar esses ideais, e uma sociedade cada dia mais conectada junto às mídias serve de modelo para ambas na conquista e manutenção de seguidores, e dentro desse processo corroboram para a manutenção de tecnologias de gênero.

Para compreendermos as relações entre discurso religioso, modelos tradicionais de sexualidade e gênero, bem como as novas estratégias da religião no tempo presente, é interessante irmos além da proposta de Lauretis sobre das tecnologias que constroem as relações gênero. Dessa forma é conveniente elencarmos também uma breve discussão acerca do conceito na perspectiva da história. Joan Scott, no texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1990) apresenta várias questões referentes à construção dos corpos por meio dos discursos através do sexo/gênero. A palavra “gênero”, segundo Scott, pode ter se popularizado em um primeiro momento no vocabulário das feministas norte-americanas que buscaram insistir no caráter social acerca das distinções baseadas no sexo. Gênero foi um conceito empregado por elas como viés de oposição ao determinismo biológico utilizado no termo “sexo” ou “diferença sexual”⁷⁸ em voga até a década de 1970 por inúmeras intelectuais.

Por meio do conceito de gênero, buscou-se introduzir o aspecto analítico nas relações culturais normativas até então presentes entre os sexos, ou seja: para Scott nenhuma compreensão entre homens e mulheres pode ser definida através de um estudo totalmente separado entre ambos, como estava ocorrendo até a década de 1970. As pesquisas sobre mulheres estavam se colocando de forma muito isolada

⁷⁷ Tratam-se de afirmações colocadas pela escritora cristã Stormie Omartian em vários de seus livros entre eles em: OMARTIAN, Stormie. **O poder da Esposa que ora**. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. Também no livro de Sarah Sheeva, **Defraudação Emocional**: como casar com a pessoa certa e fugir do casamento encalhado. Rio de Janeiro: Editora Milagres, 2012.

⁷⁸ SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. **Educação & Realidade**, v.15, n.2, jul./dez. 1990.

segundo a autora, dentro do binarismo macho/fêmea, natureza/cultura, razão/emoção. Gênero, como uma categoria analítica, buscou compreender que homens e mulheres não podem ser vistos historicamente dessa forma, ambos são parte de uma construção sóciohistórica. Essa construção contempla lugares de fala, comportamentos sexuais, modos de agir, autoridade e submissão, ou seja, gênero constitui-se como um forte instrumento para culturalmente compreendermos as relações socioculturais femininas e masculinas.

Na perspectiva de Scott, um dos fundamentos do conceito permite fazer dele uma possibilidade de ampliar os olhares sobre os papéis sexuais em várias épocas e sociedades. Ao compreendermos o conceito, como pesquisadores, podemos utilizá-lo metodologicamente como uma forma de encontrar respostas para inúmeros objetos de pesquisa relacionados a comportamentos sexuais e padronizações culturais. Dessa maneira, inúmeras problemáticas podem ser elencadas em pesquisas onde a categoria gênero é utilizada analiticamente, entre elas as relações entre corpo, sexualidade, religião e discurso.

Esse trabalho alicerça-se em uma perspectiva dos estudos de gênero, pois busca problematizar os discursos presentes em fontes religiosas que pregam comportamentos sexuais normativos para mulheres. Lideranças religiosas como Stormie Omartian e Sarah Sheeva alicerçaram-se em um universo simbólico⁷⁹ amalgamado por discursos cristãos sobre corpo e sexualidade, discursos que contribuem para a consolidação de verdades sobre as relações de gênero. Trata-se de um viés em que o discurso tem poder e importância significativa na construção dos corpos, nos escritos, nas mensagens e nas falas. Dentro dessa perspectiva, a norma cristã se coloca como a única possibilidade de sentir e viver a sexualidade, pois, nos grupos religiosos, é socialmente aceita.

O discurso sobre gênero constrói a forma de compreender o corpo e a sexualidade na crença dos grupos religiosos. Os últimos se apropriam de

⁷⁹ Os universos simbólicos são corpos de tradição teórica que integram diferentes áreas de significação e abrangem a ordem institucional em uma totalidade simbólica. O universo simbólico é concebido como a matriz de todos os significados socialmente objetivados e subjetivamente reais. A sociedade histórica inteira e toda a biografia do indivíduo as vistas como acontecimentos que se passam dentro desse universo. O universo simbólico é evidentemente construído por meio das objetivções sociais. no entanto a sua capacidade de atribuição de significações excede de muito o domínio da vida social, de modo que o indivíduo pode “localizar-se” nele mesmo em suas mais solitárias experiências. BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. 6ª edição. Petrópolis: Vozes, 1985, p.132

procedimentos que controlam e interditam enunciações contrárias às suas. Sarah Sheeva e Stormie Omartian, como parte das lideranças instituídas desses grupos, são autorizadas a falar, possuem o poder da palavra que utilizam para construir seus aparatos simbólicos, e nesses espaços também constroem lugares de poder para si, lugares de fala e reconhecimento.

Para muitos grupos religiosos evangélicos, o mecanismo da normatização do sujeito torna-se a resposta para todas as inquietações, vícios e malefícios da vida cotidiana. E este combate precisa estar presente em todos os espaços da cultura. A normatização sociocultural encampada por alguns grupos evangélicos, ao exemplo dos Estados Unidos, se dá principalmente no mundo do trabalho, família e educação, pois, as mulheres significativamente contribuem para este embate. Segundo Sally Gallagher:

As mulheres evangélicas são empregadas em taxas semelhantes à da população em geral, sua renda familiar mediana espelha a de outros americanos, mais de um terço de todos os evangélicos têm pelo menos uma educação universitária e três quartos das crianças evangélicas frequentam a escola pública. No entanto, eles frequentam a igreja com mais frequência, dão mais dinheiro e tempo para associações religiosas e voluntárias e, como veremos, frequentemente falam sobre gênero e família de maneiras que parecem patriarcais, em contraste com o igualitarismo normativo da cultura mais ampla.⁸⁰ (tradução minha)

Em contraste com o discurso igualitário mais amplo presente nas instituições laicas americanas, os evangélicos estudados por Gallagher, datados do final dos anos 1990 e início dos anos 2000, falam sobre as relações de gênero de forma conservadora e definem o conceito de família dentro do patriarcado. Contudo, o estudo da autora mostra que, na prática, as famílias evangélicas são mais igualitárias – pois as esposas concordam em sua maioria com a tese da submissão aos homens e, contudo, exigem ter voz ativa no casamento em relação às decisões cotidianas na família, o que não as isenta de oficialmente constituírem uma relação pública de submissão, ou seja, fora da vida privada. Não obstante, na prática a

⁸⁰ Evangelical women are employed at rates similar to the general population, their median household income mirrors that of other Americans', more than a third of all evangelicals have at least a college education, and three-quarters of evangelical children attend public school. Yet they attend church more frequently, give more money and time to religious and volunteer associations, and, as we will see, often talk about gender and family in ways that appear baldly patriarchal in contrast to the normative egalitarianism of the broader culture. GALLAGHER, Sally. K. **Evangelical Identity & Gendered Family Life**. New Jersey: Rutgers University Press, 2003. p.18

maioria dos casais entrevistados por Gallagher decidem tudo de maneira consensual.

Dessas circunstâncias, decorre a necessidade de compreendermos como a identidade religiosa constrói um consenso sobre as questões de gênero nos grupos evangélicos e solidifica neles um viés inquestionável em torno das práticas cotidianas entre marido e esposa. Cultura e identidade estão entre os conceitos que melhor podem definir o fenômeno religioso. Cultura, na perspectiva de Stuart Hall, é analisada como um substantivo que organiza atividades, instituições e relações sociais. Em sua visão, cultura é uma categoria analítica que busca compreender as formas como o conhecimento se produz. Por essa via, cultura é o conceito responsável pela construção de identidades, representações e linguagens.⁸¹ Sendo as identidades culturais construídas, o sujeito é o resultado dessa construção, pois se relaciona com a sociedade e com as tradições nela existentes. Dessa forma, o sujeito define sua identidade perante a sociedade através dos conhecimentos que dela adquire. Esses conhecimentos são as tradições, que podem ser perpassadas por meio das representações e sentimentos. Assim, o sujeito recria as tradições conforme as suas necessidades históricas, políticas, sociais.

Contudo, não podemos ver as identidades como fixas, mas construídas por grupos sociais com o fim de definir papéis aos indivíduos. Também não podemos encará-las como algo estanque, dado e acabado, pois as pessoas as angariam ao longo da vida, por meio da cultura, a qual cria representações sociais de grupos e sujeitos. Não obstante, não podemos definir os indivíduos através de rótulos como se viessem prontos para desempenhar o que os grupos religiosos desejam. Dessa maneira, a análise concentra-se nos sujeitos atuantes em grupos religiosos, entre eles os evangélicos. A proposta mais cabível é considerá-los através de sua individualidade na gestão da crença, bem como de seus sentimentos e emoções como sujeitos que crêm. No tempo presente, a religião é o exemplo mais bem acabado para a compreensão da autonomia do indivíduo que busca o conforto religioso para dar respostas às suas angústias.

O discurso de Sarah Sheeva e Stormie Omartian constrói uma identidade cultural no sujeito, que ao se identificar com seus significados da enunciação passa

⁸¹ HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, nº22, v.2, Julho/Dezembro de 1997, pp.16-46

a sentir-se parte de um grupo, e que, por sua vez, sente-se provido dos bens de salvação. Nessa perspectiva, o fenômeno religioso também pode ser compreendido através das práticas e representações que os sujeitos fazem de si e dos outros. As práticas e representações não estão separadas das identidades sociais. Roger Chartier⁸² destaca as vias pelas quais as práticas culturais permitem reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de existir e significar; são um estatuto ou uma posição, formas institucionalizadas e objetivadas pelas quais “representantes” marcam o modo visível e perpétuo da existência de um grupo, comunidade ou da classe.

Instituições, como a religião e a família, são geradas por meio de um sistema de classificação; incorporam, em formato de representações coletivas, as divisões da organização social. Dessa forma, elas podem ser entendidas como “algo que dá sentido a uma coisa ausente, é a forma como os indivíduos por meio das práticas fazem reconhecer suas identidades, ou ainda, é a maneira como os sujeitos contraditoriamente constroem a realidade”⁸³. As representações auxiliam-nos muitas vezes na compreensão de modelos disseminados, como, por exemplo, a idealização de mulher, família e sexualidade postas como formas a serem seguidas por muitas denominações religiosas. As lideranças religiosas em alguns momentos definem suas representações de gênero e sexualidade, que se tornam normas dentro de grupos. Os agentes religiosos, sempre que possível, utilizam sua autoridade de liderança oficial para exercer poder e convencimento, fazendo uso do sagrado.

Os embates acerca das relações de gênero são muito presentes no cotidiano dos grupos evangélicos, e nesse quesito o uso do sagrado é bastante significativo, em especial a partir do momento em que pastores e líderes fazem uso da Bíblia para legitimarem suas falas. As sagradas escrituras são o instrumento principal desses grupos, pois com elas legitimam seus discursos sobre os papéis de gênero, muitas vezes desafiando o arcabouço secular e laico nas sociedades. Os discursos sobre o corpo, gênero e sexualidade não são exclusivos do pentecostalismo evangélico, vertente a qual Omartian e Sheeva pertencem, pois fazem parte de todo o universo cristão, o que inclui os católicos e protestantes históricos.

⁸² CHARTIER, Roger. O Mundo Como Representação. **Revista Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, São Paulo, Janeiro/Abril de 1991, p.183.

⁸³ Idem. **À Beira da Falésia**. A história entre certezas e inquietudes. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p.73

Os livros de Stormie e Sarah, bem como suas postagens nas mídias sociais não possuem marcas denominacionais explícitas, são voltados para um público amplo, cristãos convidados a partilhar uma cultura evangélica de pureza sexual. Esses embates são visíveis nas fontes, contudo, por meio de uma ampla pesquisa bibliográfica, pudemos compreender que a forma de entendimento do mundo pelos segmentos evangélicos encontra-se inseparável de perspectivas sagradas construídas na longa duração.

2.7 - RELIGIÃO E MEDIATIZAÇÃO: USOS E ESTRATÉGIAS

Quando estudamos o cenário religioso do tempo presente, nos deparamos com o fortalecimento de igrejas que se voltaram ao mercado, muitas delas gerindo-se como verdadeiros empreendimentos de fé. Junto a uma roupagem consumista e mercadológica, o discurso dessas instituições reforça um amplo e antigo conservadorismo doutrinal nas questões de gênero, algo que sempre foi compartilhado na longa duração do cristianismo.

Em relação às igrejas evangélicas, em específico nos Estados Unidos segundo Stewart Hoover, um dos canais que levou as igrejas a se adaptarem à sociedade de consumo foi a mídia e, no início do século XXI, as tecnologias digitais. Essas tecnologias tornaram-se muito comuns principalmente no cotidiano dos jovens⁸⁴. A presença nas mídias se tornou uma premissa tão significativa no cotidiano das religiões que, para Hoover, cultura, mídia e comodidades no tempo presente estão integradas em práticas de significado e identidades de forma irreversível.⁸⁵ Na religião, os reflexos das últimas décadas podem ser perceptíveis principalmente na migração dos discursos outrora presentes nas mídias convencionais, ou seja, livros, revistas, impressos, para as tecnologias de comunicação e informação. Esse movimento ocorreu, em um primeiro momento, pela radiodifusão e a partir do início do século XXI, com as mídias digitais.

⁸⁴ HOOVER, Stewart. Mídia e religião. Premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **Revista C&S**. São Bernardo do Campo, v.35, n. 2, p.41-68, Jan/Jun. 2014, p.49

⁸⁵HOOVER, Stewart. **Religion in the media age**. New York: Routledge, 2006, p.3

Contudo, não podemos pensar a midiatização de forma funcionalista⁸⁶, e para isso a contribuição teórica dos estudiosos da área ajuda-nos a compreender as transformações midiáticas ao longo do tempo. A religião tem que ser pensada como parte da cultura e sendo assim, ela acompanha as suas dinâmicas. Dessa forma, a relação entre evangélicos e mídias deve ser vista como um fenômeno cultural, e também um campo de disputas. A mídia faz parte da sociedade, e não deixaria de estar presente nos âmbitos religiosos e se colocar como mecanismo das instituições e lideranças.

Nesse sentido, a midiatização tem que ser pensada como algo diverso, um processo em curso que a cada dia ganha novos elementos, novas ferramentas de enunciação e interação. Para Braga, não se trata apenas de um único processo estruturado que determina a forma como uma sociedade se organiza, e não se pode considerar a mídia como um corpo estranho à sociedade, pois, ao contrário, ela acompanha suas mudanças. Em sua concepção, a midiatização é fruto da aceleração dos modos pelos quais a sociedade interage consigo mesmo:

Em nossa aproximação do conceito, resistimos à perspectiva de que a midiatização da sociedade seja simplesmente decorrente da “ação dos meios”, seja pela incidência da indústria cultural ou como decorrência direta da inovação tecnológica, ou da ação dos ambientes institucionais/profissionais que, em torno de tais processos, caracterizam o “campo dos media”.⁸⁷

O que é importante compreender, na proposta de Braga, é que os meios de comunicação em si não são responsáveis sozinhos pela midiatização da sociedade, pois, as sociedades historicamente foram atravessadas por lógicas midiatizantes, e no caso da religião cristã isso fica muito evidente desde o seu surgimento. Sendo uma religião de missão, o cristianismo precisou adequar-se a inúmeras estratégias de divulgação desde os seus primórdios. A oralidade foi uma delas, o que ocorria desde a Roma antiga, ainda no início da formação da Igreja.⁸⁸

⁸⁶ Construir uma visão funcionalista da mídia é partir do enfoque exclusivo das funções exercidas por ela na sociedade, e não os seus efeitos. Algo que possa fugir de uma análise simplista do papel dos veículos de comunicação seria pesquisar a ação social do indivíduo enquanto consumidor de valores, modelos e discursos que adquire sociamente. In: POLISTCHUK, Illana, **Teorias da Comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social**. 4ª Ed. Tradução de Luiz Rouanet. São Paulo: Loyola, 2001.

⁸⁷ BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52

⁸⁸ FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma**. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013, pp.128-129

A partir do momento que o cristianismo se torna a religião oficial do Império Romano em 395 d.C. com Teodósio, uma das formas mais eficazes de transmitir a mensagem religiosa em uma sociedade onde poucos sabiam ler era por meio das imagens, além da oralidade. Segundo Burke e Briggs⁸⁹, essa estratégia foi herdada dos próprios romanos, os quais, durante a Antiguidade, utilizavam as estátuas e grandes imagens para promover a grandeza de Roma e seus imperadores. No período medieval não foi diferente em relação aos santos e as ornamentações na Igreja Católica. A imagem, naquele contexto, serviu não somente como uma estratégia de comunicação, mas também como uma pedagogia religiosa para os fiéis. Como afirma Burke e Briggs, era uma “arte didática”, as pessoas aprendiam com elas tudo que necessitavam saber.⁹⁰

A religião acompanhou o aperfeiçoamento da comunicação, em especial com o surgimento da imprensa de Gutenberg e a tradução da Bíblia para os idiomas nacionais a partir das reformas. Nesse sentido, é importante compreendermos que não são as tecnologias ou os aperfeiçoamentos dos meios de comunicação os responsáveis pela midiatização da religião. Conforme a literatura apresentada problematiza, a midiatização é algo constante nas sociedades. Ao longo da história, religião e sociedade buscaram construir elos de comunicação, seja pela oralidade, pelas imagens, pelo texto, imagem e som, ou pela reprodução digital. Não é a mídia que vem antes e as religiões depois, ambas andam juntas no tempo e no espaço.

Problematizando melhor essa discussão, podemos partir para o exemplo de nossas fontes, ou seja, as lideranças religiosas evangélicas Sarah Sheeva e Stormie Omartian. Em suas atividades como escritora cristã nos Estados Unidos, Omartian dedica-se quase que exclusivamente à produção de literatura de aconselhamento. Esse canal de comunicação pode ser classificado como uma mídia tradicional, impressa, física, que em tempos de digitalização está perdendo espaço para plataformas digitais de leitura, mas, não é por isso que deixa de ser menos importante, ao contrário, um livro publicado traz status para o autor, divulga não somente a sua escrita, mas, a sua imagem.

Omartian embarca nesse viés, e como escritora renomada no meio cristão não deixa de estar presente nas mídias sociais e participar de programas televisivos

⁸⁹ BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia: de Gutenberg à internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p.18-19

⁹⁰ Ibidem.

ou cultos de televangelistas nos Estados Unidos. Omartian pode ser pensada como uma comunicadora cristã midiaticizada, mas com práticas ainda consideradas tradicionais se comparada com religiosas extremamente midiáticas como Sarah Sheeva. Não obstante, a pastora brasileira não nasceu midiaticizada e assiduamente presente nas mídias sociais, pois adentrou nas mídias sociais há pouco mais de 10 anos.

Muito embora Sarah Sheeva possua dois livros publicados, *Defraudação Emocional* e *Onde foi que eu errei*, a religiosa encontra-se muito mais presente nas mídias do que a escritora americana. Sheeva compartilha em suas mídias não somente os seus projetos ministeriais, cultos e shows de música gospel, mas, também, vídeos curtos com mensagens diretas sobre os temas que defende e também passagens da Bíblia com mensagens contextualizadas com temáticas contemporâneas, quase sempre envolvendo religião, sexualidade e comportamento.

Tanto a escritora quanto a pastora defendem o mesmo viés moral e sexual pautados em tecnologias de gênero, algo muito bem delimitado em seus discursos. As enunciações de ambas são personalizadas em forma de texto e imagem e tornam-se importantes na problematização do debate acerca da midiaticização defendido em nosso corpus teórico. Independente da época, tempo ou espaço, ambas converteram-se e passaram a disseminar seus valores através do que a sociedade de seu tempo manteve à disposição.

Omartian começou a escrever ainda nos anos 1970, logo após a sua conversão em 1976, e, desde então, o livro impresso se tornou a via primordial de sua comunicação. Mais recentemente, Omartian simplesmente adaptou as mensagens de seus livros aos seus perfis na internet. Contudo, como sua formação intelectual se fez essencialmente pelo texto, como ela mesma relata em sua autobiografia, essa característica comunicacional manteve-se fortemente em suas mensagens atuais, ou seja, a maior parte do conteúdo postado em suas mídias se faz por textos escritos.

Sarah Sheeva já viveu um processo diferente de Omartian, pois converteu-se somente no final dos anos 1990 e passou a desempenhar atividades pastorais nos anos 2000, mais especificamente em 2008 quando, após anos de estudo bíblico, se tornou pastora. Sheeva, quando se tornou liderança e passou a disseminar o seu discurso religioso, já o fez em uma sociedade onde a internet não era uma novidade. Trata-se de um contexto, tempo e espaço bastante diferentes para pensarmos as

características discursivas das duas religiosas. Para isso é importante analisarmos o processo de midiatização da religião dentro de um viés histórico, sem abrir mão da proposta teórica do conceito aqui colocado, onde a midiatização não é pensada como algo funcionalista, perspectiva que pressupõe que as inovações comunicacionais vêm antes e as instituições e indivíduos depois.

2.7.1 – Mídia e Religião ontem e hoje

Desde meados dos anos 2000, parte dos trabalhos acadêmicos nas ciências sociais e comunicação buscou analisar os usos das tecnologias por lideranças religiosas. Entre os principais, podemos destacar Stewart Hoover, Lynn Schofield Clark, Hillary Warren, Karina Kosicki Bellotti, Leonildo Campos, Magali do Nascimento Cunha, entre outros, os quais produziram excelentes pesquisas em busca da compreensão da dinâmica entre religião e mídia. Para Karina Bellotti, pregadores protestantes nos Estados Unidos disputaram os usos da mídia desde o início do século XX, e os primeiros meios de comunicação de massa que adentraram essa disputa foram o rádio e a TV.⁹¹ Esses, em meados do século XX, procuraram construir uma cultura conservadora para fazer frente ao progressismo, principalmente a partir da década de 1960, com a ascensão dos movimentos de contracultura.

O rádio ajudou significativamente a exposição de discursos religiosos conservadores em prol da moral e da preservação dos costumes após a I Guerra Mundial, e a TV nos anos 1950 e 60, em um momento no qual os EUA passava por profundas transformações advinda dos movimentos em prol dos direitos civis. O reforço dessas pautas religiosas reacionárias foi contemplado com a consolidação da TV como principal meio de comunicação. Todos esses processos simplesmente acompanharam a midiatização implementada na sociedade naquele momento, mas: que significados podemos dar à palavra midiatização?

A midiatização é um conceito pouco trabalhado no campo historiográfico, pois, foi mais explorado na comunicação e nas ciências sociais. Para compreendermos esse processo, é importante entender o que significa o conceito e como ele pode ser apreendido para a compreensão de um processo vigente na

⁹¹ BELLOTTI, Karina Kosicki. **“Delas é o reino dos céus”**: Mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950-2000). São Paulo: Fapesp, 2010, pp.39-51

sociedade ocidental desde o desenrolar da modernidade. Para isso, recorreremos à forma como o sociólogo dinamarquês Stig Hjarvard compreende a midiatização. Para Hjarvard, trata-se de:

[...] um conceito central de uma teoria sobre a importância intensificada e mutante da mídia dentro da cultura e da sociedade. Por midiatização da sociedade entendemos pelo qual a sociedade em um grau cada vez maior, está submetida ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica. Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral- acontece através dos meios de comunicação.⁹²

Nesse sentido, a midiatização pode ser analisada por meio de uma lógica que influencia a forma como a sociedade passa a se comunicar devido às mudanças constantes dos meios de comunicação e das mídias. É uma lógica que permeia as relações sociais, sendo que tanto emissores como receptores de conteúdos midiáticos são afetados nesse processo, contudo, segundo o autor, o grau de dependência dos meios de comunicação varia muito entre instituições e lugares na sociedade. Dentro desse processo, a religião não fica isenta, pois a mesma faz parte da sociedade e seus processos midiáticos. Segundo Hjarvard, na segunda metade do século XX, a mídia se tornou um importante, senão a principal fonte de informação e experiência sobre as questões religiosas.⁹³

Para o sociólogo, os meios de comunicação não somente difundem o discurso religioso, mas também modelam diferentes formas de enunciá-lo, principalmente por meio dos gêneros conectados a cultura popular, pois, com o avanço dos meios de comunicação ao longo das décadas, esses assumiram funções que outrora eram desempenhadas pelas igrejas e suas comunidades na forma exclusivamente presencial. Com a presença cada vez maior da mídia de massa a ritualização da crença passou por transições socioculturais, construindo novas possibilidades de relação entre o crente e suas celebridades religiosas.⁹⁴

Dentro de todo esse arcabouço, Stewart Hoover traz uma importante contribuição aos estudos de mídia e religião. Hoover identificou algumas

⁹² HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, v. 5, n. 2, Janeiro/Junho de 2012, pp. 53-91

⁹³ Ibidem.

⁹⁴ Ibidem.

circunstâncias importantes nas práticas religiosas contemporâneas, entre elas, os inúmeros fazeres religiosos que desde o final dos anos 1970 envolveram movimentos sociais e políticos. Nesse contexto, partidos baseados na religião cristã atraíram muita atenção do público, e, desde então, muitos utilizaram as mídias de massa para difundir as suas enunciações.⁹⁵ Hoover também destaca os usos da mídia pelas práticas religiosas como algo que influenciou a propagação do consumo de diversos produtos culturais:

A religião e a espiritualidade parecem cada vez mais óbvias na música popular, na televisão, no cinema e nos livros. Figuras da mídia tornaram-se publicamente identificadas com ideias religiosas e espirituais de vários tipos. A religião parece estar cada vez mais na ordem do dia na cultura pública, embora, muitas vezes é em variedades e formas que parecem desafiar os rótulos.⁹⁶ (Tradução minha)

Uma segunda preocupação de Hoover ao analisar as relações entre mídia e religião é buscar compreender e/ou conhecer as implicações rituais e práticas da mídia com a religião. Nesse sentido, é necessário para o pesquisador voltar-se a questões básicas, em especial sobre o modo como essas relações são construídas, expressadas e negociadas entre os indivíduos.

A resposta está nas várias habilidades utilizadas na construção das relações entre agentes religiosos e a mídia. Segundo Hoover, dentro desse processo, as pessoas tentam criar narrativas coerentes e significativas para si mesmas e ao mesmo tempo se veem como participantes em seus arredores sociais e culturais – por isso, a relação entre mídia e religião para Hoover coloca-se essencialmente pela via de narrativas que façam sentido para os agentes que as utilizam⁹⁷.

A relação entre religião e mídia no tempo presente também perpassa pelo consumo de imagens que possibilitam a identificação do sujeito com uma identidade religiosa, pois a difusão midiática da religião proporcionou o que Lynn Clark define como estilo de vida do sujeito religioso. Para isso, a autora utiliza-se, na introdução do livro *Identity, belonging, and religious lifestyle branding (fashion, bibles, bhangra,*

⁹⁵ HOOVER, Stewart. **Religion in the media age**. New Jersey: Routledge, 2006, p.18

⁹⁶ Religion and spirituality seem ever more obvious in popular music, television, film and books. Media figures have become publicly identified with religious and spiritual ideas of various kinds. Religion seems increasingly “on the agenda” in public culture, though it is often in varieties and forms that seem to defy the label (...). Ibidem, p.19

⁹⁷ Ibidem.

parties and muslim pop)⁹⁸, de debates acerca dos estudos da cultura religiosa no campo da sociologia, para depois propor como o marketing religioso auferido por instituições e lideranças afetam diretamente o indivíduo.⁹⁹

Nesse exercício, Clark vê diretamente como a religião e a mídia relacionam-se em estratégias de disseminação de conteúdos que se articulam às identidades religiosas. Dessa forma, cultura, identidade e consumo entrecruzam-se a partir da aproximação entre mídias e religiosidades.¹⁰⁰ O que de fato nos interessa nessa discussão é o mercado religioso voltado ao cristianismo evangélico, especificamente as suas nuances com a mídia. Dentro dessa premissa, Clark é enfática ao dizer que a sociologia da religião trouxe estudos muito importantes nas últimas décadas para compreendermos a forma como tem se dado as relações entre sujeitos religiosos e mídias, bem como as instituições religiosas têm se utilizado da mídia.

Talvez não seja surpreendente, então, que nos últimos anos os sociólogos da religião tenham se intrigado com o uso do mercado como metáfora de como as pessoas passam a entender a si mesmas e suas relações com a identificação religiosa. De "mercados espirituais" ao valor da religião como fonte de "capital espiritual", o mercado passou a ser visto como central para o funcionamento da religião, especialmente no contexto dos EUA. (Tradução minha)¹⁰¹

Clark enfatiza que, no mundo contemporâneo, o mercado torna-se mais especializado e passa a requerer produtos diferenciados, os quais promovem novas técnicas de marketing:

Harvey [David Harvey, *A condição da pós-modernidade*, 1990] relacionou esse aumento na velocidade de resposta do mercado ao aumento do pós-modernismo, na medida em que vimos um aumento na ênfase na diferença, moda no espetáculo e na imagem em nossos diversos mídia - todas elas destinadas a fornecer ao consumidor os meios para se expressar com uma distinção sempre crescente, mas sempre dentro do domínio dos bens de consumo. (Tradução minha)¹⁰²

⁹⁸ "Identidade, pertencimento e estilo de vida religioso (moda, bíblias, bhangra, festas e islamismo pop)",

⁹⁹ CLARK, Lynn. **Religion, Media and the Marketplace**. New Jersey: Rutgers, 2007, p.3

¹⁰⁰ Ibidem.

¹⁰¹ Perhaps is not surprising, then, that in recent years sociologists of religion have become intrigued with the use of the marketplace as metaphor for how people come to understand themselves and their relationships to religious identification. From "spiritual marketplaces" to religion's value as a source of "spiritual capital", the marketplace has come to be seen as central to how religion operates, especially in the U.S. context. Ibidem. p.6.

¹⁰² Harvey [David Harvey, *A condição da pós modernidade*, 1990] has related this increase in the speed of marketplace responsiveness to the rise of postmodernism, in that we have seen an increase in emphasis on difference, fashion on spectacle and on image in our various media - all of which are

O consumo, a busca por técnicas de marketing, bem como a imagem de satisfação e bem estar foram incorporadas a igrejas e lideranças religiosas dentro de um processo de usos das mídias. Trata-se de algo que vemos presente nos mecanismos de divulgação dos discursos religiosos, bem como de propaganda dos materiais comercializados por pastores, escritores e conselheiros cristãos. Nesse cenário, Sarah Sheeva e Stormie Omartian despontam como exemplos a serem analisados. O exemplo de Sarah Sheeva pode ser problematizado pelo viés dos usos das mídias, pois a pastora, muito embora tenha iniciado sua carreira de liderança religiosa somente em 2008, e entrado nas mídias sociais em 2009, suas primeiras mensagens e aconselhamentos vieram em seus livros impressos, *Defraudação Emocional* e *Onde foi que eu errei*.

2.7.2 – Mídias Sociais: os usos e a autoimagem de Sarah Sheeva e Stormie Omartian

Quando lançou seu primeiro livro em 2007, Sheeva buscava levar seus aconselhamentos através da mensagem impressa, ou seja, pelos livros, material que vendia em cada culto que participava como convidada. Nota-se com o passar do tempo, principalmente a partir do ano de 2009, que as formas de divulgação das mensagens migram, ou passam a ser elencadas essencialmente nas mídias digitais da pastora, ou seja, através de seu site, blog e mídias sociais (Facebook, Twitter e Instagram). Nesse espaço, Sarah divulga não somente sua mensagem, mas também passa a ter um contato direto com fiéis e seguidores.

Um movimento semelhante ocorre com Stormie Omartian nos Estados Unidos, muito embora a autora possua uma produção bibliográfica mais expressiva que a de Sarah Sheeva. Assim, o que se observa em Omartian é a digitalização de suas mensagens, mesmo que de forma mais tímida. A escritora americana utiliza suas mídias sociais, bem como seu site pessoal, de forma pontual, principalmente para divulgar livros, sendo que os aconselhamentos ficam para segundo plano. Sheeva, ao contrário, está diariamente presente nas redes e as alimenta com várias mensagens, conselhos e vídeos e onde responde a perguntas e dúvidas.

meant to provide the consumer with the means by which to express herself or himself with ever-increasing distinctiveness, yet always within the realm of consumer goods. Ibidem, p.11

Atualmente, as mensagens de seu livro *Defraudação Emocional* são disseminadas majoritariamente em suas mídias, pois trata-se de uma publicação constituída essencialmente de aconselhamentos religiosos sobre relacionamentos amorosos e afetivos entre homens e mulheres. Pela estratégia da religiosa, o conteúdo do livro transforma-se em pequenos *posts* nos quais as mensagens são compartilhadas. A religiosa também apropriou-se do conteúdo de seu livro na constituição de seus projetos pastorais, ao exemplo d'O *Culto das Princesas* e o *Congresso de Santificação* nível 1 e 2, que serão aprofundados no terceiro capítulo. O que é importante conhecermos por ora é que toda as enunciações da pastora, tanto em seus cultos quanto nas mensagens que alimentam suas mídias, advém em sua maioria do que havia escrito anteriormente, ou seja, de seus livros.

O livro é uma mídia tradicional, impressa e bastante antiga na tradição midiática evangélica, mas que ganhou uma novaroupagem ao ser amplamente incorporado nas plataformas digitais. Em Sarah Sheeva isso é bastante nítido, mesmo porque até os conteúdos dos cultos são provenientes dos livros, os quais, imediatamente após os eventos religiosos, são transformados em mensagens de impacto disponibilizadas no canal oficial da pastora no Youtube. Dessa forma, a pastora aderiu em definitivo às tecnologias digitais de divulgação, sendo que essa possibilidade não somente ampliou o alcance de seu discurso, mas, também se tornou um importante canal de trabalho e produção de conteúdos.

Sarah Sheeva é assídua nas mídias, pois semanalmente atualiza seu blog, grava vídeos de aconselhamentos para seu canal no YouTube, e posta inúmeras mensagens em seus perfis pessoais no Twitter, Facebook e Instagram. As mídias constituem o principal canal de comunicação com seus fiéis, e também é o lugar de divulgação de seus cultos, músicas e livros. É algo próximo das estratégias de divulgação de Stormie Omartian nos Estados Unidos.

**FIGURA 1: INSTAGRAM OFICIAL DE SARAH SHEEVA:
POSTAGEM DE DIVULGAÇÃO DE SEU LIVRO DEFRAUDAÇÃO EMOCIONAL**



Fonte: <instagram.com/sarahsheeva> Acesso em: 04/08/2015

Stormie Omartian, por sua vez, está mais preocupada em divulgar de fato suas publicações, lançamentos e mensagens bíblicas. Eventualmente, utiliza suas mídias para compartilhar aconselhamentos para mulheres cristãs, todavia, isso não é regra. Já Sarah digitaliza de uma forma muito ampla o seu conteúdo, em especial a partir do momento que seu foco volta-se aos aconselhamentos sexuais para mulheres de todos os seguimentos evangélicos. Um detalhe importante é que Sarah Sheeva não tem uma grande preocupação com a linguagem, bem como a elaboração de sua retórica, pois seu discurso é coloquial, ao contrário da escritora estadunidense.

A americana possui mensagens elaboradas, voltadas a conteúdos que, muito embora se constituam de conceitos morais no que concerne à sexualidade, mobilizam uma retórica mais rebuscada e linguagem formal. Sem a denotação de juízos de valor, ou mesmo de opiniões pessoais, Stormie tem um cuidado maior na elaboração do discurso principalmente quando os temas são voltados à sexualidade.

Com as novas estratégias presentes no mercado, lideranças como Stormie Omartian criaram possibilidades de divulgar seus discursos e atingir milhares de pessoas. Ao publicar os seus livros sobre aconselhamento feminino, família e sexualidade, a escritora abraçou as mídias e impulsionou suas publicações, mesmo que de forma mais tímida. Mensagens e trechos de seus livros, bem como vídeos com mensagens que propagam seus conteúdos bibliográficos.

Nas mídias sociais da escritora é possível identificar a forma como utiliza essa ferramenta para divulgar os conteúdos, sempre com uma postagem de bastante destaque que prende a atenção dos seguidores.

FIGURA 2: TWITTER DA ESCRITORA STORMIE OMARTIAN



Fonte: <twitter.com/StormieOmartian> Acesso em: 10/11/2015

Na mensagem de divulgação de seu livro *Out of Darkness* - “Fora das trevas” em português - a autora chama atenção com uma mensagem para os seus leitores e seguidores. “*Look at your weakness as a blessing because God can do something great through you!*” – “*Veja sua fraqueza como uma bênção porque Deus pode fazer algo grande através de você!*” Trata-se de uma mensagem de benção, paz, amor e otimismo – um chamariz singelo, mas, ao mesmo tempo vago. Ao citar: “veja sua fraqueza” – qual fraqueza, qualquer fraqueza que o sujeito tenha se adequaria.

Essa mensagem, que sempre deixa um espaço para o interlocutor completar com sua imaginação, é um recurso da autoajuda para instigar o leitor. A fraqueza pode ser, “a fraqueza em ganhar dinheiro”, “em se relacionar com as pessoas”, “em educar os filhos”, “em manter o casamento” ou “em lidar com as pressões da vida”. Essa mensagem de divulgação é uma estratégia no que concerne as demandas

peçoais de cada indivíduo, obviamente algo que possibilita um amplo marketing para o livro da escritora.

Um elemento presente de forma expressiva nas fotos pessoais compartilhadas por Omartian em suas mídias é a imagem de uma senhora elegante, muito bem vestida, maquiada e com o cabelo sempre bem pintado e penteado. Nota-se uma preocupação grande da religiosa com sua autoimagem, afinal qual é a imagem que uma escritora cristã de seu porte, com mais de 23 mil seguidores no Twitter, mais de 500 mil no Facebook e 34 mil seguidores no Instagram¹⁰³ quer passar? A impressão de bem estar, vitalidade saúde física e mental, algo que a autoajuda cristã explora demasiadamente.

FIGURA 3: NÚMERO DE SEGUIDORES DE STORMIE OMARTIAN NO TWITTER



Fonte: <twitter.com/StormieOmartian> Acesso em: 10/11/2015.

O que é importante destacar aqui é que a mensagem da escritora, bem como a mídia utilizada pela mesma, não teria efeito similar sem a imagem de alguém feliz, de bem com a vida, consequentemente uma representação vinculada ao seu sucesso pessoal. O mesmo processo relacionado à aparência e ao uso da imagem pessoal é utilizado por Sarah Sheeva em suas mídias e também na divulgação de seus cultos. No caso de Sheeva, a imagem de pureza, inocência, bem como o que

¹⁰³ Informações disponíveis em:

Facebook: <https://www.facebook.com/stormieomartianofficial/>

Twitter: <https://twitter.com/stormieomartian>

Instagram: <https://www.instagram.com/stormieomartian/?hl=pt-br>

Acessados em: 07-07-2019

denomina de “princesisse” é transmitido por meio de suas próprias vestimentas em estilo retrô.

Sarah na maioria de seus cultos e imagens divulgadas está vestida de princesa, com vestidos coloridos e penteados de época, algo que busca reforçar o estereótipo da “mulher virtuosa x a mulher promíscua” - o combustível de seu principal livro *Defraudação Emocional*.

FIGURA 4: SARAH SHEVA, VESTIDA DE PRINCESA PARA O CULTO HOMÔNIMO NO RIO DE JANEIRO



Fonte: <<https://sarahsheeva.wordpress.com/>> Acesso em: 2013.

Para compreendermos o sucesso da autoimagem disseminada pelas protagonistas dessa pesquisa precisamos entender os enlaces entre midiatização e religião. É preciso ter em mente que essas relações não consistem na mera transmissão religiosa via mídia, mas uma adaptação que ao longo do tempo se construiu entre as mensagens e a atuação religiosa. Podemos compreender esse processo a partir da realidade da midiatização da própria sociedade – a ponto de discursos como de Stormie e Sheeva ganharem vida própria sem estar a serviço de nenhum agente religioso institucional.

O que se observa nas fontes elencadas são os meios de propagação e divulgação do discurso religioso no início do século XXI. Nota-se que as mídias

convencionais vêm perdendo cada vez mais espaço para as digitais, todavia mesmo com a digitalização da informação, os mais diferentes tipos de mídia até o momento têm convivido bem, mesmo porque nenhum líder religioso dispensa publicar um livro ou aparecer na TV.¹⁰⁴ Além disso, inegavelmente, o mercado editorial evangélico é bastante receptivo com o estilo de literatura produzida por Sarah e Stormie, o que ficará mais evidente na explanação sobre autoajuda cristã.

2.8 - AUTOAJUDA CRISTÃ: SEXUALIDADE E ACONSELHAMENTOS

Metodologicamente, esse trabalho está ligado à história do tempo presente, por analisar o discurso de duas representantes atuais do corpus religioso evangélico. Mas, a mensagem imputada por ambas é fruto de uma tradição religiosa adaptada à contemporaneidade. Dessa forma, ao partirmos das perspectivas do tempo presente para a longa duração histórica, novas necessidades se colocam para compreendermos as estratégias de nossas fontes ao construírem seus discursos normatizadores sobre sexualidade e relações de gênero.

O discurso normatizador de Sarah Sheeva e Stormie Omartian se faz essencialmente por aconselhamentos, os quais estão presentes principalmente em seus livros e em suas mídias sociais. Esses aconselhamentos constituem-se dentro de um universo simbólico cristão, no qual as tecnologias de gênero se cristalizam numa tradição histórica. Nesse *corpus* discursivo, homens e mulheres possuem papéis muito bem delimitados na divisão social de gênero, e por meio dos escritos, tanto Omartian quanto Sheeva, legitimam e ampliam esse viés.

Ambas buscam construir, por meio das relações de gênero, uma norma na qual a família coloca-se como o pilar de sustentação da sociedade. Contudo, através de uma narrativa bastante adaptada ao mundo contemporâneo e midiático, Sheeva e Omartian constituem um verdadeiro processo de autoajuda cristã, que se cristaliza principalmente em seus livros. Esses materiais servem de base para alimentar a retórica de ambas em cultos, entrevistas e na interatividade de suas mídias.

A começar por Stormie Omartian, suas publicações são bastante expressivas, pois a escritora possui mais de 30 livros, sendo que a maioria encontra-se traduzida

¹⁰⁴ BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 7ªed. São Paulo, Perspectiva, 2011, p.99-154

para o português e muitos são considerados *best sellers*. Entre os livros de Omartian em português encontram-se¹⁰⁵:

30 Dias Para Tornar-se Uma Mulher de Oração (2018)
Bom Dia! (2016)
Dez Minutos de Oração Para Transformar Sua Vida (2013)
Escolha O Amor (2012)
Eu Sempre Falo Com Deus Sobre O Que Sinto (2012)
Guerreiras de Oração (2011)
Guia-me Espírito Santo (2011)
Minutos de Oração para a Mulher de Fé (2010)
O Que Jesus Disse (2009)
O Milagre do Natal (2008)
O Poder da Criança que Ora (2006)
O Poder da Esposa que Ora (2002)
O Poder da Fé em Tempos Difíceis (2001)
O Poder de Orar Pelos Filhos Adultos (2001)
O Poder do Marido que Ora (2002)
O Poder da Mulher que Ora (2000)
O Poder da Oração no Casamento (2000)
O Poder dos avós que oram (2005)
Uma história de perdão e cura (2007)
O Poder da mãe que ora (2007)

Como mencionado previamente, no próximo capítulo serão analisados os livros: *Uma história de perdão e cura*, *O poder da esposa que ora*, *O poder da mulher que ora*, *O poder da mãe que ora*, *O poder dos pais que oram*, *O poder do marido que ora* e *30 dias para se tornar uma mulher de oração*. Nesse movimento da análise, queremos demonstrar a forma como Omartian constrói sua estratégia discursiva por intermédio da literatura de autoajuda.

A autoajuda cristã também está presente nos livros de Sarah Sheeva, contudo, a pastora brasileira possui um número inferior de publicações se comparada à escritora estadunidense. Os livros de Sarah Sheeva são:

Defraudação Emocional (2007);
Onde foi que eu errei (2008).

¹⁰⁵ A lista e as datas condizem somente com os livros publicados no Brasil. Informações disponíveis no site da Editora Mundo Cristão:
https://www.cemporcentocristao.com.br/mundo-cristao?gclid=CjwKCAjw36DpBRAYEiwAmVVDMJX3O7NoCWHdm8veggPRLbszUmkFhLI7NUmD67mXZ59YGbU24aoelhoCD2sQAvD_BwE acessado em 12/07/2019

No terceiro capítulo, a ênfase incide sobre o livro *Defraudação Emocional*, que elenca de forma ampla todo o projeto pastoral de Sheeva no que concerne a aconselhamentos, normatização sexual e divisão de gênero dentro dos papéis femininos e masculinos. Também será trabalhado o livro lançado em 2008, denominado *Onde foi que eu errei*, no qual a pastora articula a sua proposta para a maternidade e o cuidado para com os filhos. Nesse livro a pastora apresenta sua experiência pessoal, pois se tornou mãe ainda muito jovem e sem o apoio do pai da criança.

Nesse tópico, é interessante buscarmos compreender como o aconselhamento cristão, ou mais especificamente o gênero literário denominado autoajuda ganhou corpo no âmbito evangélico, conquistando uma gama de leitores fiéis que muitas vezes transformam lideranças evangélicas em verdadeiras celebridades do mundo gospel. O gênero autoajuda não é uma exclusividade de lideranças e personalidades evangélicas, pois, padres católicos também o exploraram.

No mercado editorial, a literatura de autoajuda ou aconselhamento é um gênero bibliográfico bastante popular, explorado demasiadamente pelas editoras, e em geral seus títulos são grandes sucessos de venda. Trata-se de um estilo de escrita que explora sentimentos do ser humano, tais como o medo, a angústia, a insegurança, as vontades, o bem-estar. Algo importante a ser referido nesta abordagem são as diferenças entre aconselhamento e autoajuda.

Segundo Schneider Harpprecht¹⁰⁶, aconselhamento é a prática de ajuda a pessoas com problemas de saúde, problemas psíquicos, sociais e religiosos. O aconselhamento, por meio de um período de curto, médio ou longo prazo, muitas vezes é utilizado por profissionais ou grupos qualificados como terapia para ajudar pessoas em estado de crise psíquica e emocional. Contudo, ao longo dos anos, muitos religiosos tem se utilizado dessa técnica de forma estratégica para conquistar fiéis e simpatizantes. O aconselhamento está disponível para qualquer indivíduo que esteja disposto a ouvi-lo quando necessita. De forma específica, há o aconselhamento cristão, o qual, segundo Wadislau Gomes, faz parte do aspecto pastoral das igrejas cristãs há muito tempo. Segundo o autor, o aconselhamento:

¹⁰⁶ HARPPRECHT, Christoph Schneider. The transformations in the area of pastoral counseling until today. **Revista Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 56, n. 2, pp. 306-320, jul./dez. 2016.

não deveria ser considerado como uma especialidade separada do aspecto pastoral e da comunhão cristã na igreja. Para o pastor, as habilidades para o aconselhamento são tanto parte do preparo e da entrega de sermões quanto da prontidão para responder aos seus ouvintes após a mensagem. É preciso que o pastor seja hábil interprete da palavra e de pessoas, se ele quiser ser efetivo no ministério¹⁰⁷.

Muitos pastores e religiosos, tais como Richard Baxter¹⁰⁸, buscaram conceituar a literatura de aconselhamento dentro de uma perspectiva cristã, como o dever pastoral de uma liderança evangélica.

Em razão do povo desconhecer o ofício do ministério, e seu próprio dever e necessidade a esse respeito, é nossa responsabilidade instruir e publicamente convidar as pessoas para nos procurar para aconselhamento sobre as grandes questões da alma. Devemos não apenas dispor-nos a ouvir seus problemas, mas, também, a compartilhar seu peso.¹⁰⁹

Dessa maneira, compreende-se que a diretriz de aconselhamento cristão se coloca como parte da função pastoral, algo explorado tanto em Gomes quanto em Baxter. Para os referidos autores, o aconselhamento deve ser visto como uma habilidade que deve ajudar e levar o conhecimento para os seres humanos que dele necessitam.

Gomes e Baxter, sendo teólogos, defendem o aconselhamento como uma prática cultural em sintonia à pregação bíblica para conduzir aqueles que procuram ordenamento para suas vidas por meio das sagradas escrituras. Sendo assim, nessa pesquisa, buscamos angariar livros de autores evangélicos pentecostais que fazem uso do aconselhamento, tais como Sarah Sheeva e Stormie Omartian. Ambas, por meio de seus relatos de conversão, tornaram-se escritoras e lideranças de significativo sucesso, algo que souberam explorar demasiadamente em suas mídias.

¹⁰⁷ GOMES, Wadislau Martins. Pregação e aconselhamento: uma aproximação multiperspectiva: **Revista Fides Reformata**, v. 12, n. 1, 2007, pp. 73-99

¹⁰⁸ BAXTER, R. **Manual Pastoral de Discipulado**. Traduzido por Elisabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p.75

¹⁰⁹ Ibidem.

2.8.1 - Definição de Autoajuda

Buscar uma definição para o termo é uma tarefa desafiadora, pois o gênero autoajuda vem carregado de concepções subjetivas. Para Claiton Vicente Souza, autoajuda é uma forma discursiva, tanto escrita como falada, com predominância do uso do vocativo, na qual determinado autor prescreve crenças e práticas de seu leitor.¹¹⁰ Souza ainda defende que a referida literatura é sustentada pela premissa de uma nova crença e um novo pensamento que busca ter acesso as subjetividades individuais. Essa técnica tem a finalidade de mudar ou agregar comportamentos, sempre em uma tentativa de programar a mente para uma nova possibilidade na vida dos sujeitos.¹¹¹ Não obstante, a experiência pessoal do autor que escreve esses textos tem um peso muito grande na sustentação dos discursos elencados e na produção de sentidos para um possível público receptor.

Muito embora os estudos sobre literatura de autoajuda tenham aumentado no Brasil nos últimos anos, os estudos desse gênero literário ainda são muito modestos se comparados ao que já foi publicado nos Estados Unidos. Na América do Norte, entre inúmeros autores, é interessante destacar Roy Anker, um dos principais nomes desses estudos. Para Anker a literatura de autoajuda está diretamente conectada às formas de difusão religiosa. O autor a vê como algo que se concretizou nos Estados Unidos juntamente com a expansão das religiões protestantes,¹¹² constituindo uma relação fundamental para compreender a história da cultura naquele país.

Em sua concepção, trata-se de um estilo literário que se volta aos inúmeros desafios culturais que as religiões protestantes encontram nos EUA ao longo do século XIX e XX, principalmente a secularização e individualização dessa sociedade que cresceu abruptamente com a modernização da nação.¹¹³ Claiton Souza, ao analisar o trabalho de Anker, afirma que nem toda a literatura de autoajuda nasceu da religião. Contudo, na premissa da pesquisa de Anker, a interlocução cultural entre religiosidade e literatura de autoajuda recebe destaque e, para o autor, “religião

¹¹⁰ SOUZA, Claiton Vicente Veiga de. **O Poder da Mente: Religião, bem estar e felicidade na produção literária e midiática de autoajuda de padre Lauro Trevisan (1980-2013)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2017, p.48

¹¹¹ Ibidem.

¹¹² ANKER, Roy. **Self-Help and Popular Religion in Modern American Culture: An Interpretive Guide**. Westport: Greenwood Press, 1999.

¹¹³ SOUZA, op. cit.

popular e autoajuda identificam-se nas publicações de Benjamin Franklin (1706-1790), ou seja, já no século XVIII e também nos valores puritanos, uma relação que pode ser vista como os primórdios da autoajuda.”¹¹⁴

Já no século XIX, segundo Anker, a autoajuda esteve diretamente ligada aos valores do transcendentalismo¹¹⁵ e todos os movimentos, práticas e crenças correlatas a essa filosofia e ao avivamento protestante. Esse reavivamento foi um movimento religioso protestante ocorrido nos EUA entre os anos 1790 e 1840, e surgiu como rejeição ao racionalismo do Iluminismo, com foco aos sentimentos e emoções na conversão, e tendo como influências as obras e trabalhos de evangelização de Timothy Dwight e Charles Grandison Finney, com a criação de universidades protestantes e movimentos de evangelização. Segundo Souza, esse processo contribuiu para o despertar de novos padrões de experiências religiosas, o que abriu caminho para que a autoajuda se tornasse uma ferramenta importante na difusão de crenças e valores tanto religiosos como seculares nos Estados Unidos.¹¹⁶

Na prática, todo esse processo converteu-se, ao longo do século XX, em uma ampla produção literária, impulsionada pela indústria cultural, pelo mercado e público consumidor de literaturas que elencassem discursos acerca do bem-estar e paz interior, bem como a superação de problemas e angústias do cotidiano. Nos Estados Unidos, o mercado de autoajuda e aconselhamento bate recordes de vendas, e possui uma saída garantida no que se refere a títulos cristãos¹¹⁷. O grande exemplo é a própria escritora Stormie Omartian, pois quando seu livro *O poder da esposa que ora* foi lançado no ano de 2002, ficou 27 meses na lista dos livros mais vendidos,

¹¹⁴ ANKER, op. cit.

¹¹⁵ **Transcendentalismo** é um movimento filosófico e poético desenvolvido na América do Norte nas primeiras décadas do século XIX. Parte da afirmação do transcendental kantiano como única realidade, ao mesmo tempo que expressa uma reação ao racionalismo e uma exaltação ao indivíduo nas relações com a natureza e a sociedade. Na literatura, religião, cultura e filosofia, prega a existência de um estado espiritual ideal que "transcende" o físico e o empírico, defendendo a percepção por meio de uma sábia consciência intuitiva. O conceito surgiu na Nova Inglaterra, na metade do século XIX, sendo às vezes chamado de "transcendentalismo estadunidense" para distingui-lo de outros usos da palavra. Começou como um protesto contra o estado em que a cultura e a sociedade se encontravam na época - em particular, ao intelectualismo de Harvard e à doutrina da Igreja Unitária ensinada na *Harvard Divinity School*. Mais informações em: <<https://www.thoughtco.com/what-is-transcendentalism-3530593>>. Acesso em: 14/07/2019

¹¹⁶ SOUZA, op. cit.

¹¹⁷ CASTRO. Talita Pereira de. **Sobre curso da vida e autoajuda: contrastes entre a literatura de autoajuda brasileira, norte americana e portuguesa.** Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP, 2016.

algo extremamente exitoso quando pensamos em um livro de aconselhamentos cristãos para mulheres.¹¹⁸

Entre outros autores do gênero autoajuda nos EUA, podemos citar Sheila Walsh. Muito embora não seja tão conhecida no Brasil, a escritora possui uma significativa quantidade de livros de autoajuda cristãos publicados especialmente para o público feminino. Walsh, além de escritora, é apresentadora de TV nos EUA, palestrante e cantora gospel, também é fundadora e membro ativo do *Women of Faith*, uma organização estadunidense voltada para o desenvolvimento pessoal e espiritual de mulheres.¹¹⁹ Os livros de Walsh voltam-se principalmente ao bem-estar feminino, bem como a liderança feminina dentro dos papéis tradicionais do cristianismo, ou seja, maternidade, casamento e cuidados com o lar. Entre as suas obras publicadas no Brasil estão¹²⁰:

A Bíblia da Princesinha
As aventuras da princesinha
Adorando a Deus com a sua vida
Levante-se e ore
Minha alma anseia por Deus
Meninas corajosas mais que perfeitas
Respostas de Deus para dias difíceis.

Parte do discurso de Walsh volta-se a questões de gênero, em um movimento próximo da tonalidade da escrita de Stormie Omartian. No quarto capítulo, abordaremos de forma mais enfática o conteúdo do livro *A Bíblia da Princesinha*, no qual a autora aponta o modelo “ideal” de mulher cristã, o qual, em sua perspectiva, é construído desde a infância.¹²¹ No Brasil, inúmeros títulos da autoajuda e aconselhamento cristão tornaram-se sucesso editorial, sendo a maioria composta por traduções de autores estadunidenses. Stormie Omartian, por exemplo, possui quase que a totalidade de seus livros traduzidos para o português. Mas, no mercado editorial brasileiro, também temos muitas publicações de religiosos locais, e entre as lideranças cristãs podemos mencionar, além de Sarah Sheeva, pastores como Silas Malafaia, sua esposa Elizete Malafaia, e celebridades gospel, ao exemplo da

¹¹⁸ Informações disponíveis em: <https://www.stormieomartian.com/> Acesso em 01/08/2019.

¹¹⁹ Informações disponíveis em: <http://www.sheilawalsh.com/> Acesso em 15/07/2019.

¹²⁰ Informações disponíveis em: <http://www.thomasnelson.com.br/autor/sheila-walsh/> Acesso em 15/07/2019.

¹²¹ WALSH, Sheila. **A bíblia da princesinha**. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2012.

cantora e escritora Bianca Toledo, o jovem pastor Galdino Júnior, a psicóloga cristã Marisa Lobo, a ex-garota de programa, convertida a Igreja Universal do Reino de Deus, Andressa Urach, o pastor e palestrante Cláudio Duarte entre outros¹²².

Para Francisco Rudiger, os autores que escrevem autoajuda partem de concepções em que os seres humanos devem ser vistos como indivíduos que possuem poderes superiores, os quais podem ser empregados de maneira cotidiana. Ou seja, esses autores partem do princípio de que, dentro do inconsciente de cada um, existe uma possibilidade de resolver os problemas da vida, a depender da força e a determinação individual.

Os problemas que enfrentamos na vida se originam dentro de nós, são provocados por desequilíbrios espirituais, que todavia, podem ser resolvidos através dos recursos aos exercícios de mentalização e o desenvolvimento da personalidade. A literatura de autoajuda caracteriza-se pelo discurso prescritivo, tendo como principal objetivo propor regras de conduta e fornecer conselhos.¹²³

Dessa forma, os livros que compõem os acervos de autoajuda convertem-se em manuais que são empregados ao leitor, constituindo-se de textos muitas vezes técnicos, mas, acima de tudo para consumo e aplicação prática por parte do leitor:

O consumo destes manuais constitui, portanto, uma prática que, intencionalmente, deve transcender a simples leitura: supostamente, prolonga-se em técnica de ação sobre si próprio e sobre os outros no contexto de nossa cultura. Por outro lado, fariamos mal, sendo assim, em entender com isso que as práticas estruturadas textualmente por essa

¹²² Os livros mais famosos de Sarah Sheeva são: **Defraudação Emocional**, publicado pela primeira vez em 2007 pela editora Milagres, também o livro **Onde Foi que eu errei** publicado pela primeira vez pela editora Naós em 2008. Elizete Malafaia possui muitos livros publicados, entre eles: **A Bíblia da Mulher Vitoriosa**, publicado pela editora Central Gospel em 2010, também **Devocional da Mulher Vitoriosa** publicado em 2007 pela editora Central Gospel, **Vivendo com Ousadia**, publicado pela editora Central Gospel em 2012. A cantora e escritora gospel Bianca Toledo ficou muito conhecida por seu best seller sobre a sua experiência pessoal com a maternidade intitulado: **A História de um Milagre** publicado em 2014 pela editora Reino. Galdino Júnior é um jovem pastor que vem conquistando multidões Brasil afora com suas pregações, recentemente lançou o livro **O poder do Sacrifício** pela editora ADSA Editorial, o lançamento deste livro veio acompanhado de uma ampla divulgação na Expo Cristã 2018 em São Paulo. A psicóloga cristã Marisa Lobo, além de ser muito influente nas mídias digitais é uma escritora cristã de relativo sucesso e tem empenhado suas publicações contra o que a mesma define de *ideologia de gênero*, entre os seus livros estão: **Famílias em Perigo** publicado pela editora Central Gospel, também: “Ideologia de **Gênero na educação**”, publicado pela mesma editora. Andressa Urach é uma ex- garota de programa convertida a Igreja Universal, em 2015 ficou muito famosa com o lançamento de sua biografia intitulada: **Morri para viver**, lançado pela editora Planeta. O pastor Cláudio Duarte é famoso por suas palestras que atraem multidões pelo Brasil, entre seus inúmeros livros lançados encontra-se o best seller: **Sexualidade sem censura** lançado pela editora Central Gospel.

¹²³ RUDIGER, Francisco. **Literatura de autoajuda e individualismo**: contribuição ao estudo da subjetividade na cultura de massa contemporânea. Porto Alegre. Editora Gattopardo, 2010, p.24

literatura sejam simples fantasia, produtos da imaginação, na medida em que o gênero não sobreviveu à sua origem por simples imposição da indústria da cultura.¹²⁴

Podemos compreender esse fenômeno também como algo que constitui uma resposta aos anseios individuais, a problemas concretos existentes em vários segmentos da sociedade. Os consumidores da literatura de autoajuda lutam cotidianamente por uma vida contemplada de bem-estar, consumo, e prazeres, mas, sem perderem o rumo sobre o “inquestionável” caminho de verdades referentes a seus valores morais e espirituais. Dessa forma, em muitas pessoas, a religião está presente e busca orientar esse sujeito com valores inquestionáveis.

Um elemento importante a ser destacado no que se refere aos livros de autoajuda, é que não são escritos necessariamente para o tipo de público muitas vezes almejado pelos autores: ou seja, o público real dessas literaturas é formado por pessoas comuns, as quais acreditam previamente que, ao lerem os textos, seus problemas estarão resolvidos pela simples aplicação das sequências presentes nos manuais, o que na realidade prática não acaba ocorrendo¹²⁵.

Segundo Rudiger, a literatura de autoajuda deve ser vista não de uma forma utópica, mas, sim como uma expressão consciente por parte do leitor, também dessincronizada de uma realidade imediata, mesmo que em curto prazo. Rudiger afirma que se, por um lado, a literatura de autoajuda representa uma articulação textual, mais ou menos válida, de um conjunto de práticas e crenças surgidas de maneira mais ou menos espontânea através do processo histórico de nossa sociedade,

por outro lado a transmissão e conservação da mesma por parte do leitor pressupõe a reprodução e difusão de seu conteúdo, coletiva e racionalmente, bem como de seus fundamentos práticos, critérios de legitimação e regimes de verdade.¹²⁶

Tratam-se de “regimes de verdade”¹²⁷ que estão presentes no imaginário do leitor, de modo que a própria formulação do pensamento positivo para que o sucesso ocorra, tal qual expresso nesses livros, faz com que esse estilo de literatura

¹²⁴Ibidem, p.25

¹²⁵ Ibidem, p.26

¹²⁶ Ibidem, p.26

¹²⁷ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006, p.31

ganhe prospecção e adeptos, pois, no tempo presente, vivemos em uma sociedade que busca resultados rápidos e muitas vezes retornos imediatos. Por essa via, não é difícil compreender o sucesso desse estilo de literatura e também o alcance de seus escritores.

Para compreendermos o conceito de “regimes de verdade”, é interessante resgatarmos a aula inaugural do filósofo Michel Foucault em 1970, intitulada *A Ordem do Discurso*. Nesse texto, é possível identificar o que ficou compreendido conceitualmente como “regimes de verdade”. Dentro dessa perspectiva depreende-se que a verdade segue um conjunto ordenado de proposições, instituições e disciplinas, anunciando sistemas internos e externos de limitação de palavras ditas. Assim, o discurso pode ser visto como aquele que organiza e domina as palavras. Ele também é responsável pela coerção, controle, aparecimento e difusão dos discursos. Em suma, os regimes de verdade controlam os discursos, interditam-nos ou os colocam de forma que se acredita ser o coerente, sendo que a maior parte desses regimes estão presentes nas instituições e nos indivíduos.

Partindo desse pressuposto, compreende-se o universo discursivo de Sarah Sheeva e Stormie Omartian e o uso que fazem do viés literário da autoajuda cristã para propagarem os seus aconselhamentos e estilos normativos de vida, disseminados em suas escritas na produção de tecnologias de gênero. Suas literaturas ajudam a consolidar, a partir de uma tradição histórica cristã, uma premissa sobre a sexualidade estruturada na divisão social das relações de gênero.

As relações que historicamente envolveram o corpo e a sexualidade na cultura religiosa foram tratadas com muita desconfiança, e ao longo dos séculos estiveram sob suspeita das autoridades eclesiásticas.¹²⁸ Nesse sentido, o fechamento do corpo ao prazer fora do casamento tornou-se um dos elementos principais da autoajuda de Omartian e Sheeva, sendo indissociável dos aconselhamentos das religiosas. Dessa forma, esse elemento consolida-se como parte da retórica de ambas, algo diretamente conectado às suas autoimagens pessoais, bem como suas trajetórias biográficas e motivações que as levaram à conversão.

¹²⁸ VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992, pp.20-34

Todo o processo de cura, superação, contemplação e bem estar são traduzidos em seus textos, e, por isso, a literatura de autoajuda produzida pelas protagonistas dessa pesquisa vai ao encontro da caracterização que Rudiger empreende sobre esse estilo literário, quando analisa as premissas exploradas pelos autores do segmento. Entretanto, segundo o autor, é importante estarmos cientes de que, na prática, a autoajuda não é a resolução para todos os males humanos, os discursos de seus porta-vozes não devem ser colocados como verdades absolutas, mesmo porque uma coisa são as experiências pessoais de quem escreve, a outra é a realidade imediata e a subjetividade de quem lê, enfim, as experiências de ambos diferem-se.¹²⁹

Segundo Rudiger, durante muito tempo a literatura de autoajuda foi estudada de forma ímpar, sendo analisada como o puro reflexo do espírito do capitalismo, responsável pelas articulações subjetivas de um sujeito em busca de referências no mundo, e também da consolidação de sua personalidade como indivíduo.¹³⁰ Essa discussão sobre autoajuda é uma perspectiva válida, porém limitadora, pois não dá visibilidade ao gênero como uma leitura prosaica e popular que se conecta ao sujeito. Afinal, a autoajuda impulsiona um imenso individualismo, o que leva as pessoas comuns a confrontarem-se com seus principais conflitos, medos e inseguranças, mesmo que com as mediações de outros indivíduos.

Em nossa cultura, constantemente necessitamos de mediações, pois, muito embora o individualismo tenha se tornado a norma na sociedade moderna, dificilmente como prática atingiu a grande maioria social:

A satisfação do interesse individual que domina nossa cultura não se sustenta só na vontade: coloca desafios e requer faculdades que os homens não possuem naturalmente. A conversão metafísica do indivíduo moderno noutros termos é para camadas expressivas da sociedade um processo complexo e custoso carregado de contradições, dúvidas e incertezas;¹³¹

Dentro da perspectiva do autor, a literatura de autoajuda serve como uma mediação entre sujeito e sociedade, e pode proporcionar algo envolvente devido à busca de resoluções e problemas mais profundos do sujeito perdido no individualismo moderno. Rudiger vê os leitores de autoajuda como pessoas de todas

¹²⁹ RUDIGER, op. cit., p.31.

¹³⁰ Ibidem, p.31

¹³¹ Ibidem, p.31

as classes, oriundos em especial das massas urbanas despreparadas para enfrentar o mundo. Essas pessoas tendem a recorrer a soluções amplas para a solução de seus problemas e necessidades.¹³²

Essa dificuldade de lidar consigo explica boa parte do sucesso de público e venda das literaturas de autoajuda. Como exemplo, serão abordadas as fontes da presente pesquisa, compostas de literaturas de aconselhamento pastoral e autoajuda, pois as protagonistas desses textos, em grande escala, trazem suas experiências pessoais de superação como exemplos para uma vida contemplada pelo sucesso, realizações e bem estar. Nos textos de nossas protagonistas, a normatização de gênero coloca-se como uma norma inquestionável, algo que ficará claro nos capítulos a seguir.

No segundo capítulo analisaremos de forma ampla a trajetória da escritora cristã estadunidense Stormie Omartian. Desde sua juventude nos anos 1960 buscamos destacar sua carreira profissional como atriz e cantora, posteriormente suas crises e tentativas de suicídio nos anos 1970, seguido de sua conversão à Igreja do Evangelho Quadrangular. A partir de então será explorada a sua carreira de escritora até a atualidade, o seu sucesso com o segmento de autoajuda cristã, bem como o viés de liderança religiosa ao lado do marido Michael Omartian com o qual é casada há mais de 40 anos. Algo que não será deixado de lado é o apelo da literatura de Omartian junto ao público feminino, e a sua presença nas mídias sociais.

¹³² Ibidem, p. 32

3. O PODER DA ESCRITORA QUE ORA: STORMIE OMARTIAN E SUAS PRÁTICAS DISCURSIVAS

No primeiro capítulo, discutimos a influência da tradição no cristianismo e as tecnologias de gênero construídas na longa duração. Essa tradição se faz presente na atualidade com uma roupagem estruturada em novas estratégias de divulgação por parte das lideranças evangélicas. Também destacamos que as estratégias das religiões no tempo presente são inúmeras, e as mídias digitais têm se colocado como uma das principais formas por meio das quais igrejas e segmentos religiosos mantêm seu lugar de fala em uma sociedade onde a religião não mais possui a hegemonia de antes. As lideranças analisadas encontram historicamente a base de sustentação de seus discursos acerca das relações de gênero e sexualidade na moral e na tradição, de modo que o casamento e a família são considerados como os principais canais da propagação desse sistema moral.

A busca dessa premissa normativa é analisada nas práticas discursivas da escritora cristã Stormie Omartian. Essa personagem, por meio de seu discurso, traçou práticas e representações do comportamento feminino, da família e da sexualidade para os grupos evangélicos em sua obra. Nesse movimento, os textos presentes em inúmeros livros da autora, assim como suas postagens em mídias sociais entre os anos de 2000 e 2017, são os objetos centrais de um exercício de pesquisa. Por ora, apresentamos a escritora cristã americana, sua biografia, seu processo de conversão, a construção de sua retórica discursiva, bem como as temáticas abordadas pela religiosa em seus livros de autoajuda e aconselhamento. Também analisamos as mídias da escritora e como essas são utilizadas para divulgar mensagens.

O discurso de Omartian encontra-se estruturado em sua experiência intelectual/religiosa de profunda leitura das Sagradas Escrituras, método pelo qual seu processo de conversão ocorreu. Dessa maneira, percebe-se que Stormie é fortemente vinculada à tradição cristã de sexualidade e relações de gênero. Muitos de seus aconselhamentos remetem-nos à tradição ascética e estoica do início da era cristã, bem como aos escritos de um dos principais teólogos do cristianismo, Santo Agostinho.

Em uma das principais obras de Agostinho, *Confissões*, a sexualidade foi apresentada como algo pregresso quanto aos seus excessos. Dessa forma o filósofo

cristão apresenta sua própria trajetória na juventude como algo que deveria ser evitado. Agostinho esteve entregue aos prazeres da carne, pois durante esse tempo obteve satisfação sexual com muitas mulheres. Todo esse processo mudou profundamente após a sua conversão e Agostinho passou a condenar seu passado em prol de uma vida casta, voltada à oração e a satisfação intelectual.¹³³

Segundo Peter Brown, quando era Bispo de Hipona, no ano de 405, já convertido e estabelecido como autoridade eclesiástica, passou a defender posturas bastante austeras em relação às permissividades morais. Nesse momento, reforçou a autoridade institucional familiar e religiosa:

[...] por volta de 405, Agostinho admitiu que o Estado Romano poderia fazer valer a sua força e de suas leis para reunir as congregações donatistas à Igreja sob a ameaça de punição. Ao fazê-lo Agostinho defendeu a visão de que as estruturas de autoridade que davam coesão à sociedade leiga poderiam ser convocadas para dar apoio à religião. Imperadores deveriam comandar seus súditos, senhores de terra seus lavradores, e os chefes de família suas mulheres e filhos a fim de trazê-los de volta para a unidade da Igreja.¹³⁴

A questão da autoridade é bastante visível em Agostinho na fase final de sua vida. A partir de seus escritos, denota-se que a família recebe destaque nesse processo, mais especificamente a autoridade masculina sobre a mulher e os filhos. Era o início da consolidação de uma tradição no cristianismo, que por séculos contribuiria com a construção de relações sólidas no que tange a moral e costumes. Uma curiosidade importante na biografia de Santo Agostinho é que sua conversão foi muito influenciada por sua mãe, Santa Mônica, algo que a Igreja Católica institucionalizada soube utilizar para reforçar o papel da mulher no “árduo” trabalho de desviar a família dos males e tentações do mundo. Essa característica do papel feminino na família até hoje é comumente explorada e reiterada nos manuais de aconselhamento e nos discursos de lideranças religiosas. Tal “papel feminino” é reforçado nos livros em que Stormie Omartian discute a relação entre pais e filhos, bem como a função das mães em relação à educação e formação dos rebentos, desviando-os das tentações do mundo.

¹³³ PESSANHA, José Américo Motta. Vida e Obra de Santo Agostinho. In: SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira dos Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo : Editora Nova Cultural, 2004, pp. 5-30

¹³⁴ BROWN, op. cit., pp.318-320

O discurso de Omartian pode ser analisado também por meio do ganho, pois, ao negar as práticas “mundanas” e silenciar a carne, a mulher cristã ganharia em virtude, em contemplação espiritual e em reconhecimento nas esferas de poder dominantes. Lideranças evangélicas, ao exemplo de Stormie, sabem fazer isso muito bem, ao defender pontos de vista conservadores no que concerne aos papéis de gênero. Em consequência, a escritora ganha muitos admiradores, pois boa parte de seus leitores e seguidores compartilham desse pensamento. Afinal, tratam-se de valores morais que no imaginário religioso acerca do *corpus* social feminino possibilitam a conquista de reconhecimento e respeito.

Por essa via, podemos analisar o gênero não somente como corpo e da sexualidade, mas também como uma forma de pensamento, de visões de mundo, de linguagens de filosofias, é a uma das chaves de interpretação da realidade¹³⁵, uma das formas pelas quais as sociedades são constituídas. Gênero constitui a socialização e as interações entre os sujeitos, e pela via religiosa é possível analisarmos como essas interações constituíram-se historicamente dentro de uma premissa normatizadora.

Desde o início do cristianismo, as normatizações se constituíram pela via das relações de gênero. Contudo, pela bibliografia consultada nota-se que a “hipótese repressiva” da sexualidade atribuída ao cristianismo não foi uma característica essencial da religião, pois trata-se de um elemento que já se encontrava presente nas culturas a partir das quais o cristianismo se consolidou, ou seja, na cultura judaica e greco-romana. Uta Ranke Heinemann afirma que:

[...] não é verdade que o cristianismo construiu o autocontrole e o ascetismo se comparado ao mundo pagão que se deliciava com os prazeres e com o corpo, pelo contrário, a hostilidade ao prazer e ao corpo é um legado da antiguidade, que foi preservado até hoje no cristianismo. Os cristãos não ensinaram os pagãos, licenciosos e dissolutos a odiarem o prazer, e a se controlarem. Foram os pagãos que tiveram que reconhecer que os cristãos eram tão adiantados quanto eles próprios.¹³⁶

Para Heinemann, o pessimismo sexual da Antiguidade não deriva da mesma forma que no cristianismo, por meio do pecado original, da problemática da carne, mas, sobretudo das considerações médicas e filosóficas. No século IV a.C.,

¹³⁵ SILVA, Ariana Kelly Leandra. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Revista NUFEN**. v.5, n.1, p. 12-25, 2013.

¹³⁶ HEINEMANN, Uta Ranke. **Eunucos Pelo Reino de Deus**. Mulheres, Sexualidade e Igreja Católica. Tradução de Paulo Froes. Rio de Janeiro. Editora Record, 1996, p.29-30

pensadores como Pitágoras afirmavam que o sexo era importante no inverno, mas deveria ser evitado no verão, enquanto Diógenes Laércio considerava o sexo um sinônimo de enfraquecimento do corpo. Nesse período, o ato sexual foi apresentado como perigoso quando fora do controle¹³⁷.

A primeira parte da abordagem de Uta Ranke Heinemann elenca justamente a contribuição dessas culturas para o cristianismo dos primeiros séculos, no qual uma base teológico-filosófica assentou-se sobre a carne com base em estruturas culturais vigentes. Essa discussão também encontra-se presente no segundo e terceiro volumes da *História da Sexualidade*, de Michel Foucault. Nessas obras, o filósofo buscou ouvir as vozes da Antiguidade justamente nos dois primeiros séculos da nossa era, sendo que nesse momento a sexualidade foi julgada com uma severidade bastante significativa.¹³⁸

Conforme as discussões de Foucault, podemos citar os filósofos estóicos como pensadores que condenavam o prazer no sexo extraconjugal, e também exigiam a fidelidade dos cônjuges. Os estóicos também condenaram as relações entre pessoas do mesmo sexo, que passaram a ser vistas de forma menos positiva que antes. Durante os dois primeiros séculos cristãos, o casamento foi fortalecido e as relações sexuais válidas foram as existentes somente dentro do matrimônio.¹³⁹

Muito embora a maioria dos filósofos gregos anteriores à era cristã enxergassem o prazer de forma positiva e como parte de um ideal humano de vida, os estóicos, a partir do século I, mudaram totalmente essa perspectiva, pois rejeitaram a procura do prazer. O efeito dessa virada filosófica foi o aprisionamento da sexualidade no casamento, contudo, o prazer carnal por si só tornou-se cada vez mais suspeito e a virgindade cada vez mais valorizada no início do cristianismo.¹⁴⁰

Para além da filosofia estóica do século I, Peter Brown apresenta movimentos religiosos como o ascetismo nos séculos II ao IV, que pode ser classificado como parte de uma tendência pedagógica pela contenção dos prazeres terrenos. O ascetismo tinha como meta a contemplação espiritual, ou seja, o ideal religioso desse movimento não estaria nesse mundo e sim na vida eterna, logo os prazeres

¹³⁷ Ibidem.

¹³⁸ FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade Vol. 2.** O Uso dos Prazeres. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. 12ªed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

¹³⁹ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade Vol. 3.** O cuidado de si. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

¹⁴⁰ VAINFAS, op. cit.

terrenos deveriam ser deixados de lado. Todo esse processo obteve uma significativa influência na teologia cristã, pois, para Brown, fugir do mundo e suas tentações se colocou como uma norma para os ascetas:

[...] fugir do mundo era trocar uma estrutura social precisa por uma alternativa igualmente precisa, e igualmente social. O deserto era um contramundo, um lugar onde podia crescer uma cidade alternativa. Assim Pacômio, o fundador dos primeiros grandes mosteiros do Egito, que morreu em 346 pode criar uma cadeia de “desertos”, feitos pelo homem em meio aos povoados rurais miseráveis do Médio Nilo. [...] entre os monges os problemas da tentação sexual eram vistos na maioria das vezes, em termos da imensa antítese entre o “deserto” e o “mundo”. A tentação sexual era frequentemente tratada de maneira descuidada, apresentada como se não passasse de um impulso, em direção às mulheres, ao matrimônio e por conseguinte a um recrutamento fatídico através do casamento para as estruturas das terras povoadas. [...] mudando-se para o deserto o asceta mobilizava sua pessoa física como um todo; e na imagem da pessoa que era corrente nos círculos ascéticos, o alimento e a interminável batalha com a dor do jejum tinha muito mais importância do que o impulso sexual.¹⁴¹

O ascetismo foi uma filosofia que buscou uma vida voltada às práticas de desenvolvimento espiritual, pois muitas vezes essas buscaram refrear os prazeres com austeridade. Os defensores dessas práticas defendiam-nas como virtuosas e necessárias para atingir um elevado nível de crescimento espiritual. Pensadores como Gregório de Nissa, João Crisóstomo, João Clímaco, entre outros, buscaram viver, constituir e defender um ideal de vida ascética.

Esses filósofos foram considerados parte dos primeiros padres da Igreja, contribuindo para a constituição da teologia cristã. Por meio deles, o ideal de virtude, de uma vida regrada e de controle dos impulsos foram defendidos como necessários para a vivência da fé. Assim, o ascetismo influenciou parcialmente a vida dos primeiros cristãos e a problemática cristã da carne. Embora esse ideal não tenha sido hegemônico no pensamento cristão, ele afirmou a penitência e produziu um modo novo de relação do sujeito consigo mesmo: a direção da consciência, o exame de si, a busca pelos erros que estão escondidos, a operação de levar a luz até o lugar mais escuro de si, a constituição de si como objeto de investigação e discurso.¹⁴²

¹⁴¹ BROWN, op. cit., p.185

¹⁴² DIAS, Diego Madi. FOUCAULT, Michel. 2018. *Histoire de la sexualité IV: Les aveux de la chair*. Sex, Salud Soc. (Rio J.) n. 28, 2018

Michel Foucault argumenta que o sistema de códigos morais apresentados nos primeiros séculos do cristianismo, e que perpassa os padres ascetas do século II e chega aos escritos de Santo Agostinho no século IV, são códigos teológicos que reforçam as interdições em relação às práticas sexuais. Para entender essas mudanças, o filósofo estuda, nos capítulos II e III do quarto volume da *História da Sexualidade*, como os rituais cristãos instituídos pela Igreja Primitiva, tais como o batismo e as penitências, e as primeiras experiências monásticas, construíram a maneira pela qual os cristãos passaram a encarar os prazeres. Essa situação teve forte impulso através da renúncia de si, o reforço das práticas confessionais e a projeção no interior de cada cristão de um exame de suas práticas¹⁴³.

Todas essas influências, principalmente voltadas à renúncia do prazer, são visíveis nos escritos de Stormie Omartian. A renúncia de si em prol da espiritualidade encontra-se presente de forma significativa nos seus aconselhamentos para mulheres. Nessa lógica, a espiritualidade cristã é colocada como uma sabedoria para a condução da família e do matrimônio na concepção da escritora. O espaço da família é um lugar sagrado, e nesse lugar, a normatização das relações de gênero devem se conduzir dentro de uma profunda naturalidade. Nesse espaço gendrado, que constitui o discurso da religiosa, permeiam ações femininas, e essas propiciam às mulheres um protagonismo, pois, ao liderarem o lar em sua conduta moral, essas mulheres teriam a possibilidade de também exercerem poder e influência, o que se realizaria sobretudo por meio da maternidade e casamento.

3.1 - STORMIE OMARTIAN: BIOGRAFIA, VIDA E OBRA.

Quando os historiadores buscam trabalhar com sujeitos e trajetórias pessoais, é de suma importância a compreensão das características e peculiaridades de um trajeto biográfico. As circunstâncias em que as biografias e autobiografias são escritas levam consigo intenções do biografado, pois ao escrevê-la é comum o destaque a determinadas características que constroem essas trajetórias pessoais.

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. **Histoire de la sexualité**: Vol. 4. Les aveux de la chair. Paris: Gallimard, 2017.

Em linhas gerais, a escrita biográfica busca construir uma unidade e uma coerência na vida do biografado, e os sentidos de suas ações e práticas.

Essas observações são perceptíveis na escritora cristã Stormie Omartian, cuja história é relatada no livro *Uma história de perdão e cura*, publicado no Brasil pela editora Mundo Cristão no ano de 2007¹⁴⁴. Nesse texto, Stormie Omartian escreve sua própria trajetória e enfatiza o antes e depois de sua conversão. A escritora aponta as tintas de seu passado como um exemplo a não ser seguido pelo público leitor, pois, segundo ela, sua juventude se caracterizou por um estilo de vida indesejável, em contraponto ao seu presente, no qual a contemplação da vida religiosa, casta e solene se fez como o “caminho verdadeiro”.

Sabina Loriga afirma que todos os historiadores que trabalham minimamente com fontes biográficas e autobiográficas precisam compreender o quanto é frustrante buscar uma sequência linear para trabalhar a trajetória do sujeito pesquisado. Para a historiadora italiana, os estudos concernentes à trajetórias de vida devem levar em consideração a multiplicidade de experiências sociais do sujeito analisado.¹⁴⁵ Neste caso, a biografia de Omartian nos possibilita uma mescla de detalhes e uma riqueza de análises, visto que sua trajetória passa por inúmeros momentos até o alcance de seu objetivo final na narrativa, isto é, mostrar ao leitor a contemplação de sua vida após um processo de conversão ao cristianismo evangélico. Trata-se de uma estratégia utilizada para reafirmar necessidades e vantagens de uma vida perpassada pela experiência religiosa em que os vícios são eliminados, e a castidade é posta como uma meta a ser atingida para o alcance da verdadeira felicidade.

Stormie Omartian nasceu em Brentwood, Tennessee nos Estados Unidos em 1953. Em sua página na internet¹⁴⁶ ela relata que, antes de tornar-se conhecida no mundo por seus *best-sellers* cristãos, vivia “uma vida no avesso”, ou seja, longe da palavra de Deus, a qual atualmente credita seu trabalho cotidiano. Quando criança, Omartian sofreu com a violência doméstica e os castigos constantes de sua mãe,

¹⁴⁴ Título original da obra: *Stormie: A Story of forgiveness and healing*. Harvest House Publishers: Oregon, 1998.

¹⁴⁵ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, pp.226-227

¹⁴⁶ **Site de Stormie Omartian**. Disponível em <<https://www.stormieomartian.com/>> Acesso em: 03/04/19

categorizada retrospectivamente pela escritora como “doente mental”. Em suas memórias, descreve seu pai como o “provedor” da família, sustentando-a com seu trabalho árduo, e, em consequência disso, sem tempo para ela e seus irmãos, mantendo assim uma relação distante com os filhos em casa.

Os detalhes de sua vida pregressa são relatados em sua autobiografia, *Uma história de perdão e cura*, que contém ao todo 17 capítulos, e possui 237 páginas. Neste livro, Stormie faz um exercício que é comum entre as lideranças religiosas, pois coloca o testemunho de conversão em destaque, compara a vida de antes e depois, e busca construir uma narrativa convincente sobre o bem de converter-se à fé cristã. Contudo, o excesso em relação à vida mundana muitas vezes está presente como uma estratégia discursiva para convencer o leitor dos perigos existentes nos caminhos traçados fora da religião.

A partir da trajetória biográfica de Stormie Omartian, é possível analisar sua experiência de conversão à luz do que Michel de Certeau¹⁴⁷ compreende por estratégia. Para o historiador francês, a estratégia tem o papel de postular um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e, podemos compará-la a uma base em que os sujeitos podem gerir suas relações buscando atingir exterioridades contidas em alvos e ameaças. No caso de Omartian e da religião seguida por ela, essas ameaças estariam no mundo secular e tudo o que ele representa, e os alvos a serem atingidos são seus leitores, principalmente aqueles que ainda não fazem parte do universo simbólico da religião.

Essa estratégia torna-se nítida por meio da busca do convencimento pelas palavras, em especial no discurso de Stormie acerca de sua trajetória de conversão. Os leitores atentos à narrativa facilmente identificam o apelo colocado pela autora quando ela defende uma vida contemplada pela religião e as benesses que essa pode propiciar ao sujeito. Stormie esforça-se para construir um discurso estratégico ancorado em condutas opostas: um modelo indesejável antes de sua conversão, e um exemplo virtuoso a ser seguido após converter-se.

Nesse sentido, sua autobiografia também pode ser considerada um texto de aconselhamento, pois emite ao leitor mensagens curtas e diretas sobre o que viria a ser uma vida regrada e ao mesmo tempo desregrada. Omartian transporta o leitor

¹⁴⁷ CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano vol. I.** As artes de fazer: Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 19ªed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 93.

para a sua história pessoal de forma surpreendente, incitando-o a construir um pequeno filme mental sobre a vida da biografada, algo que transcorre aos olhos do espectador a cada passagem relatada.

Benito Schmidt aponta que, ao analisar as trajetórias biográficas, uma questão importante a ser levada em consideração é que os historiadores devem entender a própria concepção do indivíduo biografado, ou seja, como ele se vê como sujeito na construção de sua trajetória? O indivíduo é fruto de inúmeras práticas discursivas e não-discursivas que constroem trajetos e formas de identificação consigo mesmo. Ao compreender essa faceta ao analisar a história de vida de determinados indivíduos, o historiador pode construir uma narrativa biográfica rica, segura e coerente¹⁴⁸.

Já Pierre Bourdieu¹⁴⁹ faz uma profunda crítica sobre os historiadores que partem do estilo de biografia em sua acepção clássica do termo, como a escrita de uma vida. Para ele, essa forma de escrita implica em uma “ilusão biográfica”, isto é, a ideia de que “a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado e que deve ser apreendido como uma função unitária de uma intenção subjetiva e objetiva de um projeto”¹⁵⁰

Segundo Bourdieu, isso empobrece a análise biográfica, pois corre o risco de cair no senso comum de que o sujeito de fato constrói-se socialmente de forma linear e não descontínua, sem os percalços e altos e baixos perpassados ao longo de sua trajetória. No caso de Stormie Omartian, esses altos e baixos são visíveis a partir da necessidade das ênfases maiores em algumas passagens de sua vida, principalmente no que se refere à vida “desregrada” que levava antes da conversão. O “fundo do poço” é recuperado no texto, constituindo uma estratégia importante por parte da religiosa para criar expectativas, visibilidade e exemplos de uma vida do “antes” e “depois”.

A narrativa começa quando Stormie está buscando seu sucesso como cantora e atriz no final dos anos 1960. Nas páginas iniciais, discursa sobre seus medos e crises de pânico. Por morar sozinha em um pequeno apartamento no subúrbio de Los Angeles, na Califórnia, sentia-se vulnerável devido a sua condição

¹⁴⁸ SCHMIDT, Benito. História e Biografia. CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p.197

¹⁴⁹ BOURDIEU, Pierre. A Ilusão biográfica. FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 2ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. pp. 183-191

¹⁵⁰Ibidem, p.186

de mulher. Como justificativa de seu pânico naquele momento traz o argumento da insegurança de viver em uma cidade grande e violenta. Stormie afirma que todo aquele contexto fez mergulhar em uma depressão cada vez mais profunda, e o resultado foi o pior possível pois, segundo a escritora, o uso constante de drogas ilícitas e entorpecentes passou a fazer parte de seu dia a dia:

quando eu não estava trabalhando, a depressão tomava conta de mim, descobri que as drogas ajudavam e no final da década de 1960, não eram difíceis de conseguir. Na verdade difícil era evitá-las, para mim a maconha era suficiente em um primeiro momento¹⁵¹.

O uso contínuo de bebidas alcoólicas e cigarros também serviam de anestésico quando as crises de ansiedade a atingiam fortemente: “[...] apesar de ter uma alimentação saudável e manter um programa intensivo de atividades físicas, continuava fumando e bebendo e a maconha fazia parte de todos os encontros com amigos¹⁵².”

Segundo seus relatos, o uso de maconha e bebidas alcoólicas era intenso, e houve momentos em que ficava quase inconsciente. Todavia, a solidão e a tristeza continuavam a fazer parte do cotidiano da jovem atriz. Antes da conversão, Stormie teve uma vida intensa e difícil, pois desde a infância passou por muitas provações, humilhações, sofrimentos e rejeições, principalmente por parte da própria mãe, que constantemente a humilhava e a desqualificava. Esse processo a fez amadurecer rapidamente e buscar a emancipação econômica ainda adolescente, e foi no campo das artes que ela encontrou o alento para as suas dores.

Sua autobiografia relata que, aos poucos, conseguiu produzir um êxito significativo como cantora, dançarina e atriz. Mas, antes do estrelato, fez de tudo para livrar-se do autoritarismo familiar. Uma de suas principais estratégias foi tentar sair de casa, e para isso o casamento seria a melhor alternativa, visto que na década de 1960 não havia muitas alternativas para as mulheres do interior dos Estados Unidos, como ela mesma relata, porém, não foi o que fez em um primeiro momento¹⁵³.

¹⁵¹ OMARTIAN, Stormie. **Uma história de perdão e cura**. Traduzido por Susana Klassen. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007. p.32

¹⁵² Ibidem, p.32

¹⁵³ Ibidem, p.36.

Após começar a trabalhar, ganhar o próprio sustento e juntar uma quantia em dinheiro, resolveu deixar a casa dos pais no estado do Tennessee, cidade de Bretwood, e mudar-se para Los Angeles na Califórnia. Em L.A., buscou consolidar-se como atriz e cantora, visto que tornar-se uma estrela de Hollywood sempre foi seu sonho desde muito menina.

Ao chegar em L.A, na década de 1960, ela levou um choque com a realidade de uma cidade grande. Omartian relata que a metrópole estava tomada por usuários de drogas psicodélicas e, devido ao alto índice de violência urbana, crimes hediondos eram muito comuns. Tratava-se de um ambiente muito diferente da pequena Bretwood, onde havia morado boa parte de sua vida.

De início, a vida na metrópole não foi o que ela esperava. Embora tenha participado de vários testes para a TV, os papéis conseguidos eram pequenos e as participações em programas televisivos aconteciam por temporadas. Isso lhe trouxe um grave problema financeiro, pois o custo de vida em Los Angeles era bastante elevado.

Solidão, depressão, medo e crises de ansiedade passaram a fazer parte do cotidiano de Stormie, e assim ela buscou resgatar a ideia inicial que possuía antes de sair da casa dos pais: o casamento, por questões econômicas e também para preencher uma vida solitária, tomada pelo medo e angústia. Assim, Stormie investiu muito em um relacionamento com um rapaz chamado Rick, um dos primeiros homens que conheceu em Los Angeles.

Em um primeiro momento, o relacionamento com Rick foi bem sucedido, sendo que o rapaz era gentil e prestativo, pois buscava-a no trabalho, fazia companhia nas horas de solidão e no imaginário de Stormie seria o homem certo para um casamento, uma companhia perfeita para lhe tirar o medo, a solidão, a angústia e as crises de pânico.

Mas o matrimônio não foi aquilo que nossa protagonista esperava. Após o casamento, o comportamento de Rick mudou drasticamente, a começar pela divisão das tarefas domésticas, das despesas e do trabalho. O rapaz não se mostrou nem um pouco responsável, sendo que Stormie passou a sustentar a casa e manter todas as despesas com seus trabalhos como atriz, cantora e dançarina.

A grande promessa de Rick antes do casamento seria empenhar todo o dinheiro que havia recebido do pai por meio de uma herança em uma casa própria para os dois, o que acabou não acontecendo. Ambos continuaram morando no

pequeno apartamento de Stormie no subúrbio de Los Angeles e a convivência se tornou insuportável.

Segundo os relatos da autobiografia, Rick era tão irresponsável que mesmo após Stormie ter trabalhado muito durante um longo e cansativo dia, ao chegar em casa, o apartamento estava desorganizado e ela ainda tinha que fazer o jantar, e lavar as roupas do marido. Porém, o que mais pesava era o rapaz não trabalhar, ele não se ocupava com nada, os dias de Rick resumiam-se em ficar em casa, assistindo TV e muitas vezes fumando maconha.

A mudança de comportamento de Rick também despertou muita atenção em Stormie. O outrora homem carinhoso, companheiro e educado simplesmente deixou de existir após o matrimônio, pois, passou a ser frio e muitas vezes grosseiro, e por pouco não se tornou violento com a esposa. Antes de casar, Stormie levou muito em consideração todo o contexto ao qual estava passando, e mesmo não sendo o candidato ideal para o matrimônio o levou em consideração pois, em suas palavras, “mesmo que Rick não fosse o candidato ideal, decidi que preferia ter um casamento curto, de dois ou três anos, com um divórcio amigável do que viver sozinha.”¹⁵⁴

Porém, viver com um homem irresponsável, um mero companheiro de quarto não era o que ela esperava. Sua solidão havia aumentado, assim como o medo e a insegurança, que a cada dia tornaram-se maiores. Até aquele momento, todas as escolhas feitas na vida de Stormie se mostraram desastrosas. A mudança para Los Angeles e a tentativa de tornar-se uma estrela de cinema haviam fracassado por completo. A frustração com a carreira e a solidão a fizeram embarcar em um casamento desastroso, somado a essa derrota o vício em álcool e em inúmeras outras drogas acabaram piorando sua situação.

A se julgar por seus relatos, a busca constante por um escape fez com que Stormie muitas vezes entrasse em transes intermináveis, quase overdoses, devido ao uso desenfreado de heroína, maconha e bebidas alcoólicas. Em uma tarde de verão, no ano de 1970, ao chegar do trabalho, ela foi parar no hospital ao colocar quase 5 kg de maconha na massa de um bolo de chocolate que assaria para o seu lanche. Esse episódio lhe custou dois dias de observação em um hospital, uma lavagem estomacal e fortes náuseas ao longo de uma semana.

¹⁵⁴ Ibidem, p.37

Algo muito destacado em sua autobiografia, e um dos motivos centrais de sua depressão foi o não deslanchar de sua carreira em Hollywood. Boas e duradouras oportunidades de trabalho dificilmente apareciam, somente pequenas participações em filmes de baixo orçamento e programas populares de TV. Esses trabalhos não garantiam estabilidade, muito menos renda e uma perspectiva de futuro, e tudo isso a levou para uma profunda tristeza. A depressão lhe trouxe além do vício em álcool e envolvimento com drogas, relacionamentos sexuais com vários homens. As consequências disso foram inúmeros abortos¹⁵⁵.

Antes e mesmo depois de conhecer seu primeiro marido, Stormie, por ser uma mulher muito bonita, chamava atenção de vários homens, inclusive artistas de cinema com quem trabalhava. Isso a levou a ter vários amantes, a maioria deles homens casados ou comprometidos, ao exemplo de seu colega de trabalho Steve Martin, com quem protagonizou um espetáculo musical, o melodrama *Bird Cage* em 1970.

Nesse espetáculo, Stormie era a heroína e o protagonista era interpretado pelo jovem, bonito e talentoso Steve Martin. Nesse convívio, nasceu um envolvimento, e posteriormente uma grande frustração amorosa, pois Martin era um homem comprometido, e nas palavras de Stormie, “com Steve eu me senti bela, feminina e desejável, pela primeira vez na vida, no entanto, nosso destino não incluía casamento”¹⁵⁶.

Na tentativa de se livrar da depressão após a desilusão com Steve, Stormie conheceu Scott, um estudante de direito muito aplicado da Universidade da Califórnia - Berkeley. Entretanto, o rapaz de classe média alta e família conservadora não se dispôs em levar adiante um relacionamento mais profundo com Stormie. O resultado do término deste caso foi ainda mais dramático, pois a jovem moça havia engravidado e o desespero bateu a sua porta:

a princípio pensei que fosse uma gripe, mas, quando os sintomas não passaram, consultei um médico, e para meu desespero descobri que estava grávida, a notícia me deixou arrasada. Saí do consultório e sem saber muito o que estava fazendo entrei em uma igreja pequena, sentei em um dos bancos e tentei avaliar minhas opções, nenhuma delas era boa.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Ibidem, p.31

¹⁵⁶ Ibidem, p. 41.

¹⁵⁷ Ibidem, p.87.

Omartian ficou desesperada, sabendo que o homem com quem estava se relacionando dificilmente assumiria o filho que estava esperando. O casamento estava fora de questão, e tornar-se mãe solteira no início dos anos 1970 não era algo aceito, mesmo na progressista Califórnia. Então, Stormie decidiu fazer o seu primeiro aborto, em uma decisão motivada pelo desespero e solidão:

Casamento estava fora de questão, claro que eu não teria hesitado em escolher essa opção, mas, sabia que Scott não queria mais nada comigo. Ele era um rapaz brilhante, um estudante de direito reconhecido e admirado pela família, jamais jogaria isso para o alto só para consertar um pequeno deslize¹⁵⁸.

Após o ocorrido, Stormie procurou uma de suas amigas da TV, a assistente de palco Julie, que era a única que havia comentado como havia feito um aborto. Stormie precisava de sua ajuda para resolver o “problema”, já que o assunto era um grande tabu nos anos 1970. Ao conseguir o contato do médico que faria o aborto, Stormie resolveu ligar para Scott para pedir o dinheiro necessário para o feito. O amante fez pouco caso dela, perguntando se realmente estava grávida, ou se só estava precisando de dinheiro.¹⁵⁹ Extremamente magoada e ferida com o ocorrido, decidiu fazer de vez o procedimento, e após o aborto:

não me ocorreu que tinha acabado de destruir uma vida. Sabia que tinha escapado da morte. Não senti nenhum remorso, apenas uma grande alegria por estar viva e ter recebido uma segunda chance¹⁶⁰.

Historicamente, devemos pensar a atitude tomada por Stormie como algo que faz parte do cotidiano de milhões de mulheres. Culturalmente empurradas para a maternidade como uma obrigação moral, quando um fato assim ocorre, a depressão e o sofrimento absorvem muitas delas. Margareth Rago expõe que a maternidade deve ser problematizada, pois, o mito do amor materno se consolidou como algo indissociado da cultura através dos séculos.

Através dos argumentos mais variados, mas, especialmente de cunho moral, este discurso fundou um modelo normativo de feminilidade e buscou convencer a mulher que deve corresponder a ele. Na verdade ele vai ser um esforço de propagação de um modelo imaginário de família,

¹⁵⁸ Ibidem, p.87.

¹⁵⁹ Ibidem, p.87,

¹⁶⁰ Ibidem, p.93

orientado para a intimidade do lar, onde devem ser cultivadas as virtudes burguesas¹⁶¹.

Essas mesmas virtudes descritas por Rago compõem um discurso de longa duração e que buscou dar um sentido para os destinos femininos. Dessa forma, a maternidade compulsória tornou-se parte da existência feminina. Elizabeth Badinter, em seu estudo clássico *Um amor conquistado: o mito do amor materno*, problematizou a maternidade no início da modernidade:

O amor materno não constitui um sentimento inerente à condição da mulher, ele não é um determinismo, mas, algo que se adquire. Tal como vemos hoje é fruto da evolução social desde o princípio do século XIX, já que como o exame de dados históricos mostra que, nos séculos XVII e XVIII o próprio conceito do amor da mãe aos filhos era outro: as crianças eram normalmente entregues desde a tenra idade a amas, para que as criassem e só voltavam ao lar depois de cinco anos. Dessa maneira, como todos os sentimentos humanos, ele varia de acordo com as flutuações sócio econômicas da história¹⁶².

Consolidado como um dever feminino, atitudes que questionassem socialmente a maternidade, ou ações violentas como o aborto e o infanticídio, passaram a ser estigmatizadas e punidas. Após a interrupção de sua primeira gravidez Stormie, tentou recomeçar a vida e reerguer sua carreira, dessa vez longe das drogas, álcool e homens casados. Essa tentativa deu certo por um tempo, mas não durou muito, pois outras crises atingiram a vida da jovem.

No verão de 1975, Stormie começa um novo relacionamento em uma turnê que fez com uma companhia de dança pela Europa e América Latina. Conheceu um lindo rapaz chamado Thommy, o qual, em seus relatos, representava mais uma tentativa de escapar da solidão e encontrar um relacionamento perfeito. Apesar dos erros passados, Stormie voltou a se envolver com outro homem, desta vez casado, e a consequência desse relacionamento foi mais uma gravidez indesejada.

O resultado de tudo foi que acabei na mesma situação em que estava dois anos antes, havia prometido a Deus que nunca mais me meteria. Também nessa gravidez não tinha para onde ir nem alguém que me quisesse naquele estado. Dessa vez a minha maior preocupação era com a minha carreira. Engravidar não ajudava em nada em minha profissão e, sem trabalho, eu simplesmente deixaria de existir. Para complicar ainda

¹⁶¹ RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista-Brasil 1890-1930**. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, p. 103

¹⁶² BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985, p.5

mais teria mais uma turnê, agendada para os próximos três meses com um grupo musical conhecido. A viagem estava marcada para a semana seguinte, de modo que precisava tomar uma providência de imediato¹⁶³.

A situação levou a outro aborto, o qual, dessa vez, legou cicatrizes profundas no estado psicológico e emocional de Stormie. Observando retrospectivamente sua trajetória pessoal dessa época, o segundo aborto instaurou uma jornada para o abismo total em sua vida.

Na década de 1960, com o advento dos movimentos feministas, a pressão por parte da militância foi grande para garantir o direito ao aborto, tanto que no ano de 1973, os Estados Unidos foi um dos poucos que chegou a esse consenso, ao aprová-lo pela Suprema Corte. Contudo, a pressão e o estigma cultural continuaram fortes, principalmente nos estados mais conservadores do meio oeste do país. Para Dutra e Rebouças:

Entre os poucos países que liberam o aborto destacam-se os Estados Unidos, cuja maioria dos estados constituintes o liberaram na década de 1970, após o caso *Roe versus Wade* ter chegado à suprema corte americana. Jane Roe (nome fictício de Norma McCorvey), uma jovem de 20 anos, lutou pelo direito de abortar no Texas, onde o aborto era considerado um crime cuja pena poderia chegar a cinco anos de prisão. Após esse caso, a suprema corte americana chegou à conclusão de que leis contra o aborto violam um direito constitucional à privacidade, considerando que privacidade é o direito à livre disposição do próprio corpo. Tal decisão implicou o reconhecimento, no caso da mulher, do direito de continuar ou não uma gravidez¹⁶⁴.

Sem o apoio da família, a qual morava no interior do Tennessee e tampouco sabia da vida que Stormie estava levando em L.A; sem poder contar com amigos de verdade que guardassem sigilo e muito menos podendo contar com o pai da criança, Stormie realiza o seu segundo aborto, dessa vez com complicações, sangramentos e náuseas, tanto que permaneceu durante dias no hospital para poder recuperar-se.

ao contrário do primeiro aborto, depois do qual me senti aliviada, por estar com vida, dessa vez fui tomada pela depressão, frustração e repugnância ao lembrar daquela tarde abominável. Dois dias depois do ocorrido embarquei para a costa leste a fim de começar uma turnê. Mas, a hemorragia continuou por várias semanas, até que por fim tive que ser internada às pressas para fazer uma cirurgia e estancar o sangramento.

¹⁶³ OMARTIAN, Stormie. **Uma História de perdão e cura...** p.99

¹⁶⁴ REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. DUTRA, Elza Maria do Socorro. Não nascer: algumas reflexões fenomenológicas existenciais sobre o aborto. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v.16, nº3, pp. 419- 428. Julho/Setembro de 2011.

Mas, a dor da lembrança nunca passou. Toda vez que eu via um bebê ela voltava mais forte. Eu me lamentava e sentia um vazio diferente de tudo que havia experimentado. Depois daquele dia nunca mais fui a mesma, comecei uma jornada ao fundo do abismo.¹⁶⁵

O trauma desse segundo aborto a levou à depressão profunda, o aumento do uso de álcool e drogas psicodélicas, tais como o LSD, o fundo do poço havia chegado à vida de Stormie Omartian. Foi nesse momento de caos que foi apresentada ao pastor Jack Hayford por sua colega de palco Terry Harriton.

3.2 - O ENCONTRO COM DEUS

Em seus relatos autobiográficos, Stormie conta que, ao longo de sua vida, sempre manteve uma relação distante com as religiões cristãs, ou ainda buscava alento somente em religiões alternativas, muito mais por curiosidade e um breve aprendizado, e não para um envolvimento completo e muito menos dedicações profundas.

A jovem Stormie procurou Deus em diversas religiões orientais, e nessas procuras acabou se envolvendo com ocultismo. Contudo, essas religiosidades aliviavam temporariamente tensões que logo retornavam em intensidade ainda maior. Com crises profundas de depressão, principalmente após o segundo aborto, Stormie várias vezes tentou tirar a própria vida em fracassadas tentativas de suicídio.

Sua conversão aconteceu no ano de 1976, por meio da influência de sua amiga evangélica, Terry Harriton, com quem cantava na TV. Terry apresentou-a ao pastor Jack Hayford, reverendo da Igreja do Evangelho Quadrangular de Los Angeles, em um momento em que as suas crises depressivas e tentativas de suicídio estavam no ápice. Observando o estado físico e emocional de Omartian, Terry convidou-a ao diálogo com o Hayford: “Stormie, você está péssima! Por que não vem comigo e conversa com o meu pastor? Ele é uma pessoa excelente, sei que pode ajudá-la.” Stormie aceitou.¹⁶⁶

O que mais chama atenção nos relatos de Stormie é que, entre todas as religiões e religiosidades procuradas por ela, o cristianismo foi a que menos lhe

¹⁶⁵ OMARTIAN, Stormie. **Uma história de perdão e cura...** p.111

¹⁶⁶ Ibidem, p. 114

despertava atenção. Ela categorizava os cristãos de caretas, fechados, conservadores, que não gostavam de beber, nem fumar e nem namorar. Tudo isso mudou radicalmente a partir do momento de seu primeiro contato com o pastor Jack.¹⁶⁷ Segundo as narrativas de sua autobiografia, a conversa com o pastor foi serena, sendo que ele lhe deu três livros e pediu para que ela os lesse e voltasse uma semana depois para colocar suas impressões sobre os escritos. Nas palavras de Stormie, o pastor Jack:

[...] era um homem cordial e animado, que não tinha medo de olhar ninguém nos olhos e era cheio de uma segurança que não teria sido intimamente se não fosse acompanhada de um coração claramente compassivo e amoroso. Apesar de ser uns dez anos mais velho do que eu, tudo nele transmitia jovialidade. Procurei com atenção algum sinal de falsidade, interesse, interesses escusos, discrepâncias e manipulações, mas, não encontrei nada disso. Ele era diferente de todas as pessoas que eu havia conhecido até então¹⁶⁸.

Após a conversa com o pastor, Stormie começou a ler as literaturas de aconselhamento indicadas por ele que, segundo ela, reconduziram-na a uma nova perspectiva de vida. Os livros falavam sobre o funcionamento do mal, a realidade, o poder do Espírito Santo e o evangelho de João. Este foi o momento que, segundo ela, “Jesus entrou em sua vida.” A conversão de Omartian não se deu por um evento sobrenatural, mas sim pelo intelecto e pelas sensibilidades despertadas pela leitura.

Tratavam-se de literaturas de aconselhamento cristão, as mesmas que futuramente seriam escritas por ela e destinadas a milhões de pessoas. Seu talento como atriz e cantora, anos depois de encontrar a Deus, converteram-se em uma forte energia para a escrita evangélica. A própria Omartian aponta que se anos depois se tornou uma escritora de sucesso, foi pelo pontapé inicial de Jack Hayford.

¹⁶⁷ **Jack W. Hayford** é um dos mais conhecidos pastores, escritores cristãos, televangelistas e compositores gospel norte americanos. Nasceu em 25 de junho de 1934 em Los Angeles na Califórnia. Pastor assíduo da Igreja do Evangelho Quadrangular foi presidente da instituição entre 2004 e 2009. Hayford fundou em 1969 a *The Church on the Way* em Van Nuys, Califórnia, que presidiu por mais de três décadas. Fundador e Chanceler da The Kings University (anteriormente The King's College and Seminary) em Los Angeles, que fundou em 1997. Criador do *Dia de Oração pela Paz de Jerusalém*, é autor de mais de cinquenta livros e 600 hinos. É copresidente da Empowered 21, focado em moldar o futuro do movimento do Espírito Santo no século XXI.

Referências: <https://www.jackhayford.org/about/>; <https://www.foursquare.org/>; <https://web.archive.org/web/20110721064814/http://www.kingsseminary.edu/> ; Sites Oficiais: acessados em 07/03/2019.

¹⁶⁸ OMARTIAN, op. cit., p.114.

A partir do encontro com o pastor, a leitura dos livros e a conversão, Stormie foi acolhida na Igreja do Evangelho Quadrangular de Los Angeles em 1976¹⁶⁹.

3.3 - STORMIE OMARTIAN: A VIDA PÓS-CONVERSÃO

Após a adaptação à nova vida, já convertida e frequentando os cultos da Igreja do Evangelho Quadrangular, Stormie começou a mudar radicalmente seus hábitos, a começar pelos seus vícios. Nesse período, recusou alguns trabalhos, ao exemplo de publicidades de cigarro que eram muito comuns na década de 1970. Stormie parou de fumar, de beber, e por um bom tempo não se envolveu mais com nenhum homem. Continuou com seus trabalhos na TV, mas somente aceitou trabalhos e publicidades que não envolviam bebidas, drogas e sexo. Aos poucos, essas escolhas se tornaram em um grande problema pois, ao recusar trabalhos, sua condição financeira foi se deteriorando cada vez mais, até que na igreja conheceu o seu futuro marido e pai de seus filhos, o jovem compositor gospel e empresário Michael Omartian.

Analisando o processo de conversão de Stormie, é notável que o motivo que a encaminhou para esse processo foi sua condição psíquica, bem como a necessidade de construir uma vida regrada com sucesso, principalmente no trabalho. Quando tudo o que almejou veio abaixo, acompanhado de decepções de crivo emocional, ela foi absorvida pelo discurso que a religião lhe ofereceu, com a promessa de reencontro consigo mesma, um simbolismo que colocou sua vida nos

¹⁶⁹ A Igreja do Evangelho Quadrangular foi fundada pela canadense Aimée Semple McPherson, em 1º de janeiro de 1923, em Los Angeles, Califórnia, com a inauguração da sede internacional *Angelus Temple*. Nos primeiros meses, sete mil pessoas se converteram. Trinta dias depois, foi inaugurado o Instituto de Treinamento Evangelístico e Missionário e uma sala de oração, tendo como base o versículo “orai sem cessar”.¹⁶⁹ Aimée dirigia 21 cultos por semana, participava de eventos públicos e parava completamente as ruas de Los Angeles, levando à população diretamente ao *Angelus Temple*. Quando Aimée concluiu seu ministério, em 1944, a presidência do movimento Quadrangular e da Cruzada Internacional de Evangelização passou para seu filho *Rolf K. McPherson*, que serviu ao corpo diretivo por 44 anos. A mudança de liderança não desacelerou o progresso. Sob sua responsabilidade, o movimento passou de 400 igrejas para mais de 10 mil. Com o objetivo de expandir-se ainda mais, alcançar comunidades no mundo todo e ecoar as palavras escritas na pedra angular do *Angelus Temple*, que dedica seus membros ao evangelismo universal interdenominacional, a Igreja Quadrangular formou a Fraternidade Pentecostal da América do Norte, em 1948, em uma aliança com a Assembleia de Deus, Igreja de Deus, *Open Bible Standard Churches*, Igreja Internacional Pentecostal de Santidade, entre outras. Atualmente existem igrejas Quadrangulares em todos os Estados norte-americanos, além de outras tantas espalhadas por 146 países

“eixos”, e que todos os humanos, segundo Geertz, buscam no fenômeno religioso¹⁷⁰ por proporcionar respostas aos impasses cotidianos.

Essa mudança possibilitou a construção de um futuro oposto ao seu passado pessoal, e possibilitou o despertar de um novo sujeito, e outro estilo de vida. Com um novo discurso, em oposição a tudo o que o seu passado representava, Stormie¹⁷¹ afirma que “renasceu em Cristo”, ou seja, aceitou o discurso e se comprometeu a seguir uma nova vida, construiu o eu de antes e depois.

Ao estudar um processo de conversão religiosa como o de Stormie, podemos abraçar a opção de estudo proposta por Bourdieu, a partir do conceito de *poder simbólico*. Em sua discussão sobre o *poder simbólico*¹⁷², Bourdieu caracteriza-o como um elemento que trata do poder quase mágico das palavras e resulta em uma objetivação ou oficialização de normas. O conceito de *poder simbólico* adéqua-se ao discurso evangélico, pois encontra-se carregado de representações em exercício pelos detentores de um poder oficial (pastores e lideranças religiosas).

Segundo Bourdieu, quando os indivíduos dizem coisas com autoridade para todos, e em nome destes, sancionam o dito pública e oficialmente, santificando-o e consagrando-o, de modo que o fazem existir como algo “digno” de existência. O dito passa a se incorporar na conformidade, na natureza das coisas, e os sujeitos passam a vê-lo como algo natural.¹⁷³ Dessa forma, o processo intelectual vivido por Omartian, tanto na conversa com o pastor Jack, quanto na leitura dos livros indicados consolidou-se não somente como uma luz, ou um processo de salvação em sua vida, mas, também uma verdade que estruturou-se em si mesma.

Os anos se passaram após a conversão e a outrora jovem atriz, dançarina e cantora mudou totalmente de vida. Deixou a antiga profissão, bem como todos os vícios que possuía. Mergulhada na Igreja do Evangelho Quadrangular e atividades pastorais, casou-se com o produtor de música gospel, Michael Omartian, o qual

¹⁷⁰ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.114

¹⁷¹ OMARTIAN, Op. Cit. p. 60

¹⁷² BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1998. p.42

¹⁷³ BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia da Silveira. São Paulo: Brasiliense, 2004. pp.119-126

também membro da igreja. Ao seu lado teve dois filhos, Amanda e Christopher Omartian¹⁷⁴.

Quarenta anos se passaram, e atualmente, Stormie Omartian afirma que se realiza como mãe, esposa e avó. É cristã assídua e membro da Igreja do Evangelho Quadrangular em Nashville, capital do estado americano do Tennessee onde mora atualmente. Após o seu casamento começou a se dedicar à escrita de aconselhamento cristão. Nos dias de hoje seus livros são sucesso de venda não apenas nos Estados Unidos, mas em grande parte do mundo. Foram traduzidos para inúmeros idiomas, e no Brasil tornaram-se populares no segmento evangélico.

Os livros de Stormie Omartian são direcionados à família, especificamente às mulheres. Títulos como *O poder da mulher que ora*, *O poder da esposa que ora* e *O poder da mãe que ora*, são exemplos do público-alvo de seus escritos. A escritora também faz uma grande interação nas mídias sociais para propagar seu discurso e também vender seus livros. O Twitter e o Facebook da escritora são recheados de orações, aconselhamentos, mensagens de fé, e também muita propaganda de suas publicações. Como exemplo, tomo a postagem do dia 15 de julho de 2016 no Facebook, no qual Omartian publicou uma mensagem de fé para divulgar seu recente lançamento, o livro *30 days to becoming a woman of prayer* (*30 dias para se tornar uma mulher de oração*).

Mantenha um coração direito- Deus quer o seu coração para ser suave e não é difícil. Ele quer que você tenha um coração humilde e não cheio de orgulho (Provérbios 21: 2). Ele deseja que você tenha um coração puro para que possa ver a bondade em sua vida (Salmo 73: 1). Deus deu-lhe um coração novo e pôs um espírito novo dentro de você quando você

¹⁷⁴**MICHAEL OMARTIAN:** nascido em 26 de novembro de 1945, é um cantor, compositor, tecladista e produtor musical americano. Ele participou de inúmeros álbuns, durante uma carreira que durou mais de quatro décadas. Como produtor, ele registrou número 1 em três décadas consecutivas. Ele é um vencedor múltiplo do Grammy Award, inclusive para tecladista do ano e produtor do ano. Ele passou cinco anos na equipe de A & R da ABC / Dunhill Records, como produtor, artista e arranjador. Ele foi posteriormente contratado pela Warner Bros. Records como produtor e membro da equipe da A & R. Omartian mudou-se de Los Angeles para Nashville em 1993, onde atuou no Conselho de Governadores da Academia de Gravação e ajudou a moldar o currículo para o primeiro programa de Mestrado na área de Music Business na Belmont University. Omartian produziu álbuns para vários artistas, incluindo Clint Black, Michael Bolton, Dolly Parton, Debby Boone, Steve Camp, Peter Cetera, Christopher Cross, Joe "Bean" Esposito, Amy Grant, Benny Hester, Whitney Houston, The Imperials, The Jacksons, Cliff Richard, Rod Stewart, Donna Summer, Wayne Watson e Trisha Yearwood. Em 1995 também produziu o primeiro álbum solo de música gospel de sua esposa Stormie Omartian. Além de seus lançamentos, Omartian também gravou vários álbuns com sua esposa.

Informações disponíveis em:

<https://www.allmusic.com/artist/michael-omartian-mn0000888066/biography>.

Acessado

em:

04/04/2019

recebeu Jesus (Ezequiel 36:26). Agora Ele quer estabelecer seu coração "irrepreensíveis santidades" diante dele (1 Tessalonicenses 3:13). Trecho retirado de página 85 do "30 Dias para se tornar uma mulher de oração." Este livro de bolso está à venda este fim de semana apenas por US\$10.¹⁷⁵ (Tradução minha)

Além de postar conteúdos nas mídias para propagandear seus livros, Stormie utiliza esse espaço para aconselhamentos sentimentais, prática recorrente em seus livros. Vejamos os aconselhamentos de Stormie para as mulheres casadas que querem livrar seus homens dos prazeres mundanos:

Senhor afasta da vida do meu marido qualquer coisa ou pessoa que possa tentá-lo à infidelidade, ajuda-o a abster-se da prostituição, assim ele saberá possuir o próprio corpo em santificação e honra. Mostra-me como estar sempre atraente e desejável para ele, e como ser sempre o tipo de parceira que ele precisa. Oro para que nenhum de nós seja tentado a buscar satisfação em nenhuma outra fonte. [...] faz-nos sexualmente puros na mente e no corpo e fecha-nos as portas para todo o tipo de impureza sexual.¹⁷⁶

Algumas passagens dos livros de Stormie são compostas de orações e, no caso do excerto, trata-se de uma oração para a vida sexual dos cônjuges, onde o sexo "puro e consagrado pelo matrimônio"¹⁷⁷ possui um forte apelo. Para Stormie, a mulher casada, além de ficar restrita ao marido, deve orar para livrá-lo das influências sexuais que não sejam as do casamento. A legitimação do poder masculino dentro da família, acompanhado da submissão feminina, são elementos que se destacam no discurso de Omartian.

Na passagem a seguir do livro *O poder da esposa que ora*, podemos ter um exemplo:

A parte de tornar a casa um lar é permitir que seu marido seja o cabeça, para que você possa ser o coração. Tentar ser ambas as coisas é demais. Deus colocou o marido como o cabeça da família, quer ele mereça ou não. Essa é a ordem de Deus para as coisas. Isso não significa que uma

¹⁷⁵Maintain a right heart- God wants your heart to be soft and not hard. He wants you to have a heart that is humble and not full of pride (Proverbs 21:2). He desires that you have a pure heart so you can see Him and His goodness in your life (Psalm 73:1). God gave you a new heart and put a new spirit within you when you received Jesus (Ezekiel 36:26). Now He wants to establish your heart "blameless in holiness" before Him (1 Thessalonians 3:13). Excerpt taken from page 85 of "30 Days to Becoming a Woman of Prayer." This paperback book is on sale for this weekend only for \$10. In: **Facebook oficial da escritora**, postagem de 15 de Julho de 2016. Disponível em <<https://www.facebook.com/stormieomartianofficial/?fref=ts>> Acesso em: 15/07/2016

¹⁷⁶ OMARTIAN, Stormie. **O Poder da Mulher que Ora**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2005. p.28

¹⁷⁷ Ibidem p.30

posição é mais importante que a outra. Elas andam juntas. Se o seu marido deve ser o cabeça da casa, você tem de permitir-lhe liderança. Se você deve ser o coração do lar, terá de dar os passos necessários para isso, ainda que você contribua de modo relevante para o sustento financeiro, tentar inverter essa ordem dá lugar a um constante conflito.¹⁷⁸

Segundo Gallagher, a partir da década de 1970, com a recessão econômica que atingiu os Estados Unidos, uma tendência igualitarista atingiu o discurso das lideranças evangélicas conservadoras americanas. As formas tradicionais de conceber o casamento precisaram, em partes, mudar, pois na medida em que as mulheres necessitaram sair ao mercado de trabalho devido à recessão, o discurso de que elas não deveriam trabalhar caiu por terra. Até então, essa defesa era uma das bandeiras dos evangelistas estadunidenses contra as feministas e, devido a esse contexto, o discurso foi refeito. A partir de então as mulheres poderiam trabalhar, mas no âmbito doméstico sua obrigação consistiria em saber se portar de acordo com o que “Deus determinou”, cedendo o papel de liderança ao marido.¹⁷⁹

Nas premissas discursivas de Stormie Omartian, a responsabilidade de manter o matrimônio é exclusivamente feminina, e as mulheres, ao serem submissas a seus homens, somente estariam seguindo uma ordem natural colocada por Deus. Esse modelo de mulher pregado pelas igrejas evangélicas tem estado muito presente no discurso religioso, tanto evangélico como católico, pois sua base é o discurso bíblico, a longa duração e a tradição cristã. Como vimos, trata-se de uma tradição construtora de tecnologias de gênero, por meio da qual a sexualidade é regrada, a busca pela castidade fora do matrimônio é constante e os comportamentos socialmente construídos passam pela autoridade masculina e pela submissão feminina, sendo a família o lugar que esse mecanismo pode ser analisado de forma ampla.

3.4 - MÍDIAS, GÊNERO E RELIGIÃO NAS OBRAS DE STORMIE OMARTIAN

Como vimos até agora, a trajetória de Omartian foi carregada de emoções, momentos de excessos, decisões apontadas como equivocadas e o encontro com a religião em um dos momentos que ela considera o pior de sua vida. Conforme seus

¹⁷⁸ OMARTIAN, Stormie. **O poder da esposa que ora**. Traduzido por Neyd Siqueira. 2ªed. São Paulo: Mundo Cristão, 2014. p.33

¹⁷⁹ GALLAGHER, Sally. **Evangelical Identity and gendered family life**. New Jersey: Rutgers, 2003.

relatos, caso não tivesse se convertido em meados da década de 1970, a morte seria a sua única certeza

Todavia, é interessante ao historiador atento saber que esses momentos de excesso presentes em um relato autobiográfico são necessários para reafirmar a identidade do sujeito. No caso de Stormie Omartian, o exemplo, o bem estar e a contemplação da vida cristã só foram possíveis de serem alcançados após uma vida desregrada. É algo que torna o relato mais atraente e publicamente um discurso comercializável. Essa estratégia rendeu muita fama e sucesso a Omartian, em todos os seus livros, pois “o servir de exemplo” ao relatar seu passado tornou-a uma autoridade importante no mercado editorial de aconselhamento cristão. Assim, foi instituída com um grande capital simbólico¹⁸⁰ para dizer aquilo que as mulheres cristãs devem ser, e acima de tudo fazer.

Indubitavelmente, a presença cada vez mais constante nas mídias sociais tem auxiliado Stormie e tantos outros autores de autoajuda cristã nos últimos anos. Trata-se de estratégia presente no cotidiano de inúmeras lideranças religiosas em longa data. Para Stewart Hoover, religião e mídia estão conectadas e, no início de século XXI, essa relação ocorre em suas mais variadas formas. Por meio do discurso, assistimos nos últimos anos aos mais variados eventos de mídia envolvendo temáticas religiosas:

Eventos e ícones notáveis parecem surgir com crescente frequência. Nos últimos anos, assistimos a eventos mediados dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 e 7 de julho de 2005, escândalos amplamente cobertos nas igrejas católicas dos EUA e da Europa, lutas públicas dentro de grupos religiosos por causa de direitos sociais gays, políticos dos EUA em campanhas dominadas por discursos de religião, o ressurgimento da religião na vida política e social européia, A Paixão de Cristo, de Mel Gibson (...) (Tradução minha)¹⁸¹

¹⁸⁰ Bourdieu entende por esse termo não apenas o acúmulo de bens e riquezas econômicas, mas todo recurso ou poder que se manifesta em uma atividade social. Assim, além do capital econômico (renda, salários, imóveis), é decisivo para o sociólogo a compreensão de capital cultural (saberes e conhecimentos reconhecidos por diplomas e títulos), capital social (relações sociais que podem ser convertidas em recursos de dominação). Em resumo, refere-se a um capital simbólico (aquilo que chamamos prestígio ou honra e que permite identificar os agentes no espaço social). Ou seja, desigualdades sociais não decorreriam somente de desigualdades econômicas, mas também dos entraves causados, por exemplo, pelo déficit de capital cultural no acesso a bens simbólicos. BOURDIEU. Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 7ªed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

¹⁸¹ Notable events and icons seem to emerge with increasing frequency. In recent years alone we've seen to mediated events of the September 11, 2001, and July 7, 2005 terror attacks, widely covered scandals in the US and European Catholic Churches, public struggles within religious groups over social such gay rights, US political campaigns dominated by discourses of religion, the re-emergence

Hoover destaca que a religião nunca esteve tão evidente na mídia, de modo a produzir uma visibilidade capaz de mesclar discursos entre a mídia secular e institucional, ou seja, aquelas comandadas pelas instituições religiosas. Essa discussão perpassa pela seguinte questão: a religião, ao fazer parte da cultura, condiciona os seres humanos? Sim, todavia, a identidade individual dos sujeitos produz resultados diversos, ou seja, a religião muitas vezes determina o indivíduo, mas também é interpretada de diversos sentidos por ele.

Tem sido fácil pensarmos nas relações entre religião e mídia em termos institucionais. (...) Pensamos que a cultura é apenas uma forma de tornar a comunicação, a interação, a memória e a história possíveis nas relações sociais, fornecendo as linguagens e os contextos de interação. Nesta visão “recebida”, a sociedade é o conjunto mais fixo e rígido de categorias dentro do qual os seres humanos devem aprender a agir. Ele fornece as estruturas e limites dentro dos quais coisas como “cultura” e “religião” fazem seu trabalho. E a identidade individual é, de alguma forma, resultado desses outros fatores, condicionados - e até determinados principalmente - por eles.¹⁸² (Tradução minha)

As experiências mediadas do tempo presente possibilitaram muitas alternativas para as religiões bem como para as lideranças religiosas exporem os seus discursos. Com isso, angariaram seguidores e muitas vezes fiéis que, por ventura, passam a se identificar com o *corpus* discursivo de determinados líderes e instituições. O grande exemplo foi Stormie quando conheceu o pastor Jack Hayford, e pelas palavras foi convencida a se converter e frequentar a Igreja do Evangelho Quadrangular. Como se viu, tratou-se de um movimento que ocorreu logo após ter sido tocada pela experiência da leitura, bem como das palavras proferidas pelo pastor.

Contudo, com a ampla tecnologia que temos à disposição atualmente, as enunciações discursivas e as estratégias de convencimento ganharam inevitavelmente a possibilidade de levar a palavra religiosa a milhares de sujeitos através das mídias digitais. Todavia, juntamente com as estratégias das lideranças

of religion in European political and social life, Mel Gibson's *The Passion of the Christ* (...). HOOVER, Stewart. **Religion in the media age**. New York: Routledge, 2006, p.1

¹⁸² [...] it has been easy for us to think of relations between religion and the media in institutional terms. (...) We have thought of culture as merely making communication, interaction, memory and history possible within social relations by providing the languages and contexts of interaction. In this “received” view, society is the more fixed and hard set of categories within which human beings must learn to function. It provides the structures and boundaries within which things like “culture” and “religion” do their work. And individual identity is somehow a result of these other factors, conditioned- even mostly determined- by them. Ibidem, p.1

religiosas, essa mesma mídia serviu para criar nichos de mercado, marcados por estratégias de convencimento e discursos que cotidianamente constroem inúmeras realidades.

A partir do momento que igrejas e lideranças adotaram posicionamentos não mais tão arraigados à tradição institucional, como ocorreu até meados do século XX, as mídias digitais possibilitaram uma nova roupagem para as enunciações evangélicas. As experiências midiáticas, como as de Omartian com seus livros e divulgações nas mídias sociais, possibilitam a construção de contornos sociais e políticos, ou seja, uma ampla presença de lideranças religiosas nas mídias, situação perceptível também no Brasil.

Stormie Omartian se tornou uma escritora cristã de sucesso em meados dos 1980, mas foi especificamente no início dos anos 2000 que ficou mundialmente conhecida. A partir dessa década passou a utilizar as mídias digitais, uma estratégia comum por parte dos pastores e lideranças religiosas nos Estados Unidos. Na atualidade, essas mídias tornam-se o principal canal de comunicação da escritora com o seu público alvo, as mulheres.

A midiaticização massiva da religião foi adotada pelos segmentos religiosos estadunidenses de forma mais profunda desde meados dos anos 1920 com a popularização do rádio, como vimos no primeiro capítulo. Hoover, em suas pesquisas sobre mídia e religião, não deixa de trazer essa referência e problematizá-la como essencial para a constituição de um *corpus* discursivo de grande apelo popular no que se refere à religião nos Estados Unidos.¹⁸³

Hoover defende que, até recentemente, os estudos de mídia ignoraram a religião e vice-versa, até porque ambas as áreas se viam como independentes, mesmo que toda uma realidade de interpenetração já ocorresse sobretudo desde as décadas iniciais do século XX. Contudo, com a midiaticização digital, as religiões obtiveram uma visibilidade maior, conseguiram angariar fiéis, manter o seu *status* social e alcançar novos sujeitos políticos sociais e culturais: conservadores, religiosos, voltados aos valores familiares, aos papéis tradicionais de gênero e contra os grupos opostos a esse modelo de sociedade, tais como as feministas e LGBTs. Todo esse modelo social tem sido bastante possibilitado por meio do alcance discursivo e as propagações de mensagens religiosas.

¹⁸³ Ibidem, p.8

3.5 - FAMÍLIAS CRISTÃS E MULHERES VIRTUOSAS: A CONSTRUÇÃO DE GÊNERO DENTRO DE UM MODELO DE SOCIEDADE “PERFEITA” NOS LIVROS DE STORMIE OMARTIAN

Segundo os estudos de Sally Gallagher, realizados sobre o contexto estadunidense, o discurso social sobre a família é envolto em uma ampla capa institucional, pois, para os evangélicos de lá, a forma conservadora de pensar as relações de gênero é interpretada tanto no âmbito público, como no privado, pois trata-se de algo central para a manutenção de seus horizontes de fé.¹⁸⁴

Para Gallagher, as famílias evangélicas estadunidenses do tempo presente têm recorrido a possibilidades diversificadas para vivenciar a religião e articular seus intentos dentro daquilo que acreditam ser viável para a manutenção do *status quo* religioso. Essas táticas articulam possibilidades diversas em seus ideais e escolhas, tanto familiares como amorosos, no âmbito público e privado.

Obviamente que isso não ocorre sem gerar tensões constantes nesses grupos, situação comum quando se articulam as tensões do mundo contemporâneo e a defesa de modelos antigos de família e gênero. O grande exemplo a ser citado no âmbito da resolução de conflitos presentes na família cristã tem sido, nas últimas décadas, as literaturas de autoajuda e aconselhamento cristão. Nesse campo, a escritora cristã Stormie Omartian tem muito a acrescentar, pois, vários de seus livros foram campeões de vendas na década de 2000, não somente nos Estados Unidos, mas também em outros países, entre eles podemos destacar o *best-seller* *The Power of a praying wife*, no Brasil publicado como *O poder da esposa que ora*.

Em 2002, esse livro ficou 37 semanas em primeiro lugar na lista dos mais vendidos nos Estados Unidos. Seu sucesso não foi diferente no Brasil, traduzido e publicado pela editora Mundo Cristão em 2005. O sucesso foi muito grande, e esse livro deu visibilidade a Omartian no mercado editorial brasileiro, angariando leitores e leitoras de todas as vertentes evangélicas¹⁸⁵.

¹⁸⁴ GALLAGHER, op. cit., p.4

¹⁸⁵ Informações referentes a vendas dos livros de Stormie Omartian nos Estados Unidos encontram-se disponíveis no site: <https://www.christianbook.com/> no Brasil, as vendas de Stormie podem ser acompanhadas no site da editora Mundo Cristão: <https://www.mundocristao.com.br/>

No geral, a narrativa do livro é simples, de escrita direta, e busca levar uma mensagem clara de como uma senhora casada deve comportar-se com o esposo, a administração doméstica, o cuidado dos filhos, a carreira profissional, bem como todas as tarefas cotidianas que a autora classifica como femininas. A construção de um lugar social para a mulher é muito clara nos escritos de Omartian. De forma específica em *O poder da esposa que ora*, este lugar é o casamento acompanhado da submissão ao esposo. Vejamos um aconselhamento de Stormie para as mulheres que muitas vezes não conseguem aguentar a pressão de um matrimônio e pensam em divórcio:

Espera! Antes que você desista do seu casamento... Confesso que desde já houve uma época em que pensei em separação e divórcio. Essa última revelação é embaraçosa, porque não creio que qualquer uma dessas opções seja a melhor resposta para um casamento em dificuldades. Creio na posição de Deus a respeito do divórcio. Ele diz que isso não é certo e que isso o entristece. A última coisa que quero fazer é entristecer Deus. [...] Aos olhos de Deus, a força do homem e da mulher juntos é muito maior do que a soma das forças de cada um dos dois, individualmente. Isso porque o Espírito Santo os une e dá mais poder as suas orações.¹⁸⁶

Na passagem seguinte, reafirma o compromisso do matrimônio e o esforço que a mulher deve empregar para mantê-lo:

As orações da esposa pelo marido têm um efeito muito maior sobre ele do que as de qualquer outra pessoa, mesmo as da mãe dele. Aos olhos de Deus, a força do homem e da mulher juntos, é muito maior do que a soma das forças de cada um dos dois, individualmente, isso porque o Espírito Santo os une e dá mais poder em suas orações. Maridos e esposas não foram destinados a brigar, afastarem-se emocionalmente, viver um casamento falido, ser infelizes e divorciarem-se. Não desista de seu casamento mulher, peça a Deus para lhe dar um marido renovado¹⁸⁷.

Esse compromisso de manter o casamento independente da dificuldade é característico no discurso da escritora, pois ela atribui uma hiper responsabilidade para as mulheres ao delimitar o casamento e a família como seus espaços únicos de atuação e felicidade. A partir desse espaço gendrado, as mulheres precisam, à sua maneira, tornarem-se protagonistas na superação dos desafios, independente de

¹⁸⁶ OMARTIAN, Stormie. **O Poder da Esposa que Ora**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2005, p.15-16.

¹⁸⁷ Ibidem, p.18

“pobreza, infidelidade ou abuso de autoridade”¹⁸⁸, pois o matrimônio, sendo sagrado, precisa perseverar, afinal, dentro da longa duração cristã, a tradição é reiterada nas relações de gênero. Estes elementos estão fortemente presente na forma como a autora interpreta a realidade e escreve para as mulheres evangélicas:

[...] você tem de confiar que aquilo que caiu sobre você- seja abuso, morte de um filho, infidelidade, pobreza, perda, doença grave ou acidente- pode ser libertado das garras da morte. Você tem de resolver que tudo está consumindo você e seu marido, tal como excesso de trabalho, alcoolismo, abuso de drogas ou depressão, pode ser destruído¹⁸⁹.

Nas concepções de Omartian, a obrigação da mulher é prezar pela união com o esposo, para de certa forma manter a família, e o que a mulher temente a Deus pode fazer quando há uma crise no casamento? Orar, pois a oração de uma esposa fervorosa pode operar milagres em um matrimônio em crise, e a escritora aproveita para vender seus escritos como um caminho eficaz para mulheres casadas desorientadas em relação a como colocar em prática a oração:

Uma oração de cada vez - não fique confusa com as muitas maneiras que existem para orar por seu marido. Não é necessário fazer tudo em um dia, numa semana ou até em um mês. Deixe que as sugestões desse livro orientem-na e depois ore mediante a orientação do Espírito Santo. Quando os problemas forem difíceis e requererem uma ação direta, o jejum tornará as suas orações mais eficazes. A oração por meio da leitura das escrituras também se constitui num instrumento de poder¹⁹⁰.

Essas orientações de Omartian criam um apelo, e ao mesmo tempo uma forte empatia, no indivíduo leitor, analisando que a grande gama de pessoas que consomem os livros da escritora são mulheres. Nesse sentido, a autora sabe bem como explorar os sentimentos e as subjetividades de suas leitoras, em sua maioria mulheres religiosas que compartilham do universo simbólico de Stormie Omartian.

Segundo Mia Lövhelm, as mulheres religiosas, na vida pessoal e íntima, desenham articulações entre religião e vida privada de forma mais ampla que os homens. Partindo do pressuposto pregado por parte da tradição religiosa cristã acerca do lugar da mulher na família, não é difícil compreender os motivos pelos quais livros como *O Poder da Esposa que Ora* façam tanto sucesso entre as mulheres cristãs. Identificação e empatia são palavras-chave para essa análise:

¹⁸⁸ Ibidem, p.19

¹⁸⁹ Ibidem, p.20

¹⁹⁰ Ibidem, p.23

As mulheres baseiam-se nas articulações pessoais e íntimas da religião porque a esfera privada do lar e da família situou e ainda em grande medida situa mais as suas vidas do que ados homens, mas também articula religião e mulheres - mais frequentemente do que com os homens – na vida privada e nos aspectos corporais quando assumidos em um discurso cultural mais amplo. (Tradução minha)¹⁹¹

De acordo com Mia Lövhheim¹⁹², as mulheres na cultura ocidental foram, durante muito tempo, associadas pelo patriarcado à esfera doméstica (por natureza o âmbito privado). Isso possibilitou a constituição de parte das subjetividades femininas a partir da empatia com os discursos religiosos e na identificação direta com os modelos de gênero construídos pela religião. Assim, a partir de determinados momentos da história muitas mulheres passaram a creditar seus exemplos pessoais à devoção, à fé e à virtude.

Esses valores se colocaram como metas a serem seguidas por meio de discursos e práticas culturais no âmbito privado e público. Segundo essa concepção, tais mensagens devem espalhar-se para o maior número de indivíduos como verdades a serem seguidas. A ideia fica visível na própria autobiografia de Omartian, que serviu de base para a escrita de seus livros, e um reforço na construção social do sujeito mulher em suas obras.

Dessa forma, como as mulheres sempre foram associadas pelo discurso religioso à sexualidade, a opiniões pessoais, aos ambientes privados e às esferas domésticas, Lövhheim questiona o seguinte: como muitas dessas mulheres absorvem os discursos religiosos e os reelaboram partindo daquilo que tem sentido para si e para os outros? Que instrumentos muitas das mulheres religiosas utilizam para ter contato com essas mensagens¹⁹³?

A mídia está no cerne dessa discussão, pois, por meio dela muitos indivíduos religiosos sem poder ou cargos institucionais dentro dos grupos cristãos passam a ficar conhecidos ao compartilharem suas mensagens. Assim como Stormie Omartian, que não é pastora, mas, pelos seus escritos, sua autobiografia e a

¹⁹¹ Women draw on the personal and intimate in their articulations of religion because the private sphere of home and family has situated and still to a large extent situates their lives more than men, but women's articulations of religion also – more frequently than men's – become associated with private life and bodily aspects when taken up in a broader cultural discourse. LÖVHEIM, Mia. **Media, Religion and Gender: Key Issues and new challenges**. New York: Routledge, 2013, p.367

¹⁹²Ibidem.

¹⁹³ Ibidem, p.368

constante presença nas mídias, ganhou uma enorme visibilidade, representação e significância dentro do *corpus* religioso pentecostal. Essa conjuntura acaba servindo como um canal para as mulheres que recebem essas mensagens, e dessa maneira consolida-se a religião midiática:

[...] Uma dimensão adicional é como os usos da mídia pelas mulheres para refletir e expressar experiências religiosas muitas vezes se torna uma caixa de ressonância para debates sobre fronteiras entre o caráter autêntico ou deletério da religião mediada, não menos quando as identidades e histórias religiosas das mulheres são expressas em formas de mídia popular ou se cruzam. (Tradução minha)¹⁹⁴

A partir dessas colocações pergunta-se qual o verdadeiro sentido da religião mediada? O que perpassa pelo discurso de um enunciador, tal qual Omartian, e atinge uma legião de corpos enunciatários, nesse caso as leitoras dos livros e mensagens de Stormie? As identidades femininas religiosas ganham impulsos a partir do momento que são expressas em formas de feminilidade e padrões sociais e comportamentais. Tudo isso vai ao encontro do discurso religioso cristão e a estratégia de Stormie Omartian em seus livros e mensagens na internet.

Em *O Poder da esposa que ora*, ela reforça a identidade feminina conectada ao matrimônio, e ainda reforça uma sexualidade conjugal regrada, ou seja, aceitável apenas dentro do casamento. Mesmo que muitas vezes o marido não seja necessariamente fiel, a esposa, por meio da oração, deve pedir a Deus para desviá-lo de toda sexualidade não “saudável” e reconduzi-lo ao casamento. A oração pela sexualidade conjugal busca justamente afastar os “vícios” do casal:

Ao analisarmos o passado de Omartian, especificamente sua vida antes da conversão, uma sexualidade “desregrada” estava presente em sua vida, dessa forma, não é surpresa em passagens como essa ela condenar pessoal e moralmente toda forma de sexualidade não normatizada.

Em Omartian, a superação das tintas do passado e o exemplo de uma vida contemplada pelo encontro com a fé, tornam-se a regra geral para si mesma, o que acarretou na elaboração de discursos idênticos para suas fiéis leitoras. Sua trajetória, seu exemplo pessoal, suas subjetividades em relação ao corpo, ao sexo, a

¹⁹⁴ [...] An additional dimension is how women's uses of media to reflect on and express religious experiences often become a sounding board for debates over boundaries between the authentic or deleterious character of mediated religion, not least when women's religious identities and stories are expressed in ways that border on popular media forms or intersect. Ibidem, p. 367

família e ao casamento estruturaram-se em uma ampla gama discursiva produtora de tecnologias de gênero.

Um elemento que também chama muita atenção em *O poder da esposa que Ora* é a legitimação do poder masculino dentro da família, acompanhado da submissão feminina. A obediência da mulher é uma constante em todos os seus textos, tanto que muitas vezes aponta o seu exemplo pessoal, ao afirmar que “desde o seu casamento com Michael Omartian nos anos 1970, segue em busca da preservação de seu matrimônio.” Na sua perspectiva, a preservação de um casamento duradouro só foi possível porque afirma compreender o marido mesmo nos momentos difíceis, ancorado ao seu papel de mulher e esposa submissa.¹⁹⁵

A longa tradição cristã construiu papéis de gênero, que repetidamente e de forma corporificada marcaram as fronteiras entre o feminino e o masculino. Essa tradição contribuiu para a consolidação de esferas distintas, associando o espaço público ao universo masculino, e o privado e doméstico ao feminino. Em consequência disso, o cuidado da casa, dos filhos e a manutenção da família se naturalizaram historicamente como o lugar da mulher, algo defendido por Stormie Omartian em seu discurso construído nos livros e em suas mídias sociais.

FIGURA 5: TWITTER OFICIAL DE STORMIE OMARTIAN



Fonte: <twitter.com/StormieOmartian>, acesso em 30/03/2015

¹⁹⁵ OMARTIAN, S. *Uma História de perdão e cura...*, p. 33.

Para dar ênfase ao seu discurso midiático sobre a mulher e a família, e simultaneamente promover os seus livros, o uso das mídias sociais tem sido a principal fonte de divulgação e exploração da escritora. As mensagens de aconselhamento para as mulheres são comuns nessas postagens. Vejamos a postagem do dia 30 de março de 2015 (Figura 3), autoproclamado pela autora como a “*segunda feira do casamento*” (#MarriageMonday). Esse hábito tem sido mantido desde 2014, em seu Twitter, dedicando postagens e aconselhamentos voltados à manutenção do casamento.

Em primeiro lugar devemos ter atenção ao título da mensagem: “Quando a mulher sábia fala”: ou seja, uma mulher cristã, casada, mãe e esposa tem que possuir sabedoria na hora que vai falar e expressar seus posicionamentos sobre diversas questões, principalmente quando vai falar com o marido. O primeiro aconselhamento da postagem afirma que toda mulher “tem que dar razão para a esperança que há dentro dela”, seguido da afirmação: “ela sabe que o tempo é importante”, e depois disso: “ela fala a verdade” e finalizando com: “as palavras dela são graciosas”.

Ao analisarmos o discurso de Omartian, é notável a percepção de um aconselhamento normatizador feminino por parte da escritora. Ao estarmos atentos ao título da postagem, “Quando a mulher sábia fala”, ou seja, a mulher tem que saber a hora e o lugar para falar, não ser impulsiva, tem que usar a razão e não ser levada pela emoção.

O primeiro ponto da mensagem evidencia a concepção do aconselhamento cristão da escritora. Stormie Omartian afirma que “ela dá razão para a esperança que está dentro dela” e aconselha as mulheres a serem pacientes com os seus maridos. A tonalidade dessa postagem é recorrente nos seus discursos em favor do casamento, e, para ela, a mulher cristã ideal é aquela que não desiste e não deixa de ter esperança.

O segundo ponto exposto enfatiza que “a mulher sábia” “sabe que o tempo é importante”, isto é, não há a necessidade por parte de nenhuma mulher cristã casada, mãe e esposa cair em desespero quando conflitos, desentendimentos e desgastes surgem no matrimônio. Nessa ótica, valores como a calma, serenidade, sabedoria e principalmente dar tempo ao tempo são necessárias para sanar as dificuldades na vida conjugal.

O terceiro ponto determina que “ela diz a verdade”, ou seja, a mulher cristã jamais pode utilizar subterfúgios como a mentira em sua relação com o marido. Essa relação deve ser perpassada pela lisura, honestidade e verdade. A esposa jamais pode omitir algo ao esposo. O quarto ponto enfatiza que “as palavras dela são graciosas”, e, portanto, a mulher sempre deve estar bem disposta, bem humorada, e jamais ser ranzinza ou amarga com o marido. Doçura, serenidade, leveza e graça são virtudes indispensáveis para a mulher cristã ao dirigir-se ao esposo.

Rebeldia, insubmissão e discordâncias constantes são palavras que devem estar distantes do dicionário da esposa virtuosa que luta para manter o casamento. Portanto, pode-se perceber que Stormie utiliza da sua mídia social para promover os seus livros e, além disso, demonstra uma grande normatização dos gestos, comportamentos e atos femininos. Nesses discursos, todas as frases reforçam o consenso institucional da longa tradição cristã em relação à submissão da mulher ao marido.

FIGURA 6: TWITTER OFICIAL DE STORMIE OMARTIAN



Fonte: <twitter.com/StormieOmatian>, acesso em: 23/03/2015

Os seguidores de Omatian nas mídias percebem que o controle das emoções que geram sentimentos de raiva são quesitos muito presentes em seus textos. A normatização do indivíduo por meio do aconselhamento de paz é uma estratégia empregada por Omatian na internet e em seus livros. Na mensagem do Twitter de 23 de março de 2015, o apelo pela paz se faz presente em uma

mensagem curta, direta com o seguinte chamariz: “não deixe a raiva controlar você, controle-a”, pois somente em um ambiente de paz, tranquilidade e compreensão possibilitaria a consolidação de um casamento saudável e harmonioso. Em *O poder da esposa que ora*, a questão fica bem evidente:

Se você estiver com raiva e seu marido, conte isso a Deus. Não permita que o sentimento se torne um câncer crescente a cada dia. Não diga: “vou viver a minha vida e ele que viva a dele.” Há um preço a pagar quando agimos independentemente um do outro. “No senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem independente da mulher” (1, Cor, 11, 11).¹⁹⁶

As citações bíblicas são reiteradas em seus textos. Mesmo que o seu discurso sempre parta de sua experiência pessoal, a tradição cristã que consolidou as relações de gênero é constantemente resgatada pela autora para legitimar os seus posicionamentos, construtores de tecnologias de gênero. Essas tecnologias são cristalizadas no cristianismo, independente das novas roupagens e estratégias midiáticas para manter a sua relevância na sociedade. Esses modelos tradicionais de gênero vem sendo questionados por inúmeros movimentos de mulheres.

Os feminismos contemporâneos e os ativismos digitais são os grupos que mais buscaram questionar a repetição e a estagnação dos papéis de gênero dentro de instituições sociais como a família. De acordo com Lövheim, esse questionamento tem sido expressivo nos Estados Unidos, que por outro lado também tem despertado uma guerra de narrativas entre religiosos progressistas e religiosos conservadores.

À medida que as noções dominantes de autoridade religiosa-completamente permeadas por séculos de dinâmicas patriarcais e sexistas - começam a desmoronar, novas experimentações emergem e mulheres jovens podem ser encorajadas a reivindicar entendimentos alternativos de autoridade religiosa, que estão presentes em tradições religiosas, mas têm sido frequentemente marginalizadas ou suprimidas. As abordagens feministas da fé, por exemplo, frequentemente enfatizam formas profundamente colaborativas, não hierárquicas e participativas de autoridade religiosa. (Tradução minha)¹⁹⁷

¹⁹⁶Ibidem, p.31

¹⁹⁷ As the dominant notions of religious authority – thoroughly permeated by centuries of patriarchal and sexist dynamics – begin to crumble, new experimentation emerges and young women can be encouraged to claim alternative understandings of religious authority, which a represent in religious traditions but have often been marginalized or suppressed. Feminist and woman its approaches to faith, for example, often emphasize deeply collaborative, non-hierarchical and participatory forms of religious authority. LOVHEIM, op. cit., p.368

Segundo Lövheim, existem diferenças mesmo dentro das próprias comunidades religiosas, e as mulheres das novas gerações têm sido encorajadas a buscar formas alternativas para viverem suas vidas. Alternativas que fogem ao discurso patriarcal normatizador que há séculos dominou as relações de gênero dentro do cristianismo e constituiu-se de forma bastante latente nas comunidades religiosas, ou seja, nos mais variados credos e denominações cristãs.¹⁹⁸

Contudo, de acordo com a autora, esses desafios são muito grandes, pois as resistências e a força do conservadorismo de gênero nas comunidades religiosas americanas são intensas. Não obstante, alternativas foram construídas nos últimos anos, e muitas mulheres estão vivendo uma vida cada vez mais de acordo com os valores de uma sociedade laica e secular.

No entanto, chegar a um senso de si como pessoa de fé e de uma mulher dentro de qualquer das principais tradições de fé no contexto dos EUA exige um processo complexo e difícil que engloba o que Parker chama de dança de “realização, resistência, resiliência e ritual” (2006b: 165). É ao mesmo tempo uma dança no coração de uma comunidade de fé e nos limites dessa mesma comunidade. As mulheres jovens - de fato, mulheres de todas as idades - devem encontrar maneiras de manter dentro de si a “tensegridade” da vida em meio à dinâmica destrutiva das culturas religiosas que privilegiam a dinâmica patriarcal e o heterossexismo e, ao mesmo tempo, fornecem narrativas poderosas de resistência e profundas transformações.¹⁹⁹

Dessa forma, como pesquisadores, precisamos perceber que o discurso cristão em relação aos papéis de gênero, família e sexualidade não pode ser visto como algo hegemônico dentro da conjuntura do tempo presente. Contudo, ainda possui um forte poder simbólico sobre os grupos religiosos e na sociedade. Esse simbolismo se acomoda de forma estratégica nas subjetividades do sujeito religioso, e ganha visibilidade e empatia em outros segmentos não necessariamente religiosos. Discursos como os de Stormie Omartian utilizam as mesmas estratégias

¹⁹⁸ Ibidem.

¹⁹⁹ Yet coming to a sense of oneself as a person of faith and a female within any of the primary faith traditions in the US context requires a complex and difficult process that encompasses what Parker calls a dance of “realization, resistance, resilience and ritual” (2006b: 165). It is at one and the same time a dance into the heart of a community of faith, and to the edges of that same community. Young women – indeed, women of all ages – must find ways to hold within themselves the “tensegrity” of living amidst the destructive dynamics of religious cultures that privilege patriarchal dynamics and heterosexism, and yet at the same time also provide powerful narratives of resistance and deep traditions of transformation. Ibidem, p.341

de propagação midiáticas que outros grupos sociais na era digital, resultado de um longo processo de convivência entre mídia e religião.

3.6 - A FAMÍLIA CRISTÃ NORMATIZADA: A PERSPECTIVA DO MARIDO E A RELAÇÃO COM OS FILHOS NOS TEXTOS DE STORMIE OMARTIAN

Embora Omartian se preocupe mais com às mulheres cristãs e suas relações com a família, ela também possui, dentro de sua produção bibliográfica, livros direcionados aos maridos e a relação com os filhos, tais como *O poder do marido que ora* e *O poder dos pais que oram*.

O poder do marido que ora é uma cartilha direcionada ao homem cristão casado, no qual muitos valores designados às mulheres também direcionam-se ao esposo. Contudo, nesse livro, a autora defende posturas sexistas a todo o momento, de modo que o marido é poupado de inúmeras questões práticas e cotidianas da vida em matrimônio, e a própria escrita de um livro dedicado aos homens cristãos é um exemplo. Stormie justifica o motivo de ser ela a escrever textos de aconselhamento para os maridos, e não o seu esposo Michael Omartian:

Por que não ele?
É possível que você esteja se perguntando neste exato momento: por que não é o marido de Stormie que está escrevendo esse livro? A resposta é simples. Ele é exatamente como você. Um homem ocupado que tem lugares para ir, pessoas para encontrar, família para sustentar, comida para comer, um pouco de vida para viver, um pouco de futebol para jogar, esportes para assistir na TV, o controle remoto para zapear, e uma falta de paciência crônica para escrever. Não que ele não ore. Ele ora, mas simplesmente é um homem de poucas palavras, tratando-se de oração. (Justamente o oposto do que acontece quando o time pelo qual ele torce está perdendo). De fato ele sempre tem uma resposta direta para as pessoas que o perguntam: por que você não escreve um livro chamado “O Poder do Marido que Ora?”. Se fosse para eu escrevê-lo, diz com naturalidade, seria um folheto.²⁰⁰

O que se percebe na justificativa de Stormie é que, em sua perspectiva, o homem trabalha demasiadamente, ocupando-se com outras atividades que não a escrita: o sustento financeiro, a manutenção da família (uma construção patriarcal e muito antiga na cultura acerca do papel masculino), os compromissos cotidianos,

²⁰⁰ OMARTIAN, Stormie. **O poder do Marido que ora**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2003, p.16

além do lazer - no caso o futebol e a TV -, que na concepção da autora é sagrado para todo homem. Tudo isso impede o marido de Stormie de escrever, sem falar que, nas afirmações da autora, a escrita é uma prática muito mais adequada às mulheres do que aos homens, visto que, “a falta de paciência para a escrita perpassa pelas características masculinas.”²⁰¹

A gendrificação dos lugares sociais do homem e da mulher é uma problemática clássica discutida pela crítica feminista, em especial nas reflexões de Teresa Di Lauretis e Gayle Rubin²⁰². Em seu artigo *Tráfico de Mulheres e Economia Política do Sexo* de 1975, Rubin traz questões como *subordinação e desigualdades*, as quais são categorizadas como naturais em algumas culturas, havendo variações de uma para outra. Em sua perspectiva, as estruturas dos sistemas de gênero estão diretamente ligadas ao domínio masculino, e tais estruturas estariam interconectadas aos sistemas de parentesco e na divisão sexual do trabalho.

Segundo Rubin²⁰³, a partir da Revolução Industrial e a formação de uma classe operária, houve a apropriação moral de costumes e práticas culturais calcadas no patriarcado, que foram absorvidas pela cultura das sociedades modernas. No entendimento da autora, por estar dentro da cultura, o patriarcado foi apropriado de forma inconsciente. Seus ditames, culturalmente estruturados em papéis, práticas e costumes, entre eles a divisão de gênero, se reproduziram e se naturalizaram facilmente. O exemplo mais conciso apontado seria a dupla jornada da mulher, a qual, além de trabalhar mais de doze horas até meados do século XX, tinha a responsabilidade de administrar as tarefas do lar, sendo o trabalho doméstico, o cuidado com os filhos e o preparo do alimento sua *função exclusiva*.

A divisão sexual do trabalho é notável nos discurso de Omartian, bem como nas aptidões e tarefas cotidianas do marido e da mulher. Muito embora Stormie tenha uma profissão, os cuidados com a casa, filhos, tarefas domésticas e esposo são suas responsabilidades primordiais, tanto que em seus textos e aconselhamentos ela defende essa responsabilidade.

²⁰¹ Ibidem, p. 17

²⁰² RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política del sexo”. In: NAVARRO, Marysa, STIMPSON, Catharine R. (Org.) **¿Qué son los estudios de mujeres?** México, Brasil, Venezuela, Argentina, Colômbia, Chile, Espanha, EUA. Fondo de Cultura Económica. 1998, p.15-74

²⁰³ Ibidem.

Os papéis masculinos e o lugar social do homem na família cristã também são destacados pela escritora em *O Poder do marido que ora*. A responsabilidade com o trabalho e manutenção financeira do lar como funções masculinas são bastante evidentes:

há muitas coisas que uma mulher deseja ouvir de seu marido. Três das quatro mais importantes são: “eu te amo”, “você está linda”, e “as contas estão pagas”. Sei, porém, que uma coisa que todas as mulheres desejam ouvir, aquilo que vai fazê-la sentir-se mais amada do que qualquer outra coisa é “estou orando por você hoje”²⁰⁴.

Trata-se de uma postura em que os papéis sexuais de homem e mulher na família são visivelmente separados na divisão sexual do trabalho e lugar de gênero. A questão da chefia do lar por parte do marido a todo o momento é reafirmado pela escritora, e a autora afirma no livro que fez uma pesquisa com as mulheres cristãs para sustentar essa questão, contudo, no texto não se aprofunda e nem cita as fontes desse suposto trabalho:

em minha pesquisa com esposas, 85% delas disseram que a oração mais importante que o marido poderia fazer era para que ele se tornasse o homem, marido e chefe do lar que Deus queria que ele fosse. Esse é o ponto mais importante do qual um homem deve começar a orar²⁰⁵.

Stormie recorre à tradição bíblica para dar sustentação às suas afirmações sobre o papel social do marido no matrimônio.

A Bíblia diz: “maridos, vós igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois juntamente herdeiros da mesma graça de vida para que não se interrompam as vossas orações. (1.Pedro, 3:7, grifos da autora)”²⁰⁶

Percebe-se que esse lugar social do homem no matrimônio é uma preocupação constante em *O poder do marido que ora*, tanto que não é uma ou duas vezes que recorre a tradição bíblico-patriarcal para reafirmar esse discurso. Nesse sentido, Omartian condena o divórcio e a emancipação tanto do homem quanto da mulher que buscam viver uma vida individual fora do âmbito matrimonial:

²⁰⁴ OMARTIAN, op. cit. 2003, p. 27.

²⁰⁵ Ibidem, p. 32.

²⁰⁶ Ibidem.

É impossível para o marido e a esposa viverem de modo completamente independente um do outro sem pagarem um alto preço por isso. Esse tipo de vida torna-os incompletos. No Senhor, todavia, nem a mulher é independente do homem, nem o homem independente da mulher (1 Cor. 11.11)".²⁰⁷

É recorrente, no discurso de Omartian, o uso da figura do apóstolo Paulo em sua Carta aos Coríntios para sustentar a questão da submissão dos cônjuges ao matrimônio, bem como a obediência da mulher ao marido. Bertrand Russel²⁰⁸, em seu estudo *Casamento e moral*, fornece informações importantes sobre essa tradição na construção dos laços conjugais no cristianismo. Para o filósofo, as religiões exercem uma forte influência sobre as ações humanas em geral, e se diferenciam pela tradição e pelos diversos tipos de ação que são possíveis em cada cultura. No patriarcado ocidental, houve a construção de uma concepção integral de virtude feminina e masculina.

Sendo o cristianismo uma religião patriarcal, ele foi perpassado pela figura autoritária do pai, e nesse sentido a paternidade e a figura masculina passaram a representar com precisão o sentido da autoridade no matrimônio:

[...] o cristianismo, mais especificamente o apóstolo Paulo, apresentou uma visão inteiramente nova do casamento: ele não existia, sobretudo para a procriação de filhos, mas, para evitar o pecado da fornicação. [...] as opiniões de Paulo sobre o casamento estão expressas na primeira epístola as Coríntios, com uma clareza que não deixa nada a desejar. Em momento algum, ele sugere que o casamento possa ter algo de positivo, ou que o afeto entre marido e mulher possa ter algo belo e desejável, nem demonstra o menor interesse na família; a fornicação ocupa o centro das atenções em suas reflexões, toda a ética sexual é organizada tendo isso como referência²⁰⁹.

Embora a preocupação central do matrimônio cristão institucionalizado tenha se dado em face de procriação e a geração da descendência, esse viés foi elencado somente a partir do século XII, quando o casamento se tornou um sacramento dentro da Igreja Cristã. Antes desse período, a necessidade maior dos laços conjugais se colocava para evitar a prática sexual compulsória.²¹⁰

O que é importante destacar nessa perspectiva de análise é que a tradição paulina acerca do sexo deixou marcas profundas no cristianismo. Em suas várias

²⁰⁷ Ibidem.

²⁰⁸ RUSSEL, Bertand. **Casamento e Moral**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora da Unesp, 2015, p.17-18

²⁰⁹ Ibidem, p.35

²¹⁰ Ibidem.

segmentações, a prática sexual antes do casamento se pôs como um grande mal, um pecado que deveria ser combatido, característica presente até os dias de hoje no discurso de muitos segmentos religiosos.

A castidade e a prática sagrada do sexo somente dentro do casamento é uma defesa enfadonha de Stormie Omartian em seus textos. Em vários livros ela reafirma a necessidade da contenção sexual, principalmente da mulher, mas, a escritora não se esquece do homem, que também deve ser regrado. Contudo, cabe à mulher orar e zelar pela sexualidade sadia do cônjuge. Em *O poder da mulher que ora*, Stormie escreve um texto em formato de oração para a mulher virtuosa que busca afastar a sexualidade não “sadia” da vida de seu esposo:

Senhor abençoa a vida sexual do meu marido, e faz desta uma área de grande satisfação pessoal para ele. Restaura o que precisa ser restaurado e dá equilíbrio nas áreas em que isso se faça necessário. Protege-nos da apatia, da decepção, da tendência à crítica, do excesso de trabalho, da falta de perdão, da frieza e da falta de interesse um no outro. Oro para que tenhamos tempo de nos dedicar um ao outro e para que expressemos nossos sentimentos mais verdadeiros abertamente. Mantém-nos sensíveis para as necessidades do outro. Faz-nos sexualmente puros na mente e no corpo, e fecha as portas para todo tipo de impureza sexual ou ato ilícito que tente nos fazer passar dos limites. Livra-nos da escravidão dos erros do passado. Remove completamente os efeitos de todo tipo de impureza sexual seja em pensamentos ou atos- que tenha acontecido antes ou fora de nosso casamento. Purifica-nos pelo poder do Espírito Santo.²¹¹

O que Omartian compreende por vida sexual sadia é a sexualidade permeada pelo matrimônio cristão, no qual o sexo só deve ser praticado pelos cônjuges, sob a égide da benção divina. Assim, toda a forma de exercício da sexualidade fora disso, deve ser combatida pela esposa virtuosa, e a melhor arma nesse combate é a compreensão, o diálogo com o marido, bem como a oração constante.

A potência do discurso conservador feminino e os motivos pelos quais é tão aceito entre as mulheres pode ser bem compreendido por meio das análises de Bourdieu. Em *A dominação masculina*, o sociólogo observa que a maioria das mulheres aplica sobre o outro toda a realidade de dominação que se veem envolvidas.²¹² Contudo, esse processo se faz por esquemas de pensamento calcados nas relações de poder existentes na própria sociedade, os quais fazem

²¹¹ OMARTIAN, Stormie. **O poder da mulher que ora**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2010, p.26

²¹² BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 4ªed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2005, p.47

tabula rasa das violências simbólicas e das estruturas de dominação existentes entre os indivíduos que compõem as instituições sociais.

Escritoras conservadoras, ao exemplo de Stormie Omartian, não se enxergam como parte dessas relações de poder pela via da opressão, ao contrário enxergam na aplicação da norma e da ordem a possibilidade de construção de um processo de liberdade e democratização do papel feminino junto ao masculino. Para Omartian, o lugar institucional da construção desse processo é no casamento, na família e na religião, sempre reafirmando a norma e com isso conquistando capital simbólico²¹³ para si dentro dessas estruturas de poder.

As leitoras de Omartian que se identificam com as construções discursivas da escritora, provavelmente compartilhando da perspectiva de que elas têm a ganhar nessas mesmas estruturas de poder, irão defender a norma em nome de seus protagonismos sobre a família. Essa conjuntura também pode ser delineada nas relações dessas mulheres com o corpo, a sexualidade e a vida conjugal. Por essa análise, é possível compreendermos que controle e norma não explicam sozinhos, e nem se fazem isolados através do corpo dominante e do corpo dominado, e sim pela possibilidade da construção de espaços de poder.

A submissão, a oração e a obediência na concepção de Omartian, podem ser interpretadas como caminhos para se chegar a esse processo. Stormie reafirma a necessidade da pureza e santidade da mulher em *O poder da mulher que ora*. Contudo, é mais branda no que toca à questão masculina em relação à contenção:

Senhor: preserva-me em pureza e santidade: a bíblia diz que não me chamaste para a impureza, mas, para a santidade, tu me santificaste e me justificaste pelo sangue de Jesus Cristo. Tu me revestiste do novo homem, para que eu me assemelhasse a ti, em justiça e em santidade. Que eu possa apegar-me ao que é bom, e conservar-me pura. Com tua ajuda quero manter-me afastada de tudo o que não é santo. Não desejo desperdiçar minha vida com coisas sem valor²¹⁴.

Ainda em relação a questões referentes à pureza e santidade, a mulher que ora deve estar conectada aos caminhos de Deus:

Deus ajuda-me a examinar pensamentos e ações, e a voltar a teus caminhos nas áreas em que me desviei. Que eu possa tomar as providências necessárias para me manter pura diante de ti. Desejo ser

²¹³ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2011, pp.34-69

²¹⁴ OMARTIAN, op. cit., p.58

santa como tu és santo. Torna-me participante de tua santidade, e permite que meu espírito, minha alma e meu corpo sejam preservados irrepreensíveis. Sei que me chamaste para a pureza e santidade, e disseste: “aquele que vos chama é fiel, e fará isto”. Obrigada porque me manterás pura e santa a fim de que eu esteja inteiramente preparada para tudo o que me reservaste.²¹⁵

De acordo com Omartian, uma preocupação recorrente com toda a mulher cristã virtuosa são as amizades e relacionamentos, pois essas muitas vezes são úteis, ou acrescentam na vida do cristão, mas, em outras circunstâncias também o desviam do caminho e da contemplação divina. Logo, toda mulher cristã verdadeiramente temente a Deus deve saber escolher suas amizades e companhias, pois a santidade só é alcançada quando não há a tentação e o mau caminho:

Deus, entrego-te todos os meus relacionamentos em suas mãos e peço-te que os abençoes. Que tua paz reine sobre eles e que eles possam-te glorificar-te. Concede-me sabedoria para escolher meus amigos a fim e não andar com pessoas que venham a desviar-me de teus caminhos. Dá-me discernimento e forças para eu me separar daquelas que exercem influência negativa. Entrego-te meus relacionamentos e peço que cumpras tua vontade em cada um deles. Oro de forma específica pelos relacionamentos em minha família. Promove cura, reconciliação e restauração sempre que necessário. Abençoa-os e fortalece-os senhor²¹⁶.

A preocupação com as amizades e influências não benignas na vida da mulher cristã está diretamente ligada às tentações que a mulher virtuosa pode sofrer, as quais podem desviá-la do “verdadeiro” caminho de fé, obediência e contemplação divina:

Senhor não permitas que eu caia em tentação, livra-me do mal e dos planos do maligno para me derrubar. Em nome de Jesus repreendo toda a influência da tentação sobre mim. Fortalece-me e capacita-me a fim de que eu resista a tudo o que me poderia afastar de teus planos. Que eu não alimente pensamentos nem desejos que te desagradem ou contrariem tua vontade. Que eu não tenha uma vida secreta, com ações que, se reveladas, venham a causar-me embaraço ou vergonha. Não desejo participar das obras infrutíferas das trevas, mas, sim com tua ajuda, expô-las à luz.²¹⁷

Toda contemplação divina está diretamente ligada ao sepultamento do passado. Segundo Omartian, a mulher cristã tem que libertar-se do que se foi, principalmente se o seu passado não foi cristão. Nesse ponto é possível

²¹⁵ Ibidem, p.59

²¹⁶ Ibidem, p.64

²¹⁷ Ibidem, p.92

enxergarmos o exemplo da trajetória da escritora retratado em seus textos de aconselhamento:

Senhor peço que liberte-me de meu passado, nas áreas que eu ainda estou apegada a ele, peço livramento, cura e redenção. Ajuda-me a abrir mão de tudo que me prende à vida de outrora e me impede de avançar em direção aos teus propósitos. Que eu possa despir-me das velhas formas de pensar, sentir e lembrar. Concede-me a mente de Cristo para que eu seja capaz de perceber quando estou sendo controlada pelas lembranças. Entrego em tuas mãos meu passado e todas as pessoas a ele associadas para que possas restituir o que foi perdido²¹⁸.

As demandas de Stormie são constantemente voltadas a uma normatização da mulher cristã e em todos os âmbitos da vida feminina. A *posteriori*, esse projeto normativo presente em sua literatura de aconselhamento se estende para toda a família, ou seja, marido e filhos. Quando se trata do marido, nota-se a leveza com que a escritora retrata o universo masculino, principalmente o que ela denomina de “necessidades naturais masculinas”, algo que toda a mulher, segundo ela, deve identificar e compreender em relação ao marido. Em *O poder do marido que ora* esse discurso é reforçado em forma de oração:

[...] o marido diz: senhor ajuda-me a sempre tratar minha esposa com respeito e honra e jamais dizer, mesmo que brincando, qualquer coisa que possa humilhá-la. Ajuda-me a ter consideração por ela quando ela está exausta e não se sente bem. Contudo peço também, que ela possa entender minhas necessidades sexuais e também ter consideração por mim. Somente tu podes nos ajudar a encontrar esse equilíbrio²¹⁹.

Diferente das proibições do passado, o sexo é ressignificado no matrimônio pela tradição protestante, como uma conquista entre homem e mulher a partir de um compromisso sagrado²²⁰. Dessa forma, o sexo conjugal normatizado e monogâmico não se torna um pecado, pois, o erro seria a prática antes do casamento, sem compromisso e de forma casual. Em outra passagem, há um trecho em que a mulher deve orar, e junto ao marido deve repetir as seguintes frases antes da relação:

- Ela diz
1. Seu relacionamento sexual traga realização para vocês dois;
 2. Vocês não sejam egoístas em relação ao outro;

²¹⁸ Ibidem, p.120

²¹⁹ OMARTIAN, op. cit., 2003, p.118

²²⁰ ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Revista de Psicologia Científica. vol.22 n.2 Brasília Jun, 2002, pp.1-10**

3. O romance permaneça vivo no casamento;
4. Haja grande afeição e desejo entre vocês dois;
5. Ela seja compreensiva em relação às suas necessidades;
6. Ela não esteja exausta demais para ter intimidade;
7. Vocês sejam capazes de agradecer um ao outro sexualmente;²²¹

Em relação aos filhos, entre as preocupações tanto do pai quanto da mãe cristã são as amizades e também a sexualidade do filho. No livro *O poder dos pais que oram*, uma das grandes preocupações que dominam os aconselhamentos da escritora é o que ela chama de “imoralidade sexual”:

[...] a imoralidade sexual é a possibilidade mais temida na vida de nossos filhos, só superada pelos ferimentos graves, morte e inferno por toda a eternidade, porque os resultados do pecado sexual se prolongam pela vida a fora, tanto dos pais, quanto dos filhos. Palavras como aborto, experiência sexual antes do casamento, infidelidade, homossexualismo, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS fazem qualquer pai tremer²²².

Nota-se que toda a sexualidade não normativa ou perpassada pela ótica cristã de corpo não é válida para o modelo de família e sexualidade de Omartian. O certo e o errado da religião estão lado a lado com as expectativas culturais socialmente construídas dentro das relações de gênero. Essas premissas são reforçadas e compartilhadas pelo discurso da escritora. Na passagem seguinte, ela relata sua experiência pessoal e contínua de oração pela moralidade sexual na vida de seus filhos:

[...] tenho orado sobre esse assunto desde que meus filhos eram pequenos, e oro ainda hoje com fervor. Não quero que eles morram de AIDS, não quero ter netos antes que meus filhos se casem, e o mais importante, não quero que eles desobedeçam a Deus e deixem de receber o que ele tem preparado para as suas vidas. Sei que a plenitude da presença de Deus, a paz, as bênçãos e a alegria são sacrificadas quando há pecado sexual. O preço a pagar é muito alto²²³.

O preço alto, sem dúvida alguma, é o rompimento com a tradição e a com a continuidade de um ciclo culturalmente legitimado nos grupos cristãos. A manutenção da família nuclear tradicionalmente concebida com pai, mãe e filhos cristãos, seguidores das normas de conduta ensinadas por suas famílias, comunidades e igrejas é uma preocupação constante nos textos de Stormie. A

²²¹ Ibidem, p.116

²²² OMARTIAN, Stormie. **O poder dos pais que oram**. Tradução de Magali Fraga Moreira. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2001, p.131

²²³ Ibidem, p.131

quebra deste ciclo é um pesadelo tão profundo nos aconselhamentos da escritora para os pais cristãos, que em uma passagem do livro ela escreve a famosa “Oração pela moralidade”:

Senhor: peço que guardes meu filho sexualmente puro por toda vida. Dá-lhe um coração desejoso de fazer o que é correto nessa área, e permita que a pureza lance raízes em sua personalidade e guie seus atos. Ajude-o a estabelecer normas cristãs em seus relacionamentos e a resistir a tudo o que não seja o teu melhor. Abre seus olhos sobre a verdade de sua palavra e ajuda-o a se conscientizar de que o sexo fora do casamento jamais estará alicerçado no amor incondicional, duradouro e comprometido que ele precisa. Que sua personalidade não fique marcada por emoções prejudicadas pela fragmentação da alma, resultante da imoralidade sexual²²⁴.

Imoralidade, para Stormie, além de estar presente na falta de castidade e no sexo fora do casamento, está na homossexualidade, que a escritora faz questão de externar em sua forma patologizante (homossexualismo), a qual não é mais usada no vocabulário médico. Além disso, compara a homossexualidade com concupiscência, pecado e abuso:

Senhor: que ele não tenha relações sexuais pré conjugais, e que só se relacione sexualmente com seu cônjuge. Que o homossexualismo não tenha poder sobre ele, e nem surjam oportunidades de tentá-lo. Afasta-o de qualquer pessoa com intenção maligna, ou tira essa pessoa de sua vida. Protege-o de abuso sexual e estupro. Afasta os seus olhos da imoralidade sexual que satura este mundo e torna-o capaz de entender que “aquele que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus”. Senhor: que ele anseie pela tua aprovação. Não permitas em nenhum momento, que haja pecado sexual em sua vida. Liberte-o de todo espírito de concupiscência que possa tentá-lo a cair nessa área. Põe o alarme do Espírito Santo nele, e que funcione como uma sirene bem alta sempre que ele ultrapassar a linha do que é correto aos teus olhos²²⁵.

Segundo Omartian, a vida cristã dos filhos, as suas escolhas e condutas estão diretamente ligadas às pessoas com quem eles se relacionam, especialmente os amigos. Tanto que a preocupação com as amizades dos filhos é um elemento constante nos textos da escritora. Segundo ela, são as amizades que acabam exercendo fortes influências na vida dos rebentos de pais cristãos. Quando essas influências são boas e atendem à demanda dos costumes religiosos não há problema, mas, para Stormie, quando a influência é oposta é dever de todo pai e

²²⁴ Ibidem, p.133

²²⁵ Ibidem, p. 133

mãe cristãos afastar de perto da convivência dos filhos toda a influência de amigos que não estão de acordo com as normas de Deus:

eu costumo orar pelos amigos dos meus filhos, e quase todos tem se mostrado excelentes pessoas. Uma vez ou outra meus filhos se tornam amigos de algumas pessoas contra as quais eu, como mãe tinha restrições, mas não porque não gostasse delas. Na verdade em todos os casos, eu gostava muito delas, mas, não apreciava o tipo de influência que exerciam sobre meu filho nem o resultado que a amizade entre eles produzia. Para resolver a situação, eu orava. Orava para que aquela criança fosse transformada ou fosse tirada da vida do meu filho. Em todos os casos minha oração foi respondida e, em vários deles, como ficou demonstrado com o passar do tempo, minhas apreensões demonstraram-se fundamentadas. As crianças que despertam minha preocupação tornam-se cheias de problemas.²²⁶

O que é perceptível, em todos os textos de Stormie Omartian até aqui elencados, é uma busca incessante por uma normatização, principalmente das mulheres, como visto nas orações de *O poder da mulher que ora*. A busca pela santidade, a pureza, o recato e a vida voltada a Deus, e não ao mundo, são destacados como base necessária para toda a mulher cristã. Em seu principal livro *O poder da esposa que ora* a boa e dedicada esposa, é aquela compreensiva com o marido, que entende suas necessidades e momentos em sua vida de homem cristão, trabalhador e provedor de uma família. A submissão ao esposo se coloca nesse livro com base na palavra compreensão. Segundo Omartian, a boa esposa é aquela que compreende o marido e não o estressa com assuntos fúteis e banais, é a companheira que está por perto dando apoio em todos os momentos, sejam eles bons ou ruins, abastados ou frugais, sabendo que o marido sempre saberá tomar as decisões certas para o seu bem e da família.

Neste livro, Omartian reconhece que os homens possuem as suas “necessidades” em horários que não estão trabalhando, tais como jogar seu futebol e acompanhar seu time favorito pela TV. Também relaxar quando estão em casa, deitando no sofá, assistindo seus canais de TV favoritos. Para a escritora, essas práticas são naturais em todos os homens, cabe às esposas compreenderem e aceitarem, e não questionar o esposo com problemas banais, o que é considerado por Omartian como um ato inteligente da mulher cristã. Esses elementos constituem a premissa necessária para um casamento duradouro e uma família feliz.

²²⁶ Ibidem, p.60

A sexualidade permeia todos os aspectos dos livros aqui analisados, sendo que a feminina está presente em quase todos, principalmente em *O poder da mulher que ora* e *O poder da esposa que ora*. Nesses escritos, a castidade é apresentada como uma obrigação da mulher antes do casamento, e se porventura a mulher cristã teve um passado relapso em relação a esse quesito, as tintas passadas devem ser esquecidas em nome das escolhas feitas após o encontro com Deus.

A mulher virtuosa não pensa em sexo e o pratica somente com seu marido nos momentos certos. Em suas orações, ela deve pedir a Deus para que o fantasma da sexualidade impura permaneça bem longe de si, de seu matrimônio e principalmente de seu marido, pois, de acordo com a escritora, as tentações são constantes.

Essas tentações, os pecados do mundo, representam uma ameaça que todas as mulheres cristãs, mães, juntamente com o marido, devem estar atentas, especialmente com os filhos, o que fica bem claro em *O poder dos pais que oram*. Nesses aconselhamentos, a sexualidade não normativa é o alvo principal dos textos de Omartian. A escritora dedica algumas orações em prol da moralidade e aponta que todos os pais devem estar atentos às amizades que possam desviar os filhos do “verdadeiro caminho”, pois, segundo ela, o mundo oferece muitas tentações, vícios pecados e doenças tais como: as drogas, a prostituição, o sexo sem compromisso, o álcool, a homossexualidade e os doenças sexualmente transmissíveis.

Michel Foucault torna-se indispensável neste ponto da análise. O filósofo dedicou boa parte de sua obra ao estudo dos discursos e dos regimes de verdade que constroem os corpos normativos. Entre esses, encontra-se a sexualidade sadia, ou seja, aquela que tanto o estado como as instituições definem como prática normativa aceita e classificada como normal, ou seja, a heterossexualidade compulsória e o sexo conjugal²²⁷.

Foucault²²⁸, em suas pesquisas sobre a história da sexualidade e a biopolítica²²⁹, recuperou o nascimento dos saberes especializados a partir dos séculos XVIII e XIX, saberes que irão deter para si a autoridade discursiva de

²²⁷ FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014, p. 143-173

²²⁸ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade Vol.I**. A vontade de Saber. Tradução de Maria Thereza Alburquerque. 21ªed. São Paulo. GRAAL, 2011.

²²⁹ FOUCAULT, Michel. O Nascimento da Biopolítica. In: FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982)**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997, p.87-99

controle da sexualidade. Como exemplo, podemos citar o discurso médico/psiquiátrico e o jurídico, pois em muitos casos alguns “desvios sexuais” como “atentado ao pudor, assédio, deflorações entre outros” eram passíveis de punição com base em uma legislação²³⁰. Alicerçados em um discurso científico esses saberes possuirão o poder de tratar os “corpos desviantes”, em relação à sexualidade isso é aplicado de forma ampla a todo modelo não normativo.

Ao instituírem-se como dominantes, tais modelos de especialidades, punem e tentam corrigir toda sexualidade que está fora do círculo instituído como “natural²³¹”. Dessa forma, a ciência ancora-se em uma tradição ancorada no cristianismo, que se desdobram na normatização do corpo e na subjetivação dos discursos que cerceiam práticas não aceitas pelos grupos culturalmente estabelecidos, ao exemplo dos cristãos no tempo presente.

Em seus discursos sobre o corpo, os cristãos midiáticos de tradição pentecostal, a qual Stormie Omartian faz parte, compreendem a sexualidade por meio de uma norma inquestionável. Contudo, necessária para o encontro do sujeito cristão consigo mesmo. Ao construir suas narrativas, Stormie Omartian enxerga a si e seus seguidores com base nesse universo simbólico normatizador da longa duração cristã.

Em Foucault, o corpo não é sexuado em nenhum sentido significativo antes de sua determinação num discurso pelo qual ele é investido de uma “ideia” de sexo natural ou essencial. Em lugar de pensar o sexo como origem, Foucault trata o sexo como efeito – ele propõe a sexualidade como um sistema histórico aberto e complexo de discurso e poder, que produz a denominação imprópria de sexo como parte da estratégia para ocultar e, portanto, perpetuar as relações de poder.

Nesse modelo, o poder funciona sempre para subjugar ou libertar o sexo. O sexo torna-se ontologicamente imune às relações de poder e à sua historicidade. Resultado – a análise da sexualidade descamba em análise do sexo e qualquer indagação sobre a produção histórica da categoria é impedida²³². Foucault entende seu projeto como uma indagação acerca de como as categorias de sexo e diferença

²³⁰ Sendo que ainda hoje algumas dessas especificações são enquadradas como crimes em algumas legislações penais.

²³¹ A masturbação, a homossexualidade, hermafroditismo dentre outras possibilidades sexuais tornam-se “desviantes” e passíveis de tratamento.

²³² Ibidem, p.142

sexual são construídas no discurso e como aspectos necessários da identidade corporal.

Para Foucault, ser sexuado é estar submetido a um conjunto de regulações; é ter a lei que norteia essas regulações situadas como princípio formador do sexo, do gênero, dos prazeres e dos desejos, e como princípio hermenêutico de auto-interpretação.

Toda a abordagem foucaultiana é necessária na contextualização dos discursos de Stormie Omartian, pois os “perigos” do mundo não-cristão elencados por ela são patologizados, interpretados como grandes perigos para a sociedade e devem ser combatidos por meio da oração, a começar pelo que ela entende por célula de criação do mundo, a família. Essa deve estar harmônica e livre do mundanismo, de suas “armadilhas e tentações”. Omartian busca construir em sua literatura de aconselhamento um modelo normativo para os grupos cristãos, estruturada a partir de uma longa tradição vinculada à problemática cristã da carne.

Contudo, em um momento que a sociedade se encontra cada vez mais individualizada, as novas gerações não necessariamente submetem-se a discursos como este, as igrejas e as religiões não mais gozam de um status de poder e hegemonia que possuíam em um passado distante. Dessa forma, criar estratégias de conversão, manutenção dos grupos religiosos, bem como dos costumes calcados em tecnologias de gênero colocou-se como uma estratégia cada dia mais presente na indústria cultural, nos livros, nas músicas religiosas, bem como nas mídias, principalmente as digitais. Assim, não é complexo buscar entender o lugar social e cultural que Stormie Omartian ocupa nessa miscelânea discursiva da religião do tempo presente.

Seguindo a linha de nossa discussão, no próximo capítulo, será analisada a trajetória, a conversão e o discurso da pastora brasileira Sarah Sheeva, seu projeto de fé, bem como suas práticas e representações sobre a sexualidade feminina, a família e as relações de gênero. E no último capítulo, serão retomadas as experiências de Stormie e Sheeva, essas serão comparadas a outras mulheres que compartilham de universos simbólicos semelhantes. Juntamente com outras lideranças religiosas femininas, a pauta sobre gênero e sexualidade dentro da perspectiva cristã finalizará a problemática deste trabalho.

4. A PASTORA SARAH SHEEVA: ACONSELHAMENTOS, SEXUALIDADE E MÍDIAS DIGITAIS.

Esse capítulo presta-se a discutir a imagem, o discurso, e as propostas da pastora brasileira Sarah Sheeva no que concerne às suas enunciações sobre as relações de gênero e sexualidade. Dentro dessa proposta, visamos fazer uma análise dos seus escritos, em especial de aconselhamentos e autoajuda.

Em 2003, Sheeva abandonou a vida secular para dedicar-se exclusivamente aos cultos e projetos da Igreja Celular Internacional, denominação que pertenceu entre 1997 a 2013. Em 2005, lançou seu primeiro álbum de música gospel intitulado *Tudo Mudou*. A partir de 2007, começou a se dedicar à escrita, momento em que publicou seu primeiro livro. Em 2009, entrou definitivamente para as mídias sociais, utilizando o microblog Twitter como carro chefe desse processo.

Esse breve histórico se justifica não somente pelo início da carreira cristã de Sheeva, mas também por ser o período em que publicou seus dois livros, *Defraudação Emocional* (2007) e *Onde foi que eu errei* (2008). Posteriormente, em 2012, até tentou publicar um terceiro livro, intitulado *Manual de Princesices*, rejeitado pela editora Conceição Milagres de Belo Horizonte, sem uma justificativa prévia, como afirma a pastora.²³³ Depois desse ocorrido, Sheeva passou a divulgar o conteúdo desse livro em suas mídias, e a partir de 2011 a presença da pastora na internet ficou cada vez mais significativa.

Como as fontes digitais possuem um conteúdo imenso, afinal as mídias da pastora, Facebook, Instagram e Twitter são alimentados todos os dias com conteúdos variados, para essa pesquisa foi feito um levantamento entre os anos de 2009, momento em que a pastora criou seu primeiro perfil nas mídias, até o ano de 2017. Nos conteúdos postados nas mídias, as questões elencadas serão os escritos de seus livros, pois alimentam as práticas discursivas de seus cultos e projetos ministeriais. Dessa forma, para uma metodologia coerente e viável, nos dedicamos a algumas postagens específicas, descontínuas no tempo, mas, acima de tudo,

²³³ A Editora Conceição Milagres em 2012 não quis publicar o escrito de Sarah Sheeva intitulado: “Manual de Princesices”, contudo o fez sem uma justificativa prévia. O resultado foi que o conteúdo do livro passou a fazer parte dos cultos de Sarah Sheeva e das mensagens de texto, imagens e vídeos postados pela pastora em suas mídias sociais em formato de aconselhamentos cristãos para jovens mulheres em idade matrimonial. A nota de esclarecimento encontra-se disponível no site de Sarah Sheeva: <https://www.sarahsheeva.com.br/> acessado em 10-07-2020

coerentes com a análise das relações de gênero, corpo e sexualidade na perspectiva da pastora.

Ao longo do capítulo, tanto os conteúdos diretos do livro *Defraudação Emocional*, como mensagens abordadas nas mídias para a divulgação dos projetos da pastora serão problematizados por meio dos estudos de gênero. Dessa maneira, o teor desse capítulo é composto essencialmente dos textos do primeiro livro de Sheeva, *Defraudação Emocional*, discurso fundador na carreira da pastora, sendo parte da temática do escrito trabalhado pela religiosa em suas mídias. Seu livro, bem como o conteúdo postado nas mídias, são analisados como fontes necessárias para a compreensão do universo simbólico de Sarah Sheeva.

Em seguida, partimos para o estudo do segundo livro de Sheeva, *Onde foi que eu errei*. Nessa obra, a pastora analisa a sua relação, bem como das mulheres cristãs, com a maternidade. Nesse livro, Sheeva é mais serena e não constrói normas de conduta sexuais profundamente autoritárias se comparado à *Defraudação Emocional*. Mas nem por isso deixa de ser menos conservadora e produtora de tecnologias de gênero nos discursos. Por ora, comecemos com a análise de seu primeiro livro, *Defraudação Emocional*.

Defraudação Emocional possibilitou a elaboração de um projeto pastoral dentro de um ministério que ganhou o nome de *Sarah Sheeva*. Os cultos e os projetos desse ministério em seus conteúdos e práticas possuem essencialmente os discursos desse livro, entre esses cultos e projetos estão: “O Culto das Princesas”, o mais famoso projeto da pastora e o que possui maior visibilidade, também o “Congresso de Santificação, nível 1 e nível 2”, a “Conferência de Príncipes e Princesas”, o “Congresso de Comunicação nos Relacionamentos”, o “Congresso de Pais e Filhos”, e a “Ministração em Cultos de Mulheres”.²³⁴

Todos esses eventos acontecem sempre a convite das igrejas que possuem interesse em receber os projetos, e o convite geralmente é feito pelas lideranças das igrejas evangélicas. Um elemento que se destaca reside no fato de que Sarah Sheeva não faz distinção entre as denominações protestantes, ou seja, independente da igreja evangélica que a convida, leva os seus cultos e congressos, desde que as instituições cumpram os requisitos de estrutura exigidos.

²³⁴ Informações disponíveis no site oficial de Sarah Sheeva: www.sarahsheeva.com.br.

Todas as informações referentes ao Ministério Sarah Sheeva, os cultos e projetos da pastora estão disponíveis em seu site oficial. Sua biografia, bem como outros conteúdos digitais são parte do blog pessoal da pastora e também de suas mídias tais como: Facebook, Instagram, Twitter e por vezes alguns vídeos de seu canal no Youtube.²³⁵ Em seus cultos, Sarah Sheeva encarna uma personagem que é a cara de seu ministério. Geralmente usa roupas estilo *vintage*, vestidos de princesa penteados *retro*, bem como jóias e sapatos clássicos. Um chamariz bastante significativo para atrair atenção do público para a sua pessoa, visto que a forma como se apresenta é um complemento bastante importante para o reforço de sua defesa do casamento, da família e acima de tudo da castidade feminina.

FIGURA 7: SARAH SHEEVA APRESENTA O SEU ESTILO EM ENTREVISTA AO PLENO NEWS



Fonte: Pleno News <<https://pleno.news/galeria/sarah-sheeva-das-dicas-de-moda-para-suas-seguidoras>> , acesso em: 18/01/2017

²³⁵ Blog de Sarah Sheeva: <https://sarahsheeva.wordpress.com/>

Twitter de Sarah Sheeva: <https://twitter.com/SarahSheeva>

Facebook de Sarah Sheeva: <https://www.facebook.com/SarahSheevaOficial/>

Instagram de Sarah Sheeva: <https://www.instagram.com/sarahsheeva/?hl=pt-br>

Canal de Sarah Sheeva no Youtube: <https://www.youtube.com/channel/UCuHnQ1CR-eM5F--sUuDMLUQ>

4.1. SARAH SHEEVA: TRAJETÓRIA²³⁶

Sarah Sheeva Cidade Gomes nasceu no Rio de Janeiro em 1973. Foi registrada sob o nome de "*Hiroka*", nome indígena de matriz linguística Tupi Guarani escolhido por sua mãe, Baby Consuelo. Sarah passou os primeiros anos de sua vida no *sítio do vovô*, em Vargem Pequena (RJ), comunidade alternativa criada pelos *Novos Baianos*, banda que seus pais cantavam. Em 1987, Hiroka mudou oficialmente seu nome para Sarah Sheeva, sendo o primeiro nome inspirado na personagem bíblica do Antigo Testamento e o segundo em Cosma Shiva Hagen, filha da atriz e cantora alemã de rock Nina Hagen. Filha de dois famosos nomes da música popular brasileira, Pepeu Gomes e Baby Consuelo, Sheeva começou a trabalhar em 1991 nos bastidores do cenário musical.

Nesse mesmo ano teve sua primeira e única filha, Rannah Sheeva. Em 1994, começou a carreira de cantora, como *backing vocal* de Pepeu Gomes e Baby Consuelo. Em 1998, começou a formar o grupo de música pop SNZ, junto com as irmãs Nãna Shara e Zabelê, no qual atuou por cinco anos. O primeiro álbum do grupo intitulado *SNZ*²³⁷ foi lançado em 2000 pela Warner Music Brasil. O segundo álbum de estúdio lançado pelo grupo, em 2001, levou o título de *Sarananazabelê* e foi um grande sucesso, sendo comandado pelo dueto com o cantor estadunidense Richard Lugo na música *Nada vai tirar você de mim* canção que foi 1º lugar por todo o Brasil, sendo incluído na trilha sonora da novela *Um anjo caiu do céu* da Rede Globo em 2001²³⁸. Em 2002, a banda recebeu o *Prêmio Multishow de Música* na categoria "grupo revelação". No mesmo ano, Sarah Sheeva anunciou que deixaria a banda para trabalhar por tempo integral como missionária e pregadora da Bíblia²³⁹.

Sarah relata que os anos do SNZ foram o período em que ela colheu tudo que a fama pode trazer: shows, fãs, programas de TV, gravação de videoclipes, entre outros. Porém, dentro de si mesma, a realização plena ainda não tinha acontecido, e

²³⁶ Todas as informações biográficas de Sarah Sheeva aqui elencadas encontram-se disponíveis em seu site oficial. www.sarahsheeva.com.br

²³⁷ **SNZ**- álbum de estreia do grupo- lançado em 2000.

Mais informações em: www.sarahsheeva.com.br

²³⁸ Informações disponíveis em: Portal Pop- Biografias: <http://palcoprincipal.sapo.ao/bandasMain/snz/video/IquL3yOf1SI> Acessado em 15/05/2015

²³⁹ Informações disponíveis em: www.sarahsheeva.com.br

em depoimento afirmou que “faltava algo em sua vida²⁴⁰.” Sheeva afirma que seu encontro com Deus só aconteceu quando abandonou a carreira musical secular para entregar sua arte somente a Deus²⁴¹, foi o que fez quando se tornou cantora gospel e posteriormente pastora.

FIGURA 8: PRIMEIRO ÁLBUM DE MÚSICA GOSPEL DE SARAH SHEEVA (2005)



Fonte: <www.mercadolivre.com.br> Acesso em: 02/06/2018

4.2 - A CONVERSÃO, O CULTO DAS PRINCESAS E O COMBATE PELA CASTIDADE

Durante 16 anos (1997-2013), Sarah Sheeva fez parte da Igreja Celular Internacional (ICI), em Copacabana no Rio de Janeiro. Em seu blog, relata sua autobiografia e as motivações que a levaram a conversão ainda nos anos 1990. Conta que se converteu ao pentecostalismo em 1997 por conta de uma experiência sobrenatural. Em testemunho, afirma que enxergou a imagem do demônio durante um ensaio para o show que faria com a mãe em São Paulo. Após o episódio, recorreu à oração e no mesmo instante diz ter “sentido a presença de Deus” em sua vida. A partir de então, aceitou Jesus Cristo como seu Salvador²⁴² e passou a

²⁴⁰ Ibidem.

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² O testemunho de Sarah Sheeva encontra-se disponível em seu site: <http://www.sarahsheeva.com/> acessado em 01-08-2018.

frequentar os cultos da ICI. Desde 2003, com ajuda da Igreja Celular Internacional montou seu próprio ministério, o Ministério Sarah Sheeva, cuja principal missão consiste em compor palestras e cultos a convite de igrejas evangélicas pelo Brasil.

Em seus discursos, Sheeva defende a virgindade, a pureza e o recato. Devido ao fato de tratar de questões concernentes primordialmente à feminilidade, a maior parte de seu público é constituído por mulheres. Essas seguidoras são assíduas tanto nos cultos presenciais como nas mídias sociais da pastora. Vinculado ao Ministério Sarah Sheeva, a pastora criou o Culto das Princesas, um evento já existente na ICI, mas reelaborado por ela com um novo formato.²⁴³ A principal função do Culto das Princesas é converter mulheres cristãs de todas as denominações evangélicas à prática da castidade, valorização do corpo, virtude, obediência e submissão. O Culto das Princesas é essencialmente evangélico e aberto para mulheres cristãs de todos os segmentos protestantes.

O Culto das Princesas é exclusivo para mulheres, sendo coibida a entrada de homens sob qualquer aspecto, restrição que a pastora deixa bastante claro às lideranças que contatam o evento. O culto prepara as moças para serem “excelentes mães e esposas”, e para isso afirma a necessidade de um longo processo de obediência e contenção dos impulsos sexuais durante o namoro. O oposto deste modelo, segundo a pastora, seriam as mulheres ligadas à “depravação moral, ou seja: “mulheres não religiosas ou “mundanas” que na linguagem popular e muitas vezes pejorativa da pastora são “cachorras”, “popozudas”, “vadias”, e “piriquetes”.

Segundo Sarah Sheeva, essas mulheres desagradam a Deus, pois a Bíblia defende o corpo como algo sagrado, no qual apenas o marido pode tocar após o casamento. Uma “princesa” é o oposto da “cachorra”, a primeira seria a virtude, a segunda a “depravação”²⁴⁴. Com essas palavras fortes em efeitos de sentido, Sheeva defende nos cultos, e em *Defraudação Emocional*, o recato e negação da sexualidade. Essa retórica discursiva se consolida como parte ativa das enunciações da religiosa em seus projetos. O Culto das Princesas é repleto de aconselhamentos, neles a pastora dissemina valores cristãos conservadores no que se refere ao corpo feminino, uma das justificativas seria sua experiência pessoal antes da conversão.

²⁴³ Sobre o “Culto das Princesas” as informações encontram-se disponíveis no blog de Sarah Sheeva: <http://sarahsheeva.wordpress.com/condicoes-para-a-realizacao-do-culto-das-princesas/> acessado em 01-08-2015.

²⁴⁴ SHEEVA, Sarah. **Defraudação Emocional, segundo os princípios bíblicos**: Como casar com a pessoa certa e evitar o casamento encalhado. Rio de Janeiro: Editora Santa Geração, 2007, p.31-39

Toda a formação discursiva da pastora é voltada à norma sexual. Nesse sentido ela resgata ainda mais a tradição cristã e a problemática da carne da tradição bíblico-teológica se comparada a Stormie Omartian, pois a pastora brasileira nega veementemente o prazer sexual feminino, condena o comportamento das mulheres e desqualifica as que fogem à contenção sexual. Esses valores não aparecem de forma tão intensa e com poucos filtros na linguagem da escritora estadunidense. As tecnologias de gênero que constituem comportamentos, ações e consolidam o gendramento dos corpos se fazem ainda mais ativos nas falas de Sarah, circunstâncias que podemos identificar em seu relato oficial de conversão.

Antes de converter-se, a pastora se considerava uma “cachorra”, “ninfomaníaca”, “viciada em homens.” Foi em sua adolescência e posteriormente juventude que realizou suas mais profundas experiências sexuais. Naquele momento engravidou de sua primeira e única filha, Rannah Sheeva, a qual criou sozinha, pois o pai não se dispôs a ajudá-la²⁴⁵. Hoje, Sarah condena sua vida pregressa e relata, durante os cultos, que “criar a filha sozinha a serviu de lição para repensar os caminhos trevosos que percorreu.” Como líder religiosa, sua experiência pessoal é levada ao ápice para servir de exemplo às mulheres evangélicas que a seguem.

Nos cultos, fica nítida a normatização sexual conectada aos valores cristãos, bem como as hierarquias de gênero propostos pela pastora²⁴⁶. Todos os detalhes do Culto das Princesas, bem como as nuances de sua vida pessoal foram relatados não somente em seu blog pessoal, mas também em entrevistas que concedeu a veículos de comunicação ao longo da década de 2000 e 2010, além de constarem em *Defraudação Emocional*.²⁴⁷ As normatizações que perpassam o discurso da pastora em relação à forma como uma mulher deve se comportar constitui-se na prática da castidade, no corpo fechado ao prazer antes do casamento, bem como em uma vigília bastante significativa quando refere-se à sexualidade feminina. Corpo e sexualidade são as palavras-chave do Culto das Princesas, uma cerimônia voltada

²⁴⁵ Ibidem.

²⁴⁶ Sarah Sheeva. Disponível em <<http://sarahsheeva.wordpress.com/adoracao-musica-e-entrevistas/>>. Acesso em 01 de agosto de 2018.

²⁴⁷ As entrevistas foram concedidas a inúmeras emissoras de TV tais como RedeTV, Rede Record, SBT. Também canais fechados como Multishow, e jornais impressos e digitais tais como Estadão e Folha de São Paulo, assim como a inúmeros sites e blogs evangélicos.

ao espetáculo, com música, depoimentos e relatos de conversão, com a intenção de atingir o emocional da fiel.

FIGURA 9: CULTO DAS PRINCESAS REALIZADO NA IGREJA BOLA DE NEVE CHURCH (SÃO PAULO- SP)



Fonte: Jornal *Folha de São Paulo* (27-09-2011)

Quando afirma que uma mulher não deve ser “cachorra” e sim “princesa”, Sarah busca sepultar tudo o que viveu em seu passado, o que também serve como exemplo para as outras mulheres que a seguem. Por meio dessa estratégia discursiva, Sheeva busca conquistar novas fiéis, bem como manter as que possui. Na concepção da pastora, “princesa” é o oposto da “piriguete”, a primeira é a respeitosa e honrada, e a segunda é “inconsequente”.²⁴⁸

A tonalidade do discurso de Sheeva assemelha-se muito a dos cristãos no início do cristianismo, momento em que a negação dos prazeres carnis se colocava como um problema, como afirma Peter Brown:

A o que parece, os cristãos praticam uma moral sexual austera, facilmente reconhecível e bem-aceita pelos pagãos: renúncia sexual completa para alguns, ênfase na harmonia conjugal (que já começou a impregnar a conduta pública das elites, embora por motivos muito diversos), severa desaprovação de um segundo casamento. É um lado das coisas que constantemente se oferece aos pagãos. Fronteiras rituais precisas, como as que a circuncisão e as regras dietéticas fornecem ao judaísmo, não existem entre os cristãos; estes procuram fazer com que sua excepcional disciplina sexual atinja seu objetivo: exprimir a diferença que os separa do mundo pagão. A mensagem dos apologistas cristãos é semelhante àquela

²⁴⁸ SHEEVA, op. cit., 2007, p.31-39.

dos futuros admiradores do celibato clerical, como Nietzsche o descrevia; invocam "a crença segundo a qual uma pessoa que constitui uma exceção nesse ponto igualmente constituirá uma exceção em outros aspectos".²⁴⁹

A disciplina sexual separava o verdadeiro cristão do mundo pagão, e, aos moldes dessa disciplina, lideranças evangélicas como Sarah Sheeva constroem discursos voltados ao que hoje pode ser identificado como “*mundanismo*” x “*contemplação divina*”. O “*mundanismo*” seria a negação das determinações no que concerne à virtude cristã, e a “*contemplação*” estaria voltada aos que seguem e compartilham dessas práticas virtuosas. A pastora consolida seu discurso com base na tradição, o que recupera principalmente dos escritos bíblicos, e por meio desses Sarah remete a binarismos criadores de normas com base na equação *mundanismo versus salvação*. Esse binarismo está presente em todas as suas práticas discursivas. Assim, *Defraudação Emocional* expõe a obrigação feminina no controle de seus impulsos quando conhece um rapaz, conteúdo que é lido durante o Culto das Princesas para todas as fiéis.²⁵⁰

O desafio da mulher é diferente do desafio do homem a mulher tem de saber esperar o homem certo encontrá-la, e o homem tem de saber procurar sua esposa de maneira correta. A mulher tem de esperar em Deus e o homem tem que procurar, não só com os olhos, mas em oração e santificação. São duas atitudes bem diferentes que precisam ser respeitadas. Tem mulher que vive sofrendo porque vive procurando homem. (...)O homem tem que aprender a procurar da maneira certa e a mulher esperar o homem certo a encontrá-la.²⁵¹

Em outro momento, coloca-se como exemplo para as mulheres que não sabem esperar e aconselha os homens a conterem-se sexualmente:

Aprendi a esperar em Deus, e isso inclui uma disciplina e uma prática em não olhar para os lados! Aprendi a olhar para Jesus e somente para ele, enquanto meu marido não chegasse. É importante lembrar que esperar é uma atitude essencialmente feminina e não masculina. O desafio do homem é outro: aprender a guardar seus olhos do olhar lascivo e sensual, e aprender a olhar com prudência e sabedoria, orando todos os dias para uma futura esposa e procurando-a não somente pela aparência, mas, principalmente pela santidade e unção de Deus na vida dela.²⁵²

²⁴⁹ BROWN, Peter. Antiguidade Tardia. In. VEYNE, Paul. **História da Vida Privada Vol. 1:** Do Império Romano ao ano mil. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p.237.

²⁵⁰ O Culto das Princesas não aberto a homens, logo como pesquisador não pude estar presente em nenhum evento, contudo, vários trechos do culto são disponibilizados no canal oficial da pastora no Youtube.

²⁵¹ SHEEVA, op. cit., 2007, p.29.

²⁵² Ibidem, p.30

Nos excertos, nota-se a defesa do recato e a negação da sexualidade feminina como algo contundente nos aconselhamentos durante o culto. Sheeva orienta-se pela negação da carne, conforme a tradição que busca seguir. Michel Foucault, em seus estudos sobre a sexualidade, retorna aos discursos fundadores do cristianismo e busca compreender a relação dos indivíduos daquele contexto com o corpo e a sexualidade. Dentro da ética cristã antiga constituiu-se uma relação bastante rígida com questões relacionadas à carne, algo que se institucionalizou ao longo do tempo. Dentro dessa premissa, o corpo, sob todos os aspectos, deveria permanecer casto, não obstante, a fornicção se constituiu como o grande mal que precisava ser suprimido:

[...] a fornicção, tem relação aos outros vícios, em contrapartida não há limite na luta contra o espírito da fornicção; tudo o que pode nos levar a ela deve ser extirpado e nenhuma exigência natural poderia justificar, nesse campo, a satisfação de uma necessidade. Trata-se então de matar uma tendência cuja supressão não acarreta a morte do nosso corpo. A fornicção é entre os vícios, o único ao mesmo tempo inato, natural e corporal em sua origem e que deve ser inteiramente destruído, como é preciso fazer com os vícios da alma tais como a avareza ou o orgulho²⁵³.

Foucault parte de uma análise sobre as relações cristãs, as quais foram reelaboradas ao longo do tempo conforme as necessidades de cada momento histórico. A própria relação com o corpo muda entre o período da valorização da castidade nos primórdios do cristianismo, até a sacralização do matrimônio em meados do século XII. Seguindo a perspectiva de Foucault, Vainfas afirma que a grande questão a ser resolvida pelos primeiros cristãos era a problemática da carne, a ardência e o desejo, logo a fornicção. Dessa forma, o casamento seria a solução para a resolução da “questão”. O matrimônio é uma instituição que, ao longo do tempo, foi vista como um laço indissolúvel entre homem e mulher, possui uma história marcada pela contradição. A sacramentalização do casamento foi um processo longo, que resistiu ao tempo, mas que acabou triunfando no Ocidente com imposições rígidas para os cônjuges, principalmente para as mulheres.²⁵⁴

²⁵³ FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos vol. 5: Ética, sexualidade e política**. Tradução de Elisa Monteiro. 3ªed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012. p.105

²⁵⁴ VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.

O casamento sacramentado sob a égide cristã é herança de todo um processo delineado na Antiguidade tardia e, mais tarde, legitimado pela Igreja medieval. Todavia, pode-se dizer que, por meio da tradição bíblica do Novo Testamento, o apóstolo Paulo destacou-se como o fundador de uma moral sexual legada para o casamento, a família e a mulher.²⁵⁵ O discurso de Sheeva parte dessa tradição, todavia, com uma nova roupagem para a atualidade. Dessa forma, compreendemos que as motivações discursivas que levam Sarah a produzir suas enunciações inserem-se em uma longa tradição bíblico-teológica cristã. A tradição é o aporte simbólico da pastora, sendo apropriado pela líder através dos saberes bíblicos aos quais cita em seus livros e cultos.

4.3 - PECULIARIDADES DO CULTO DAS PRINCESAS

Ao contratar o Culto das Princesas, as igrejas evangélicas interessadas precisam seguir alguns requisitos elencados tais como:

O culto das princesas só pode ser realizado em locais fechados, que não sejam ao ar livre, com um mínimo de estrutura para comportar pelo menos 1.500 mulheres sentadas, ele é uma campanha que precisa ser realizado sob portas fechadas, num local onde não vaze som, não poderá ser gravado, filmado e transmitido. Durante esse culto, o local determinado pela igreja será entregue ao Ministério Sarah Sheeva, que dirigirá todos os detalhes do evento. Nesse culto será como se a pastora Sarah Sheeva estivesse alugando o local da igreja, ela estará à frente de tudo (ela estará na direção do louvor, ela ministrará as ofertas- que serão destinadas a essa igreja, e ela também ministrará a palavra). Assim, no Culto das Princesas, a igreja deverá fornecer uma equipe de mulheres que auxiliará a pastora²⁵⁶.

Uma questão primordial do culto é a total ausência de homens -nenhum deles, nem mesmo dos técnicos de som durante o evento - por isso a exigência de uma equipe 100% feminina. Ao longo dos anos 2000 e 2010 o Culto das Princesas ganhou fama no âmbito evangélico, tanto que Sarah Sheeva passou a ser cada vez visível na mídia secular e convidada para inúmeros programas da TV aberta, entre eles o *Superpop* da apresentadora Luciana Gimenez, *A tarde é Sua*, da apresentadora Sônia Abrão, *De Frente com Gabi*, da apresentadora Marília Gabriela

²⁵⁵ Ibidem

²⁵⁶ Informações disponíveis em: www.sarahsheeva.com.br

no SBT e o Programa *Manhã Maior* na Rede TV, da apresentadora Regina Volpato. Nesse programa em 2012 a pastora ganhou um quadro específico chamado “Fora Cachorrada”.²⁵⁷

Apesar do Culto das Princesas ter adquirido uma certa fama ele é um trabalho sério, com uma liturgia muito específica e com uma meta a ser alcançada, por isso ele é um culto trabalhoso mesmo, de difícil organização que envolve a dedicação total do Ministério Sarah Sheeva, de todas as pastoras, líderes e mulheres da equipe da igreja que receber essa campanha.²⁵⁸

Entre as estratégias discursivas de Sarah para promover seu discurso encontra-se o Culto das Princesas e os cursos semestrais de Santificação, que são divididos em nível 1 e nível 2, e ocorrem a convite das igrejas evangélicas pelo país. Enquanto o Culto das Princesas é restrito somente às mulheres, o Congresso de Santificação é aberto para toda a comunidade evangélica, portanto recebe homens e mulheres.

É no Congresso de Santificação que os fiéis participantes podem conhecer o seu primeiro livro, *Defraudação Emocional*. No primeiro nível do evento ele é apresentado e trabalhado intensamente. Contudo, parte do livro também é exposto no Culto das Princesas. Os relacionamentos cristãos entre homem e mulher, do namoro até o casamento, se estabelecem como o principal objetivo do Congresso de Santificação. Todos os detalhes sobre os cultos, e o que é trabalhado durante os eventos encontram-se disponíveis no site oficial de Sarah Sheeva, também em seu blog, de modo que não é necessário frequentar pessoalmente esses eventos para obter essas informações.

Em todos os seus projetos ministeriais, Sarah Sheeva contribui para construção de inúmeras tecnologias de gênero, ao situar arbitrariamente os lugares sociais e sexuais de homens e mulheres, o que teoricamente vai ao encontro com a proposta analítica de Teresa de Lauretis. Pois, na concepção da teórica, as tecnologias de gênero criam e marcam corpos e espaços de atuação com base em uma construção ideológica e simbólica do que seja a feminilidade e a masculinidade. Estas representações são formadas por ideias pré-concebidas e por construções

²⁵⁷ Informações disponíveis no canal oficial de Sarah Sheeva no Youtube.

²⁵⁸ SHEEVA, Sarah. **Defraudação Emocional**. 2ªed. Belo Horizonte: Editora Conceição Milagres, 2015.

que foram naturalizadas, fundamentadas na biologia e, na verdade, culturalmente produzida.²⁵⁹ Em seus livros e mídias sociais, Sheeva reafirma essas tecnologias, sempre calcada na tradição cristã.

3.4 - MÍDIAS SOCIAIS E TECNOLOGIAS DE GÊNERO NOS ACONSELHAMENTOS DE SARAH SHEEVA

As mídias digitais tornaram-se instrumento de incontável alcance na era digital, circunstância que propiciou intensa difusão de informações. Jenkins, Green e Ford apontam algumas importantes características da comunicação digital:

o crescimento da comunicação em rede, especialmente quando associada as práticas da cultura participativa, cria uma diversidade de novos recursos e facilita novas intervenções para uma variedade de grupos que há muito tempo lutam para se fazer ouvir. Novas plataformas criam aberturas para mudanças sociais, culturais, econômicas legais e políticas, além de constituírem oportunidades para a diversidade e a democratização, pelas quais vale a pena lutar. Os termos dessa participação, todavia, estão ainda por ser definidos e serão formatados por um conjunto de batalhas legais e econômicas que veremos se desenrolar nas próximas décadas²⁶⁰.

As mídias digitais democratizaram o acesso às informações, e ao mesmo tempo deram voz a muitos segmentos: progressistas e conservadores, religiosos e não religiosos, feministas e antifeministas. Essa premissa aprimorou as pregações de lideranças evangélicas como Sarah Sheeva, e nesse espaço a pastora compartilha suas práticas, representações e tecnologias de gênero.

Como vimos, a pastora fez parte da Igreja Celular Internacional (ICI) durante muitos anos. Segundo a jornalista Mônica Bergamo da *Folha de São Paulo*, Sheeva trocou o Rio de Janeiro por Goiânia em 2013, devido ao alto custo de vida na capital fluminense, e também por causa de mudanças nas lideranças da Igreja. Dentro desse processo, a Igreja recuou-se a patrocinar o Ministério Sarah Sheeva e seus cultos missionários pelo Brasil²⁶¹, o que inclui o Culto das Princesas e o Congresso de Santificação. Atualmente, a pastora mantém o ministério de forma independente, faz suas pregações a convite de várias denominações, e para manter as atividades recebe doações financeiras de livre e espontânea vontade dos fiéis. Parte

²⁵⁹ LAURETIS, op.cit.

²⁶⁰ JENKINS, op. cit., p.27.

²⁶¹ Coluna da jornalista Mônica Bergamo. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br> Acessado em 05/06/2016.

expressiva do orçamento de manutenção dos cultos vem da venda dos livros e de sua música gospel, CDs e música digital.

Em participação no programa *De frente com Gabi* da apresentadora Marília Gabriela, no SBT em 2012, Sarah Sheeva declarou que, embora não coloque valor algum sobre as doações que recebe nos cultos, essas doações são livres e podem variar de R\$1,00, R\$500, ou R\$1 mil reais, dependendo da vontade, do coração e da fé de cada frequentador de seus eventos. Questionada por Marília Gabriela sobre as doações a pastora citou a Bíblia, afirmando que líderes e pregadores da “Palavra do Senhor”, desde os tempos mais remotos do cristianismo, recebem ofertas materiais, necessárias ao trabalho do missionário e parte da obrigação do verdadeiro cristão²⁶².

No Congresso de Santificação, a pastora apresenta temas ligados à castidade e contenção sexual e inicia jovens solteiros em fase matrimonial no conteúdo de *Defraudação Emocional*. O Congresso de Santificação é o caminho por onde a pastora busca atuar de forma mais profunda em seu discurso sobre castidade. É uma atuação maior que no Culto das Princesas, pois o congresso é um evento dedicado para ambos os sexos. Além de promover o Culto das Princesas e os congressos de Santificação, o ministério Sarah Sheeva também promove o Congresso de Pais e Filhos, e a Conferência de Príncipes e Princesas, composto por jovens adeptos da disciplina sexual e da virgindade antes do casamento²⁶³. Trata-se de uma versão brasileira do culto já existente nos Estados Unidos, o *Silver Ring Thing*. A duração da Conferência de Príncipes e Princesas é de dois dias, realizado sexta à noite e sábado o dia todo, finalizando com o Baile da Realeza - um baile de dança barroca com música gospel criado pessoalmente pela Pastora Sarah Sheeva em parceria com a Companhia Rhema de Artes e Dança, sendo o culto aberto para homens e mulheres acima de 17 anos.²⁶⁴

O Congresso de Pais e Filhos é direcionado às famílias, homens, mulheres e jovens. A participação nesse congresso, que tem duração de dois dias (sábado e domingo), pode ser realizada com ou sem inscrição, a critério da igreja que contata o

²⁶²**Sarah Sheeva: Programa Marília Gabriela** (2012). Disponível em <disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GRpiWeul6lY>>. Acesso em 10 de abril de 2019.

²⁶³**Sarah Sheva**. Disponível em <<http://www.sarahsheeva.com.br/site/biografia/o-ministerio/>> Acesso em 05 de junho de 2016.

²⁶⁴ Ibidem.

culto.²⁶⁵ Devido à escolha metodológica da pesquisa, as discussões sobre esses projetos paralelos no ministério não serão abordados, também por estarem muito próximos à proposta do Culto das Princesas e o Congresso de Santificação. Em todo o conteúdo existente no Ministério Sarah Sheeva, nota-se que as estratégias de convencimento da pastora são múltiplas, todavia, a forma de divulgação dos projetos adentra uma ampla estratégia de marketing que ocorre essencialmente por suas mídias sociais.

Desde 2009, Sarah Sheeva participa assiduamente das mídias, semanalmente atualiza seu blog, grava vídeos de aconselhamentos para seu canal no YouTube, posta inúmeras mensagens em seu Twitter e Facebook. As mídias sociais são o principal canal de comunicação com seus fiéis, e também o lugar de divulgação de seus cultos, músicas e livros. Trata-se de uma estratégia próxima aos conteúdos divulgados por Stormie Omartian e outras lideranças pentecostais, contudo, apresentam elementos de distinção. Nesse ponto, Sarah é muito mais midiática que Omartian, de modo que sua presença e postagens são muito maiores do que as da escritora americana. Enquanto Omartian limita-se à divulgação de seus livros e de alguns breves aconselhamentos, Sheeva está diária e constantemente nas mídias.

Jenkins, Green e Ford, em seus estudos sobre mídia propagável, afirmam que ao compartilharmos algo nas mídias sociais, esse conteúdo pode ser curtido e compartilhado por inúmeros segmentos. Segundo os autores, quando pensamos as mídias em âmbito global existem desigualdades não somente no acesso, mas também na forma como cada segmento interpreta o que é compartilhado, ou seja, há uma imprevisibilidade nas lógicas de compartilhamentos, algumas conseguem um alcance maior e outras nem tanto:

[...] ao compartilhar qualquer coisa nas redes, estamos remodelando o próprio cenário da mídia, levando informações a um número significativo de indivíduos. O público em si participa, interage, comenta e compartilha conteúdos de mídia de maneira que não poderiam ter sido imaginadas antes²⁶⁶.

Jenkins, Green e Ford destacam a perspectiva de quem compartilha determinados conteúdos, ou seja, ninguém interage com informações de forma

²⁶⁵ Ibidem.

²⁶⁶ JENKINS, op. cit., p.24

isolada, mas sim como sujeitos integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem interagir e se identificar²⁶⁷. Muito mais do que envoltos em um mundo multicultural, os indivíduos, quando inseridos na realidade do tempo presente, ainda identificam-se com seus contextos particulares.

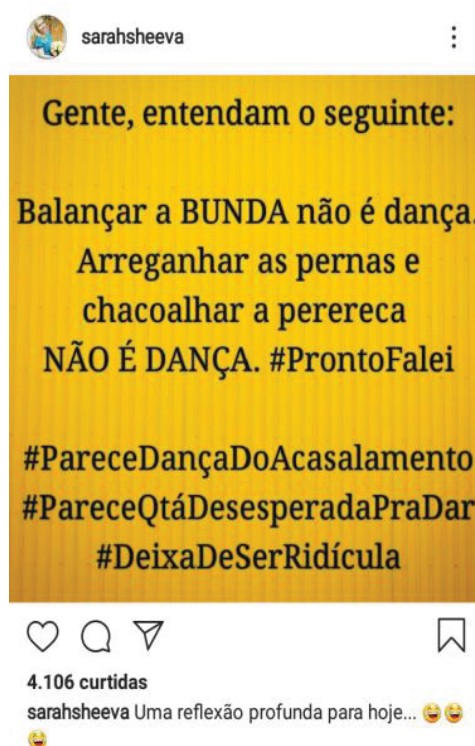
O que é importante na análise é a identificação de quem recebe determinadas informações, a grande maioria é parte de comunidades que se identificam com alguns discursos o que vai ao encontro com os seguidores da enunciação religiosa de Sarah Sheeva. Os aconselhamentos sentimentais da pastora fazem sucesso com quem minimamente possui empatia com seus conteúdos. Todos os dias, ao postar mensagens no Facebook e Twitter, e também ao compartilhar conteúdos ao vivo no Instagram e responder dúvidas e perguntas dos fiéis, Sheeva não professa somente aconselhamentos, mas também alimenta o universo simbólico de seus seguidores, nesse processo a identificação possui um papel significativo.²⁶⁸ Citemos o exemplo do Instagram da pastora em relação a aconselhamentos sentimentais para mulheres solteiras.

No Instagram, postagens referentes a imagens, bem como vídeos, defendem discursos normatizadores em relação à sexualidade e às relações de gênero. Na postagem de 23 de fevereiro de 2014, Sheeva critica mulheres que se recusam a recolherem-se à castidade e, com tom de autoridade, desqualifica esses comportamentos. Trata-se de um conteúdo que também está disponível em seu livro *Defraudação Emocional*:

²⁶⁷ Ibidem, p. 25

²⁶⁸ **Facebook, Twitter e Instagram**: tratam-se das principais mídias digitais utilizadas pela pastora. O site *Facebook* é o líder das redes de relacionamento no mundo e amplamente popular nos compartilhamentos de conteúdos. O *Twitter* é um microblog que permite aos usuários o envio de mensagens com no máximo 140 caracteres, o formato de mensagens lembra o serviço de SMS utilizado pelas empresas de telefonia. O Instagram é um aplicativo que surgiu em 2010 cuja intenção era resgatar a nostalgia do instantâneo cunhada ao longo de vários anos pelas clássicas máquinas polaroides, câmeras fotográficas de filme, o aplicativo serve basicamente para compartilhar fotos e imagens. PIZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno do Instagram**: considerações sob a perspectiva tecnológica. Monografia apresentada ao departamento de sociologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2012. p.8. ROCHA, Glauco Capper da. FILHO, Veridiano Barroso de Souza. **Da guerra às emoções**: história da internet e o controverso surgimento do facebook. Trabalho apresentado no IV Encontro Regional Norte da História da Mídia. Rio Branco- AC, 19 e 20 de Maio de 2016.

FIGURA 10: ACONSELHAMENTO PARA AS MULHERES EM RELAÇÃO AO CORPO (POSTAGEM DE FEV. 2014)



FONTE: <instagram.com/sarahsheeva>, acesso em: 17/07/2019

Nessa postagem, notamos que a linguagem empregada pela pastora não é nada formal, ao contrário, revela o perfil do público ao qual dirige-se, mulheres evangélicas que não possuem grandes conhecimentos teológicos. Sheeva busca disseminar um modelo comportamental no qual não há espaço para sensualidade, nem o uso do corpo para despertar atenção dos homens. Sarah constrói um modelo “ideal” de mulher cristã, e chama muito nossa atenção o tom de ironia no comentário da religiosa, e para isso faz uso de uma linguagem bastante coloquial, para assim aproximar-se da realidade da maioria de suas seguidoras.

Nessa mensagem, a pastora explicita a doutrina pregada cotidianamente em seus cultos, um discurso carregado de normatizações sobre o exercício da sexualidade das mulheres. A fala da pastora em relação à contenção sexual feminina é parte de sua experiência em um passado anterior a conversão. Em postagem no Twitter, datado em outubro de 2010, reafirma sua condição passada superada pela religião, e convida todas as mulheres que passam pelo mesmo “problema” que ela passou a terem fé, perseverança e insistirem na castidade, pois só a castidade agrada a Deus.

FIGURA 11: POSTAGEM DE SARAH SHEEVA (TWITTER, 11/10/2010)



Fonte: <twitter.com/SaraSheeva>, acesso em: 07/05/2018

No Instagram e no Twitter não há espaço para comunicação extensa e sim mensagens rápidas e diretas. Segundo Rocha e Filho, o microblog Twitter, quando de sua concepção em 2006, já havia sido pensado para a transmissão de mensagens rápidas, para levar a informação sem voltas ao destinatário²⁶⁹. Já o Instagram, na concepção de Mariana Piza, é um aplicativo de fotos e manipulação de imagens, tem nas *hashtags* uma função muito importante. Para a socióloga, a *hashtag* é um comando que tem a função de agrupar imagens relacionadas a um determinado assunto:

[...] esse recurso facilita a disseminação de um tópico, assim como organiza o acompanhamento de conteúdo e discussões feitas em relação ao tema colocado em pauta. As *hashtags* são muito usadas em convenções, palestras, encontros onde tudo que está por acontecer ou já aconteceu é comentado em tempo real. E os usuários interessados no assunto podem atualizar rapidamente através do buscador encontrado no instagram. Para criar uma *hashtag*, o usuário deverá taggear a mensagem com um símbolo # mais uma descrição do assunto, normalmente sem acentuação ex: (#pordosol; #fotografianoturna; #instameet e assim por diante). Quando um usuário clicar em uma *hashtag*, todas as imagens taggeadas com localizadores iguais irão aparecer.²⁷⁰

²⁶⁹ ROCHA; FILHO, op. cit.

²⁷⁰ PISA, op. cit., p.13

Partindo dessa análise, o discurso disseminado por Sheeva no Instagram segue uma estratégia muito clara de visibilidade nas mídias, pois a pastora faz uso de *hashtags* para alcançar visualizações. O Twitter, por sua vez, também oferece uma comunicação direta, com recursos voltados exclusivamente a textos, nos quais as *hashtags* também estão presentes. Essas mensagens rápidas compartilhadas nas mídias de Sheeva têm um único propósito, ampliar a visibilidade do discurso da pastora e atingir o maior número possível de pessoas, em especial de faixa etária mais jovem, a maioria dos usuários destas mídias.

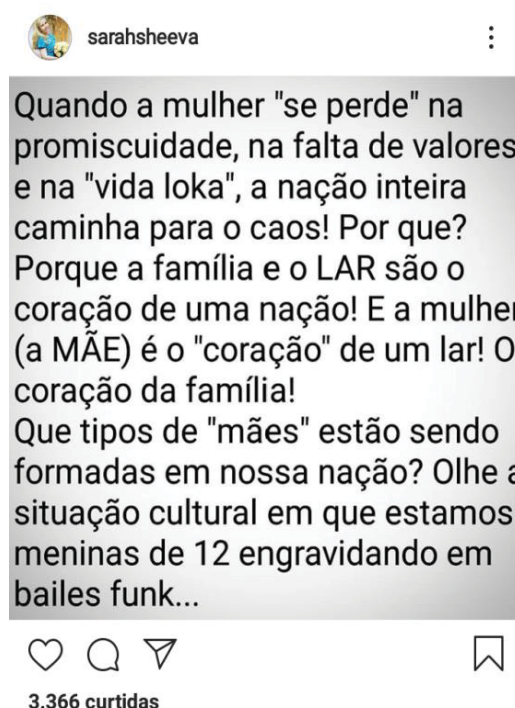
A reafirmação do corpo casto, uma estratégia bastante significativa no cristianismo, não é algo novo como vimos, pois, na história, o corpo feminino passou por significativas interdições se comparado ao masculino. Michel Foucault em sua aula inaugural no College de France em 2 de dezembro de 1970, intitulada *A ordem do discurso*, afirmou que as áreas de nossa sociedade nas quais os discursos estão profundamente controlados e sofrem maior coerção são as áreas da política e da sexualidade.²⁷¹

Foucault ainda afirma que nessas áreas o discurso exerce os seus mais temíveis poderes e também dinamiza interdições.²⁷² Quando fazemos uma atualização da proposta foucaultiana com os textos e falas sobre sexualidade de Sheeva, percebemos que seus discursos buscam construir uma hegemonia e ao mesmo tempo uma interdição a comportamentos vistos como inaceitáveis. A título de exemplo, mostra-se a postagem de setembro de 2015, que também parte do conteúdo de seu *Defraudação Emocional*:

²⁷¹ FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6ªed. São Paulo: Loyola, 2006, p.13

²⁷² Ibidem.

FIGURA 12: POSTAGEM DE SARAH SHEEVA (INSTAGRAM, SETEMBRO DE 2015)



Fonte: <instagram.com/SarahSheeva>, acesso em: 25/06/2018

Na mensagem, a pastora demonstra-se bastante preocupada com a sexualização precoce de muitas mulheres. Para isso, utiliza-se do imaginário dos sujeitos enunciatários. Junto à imagem, o texto que segue descreve a seguinte questão: “a cultura do sexo sem consequências está alastrada na nação, e atingiu em cheio a família”. Ao falar da sexualização precoce de meninas, de forma generalizada e desconexa com dados não-oficiais sobre o assunto, não podemos nem apontar essa informação como dado, analisando que a pastora não apresenta fontes. Mas, com essa postagem, ela traz para si apoios de indivíduos que associam entretenimento (baile funk) ao sexo e à promiscuidade. Dessa forma, alcança visibilidade, apoio e base de sustentação em sua pregação.

O Instagram de Sheeva possui mais de 255 mil seguidores, um número que cresceu nos últimos anos. Em 2014 possuía em torno de 100 mil, saltando para 170 mil em 2016 e atingindo o atual número em 2019, o que evidencia um crescimento significativo. Ao acompanhar o Instagram da pastora desde 2014, é possível afirmar que, mesmo no aplicativo de fotos, ela procura inserir textos, ou seja, não trabalha

exclusivamente com imagens e de certa forma intercala esses usos, sobrepondo-se os textos.

FIGURA 13: INSTAGRAM DE SARAH SHEEVA, QUANTIDADE ATUAL DE SEGUIDORES



Fonte: <instagram.com/SarahSheeva> , acesso em: 12/10/2019

Ao colocar em discussão temáticas caras ao conservadorismo de grande parte não só do público evangélico, mas também dos cristãos de um modo geral, a pastora ganha credibilidade e popularidade. Outra questão bastante explorada no post refere-se aos valores femininos em relação à sexualidade. Para Sarah Sheeva, a mulher virtuosa aceita por Deus seria aquela que não manifesta vontades, que busca conter seus impulsos libidinosos e também sua sensualidade.

O lugar social da mulher para a pastora está em casa, na maternidade e no bom cuidado com os filhos, ou seja, na família alicerçada como espaço feminino, um espaço gendrado construído pelas tecnologias de gênero. Nota-se que o discurso da pastora não é novo, ao contrário, é bastante antigo. O que podemos classificar de novo é a forma como o espalha e promove nas mídias. Os exemplos trabalhados até o momento retratam bem essa afirmação.

Voltando ao Twitter, no microblog são comuns as curtidas e os compartilhamentos, os chamados *retweets*, muitos contendo respostas com elogios e outras com críticas ou piadas de desqualificação. Sheeva tem uma quantidade

significativa de seguidores nessa mídia, mais especificamente o número de 206 mil.²⁷³

FIGURA 14: TWITTER DE SARAH SHEEVA, QUANTIDADE DE SEGUIDORES



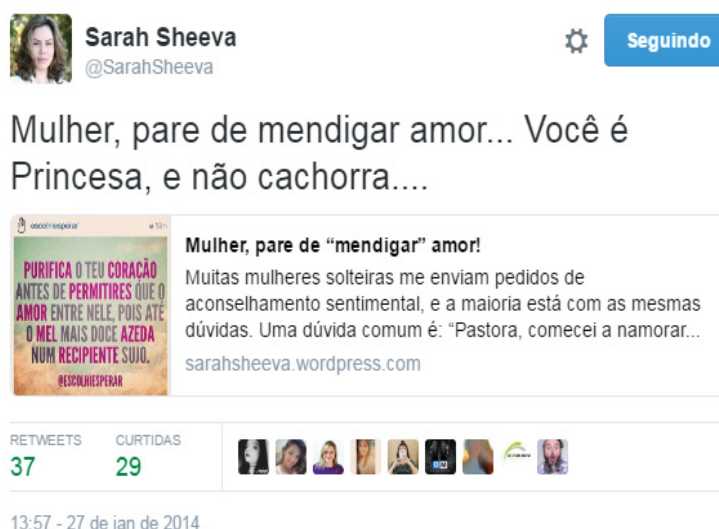
Fonte: <twitter.com/SarahSheeva>, acesso em: 12/10/2019

Com tantos seguidores a confrontação é frequente, mas, como é impossível trabalhar todo o universo de recepção dessas mídias, esta não será analisada.

Os aconselhamentos sentimentais de Sarah Sheeva são constantes nesse espaço, sendo impossível elencar todos dentro do recorte temporal proposto no trabalho, dessa maneira, foram selecionados os principais recortes no que concerne às temáticas do trabalho nos *posts* da pastora. Em postagem de 27 de janeiro de 2014, a religiosa faz uma intensa defesa para que as mulheres tenham amor próprio, em suas palavras as mulheres devem “parar de mendigar amor”:

²⁷³ Em Julho de 2020 esse número caiu para 201,1 mil seguidores. Informações disponíveis no Twitter de Sarah Sheeva: <https://twitter.com/SarahSheeva> Acessado em 12-07-2020

FIGURA 15: ACONSELHAMENTO DE SHEEVA, COM PROPAGANDA DO CULTO DAS PRINCESAS



Fonte: <twitter.com/SarahSheeva>, acesso em: 02/08/2018

Segundo a pastora, mendigar amor, correr atrás de homem ou submeter-se a um rapaz não cristão que só procura satisfação sexual não é uma atitude inteligente e não agrada a Deus. A mulher deve esperar o homem certo, e obviamente que essa espera deve ser em santidade. A mulher que realmente acredita em Deus e segue seus mandamentos, é recatada e discreta, jamais olharia para um homem mundano. Agora a moça que se resguarda conhecerá o homem certo no tempo de Deus. Um homem que Deus encaminhará para a mulher santa que não procura homem e sim espera-o, sendo que esse não é qualquer um, e sim um companheiro cristão, cavalheiro, provedor e cuidador, logo, um príncipe.

3.5 - SARAH SHEEVA E O CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO NÍVEL 1

Santificação, nas palavras da pastora, é o processo pelo qual todo o cristão deve passar, é um caminho contínuo rumo à contemplação. A busca de uma vida regrada, voltada às questões religiosas é o principal quesito. Esse movimento perpassa pela pureza do corpo, muito necessário para se atingir à contemplação da alma. Os congressos de santificação trazem várias propostas, cada etapa do processo tem que ser vencido pelo cristão que busca seu principal objetivo, a santidade.

Santificação ou santidade são ideais que historicamente fazem parte da tradição protestante. Segundo a socióloga Ana Mosca Pinezi, nos EUA da segunda metade do século XIX, as correntes protestantes passaram por algumas transformações, entre essas o processo conhecido como “reavivamento”. Essas igrejas americanas que já haviam sido influenciadas pelo metodismo aderiram a movimentos de santidade, “*Holiness*”, conceito apresentado por John Wesley, cuja teologia foi à base para a fundação da Igreja Metodista. Pinezi, em seus estudos, conclui que Wesley enfatizava uma vida cristã perfeita, marcada pela conversão e por um caminho de santificação processo pelo qual o fiel se tornaria cada vez mais santo.²⁷⁴

Nesse contexto, muitas igrejas americanas que aderiram ao movimento de santidade se transformaram posteriormente em pentecostais, e a partir da primeira metade do século XX lideraram um verdadeiro alargamento pentecostal não só nos EUA, mas, principalmente, em missões na América Latina.²⁷⁵ Sem entrar especificamente na história do pentecostalismo, pois, essa não é a intenção do trabalho, o que é importante dentro dessa análise é que, os referenciais de santidade no âmbito evangélico constituíram-se por meio da longa duração histórica, chegando ao tempo presente com novas características e roupagens, contudo mantendo a sua essência, e isso é identificado no discurso das lideranças cristãs aqui estudadas.

Tanto Omartian quanto Sheeva carregam esse ideal. Como se pode depreender pela análise dos seus discursos, Sheeva estrutura seu ministério na palavra “santidade” ou “santificação”, conceitos que estão presentes a todo o momento em suas falas, sendo incluso nos nomes de seus cultos, o “Congresso de Santificação” promovido por seu ministério desponta-se como um grande exemplo. Em seu site, Sarah traz curiosidades acerca do funcionamento do Congresso de Santificação, o convite é aberto a todas as igrejas evangélicas que desejem recebê-lo²⁷⁶.

²⁷⁴ PINEZI, Ana Keila Mosca. O sentido da morte para os protestantes neopentecostais. **Revista Padeia**. maio-ago. 2009, Vol. 19, No. 43, 199-209.

²⁷⁵ Ibidem.

²⁷⁶ Sarah Sheeva. Disponível em <sarahsheeva.com.br>. Acesso em:

- A) **Congresso de Santificação nível I: duração de 3 dias (4 ministrações)- temas:** sexo e transferência de espíritos, santidade e pureza sexual, defraudação emocional, restauração do altar; A raiz do humanismo, O desafio de vencermos as nossas vontades.
- B) **Congresso de Santificação nível II:** duração 3 dias (4 ministrações), ele é realizado somente após o Congresso de Santificação Nível I- **Temas:** Introdução do livro *Onde foi que eu errei?*, Cura da alma e das marcas da infância.

No nível 1, o foco são questões voltadas ao espírito, pois, as nossas ações humanas contribuem para a deterioração da alma. Para a pastora, nosso espírito adoece quando não cuidamos do nosso corpo, quando não o valorizamos e o guardamos das tentações. Como exemplo, Sheeva cita o excesso de comida, o uso de drogas, bebidas e principalmente o sexo.²⁷⁷ A principal consequência desses excessos é o adoecimento do espírito, pois, espíritos demoníacos se aproveitam dos momentos de fraqueza proporcionados pelos vícios para tomar tanto o corpo quanto a alma, algo que ocorre principalmente pela via sexual. Para exemplificar a questão a pastora cita o exemplo dos homossexuais, que em sua concepção, são indivíduos propícios a receberem espíritos:

FIGURA 16: MENSAGEM E SARAH SHEEVA DURANTE O CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO NÍVEL 1 (2011)



Fonte: <twitter.com/SarahSheeva>, acesso em: 02/08/2018

²⁷⁷Ibidem.

Em postagem do dia 22 de maio de 2011, durante um de seus congressos de santificação a convite da Igreja Bola de Neve Church no Rio de Janeiro, Sheeva comenta em seu Twitter que as pessoas “tornam-se” gays por um processo sobrenatural, e esse processo é tão danoso que ataca diretamente a saúde dos envolvidos. Ao afirmar questões como essa, mesmo que indiretamente, a religiosa associa homossexualidade a doença, algo há muito tempo condenado pelos conhecimentos na área da saúde.²⁷⁸

Dentro do discurso presente no nível 1 do Congresso de Santificação as ações humanas voltadas ao sexo acabam levando demônios a se apropriarem tanto do corpo como da alma, por isso, a contenção perpassa o congresso. Trata-se de uma questão que não é colocada somente para os homossexuais, mas principalmente para as mulheres:

FIGURA 17: SARAH SHEEVA EM MENSAGEM DO CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO 8 (OUTUBRO DE 2016)



Fonte: <twitter.com/SarahSheeva>, acesso em: 23/07/2018

Na ótica de Sheeva, a mulher “fácil”, denominada de cachorra, isto é, aquela que vive correndo atrás de homens, é o instrumento perfeito para que ocorra o mesmo processo que acontece com muitos homossexuais: a atuação de espíritos malignos. Nota-se, no discurso de Sheeva, uma cruzada contra o sexo, de modo que

²⁷⁸ A Organização Mundial de Saúde incluiu a homossexualidade na classificação internacional de doenças de 1977 (CID) como uma doença mental, mas, na revisão da lista de doenças, em 1990, a orientação sexual foi retirada. No dia 17 de Maio de 1990, a homossexualidade deixava de ser considerada uma doença segundo a Organização Mundial da Saúde e desde então os saberes da área da saúde não podem tratá-la como tal. CECARELLI, Paulo Roberto. A Invenção da Homossexualidade. **Revista Psicanalítica Bagoas**, n. 2, pp.71- 93, 2008.

o seu alvo no Congresso são as mulheres, pois, a busca pela pureza é um dos principais tópicos da religiosa no evento.

Outra questão bastante debatida na primeira parte do congresso é a introdução ao primeiro livro da pastora, *Defraudação Emocional*. Este escrito encontra-se em sua terceira edição, é a obra mais vendida e também a mais promovida nas mídias sociais de Sarah Sheeva, seguido de *Onde foi que eu errei*. *Defraudação Emocional* foi publicado pela primeira vez em 2007, a segunda edição em 2015 e a terceira em 2017, e é o primeiro escrito de Sarah após a conversão. A partir dele Sarah passou a promover seus aconselhamentos. O livro em sua segunda edição foi lançado com uma tiragem de 10 mil exemplares.²⁷⁹

O livro veio antes de Sarah Sheeva se apresentar nas mídias sociais, e por isso foi inicialmente divulgado nos cultos presenciais que ministrava. A divulgação de seus escritos nas mídias é algo posterior, pois, só a partir de 2009 a pastora adentrou o universo digital em definitivo. Defraudação emocional é a base da discussão, não somente do congresso de Santificação, mas também do Culto das Princesas. Mas, afinal o que viria a ser defraudação? O que é defraudar? Defraudação é a expectativa gerada por todos que se interessam afetivamente por alguém, e segundo a pastora é uma situação que acomete mais mulheres do que os homens quando se apaixonam e buscam compromisso. Muitas vezes, essas decepções são tão profundas que não perdoam nem as pessoas casadas:

Hoje em dia, casar com a pessoa certa, um sonho comum entre todos os seres humanos, tornou-se quase uma utopia, pois, cada vez mais vemos histórias tristes de decepções amorosas e frustrações emocionais, sem falar nos divórcios. Ver um casal equilibrado que tem um relacionamento um relacionamento duradouro está cada vez mais difícil. Pouco a pouco os nossos sonhos de casamento feliz e eterno vão se desmoronando em meio a tantas tentativas fracassadas de nos relacionarmos com alguém. São tantas decepções... tantos bombardeios emocionais que nos cercam, são circunstâncias infelizes na nossa vida, na vida das pessoas ao nosso redor...²⁸⁰

A defraudação se constrói a partir da desilusão, e isso acontece, segundo a pastora, porque não temos paciência de esperar a pessoa certa. A procura incessante para satisfazer nossas carências é a principal responsável pelas grandes desilusões que nos acometem. A solução para resolver esse

²⁷⁹ Sarah Sheeva. Disponível em <sarahsheeva.com.br>

²⁸⁰ SHEEVA, op. cit., 2015, p.11.

problema é esperar, pois os verdadeiros cristãos sabem que Deus sempre proporcionará em seu tempo a pessoa ideal para aquele que crê. Para Sarah Sheeva, o tempo dos homens não é o mesmo tempo de Deus e, dessa forma, esperar em santidade é obrigação da cristã que deseja casar e constituir família.

A espera em santidade é muito importante dentro dessa premissa, pois a pior coisa a ser feita seria casar com a pessoa errada, e nas palavras da pastora caso isso ocorra temos que esperar a pessoa morrer para poder casar de novo. Sheeva vê o casamento na lei divina, e nessa premissa é indissolúvel, sendo o divórcio considerado inadmissível. Sarah nomina todo esse processo de casamento encalhado:

A luta para transformar a maldição em benção, sabendo que Deus é totalmente poderoso para fazer essa transformação, ou se aceita que o casamento está encalhado, ou ele (a) terá que esperar o cônjuge morrer para então se casar novamente com outra pessoa. Restaurar um casamento encalhado tem um preço alto e exige muito esforço da parte do casal. O conceito de encalhado só é compreendido por aqueles que sabem que o casamento é para a vida toda, por aqueles que decidem viver segundo os princípios bíblicos²⁸¹.

Vemos um esforço bastante significativo em suas práticas discursivas para manter o matrimônio cristão, mesmo em crise. Todavia, para não passar por um casamento encalhado é necessário casar-se com a pessoa certa, e essa pessoa só se torna uma realidade para aqueles que esperam em castidade. Dessa forma, homens e mulheres devem saber esperar, mas as mulheres devem ir além nessa espera, pois, recato e virtude, são premissas importantes para verdadeiras princesas.

Fomos criados por Deus de maneira a nos encaixarmos perfeitamente em todos os sentidos. É por isso que a mulher solteira tem de aprender a se segurar, a esperar e dar espaço para o homem agir e procurá-la. É como uma bola de neve, quanto mais as mulheres avançam, mais os homens recuam.²⁸²

Se as mulheres precisam resguardar-se, para que assim consigam encontrar um homem condizente com uma possibilidade de casamento, esse processo deve começar antes mesmo do namoro. Em seu congresso de

²⁸¹Ibidem, p.14

²⁸²Ibidem, p.27

santificação, a pastora defende um longo e profundo processo de conhecimento entre os parceiros, algo que perpassa o diálogo, orações, e de forma lenta as intimidades leves.

O relacionamento começa na fase de conquista, onde cada um tem um papel de acordo com sua própria natureza. O homem tem o instinto natural de caçador, já a mulher o instinto natural de mãe. É claro que existem exceções, mas, em sua maioria o ser humano é assim²⁸³.

A naturalização da divisão social de gênero é bastante clara no discurso da pastora, e em sua visão, é para a estruturação de um relacionamento é muito importante que os sexos naturalmente se diferenciem e se complementem. Para a pastora, “a mulher não possui a mesma estrutura racional de caçador que o homem”²⁸⁴. A naturalização dos papéis de gênero de Sarah Sheeva, muito embora esteja presente na longa tradição cristã, consolidou-se na cultura e também foi construído pelo saber científico desde o século XVIII. A criação do “homem natural” se deu naquele século, pois ali a ciência recortou uma demanda de verdade daquilo que se falou sobre o sujeito, uma verdade que só o cientista disse, descobriu, inventou e determinou.

Sexualmente a ciência enquadrou, definiu, separou, organizou e enunciou os corpos retos, corretos, verdadeiros, a sexualidade sadia e produtiva. No século XVIII há a constituição de novos indivíduos através do saber científico. Thomas Laqueur em sua obra *Inventando o Sexo* trouxe uma reflexão acerca da nossa visão de explicar o sexo na diferença entre homens e mulheres²⁸⁵. Para Laqueur, a sexualidade não é algo imutável, é um discurso que tem origem, somos filhos da ideia que o sexo biológico é algo dado e nos define como sujeitos. Trata-se de uma conjuntura presente em vários grupos culturais, entre eles os religiosos.

O nível 1 do congresso de Santificação constrói-se na premissa da naturalização do sexo biológico, a partir do qual os aconselhamentos para jovens em idade matrimonial são calcados em rígidas divisões nos papéis de gênero:

²⁸³ Ibidem, p.28

²⁸⁴ Ibidem, p. 28

²⁸⁵ LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpos e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro. Editora RelumeDumará. 2001.p.189-288.

Se um rapaz na igreja pedir para orar com uma moça para um compromisso de namoro em santidade e casamento e ela descartá-lo dizendo que não provavelmente ela vai sair dali e esquecer aquele assunto logo. No entanto se for ao contrário, se a moça procurar o rapaz para orar, e ele a descartar provavelmente ela vai ficar arrasada emocionalmente durante um bom tempo, pois, a estrutura emocional da mulher não foi criada para tomar a iniciativa e consequentemente a mulher não tem a mesma estrutura que o homem para ouvir um não na fase de conquista²⁸⁶.

Segundo a pastora, tudo isso ocorre porque o desafio da mulher na construção de um relacionamento e de um possível casamento é diferente do desafio de um homem. Justamente por ser “frágil emocionalmente”, a mulher necessita esperar em santidade.

Para dar uma ênfase de verdade ao seu discurso, a pastora reafirma sua experiência pessoal a todo o momento, e reitera que na juventude era sempre defraudada por não conseguir ficar sem homem. Contudo, após a conversão aprendeu a esperar, e o resultado foi que nunca mais sofreu.

Aprendi a esperar em Deus e isso inclui uma disciplina e uma prática em não olhar para os lados, aprendi a olhar para Jesus e somente para ele enquanto meu marido não chegasse. É importante lembrar que esperar é uma atitude essencialmente feminina²⁸⁷.

Nessas enunciações, há uma profunda ligação aos discursos essencialistas de gênero, uma divisão culturalmente legitimada durante séculos, não somente pela longa duração cristã, mas também por inúmeros outros saberes. Ao retomarmos a proposta metodológica aqui elencada, pudemos entender que a sexualidade foi forjada pela teologia cristã em sua história, e também desde o século XVIII pela ciência e a razão. Entretanto, este sujeito sexual não conseguiu se sustentar por muito tempo. Judith Butler²⁸⁸ reconhece a falácia normativa dos corpos como algo que:

Além de ilusório não pode ser determinante na classificação de identidades sexuais enquanto normais ou patológicas. O corpo não acata completamente as normas que impõem sua materialização. Nesse sentido o corpo resiste às normas sociais²⁸⁹.

²⁸⁶Ibidem, p.28

²⁸⁷Ibidem, p.30

²⁸⁸ BUTLER, Judith. **As Questões de Gênero e Os Corpos que Importam**. Cultura Visual Queer. Disponível em: <<http://culturavisualqueer.wordpress.com/2010/07/12/judith-butler-as-questoes-de-genero-e-os-corpos-que-importam/>> Acessado em 28/08/2018.

²⁸⁹Ibidem,.

Rosi Braidotti²⁹⁰ resgata parte da discussão trazendo alguns exemplos da biopolítica foucaultiana e retomando a narrativa naturalizante sobre o sexo. Braidotti afirma que o discurso ligado ao natural é criado a todo o momento e em todos os sentidos. Ao lado da tradição cristã e da cultura patriarcal, Sheeva reutiliza à sua maneira essa essencialização da verdade construída sobre o sexo, com uma roupagem moderna e carismática para atrair milhares de seguidoras. A linguagem coloquial nos livros, cultos e sermões é uma de suas estratégias, ou seja, falar a língua do povo é elemento que possibilita elencar e manter seguidores.

Não há dúvida quanto à nova roupagem de um discurso antigo no marketing religioso de Sheeva, e como esse ressignifica a construção social da realidade dos cristãos. Conforme apontam Berger e Luckmann, o conhecimento que temos da realidade é um produto da sociedade e, por isso, ao mesmo tempo em que o homem constrói e molda a sociedade ele é por ela influenciado, em boa parte pelas instituições. Entre essas instituições estão as religiões, que corroboram para que papéis sociais forjados tornem-se normas inquestionáveis.²⁹¹

Outras questões são destaque no livro e levados adiante ao longo do nível 1 do Congresso de Santificação, tais como os pensamentos e vontades dos cristãos:

os pensamentos quando se tornam muito intensos geram em nós vontades, e as vontades quando se tornam muito intensas geram atitudes e as atitudes têm consequências que podem alterar toda a nossa vida para o bem ou para o mal. Nosso querer (coração) não pode se contaminar com as coisas do mundo, tudo o que eu recebo, aprendo, vejo e ouço continuamente torna-se o que eu quero. Por exemplo, quando você gasta mais tempo com coisas e práticas mundanas do que com Deus, então provavelmente você vai querer mais do mundo e menos de Deus²⁹².

Livros, filmes e músicas “mundanas” também são o alvo da pastora a partir desse momento no livro e na prática do Congresso.

se vejo filmes que contém cenas de sexo e de sensualidade, isso vai ministrar o meu coração e vai gerar em mim pensamentos de desejo sexual (vontades) que conseqüentemente, uma hora (essas vontades)

²⁹⁰ BRAIDOTTI, Rosi. **Sujeitos nômades:** Corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea. Buenos Aires: Paidós, 2000, p.85-107.

²⁹¹ BERGER, Peter, LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

²⁹² SHEEVA, op. cit. 2015, p.42.

vão gerar em mim atitudes de acordo com o que recebi naquele filme. Resultado: eu passei a querer o que vi, ouvi e recebi daqueles filmes.²⁹³

Interessante que esse raciocínio (que não é recente e está na base das primeiras críticas dos cristãos sobre os meios modernos de comunicação) pressupõe que a pessoa não tem vontade própria, autocontrole, ou capacidade de filtrar essas mensagens – a mídia é sempre “irresistível”.²⁹⁴ Nota-se que o afastamento de tudo que possa desviar o cristão de seu caminho de virtude é parte de uma meta a ser seguida pela pastora. Em sua enunciação a insistência concisa nessa temática busca por meio do apelo emocional e carismático convencer o sujeito receptor.

Uma das questões também exploradas pela pastora no nível 1 do Congresso de Santificação é a leitura de livros não cristãos, ou seja, livros com temáticas “mundanas”, que estimulam o desejo por apresentarem temas polêmicos para a virtude cristã, tais como a sexualidade:

O grande problema é que o que eu leio continuamente vai formando opinião dentro de minha mente (alma, coração) ou seja, vai ministrando pensamentos na mente até gerar sentimentos, vontades e consequentemente atitudes. Resultado: eu posso querer fazer o que li naqueles livros.²⁹⁵

Na história da religião cristã, a preocupação com o conteúdo das leituras sempre esteve presente nos discursos de religiosos e moralistas. A título de exemplo, o romance de folhetim e de brochura era bastante criticado pelos padres no Brasil e por pastores evangélicos nos EUA no final do século XIX e início do XX, pois na concepção desses, traziam maus exemplos. Para Fernanda Cássia dos Santos, “a leitura é vista como depositária da capacidade de transformar para sempre não apenas os indivíduos que por ela se aventuram, mas também as realidades em que eles se inscrevem”,²⁹⁶ uma preocupação significativa para os agentes que buscam manter as estruturas simbólicas de discursos e instituições

²⁹³ Ibidem, p.43

²⁹⁴ SANTOS, Fernanda Cássia. **Entre o altar e a fogueira: relações de gênero na censura católica a romances (1907-1924)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR, 2017; BELLOTTI, Karina Kosicki. **A Mídia Presbiteriana no Brasil: luz para o caminho e editora cultura cristã (1976-2001)**. São Paulo: Fapesp, 2005, pp. 76-77

²⁹⁵ SHEEVA, op. cit., 2015.

²⁹⁶ SANTOS, op. cit.

como as religiosas. Os religiosos que buscavam essa prática de controle de leituras no início do século XX empregavam para isso tamanha energia e tentavam:

estabelecer um controle sobre as formas de pensamento e, assim manter a ordem dos poderes estabelecidos. A leitura teria, portanto o poder de disseminar valores proibidos, ideias perniciosas que poderiam corromper o clero, a população alfabetizada, e por extensão até mesmo aqueles que não conheciam os códigos da escrita. Essas características tornariam essa prática sempre potencialmente perigosa, capaz de disseminar em segredo as ideias mais inconvenientes²⁹⁷.

Essa preocupação com o controle dos conteúdos acessados pelos cristãos é uma constante em Sarah Sheeva e, dessa forma, notamos que a religiosa não deixa de seguir uma premissa há tempos existente na tradição religiosa. Além da leitura, a música também é alvo da censura moral. Como Sarah Sheeva é cantora além de escritora, sua crítica cristã é ácida em relação à indústria musical, em específico a alguns artistas nacionais:

[...] muitas letras dizem absurdos, só para ilustrar citarei algumas: “estou fazendo amor com outra pessoa (estou te traindo abertamente)”. “Se eu tô te dando linha (fazendo você acreditar em mim) para depois te abandonar.”²⁹⁸

Abertamente, a pastora faz uma profunda crítica a músicas populares, o que deixa ainda mais defensivo seu discurso em relação às mensagens disseminadas. Outra questão importante do Congresso de Santificação é como as mulheres devem guardar seu coração das paixões, pois essas frequentemente as levam a um incessante processo de defraudação emocional, para isso devem estar atentas à forma como a maioria dos homens se comporta:

Há uma verdade sobre a maioria dos homens que toda mulher deve saber. Os homens não expressam o que sentem através de palavras. A maneira que eles expressam seus sentimentos é através de atitudes. Não se conhece um homem por palavras, mas, por suas atitudes. Diferente das mulheres eles não acreditam em palavras. No fundo todo homem sabe que a melhor maneira de conhecer uma pessoa é pelas atitudes, por isso, não dão muita bola para o que as mulheres dizem, e quando casam “ralam” para obter paciência para ouvi-las²⁹⁹.

Através dessas palavras as mulheres são seduzidas, o que, segundo a religiosa, é um grande erro, pois as palavras podem ser faladas por qualquer um, o

²⁹⁷ Ibidem.

²⁹⁸ SHEVA, op. cit., 2015.

²⁹⁹ Ibidem, p.48

que gera de fato grandes decepções nas mulheres. Segundo Sheeva, elas criam expectativas e nesse processo a maior parte delas acaba defraudada emocionalmente em consequência de seu comportamento emotivo. Elas são levadas pelas palavras e não pelas ações como fazem os homens³⁰⁰.

Ao partir dessa postura, a pastora toma posição na divisão sexual de gênero que constrói em seu próprio discurso, demarcando uma classificação que coloca toda a culpa da frustração feminina em relação aos namorados e maridos nos comportamentos delas mesmas.

Os homens sabem tão bem que as mulheres caem pelo ouvido, que treinam desde a adolescência como conquistar uma mulher, é preciso ter uma boa lábia, pois, a mulher “cai na rede” pelo bom papo, ou seja, usando a linguagem mundana é preciso jogar um bom papo para cima da mulher para ver se cola³⁰¹.

Nota-se que toda a culpa pelos fracassos emocionais se põe sobre as mulheres, ou seja, Sheeva isenta os homens desse processo, aos quais suas palavras são mais racionais e menos emocionais.

[...] lembrem-se, homens falam o que as mulheres querem ouvir. Eles sabem exatamente o que elas querem ouvir, para eles as palavras não têm o mesmo peso que para as mulheres.

Por saber bem como a maioria dos homens se comportam, as mulheres, segundo a pastora, precisam tomar alguns cuidados, como por exemplo, guardarem o corpo, e coibirem todo tipo de olhar lascivo masculino. Pois, ao mostrarem o que eles querem ver, eles falam o que elas querem ouvir. Já os homens devem partir para ação (pois, está na natureza masculina o instinto de caçador), e para saber ganhar confiança e atenção de uma mulher devem ser fortes, corajosos, dispostos ao trabalho e sempre estar aptos a tomar a iniciativa. O homem que foge a esse propósito, o fraco, preguiçoso, acomodado e passivo em suas ações inverte totalmente a proposta comportamental para o sexo masculino. Segundo a pastora, homens “fracos” facilmente são defraudados por mulheres “cachorras” que usam suas fraquezas justamente para satisfazerem suas vontades.

³⁰⁰ Ibidem.

³⁰¹ Ibidem.

Uma das estratégias para fugir desse “tipo” de mulher também consiste em “guardar os olhos” da concupiscência, como bem aponta a pastora em *Defraudação Emocional*:

Como não ser defraudado? O ponto principal para um homem não ser defraudado é aprender a guardar os seus olhos. Da mesma forma que a mulher cai pelo ouvido, o homem cai pelos olhos. Por exemplo: no dia a dia ao passar na frente de uma banca de jornal e se deparar com muitas capas de revistas de mulheres nuas e seminuas, ele precisa decidir e conseguir não olhar. Mas, de repente ao caminhar pela rua os seus olhos podem ter ido acidentalmente e diretamente num outdoor de uma dessas revistas. Se ele estiver atento e ligado no mundo espiritual imediatamente desviará os olhos, consciente de como aquilo poderá prejudicá-lo, e com autoridade espiritual, determinará: não vou olhar³⁰².

A pastora preocupa-se com os pensamentos masculinos, pois, após ficarem tanto tempo expostos às imagens que ela considera “pecaminosas”, “eróticas” e “indecentes”, os homens de fé podem cair em tentação e praticar outro pecado gravíssimo, a masturbação:

Baseado no que viu durante o dia, ele irá sonhar durante a noite. Isso dificulta a santificação na vida deste homem, pois, provavelmente aqueles pensamentos o levarão a desejar e praticar a masturbação, uma prática pecaminosa que, conseqüentemente e naturalmente o levará a desejar a prática do sexo³⁰³.

A negação dos prazeres da carne é um valor muito presente no livro da pastora e nos discursos do congresso de santificação. No final do nível 1 do Congresso, além de se prestar a discursos voltados aos jovens solteiros, Sheeva também direciona seus aconselhamentos para os casados. Para os cônjuges, busca mostrar gravidades ainda maiores que podem ocorrer no matrimônio caso não se voltem a uma vida casta:

No caso dos casados o problema de olhar pode ser ainda pior. Um homem casado precisa aprender e preservar o desejo sexual para sua própria esposa e para isso tem de guardar os olhos de uma maneira mais acirrada. Ao olhar para outras mulheres em qualquer imagem sensual aquelas imagens ficam gravadas na sua mente da mesma forma, o que pode fazer com que ao chegar em casa não olhe mais sua própria esposa com tanto desejo como antes.³⁰⁴

³⁰² Ibidem, p. 51

³⁰³ Ibidem, p. 51

³⁰⁴ Ibidem, p. 52

No casamento, os males gravíssimos da concupiscência, da libido e das vontades do corpo ainda são piores, pois podem levar à total destruição do matrimônio, ou seja, o marido pode não mais se interessar pela esposa caso outra mulher chame sua atenção. Por isso, o segredo e a obrigação de todo homem cristão casado é não olhar jamais outra senhora que não seja a sua, mesmo porque o marido tem que cumprir o seu papel de homem dentro do casamento, não defraudar:

O cuidado mais importante que um homem deve ter para não defraudar é com o que ele fala para as mulheres. As palavras podem se tornar bombas e causar uma catástrofe nas emoções de uma mulher, justamente porque ela tem a felicidade de acreditar em tudo o que houve e aumentar incrivelmente a proporção dessas palavras em suas emoções³⁰⁵.

Sarah Sheeva, ao dar conselhos sentimentais aos homens, coloca as mulheres em uma posição submissa, aponta que ela é levada pelos sentimentos, pelas palavras que o homem profere, acredita em tudo que é falado pelo companheiro.

Lembrem-se homens, que as mulheres são sonhadoras, elas sonham até com o que não existe. Por isso facilmente podem confundir suas intenções. Seja sempre transparente em suas intenções. Sejam claros e objetivos, não brinquem com os sentimentos dela³⁰⁶.

As mulheres caem pelo ouvido, ou seja, o homem que tem uma boa “lábria” facilmente consegue conquistar várias mulheres ao mesmo tempo. Nesse sentido, todo cuidado é pouco para as mulheres em seus relacionamentos, elas devem estar atentas às palavras dos homens, e buscar conquistá-los diariamente, sendo atraentes, obedientes e discretas. Já eles devem respeitar suas mulheres, não sendo grosseiros, nem enganá-las com palavras que construam expectativas, o homem deve ser objetivo em suas intenções. Para a pastora todos os desastres, confusões e dificuldades que por acaso possam ocorrer no matrimônio podem ser evitados antes do casamento. Por isso a espera, a oração, a castidade e o

³⁰⁵ Ibidem, p.53

³⁰⁶ Ibidem, p.54

resguardo do homem e da mulher antes de assumirem o compromisso do matrimônio são indispensáveis.

4.6 - NAMORO EM SANTIDADE

Uma das estratégias para a conquista de um casamento saudável e não “encalhado” é o namoro em santidade, popularmente chamado por Sheeva de “namoro gospel”. Na enunciação de Sarah, o namoro em santidade é essencial ao bom cristão para obter um casamento “saudável.” Para isso, a necessidade inicial é conhecer o futuro marido e a futura esposa dentro dos mandamentos de Cristo, entre eles a oração e a castidade. O diálogo e o longo namoro sem toque é muito importante para o bom cristão, ajuda o marido a conhecer a futura esposa, e a mulher conhecer o futuro marido:

O namoro inicia-se com uma aliança de oração entre duas pessoas, um homem e uma mulher que buscam a confirmação de Deus sobre o futuro daquele relacionamento. Se é para continuar e chegar ao casamento ou se é para terminar e ficar só na amizade. A oração é o início de tudo, porque ela é a busca pela opinião e pela direção de Deus em nosso relacionamento³⁰⁷.

Outra questão importante destacada no auge do congresso é que, durante o namoro em santidade, é importante não deixar as vontades do corpo dominarem a alma, para tanto uma das estratégias mais sensatas é a prática do jejum.

Em um relacionamento de namoro santo o jejum é muito importante para que a nossa carne se cale e então possamos ouvir a voz do espírito. Acredito que nos dias de hoje, devido a toda mundana cultural dos tempos modernos, o jejum principal é necessário em um relacionamento e o jejum do contato físico e, principalmente o jejum de beijo na boca³⁰⁸.

Michel Foucault, em *O combate pela castidade* (1975), retorna a ética cristã antiga, que viria a marcar a história do cristianismo. Na análise dos primeiros patriarcas da Igreja, Foucault encontra o respaldo para a condenação aos prazeres da carne, consolidada na longa duração da teologia cristã. As preocupações com a

³⁰⁷ Ibidem, p.62

³⁰⁸ SHEVA, op. cit., 2015, p.64

ascese da alma constituíam-se em castigar o corpo físico, tanto com o jejum, como com a abstinência sexual:

Examinemos primeiramente o papel da fornicação entre os outros espíritos do mal. Cassiano completa o quadro dos oito espíritos do mal por meio de reagrupamentos internos. Estabelece pares de vícios que tem entre si relações particulares de aliança e de comunidade: orgulho e vanglória, preguiça e acedia, avareza e cólera. A fornicação faz par com a gula, por diversas razões: porque são dois vícios “naturais, inatos em nós, e de que temos consequentemente muita dificuldade em nos desfazer, porque são dois vícios que implicam a participação do corpo não apenas para se formarem, mas, para realizarem seu objetivo; porque finalmente, há entre eles vínculos de causalidade muito direta, é o acesso de alimento que acende no corpo o desejo de fornicção. E seja porque ele está deste modo fortemente associado à gula, seja, ao contrário por sua própria natureza, o espírito da fornicção desempenha um papel privilegiado com relação aos outros vícios.³⁰⁹

As preocupações do teólogo cristão São João Cassiano, do período da Patrística³¹⁰ são em parte as mesmas de Sarah Sheeva. Foucault escreveu sobre Cassiano – trata-se de um raciocínio mais elaborado feito para o início da Igreja como instituição, em que a relação com o corpo vinha de um contexto do Império Romano, e uma busca por subversão de regras. Hoje, a ideia parece não ter mudado, mas o contexto é outro, o que significa ser cristão e cristã na atualidade envolve outras batalhas, principalmente contra a secularização da sociedade, o individualismo presente nos sujeitos, bem como a ótica de consumo e bem-estar que permeiam os grupos sociais, entre eles os cristãos.

Dessa forma, é difícil ver o discurso cristão como único e homogêneo ao longo do tempo, apesar da tradição exercer muita influência sobre as igrejas, principalmente as históricas, ao exemplo da Igreja Católica e igrejas protestantes oriundas da reforma do século XVI. Com algumas modificações, a santificação do sexo no casamento ainda permeia a retórica de lideranças religiosas, bem como discursos sobre a castidade que renasceram em novos movimentos evangélicos durante a segunda metade do século XX.

³⁰⁹ FOUCAULT, Michel. O combate pela castidade. In: ARIÉS, Phillippe. **Sexualidades ocidentais**. Tradução de Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 26

³¹⁰ João Cassiano (360- 495) foi um teólogo cristão do período da Patrística originário de Marselha na França, fundador do movimento monástico ocidental. Em vida escreveu diversas conferencias e diálogos a respeito da salvação. Cassiano foi um dos objetos de análise de Michel Foucault, quando o filósofo francês analisou o discurso pastoral do cristianismo acerca de questões relacionadas aos pecados da carne, análise presente em seu artigo clássico “O Combate pela castidade” de 1982.

Dessa maneira, o que muda na retórica cristã da carne é a forma de divulgação, sua raiz é modificada, mas a essência não é eliminada. Sarah Sheeva busca respaldo nos pilares do cristianismo e sente-se representada. Dessa forma, os aconselhamentos da religiosa não fogem à regra da longa duração. Ao finalizar *Defraudação Emocional*, e a primeira parte do Congresso de Santificação, Sarah afirma que os cristãos, ao seguirem todas as normas desses conselhos “ungidos”, certamente serão abençoados por Deus com um bom casamento:

[...] Deus quer lhe dar a pessoa certa. Ele é o mais interessado nisso. Ele quer que você expresse a fidelidade dele aqui na terra. Ele quer que todos a seu redor vejam a glória dele na sua vida, no seu casamento e na sua família. Por isso, se você decidir passar um tempo diário em oração, para ouvir a voz de Deus, orar em Espírito, em línguas, ouvir, obedecer a direção dele. Assim seu coração vai se voltar totalmente para ele, não haverá mais vazio interior. E quando você estiver cheio do amor de Deus, quando ele realmente ocupar o primeiro lugar em sua vida você estará pronto a viver um grande amor, uma grande paixão abençoada por Deus³¹¹.

Nota-se que a proposta final do nível 1 do Congresso de Santificação conclui-se com o ápice daquilo que é almejado pelo discurso da pastora: o casamento e a família. O Congresso de Santificação nível 1 aconselha cristãos desde a juventude a seguirem os caminhos da contenção, castidade e autoridade dos líderes, o principal alvo dentro desse discurso é o corpo, que deve permanecer puro. Um namoro casto e com muito diálogo, possibilita moças e rapazes cristãos conquistarem casamentos virtuosos.

O nível 1 do Congresso de Santificação é todo dedicado ao namoro e ao conhecimento dos cônjuges, dentro de uma moral rígida e austera. No nível 2 os aconselhamentos se voltam exclusivamente para o casamento, família e principalmente a criação dos filhos. A principal fonte da pastora é seu segundo livro, *Onde foi que eu errei?*, texto que escreveu após a experiência com maternidade.

4.7 - CONGRESSO DE SANTIFICAÇÃO NÍVEL 2 E O LIVRO “ONDE FOI QUE EU ERREI”

Ao tratarmos sobre os projetos pastorais de Sheeva, discutimos previamente o Culto das Princesas e o Congresso de Santificação nível 1. Esse congresso, como

³¹¹ Ibidem, p. 104.

foi apontado, consiste em várias etapas, entre elas: “Sexo e transferência de espíritos”, “Santidade e pureza sexual”, “Defraudação emocional”, “Restauração do altar”, “A raiz do humanismo”, e “O desafio de vencermos as nossas vontades”.

A partir de agora trabalharemos o nível 2 do congresso, o qual se articula com o segundo livro de Sarah Sheeva, *Onde foi que eu errei?*. Lançado em 2008, o escrito discute a relação entre pais e filhos, a qual, segundo a pastora, é essencial na estruturação da família cristã. Mas, ao contrário de nossa análise de *Defraudação Emocional*, não estenderemos muito a discussão no segundo livro, visto que nele a pastora repete muitos assuntos discutidos em *Defraudação Emocional* e abordados na primeira parte do Congresso de Santificação.

Onde foi que eu errei foi publicado no ano de 2008, um ano após *Defraudação Emocional*. Ao contrário do primeiro escrito, que é uma cartilha normatizadora da mulher e seus comportamentos sexuais, *Onde foi que eu errei* versa sobre a família, a maternidade e a criação dos filhos. Trata-se de um texto parcialmente autobiográfico, pois articula-se com a subjetividade e os sentimentos de Sarah em sua experiência como mãe. A pastora viveu essa experiência ainda adolescente, muito antes de se converter. Essa fase de sua vida a marcou plenamente, pois ela não obteve nenhum auxílio do pai de sua filha nos anos iniciais da criança.³¹²

Segundo a pastora, esse processo a fez amadurecer muito cedo e começar a enxergar os “erros” de seu passado. Percalços que foram compensados pela alegria que sua filha a proporcionou. Esses erros estavam vinculados, na sua perspectiva, principalmente às lembranças de uma vida promíscua e decadente levada antes da conversão. *Onde foi que eu errei* é dividido em 24 capítulos, algo que poderia ser resolvido em quatro ou cinco, pois, a pastora é extremamente repetitiva nos textos.

As passagens falam não somente da maternidade, mas também da forma como as mulheres devem criar seus filhos, uma criação voltada essencialmente à religião e à virtude. Tanto que a pastora se orgulha de ter criado sua filha dessa maneira, pois isso fez de Rannah Sheeva, segundo Sarah: “mais crente que ela mesma”.

³¹² SHEEVA, Sarah. *Onde foi que eu errei*. Belo Horizonte: Editora Naós, 2008.

O Título dos capítulos do livro são os seguintes:

- 1- Se os anjos pudessem falar
- 2- As raízes
- 3- Os principais erros dos pais cristãos
- 4- Erro número 1: não ensinar aos filhos que Deus vem em primeiro lugar, antes mesmo dos pais.
- 5- Erro número 2: vida dupla: pais que levam uma vida em casa e outra na igreja.
- 6- Erro número 3: não levar seu universo a sério.
- 7- Erro número 4- Repressão: criar os filhos sem liberdade de expressão.
- 8- Erro numero 5; Disciplinar de modo injusto ou não disciplinar em nada.
- 9- Erro número 6: Obrigar a criança no caminho que ela deve andar.
- 10- Erro número 7: ativismo e egoísmo: pais que vivem somente em seus mundos.
- 11- Erro numero 8: maldizer e amaldiçoar os filhos com as palavras.
- 12- Erro número 9: competição e inveja: pais que não se alegram com as conquistas dos filhos;
- 13- Erro número 10: pais que compartilham assuntos que os filhos não têm maturidade para ouvir;
- 14- Não reconhecer os próprios erros: pais que não sabem pedir perdão, e que não se humilham;
- 15- A falta de comunicação;
- 16- A brecha do medo;
- 17- As brechas do homossexualismo;
- 18- O que está faltando?
- 19- Corrigindo os erros e resgatando os filhos;
- 20- Educando os nossos filhos;
- 21- O que realmente importa?
- 22- Onde foi que eu acertei?
- 23- Sobre a música mundana;
- 24- Oração;

Desses 24 capítulos selecionaremos apenas alguns para a análise: “Capítulo 1: Se os anjos pudessem falar.”, “Capítulo 5: vida dupla, pais que levam uma vida em casa e outra na Igreja. Também o capítulo 9: “Obrigar a criança no caminho que ela deve andar”, Capítulo 17: “Brechas para o homossexualismo”. Esse livro não é uma grande novidade nas literaturas de autoajuda e aconselhamento evangélico, pois, como se viu, a maternidade é exaustivamente discutida na obra de outras autoras cristãs, tais como Stormie Omartian.

O capítulo 1, “Se os anjos pudessem falar”, traz uma mensagem muito direta sobre a experiência precoce de Sheeva com a maternidade. A pastora diz que os pais erram muito na educação de sua prole. Esses erros acontecem principalmente no processo de formação das crianças e adolescentes, quando muitas vezes os progenitores não os alertam sobre os “perigos e prazeres mundanos”. Esses prazeres seriam as formas pelas quais os filhos caem nos “desvios do mundo”, dessa forma fica muito difícil trazê-los de volta à “luz”. Segundo Sheeva, embora Deus busque ajudar os pais a trazer os filhos de volta, isso não dependerá somente de sua boa vontade, mas também da vontade própria do filho:

[...] os pais precisam compreender que, apesar de todo o seu esforço (de todo o seu amor e dedicação) o seu filho (ou filha) está hoje longe dos caminhos do Senhor. Deus quer lhe ajudar a trazer o seu filho de volta, ele sabe que isso não depende somente do agir dele, mas, depende também do livre arbítrio de seus próprios filhos. Por isso é preciso entender e enxergar como foi que os filhos foram parar no mundo. Como foi que eles se desviaram? Foi tudo culpa do diabo? Afinal a bíblia diz que o diabo veio para matar, roubar e destruir, mas, será que é tudo culpa dele? Se nossos filhos se desviam dos caminhos de Deus, não é apenas por causa do diabo, pois, o diabo não pode tocar onde não há legalidade para ele tocar.³¹³

A legitimidade da família é amplamente defendida pela pastora nessa passagem, visto que nem o mal em si, representado na figura do demônio, pode destruir a harmonia da família e desviar os filhos do caminho. Aqui entra outra questão, o livre arbítrio que cada indivíduo carrega em sua trajetória individual. É nesse ponto que mora o perigo para os filhos, segundo a pastora, e é exatamente por isso que os pais devem ficar atentos em relação às escolhas dos rebentos.

Sarah Sheeva assemelha-se aos discursos de maternidade definidos por Stormie Omartian em seu *O poder da mãe que ora*. Por essa via, é de responsabilidade exclusiva da mulher vigiar o que acontece dentro de sua casa. O papel dos pais seria o de ficarem atentos e sempre buscarem mostrar o “percurso correto para os filhos”. Todavia, é muito difícil mostrar esse caminho quando os próprios pais não o seguem, ou muitas vezes desviam-se dele. A forma de corrigir esse problema segundo a pastora são os pais, principalmente a mãe, reconhecerem os seus erros, esses muitas vezes sem uma percepção consciente atingem a moral e a educação cristã da prole.

[...] os nossos erros, como pais, são para o inimigo a entrada favorita para desviar nossos filhos dos caminhos do Senhor. Por isso precisamos enxergar, localizar, discernir e identificar esses erros, os erros que cometemos como seres humanos que somos, e levá-los a cruz de Cristo para que encontremos a solução, e corrijamos esses erros a tempo.³¹⁴

A boa conduta, a moral, o exemplo, os costumes e a vida reta precisam vir dos pais, sendo a mãe o baluarte de todos esses valores, pois, por estar mais tempo no espaço doméstico, convive com os filhos de forma muito maior e possui uma influência infinita na formação das crianças e adolescentes. A oração e a crença no

³¹³ Ibidem, p. 4

³¹⁴ Ibidem, p.14

Espírito Santo é o caminho para superar os obstáculos na criação dos pequenos, contudo a genitora precisa ter muita fé para afastar todo o mal do caminho dos filhos.³¹⁵

Em entrevista à apresentadora Marília Gabriela em 2012, Sarah Sheeva relata que foi justamente por seguir essa cartilha que conseguiu criar sozinha sua filha Rannah e conduzi-la ao caminho da luz e da fé cristã.³¹⁶ Essa perspectiva educacional fez com que a sua filha seguisse os caminhos da religião e também se tornasse ainda mais ortodoxa do que a mãe nas questões voltadas à moralidade³¹⁷.

Na apresentação do livro, a pastora já deixa claro o propósito do texto, uma ajuda necessária para os pais, contudo, esse método aconteceria por meio do reconhecimento dos próprios erros dos genitores. Como Sarah Sheeva “errou muito antes da conversão” ao se relacionar com vários homens sem compromisso, inclusive com o pai de Rannah, pagou um preço alto por esses erros, tais como ter que criar uma filha sozinha, ser julgada, comentada e enxotada de uma sociedade por ser mãe solteira. Contudo, quando ela foi mãe no início dos anos 1990, esse era um tabu bem menos polêmico do que era, por exemplo, na época da mãe dela, Baby do Brasil – é interessante pensar como ela descreve esse “ser enxotada”, trata-se de um excesso da pastora nas descrições do texto, justamente para atrair atenção do leitor e usar a estratégia do “servir de exemplo”, comum em relatos biográficos do gênero.

Como vimos, Stormie Omartian faz a mesma coisa em suas descrições, em sua autobiografia, acerca de sua vida antes da conversão. Após a maternidade, nas palavras de Sheeva, ela ganhou forças para superar tudo e criar a filha de uma forma muito diferente do que fora criada, com valores sólidos no que concerne principalmente ao corpo e a sexualidade.³¹⁸

Toda essa preocupação da pastora em relação ao corpo e à sexualidade não é uma exclusividade dela, muito menos uma exclusividade evangélica no mundo cristão, pois sabemos que a longa tradição do cristianismo construiu uma retórica da carne muito bem solidificada. Peter Brown busca compreender a problemática cristã da carne em uma análise minuciosa acerca de como os homens e mulheres

³¹⁵ Ibidem.

³¹⁶ **Entrevista concedida à apresentadora Marília Gabriela em 2012.** Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=wH_5BiN2V7U Acessado em 14 de março de 2020.

³¹⁷ Ibidem.

³¹⁸ Ibidem.

renunciaram-se sexualmente no início da era cristã.³¹⁹ O maior exemplo destacado pelo autor são as experiências do apóstolo Paulo no primeiro século.

Naquele contexto, ao perambular pelos povoados da antiguidade clássica, Paulo propôs uma nova forma de comportamento sexual para as comunidades tradicionais, por meio de suas epístolas, que traziam verdadeiros aconselhamentos.³²⁰ No complemento à análise de Brown, Foucault aponta que a moral instaurada pelo cristianismo construiu a possibilidade não de eliminar a sexualidade, mas de utilizá-la para algo útil, fazendo com que na subjetividade dos indivíduos se constituíssem limites para a prática do sexo. O uso do sexo nessa via só seria útil com o casamento e a monogamia, um mal menor, visto que a virgindade era o ideal. Contudo, no casamento haveria possibilidade de controlar o ardor a partir do momento que a procriação se colocou como forma única para a prática sexual. Na concepção de Foucault houve uma desqualificação do prazer com o cristianismo.³²¹

Sarah Sheeva se apropria de inúmeras experiências ascéticas, muito embora não vise revivê-las de fato. O discurso do apóstolo Paulo é fortíssimo na defesa das ideias de Sheeva, e sempre é citado em seus livros e mídias sociais. Com esses argumentos, a pastora defende a criação dos filhos, pois, como liderança religiosa, ela se constituiu como uma assídua leitora da Bíblia. Embora tenha construído esse arcabouço de defesa da maternidade e da família por meio de suas experiências, para a escrita desse livro e aplicação de seu conteúdo no nível 2 de seu Congresso de Santificação, Sheeva recorreu veementemente à tradição cristã. Sarah reúne a tradição e o discurso base da religião cristã à sua experiência pessoal para legitimar sua fala.

Quando tratamos de maternidade, família e tradição, muitos evangélicos do tempo presente recorrem à Bíblia para justificar posicionamentos e decisões que tomam. Contudo, embora a maioria deles defenda um discurso tradicional, não são

³¹⁹ BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1990, pp.52-53

³²⁰ Ibidem, pp.52-53

³²¹ É importante deixar claro que na perspectiva de Foucault, antes do cristianismo, ainda na antiguidade clássica já havia uma moral instituída na cultura grega e romana, o que recaía nas práticas sexuais quando relacionava o casamento e os usos do prazer. Em uma sociedade de homens, as mulheres estavam excluídas do prazer, bem como os dominados nas relações entre homens. Ser dominado moralmente desqualificava a postura que muitos homens públicos exerciam. O cristianismo simplesmente se apropriou dessa matriz instituindo uma proposta que foi além por meio da problemática da carne. FOUCAULT, op. cit., p.69-70

capazes de fazer com que a sociedade retorne aos moldes e valores do passado e isso ocorre com muitas temáticas da vida cotidiana, incluindo os modelos de família e maternidade. Algumas mulheres evangélicas precisam unir a tradição ao estilo e ritmo de vida da modernidade. Na maioria das vezes, esse desafio não é nada fácil, mas necessário no atendimento das expectativas, valores e crenças dessas mulheres.

Sally Gallagher afirma que a religião, quando acomoda elementos da modernidade, tem mais possibilidades de tornar-se exitosa, do que quando meramente os condena. Trata-se de uma estratégia muito importante e ao mesmo tempo de sobrevivência do *status quo* religioso:

A religião faz bem em outras palavras quando acomoda elementos da modernidade ao invés de tentar resistir a ela ou reformá-la. Na medida em que esta tese pode ser estendida às normas de gênero, podemos esperar um pleno sucesso dos movimentos religiosos em acomodar o igualitarismo feminista e um maior grau de atrofia entre as igrejas que promovem uma hierarquia baseada em gênero e subordinação de mulheres na Igreja e em casa³²²

Conforme os apontamentos da autora, é mais interessante adaptar-se aos costumes do tempo presente do que manter a tradição e a retórica discursiva absoluta e inalterada junto ao corpus religioso. Sarah Sheeva faz esse exercício em seus livros e principalmente em seus projetos pastorais, embora defenda ferrenhamente a tradição. A pastora é fruto de uma sociedade secularizada, individualista e culturalmente heterogênea, logo, se afasta da versão mundana da cultura, mas se apropria de todas as comodidades do mundo moderno, tal como a tecnologia para propagar suas falas.

Ao analisarmos as temáticas de *Onde foi que eu errei*, percebemos que, embora ele se aproprie da tradição cristã, a pastora não busca meramente reproduzir os modelos tradicionais sem uma roupagem nova, sem algo que agrade e ao mesmo tempo chame atenção dos seus seguidores. No capítulo intitulado “Principais erros dos pais cristãos”, a pastora aconselha os pais a não proibirem

³²² Religion does well, in other words, when it accommodates elements of modernity rather than seeks to resist or reform it. To the extent that this thesis can be extended to norms regarding gender, we might expect success full religious movements to accommodate elements of feminist egalitarianism and a greater degree of atrophy among churches that promote a gender-based hierarchy and the subordination of women in church and at home. (GALLAGHER, op. cit., p.11).

aquilo de que os filhos gostam, pois quando se trata de crianças e adolescentes o mundo lhes chama muito mais atenção do que a norma.

No caso das crianças, roupas, brinquedos, games, celulares, seduzem, chamam atenção. Algo muito comum também nos pequenos é a alimentação desordenada e o consumo exagerado de alimentos processados de rápido preparo (*fastfoods*). A estratégia de Sheeva, que funcionou com sua filha e que seria muito conveniente na educação de crianças de outros pais, não seria o de proibir, e sim deixar a criança fazer tudo o que quer. A criança poderia: brincar com o que quisesse, comer o que gostasse, mas a obrigação dos pais é colocar os prós e os contras em relação às consequências sofridas em uma vida de excessos.

Como exemplo, a pastora aponta que os pais devem explicar à criança que nem todos podem ter as mesmas roupas, os mesmos brinquedos ou mesmo o jogo desejado, bem como consumir exageradamente e sem necessidade, pois isso, na perspectiva bíblica, não agrada a Deus.³²³ No caso do consumo de alimentos não saudáveis ainda é mais fácil convencer a criança a substituí-los por comida saudável mostrando a eles os “terríveis malefícios da obesidade”, e apontando que a gula é um “pecado terrível”. Ao dialogar com a criança e mostrar exemplos tudo se torna mais fácil, pois, para Sheeva proibir não foi e nunca será o caminho.³²⁴

Em relação aos adolescentes é muito diferente, pois eles já estão em uma transição importante e ao mesmo tempo “perigosa para a fase adulta”. Nesse período começam a ter contato com as tentações mundanas, sentem-se seduzidos pelos prazeres terrenos, trata-se de uma idade de mudanças e curiosidades. Nessa fase da vida, os pais precisam estar atentos e presentes para evitar que os filhos “desviem-se do caminho”. Essa tarefa se coloca da mesma forma que na infância, sem proibições, e sim mostrando os efeitos de uma vida desregrada, longe do caminho da família e da religião.

No capítulo “Brechas para o Homossexualismo”, Sheeva discute melhor a questão dos cuidados com os adolescentes mostrando o exemplo da homossexualidade. A pastora usa o termo patológico em todo o seu texto, não tem a preocupação de analisar o sufixo (ismo) como um sinônimo de doença. Para Sarah Sheeva, a homossexualidade é um comportamento adquirido e jamais poderia ser

³²³ SHEEVA, op. cit., 2008, p.18

³²⁴ Ibidem, p.18

considerada uma doença. Contudo, no discurso da pastora, ao comentar um trecho do livro no nível 2 do Congresso de Santificação, também em entrevista a Marília Gabriela em 2012, acaba afirmando que todos os gays que ela conheceu e procuraram a Igreja encontraram Deus e tiveram suas vidas restauradas em Cristo.³²⁵

Trata-se de um discurso um tanto quanto contraditório se formos analisá-lo literalmente. Embora não se veja jamais como uma pastora homofóbica, Sheeva vê a homossexualidade como algo que precisa ser superado. Sendo assim, os pais cristãos atentos precisam não “dar brechas” para que isso ocorra, pois, muitas vezes, os filhos tornam-se homossexuais porque os próprios pais os incentivam com amizades e pessoas que convivem, ou seja, com pessoas que são amigas ou colegas, que são recebidos em casa e que fazem parte do cotidiano do adolescente. Segundo a pastora, “a distância de gays e lésbicas seria o melhor para evitar o contato dessas pessoas com os filhos.” Para tanto também é necessário a vigília constante da família e da igreja para afastar esse “mal”:

[...] não é possível discernir a sexualidade dos bebês, até hoje nunca vi um bebê heterossexual ou homossexual, dessa forma eu creio que ninguém é homossexual, mas, a pessoa está vivendo como homossexual.³²⁶

Nessa possibilidade interpretativa, os papéis sexuais são traçados conforme a biologia, a materialidade do corpo e da cultura permeada pela tradição cristã. Essa tradição foi legitimada historicamente por uma cultura normatizadora acerca do gênero, presente nos grupos religiosos aos quais Sarah pertence, mas também nos grupos socioculturais como um todo. Judith Butler, nesse sentido, tem muito a contribuir com essa discussão. Para Butler, no corpo se inscrevem todos os significados culturais:

[...] nos limites dos termos, “o corpo” aparece como um meio passivo sobre o qual se inscrevem significados culturais, ou então um instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas, o corpo é em si mesmo uma construção, assim como é a miríade dos corpos que constituiu o domínio dos sujeitos com marcas de gênero.³²⁷

³²⁵ Ibidem.

³²⁶ Ibidem, p.20

³²⁷ BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 12ªed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2016, p.27

As relações de gênero são construídas pela repetição e consolidação dos discursos. Dessa forma, são inscritos sobre o corpo significados que ficam latentes por meio da socialização a qual passamos ao longo de nossa vida. A forma como somos criados e educados, instruídos para desempenhar os papéis sexuais na família, na sociedade e na divisão social do trabalho são importantes nesse processo, o qual determina um modelo de indivíduo sexual, sendo que tudo o que foge a essa norma contribui para a construção de corpos abjetos e/ou excluídos. A religião, sendo parte da cultura, não foge a essa construção, visto que é constituída de discursos, repetições e dogmas, elementos que são traduzidos pelo conservadorismo que permeia as pautas morais. Dentro dessas pautas, a sexualidade encontra-se amarrada a um modelo tradicional.

Através dessa análise é possível compreender todas as questões colocadas pela pastora Sarah Sheeva. Quando impõe comportamentos e normatiza os corpos, está falando de gênero a todo o momento. Seu discurso é muito importante para pensarmos questões colocadas nas pautas das mídias de muitas lideranças evangélicas. Essas pautas de gênero na religião articulam diretrizes capazes de conciliar uma dimensão de tempo, espaço e valores que envolvem corpos, moldam comportamentos e constroem representações coletivas.

Inúmeros desses discursos e reações enunciadas por lideranças religiosas calcam-se na esperança de retorno a um passado idealizado, solidificado em modelos tradicionais, ao mesmo tempo em que travam uma cruzada discursiva contra outros arranjos familiares, comportamentos sexuais que fogem à “norma.” Como muitos comportamentos do tempo presente se distanciaram da tradição, as lideranças religiosas voltam suas atenções à sua manutenção, colocando-a sob uma roupagem moderna, com uma retórica eficiente e que busque atrair a atenção das novas gerações.

Sheeva termina o livro e o nível 2 do Congresso de Santificação fazendo um apelo aos pais e familiares, principalmente às mães, que segundo ela estão muito mais tempo presentes junto aos filhos. *“Vigiem e cortem os males que abatem seus filhos pela raiz”*, males que, segundo a pastora, podem se disfarçar de coisas boas,

ou mesmo de divertimentos, muitas vezes de amigos e colegas que podem influenciar negativamente as crianças e adolescentes.³²⁸

Essas más influências, a exemplo das diversões, se colocam na música secular, que podem trazer mensagens “terríveis”, tais como sexo sem compromisso, uso de drogas, bebidas alcoólicas, ou mesmo sensualidade. Sarah, que fez muito sucesso no passado na música secular com o grupo SNZ, aconselha aos pais ouvir e estimular os filhos a escutarem somente música gospel. Em relação aos amigos e colegas, é interessante que se possível sejam exclusivamente da igreja, ou caso contrário crianças e adolescentes virtuosos de famílias cristãs que prezem pela moralidade.³²⁹

A partir dos escritos da pastora, percebe-se que seu método de educação dos filhos é permeado por exigências e rigorosidades, e embora Sheeva seja contra o autoritarismo, não deixa de fazer com que esse se aplique em seus conselhos. Essas normas devem prevalecer na educação como um todo, e cabe aos pais saberem usar a sabedoria e a astúcia para colocá-lo em prática. O resultado de tudo isso será a formação de uma família sadia, amplamente cristã, virtuosa e que preze pelos valores tradicionais, mas não se isolando do mundo.

Trata-se da mesma estratégia de Stormie Omartian em seus livros em relação à família, a exemplo de *O poder da mãe que ora* e *O poder da mãe que ora pelos filhos adultos*. Mesmo em outras obras da estadunidense dedicadas à mulher, a temática dos filhos e da família são inseparáveis, tais como *O poder da mulher que ora* e *O Poder do marido que ora*. No Brasil, Sarah Sheeva não somente segue essa tendência, mas amplia com seus projetos pastorais e com a presença massiva das mídias.

Sheeva, ao desconsiderar outras possibilidades nas relações de gênero além das aceitas como norma, acaba contribuindo para constituição de um fundamentalismo em relação à sexualidade. Muito embora nossa intenção não seja adentrar na discussão conceitual do fundamentalismo, essa análise é de grande valia. No entendimento de Peter Berger:

[...] o fundamentalismo pode ser descrito como um projeto de eliminação total da dúvida. Pode também ser descrito como uma possibilidade de

³²⁸ SHEEVA, op. cit., 2008, p.21

³²⁹ Ibidem, p.21

restaurar, nas condições modernas a certeza do dado como certo de uma sociedade pré moderna. Isso é difícil de fazer, pois, exige um regime totalitário que controla toda a sociedade, o que apresenta altos custos econômicos e outros custos, ou o minitotalitarismo de uma subcultura sectária, que exige grande vigilância contra as contaminações cognitivas que vem do exterior.³³⁰

O comportamento restaurador de Sarah e outras religiosas visam em partes atitudes fundamentalistas. A necessidade de restaurar a sociedade nos valores cristãos em normas e facetas da retórica religiosa acaba deparando com o individualismo de uma sociedade plural de valores seculares como a do tempo presente. Dessa maneira, programar esses projetos religiosos de forma hegemônica se faz impossível na prática. O que contribui para entendermos o porquê desses discursos serem transmitidos de forma autoritária. Todo esse arcabouço nos permite uma resposta contundente para compreendermos a preocupação dessas pregadoras em convencer seus seguidores.

Ao usarem todas as estratégias de comunicação, elas criam um discurso convincente que agrada a uma significativa parcela de crentes que compartilham valores semelhantes. E por que agradam? Esses discursos encontram ressonância porque criam a sensação de que as mulheres estão se engajando em um projeto maior, restaurar a família, a sociedade, o casamento e os papéis sociais de homens e mulheres. Nesse imaginário, a religião se faz como o canal indispensável para o cumprimento dessa tarefa. No caso de lideranças religiosas como Sheeva, o lugar que ocupa constrói para si espaços de poder e atuação, algo raro para mulheres no que tange aos cargos de liderança em igrejas evangélicas.

Sobre as lideranças religiosas femininas é pertinente abordar nesse momento outras experiências que fazem uso de estratégias semelhantes de divulgação e convencimento de Omartian e Sheeva. No próximo capítulo, contudo, não iremos nos aprofundar demasiadamente nos projetos das religiosas que ampliam o discurso de nossas protagonistas, o faremos somente com base na identificação discursiva e estratégias usadas por ambas.

³³⁰ BERGER, op. cit., p.74

5. ANDRESSA URACH, MARISA LOBO, E SHEILA WALSH: “MULHERES VIRTUOSAS E IDEAIS”

Nos capítulos anteriores, analisamos o discurso de Stormie Omartian e Sarah Sheeva, suas bibliografias e em suas mídias. Os temas abordados por ambas são semelhantes, e versam sobre a família, a mulher, a sexualidade e as relações de gênero na perspectiva da tradição cristã. Nesse capítulo, a proposta segue de forma contínua às metodologias aplicadas, contudo, com uma exploração das mídias de outras lideranças ligadas às práticas discursivas da pastora e da escritora, práticas que também estão presentes em livros publicados por todas essas mulheres que seguem a retórica de nossas protagonistas.

As lideranças desse capítulo são: a religiosa Andressa Urach, a escritora Sheila Walsh e a psicóloga evangélica Marisa Lobo. O que essas mulheres têm em comum? Todas defendem uma perspectiva de gênero calcada nos costumes, a partir da qual o casamento cristão, a mulher virtuosa, boa mãe e esposa se colocam como as únicas possibilidades nas relações sociais. Além disso, todas buscam na tradição a possibilidade da manutenção da ordem e da hierarquia nas relações de gênero. Dentro desse viés, também visam manter violências simbólicas³³¹ histórica e culturalmente naturalizadas no casamento, na família e nas relações humanas.

Em um primeiro momento, analisamos a trajetória da ex-prostituta Andressa Urach e todo o seu processo de conversão, o seu encontro com a restauração dos valores e práticas tradicionais em relação a família, o casamento e a sexualidade. E a partir disso, a análise volta-se à compreensão dos discursos da religiosa para as mulheres com base em aconselhamentos.

Posteriormente, nossa atenção se volta para a psicóloga cristã Marisa Lobo, a qual, dentre todas as outras religiosas desse capítulo, é a mais intensa em seus posicionamentos conservadores. Como psicóloga e evangélica, Marisa é militante antiaborto, antifeminista, anti-LGBTs e antidrogas. Em suas práticas discursivas, uma sociedade ideal seria aquela na qual indivíduos que não se encaixam nas diretrizes da família tradicional, da heterossexualidade compulsória, e da ordem e manutenção das tradições, devem ser duramente combatidos.

³³¹ O conceito de Violência Simbólica de Pierre Bourdieu é explorado de forma ampla ao longo do texto.

Na última parte do capítulo, discute-se a escritora britânica radicada nos Estados Unidos, Sheila Walsh, especialmente seus posicionamentos acerca da socialização e interação social das meninas em relação ao que se espera de uma mulher evangélica adulta no livro *A Bíblia da Princesinha*. Essa obra, da mesma forma que *Defraudação Emocional* de Sarah Sheeva, pode ser compreendida como uma cartilha normatizadora para as mulheres, contudo, com uma linguagem lúdica e destinada para crianças.

5.1 - ANDRESSA URACH: VIDA, CONVERSÃO E RESSIGNIFICAÇÃO

Andressa de Fáveri Urach nasceu em 11 de outubro de 1987 em Ijuí- Rio Grande do Sul, onde iniciou sua carreira artística como dançarina e modelo. Sua primeira aparição na TV ocorreu em 2010, no programa “Legendários”, do apresentador Marcos Mion na Rede Record. Além disso, Andressa também foi dançarina do cantor pop Latino e o acompanhava em suas turnês pelo Brasil.³³²

Andressa ficou muito famosa em toda a mídia ao vencer em segundo lugar o concurso “Miss Bumbum Brasil” e ter participado do *reality show* “A Fazenda” em 2013, também na Rede Record. No *reality show*, protagonizou inúmeras polêmicas, o que contribuiu para elevar a audiência do programa. No início do ano de 2014, tornou-se apresentadora de televisão, comandando dois programas no Rio Grande do Sul na afiliada da Rede Record. Os programas chamavam-se “Studio Pampa 1” e “Studio Pampa 2”. Nesse mesmo ano participou da cobertura do carnaval pela Rede TV em São Paulo. Na internet ficou ainda mais conhecida naquele momento.³³³

Durante sua breve, mas intensa, carreira protagonizou vários escândalos, muitos deles com personalidades internacionais, abusou do uso de álcool, fez de tudo para ganhar dinheiro, inclusive a prostituição. Para isso, investiu intensamente na transformação de seu corpo, comprometendo a sua saúde com o uso indiscriminado de hidrogel³³⁴. Fez uso do produto para ficar com o corpo cada vez

³³² URACH, Andressa. **Morri para viver: meu submundo de fama, drogas e prostituição**. São Paulo: Editora Planeta, 2015.

³³³ Ibidem

³³⁴ **Hidrogel:** Trata-se de um gel que tem em sua composição 98% de água e 2% de poliamida utilizados no Brasil desde 2008, de acordo com a médica Valéria Campos, membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia (SBD). O hidrogel é usado para aumento de volume em regiões como o bumbum e as coxas. Também é usado para o preenchimento de linhas e rugas no rosto e no pescoço. O médico

mais definido e um bumbum mais sensual, o que era importante para chamar atenção dos homens, principalmente os ricos, assim como descreve a religiosa em sua autobiografia.³³⁵

A infância e a adolescência de Urach não foram nada fáceis, pois constantemente sofria abusos do avô de criação, marcas da infância que influenciaram profundamente a sua vida. Os detalhes dos abusos não serão relatados na pesquisa por não ser o objetivo central da análise discursiva de Andressa, que nesse caso concentra-se em seu processo de conversão e mudanças de posicionamento em relação à sexualidade e as relações de gênero.

Todos os detalhes de sua vida são relatados na segunda parte de sua autobiografia, intitulada *Morri para viver*, e publicada em 2015. Na parte final do relato, descreve o perdão dado ao avô abusador quando já foi convertida:

[...] Hoje aprendi o valor de vencer o passado para estar próxima a Deus e ser feliz no presente e no futuro. Após minha decisão de aceitar a fé verdadeira, tenho apenas uma palavra a dizer ao pedófilo que destruiu meus sonhos de criança e, ao longo dos meus vinte e sete anos, me imputou uma vida de complexos e dores: Eu o perdão. Confesso que não é uma missão fácil, mas, tenho feito orações a favor dele e de sua família, em prol da saúde e da felicidade deles, citando o nome de cada um, dia após dia. Eu perdão. Sim, eu o perdão.³³⁶

Após a conversão, Urach decide perdoar o abusador, apesar de ser uma decisão difícil para ela. A trajetória de Andressa em sua fase adulta foi bastante conturbada no ponto de vista pessoal e profissional. A busca pela riqueza e fama a todo custo subiu tanto à sua cabeça que, entre 2010 e 2014, não mediu esforços para atingir esses objetivos. Em sua visão, o uso do corpo seria uma estratégia certa para conseguir esses intentos.³³⁷ Em seus relatos, afirma que realizou quatorze procedimentos cirúrgicos, o que a levou a quase morte no ano de 2015.³³⁸

Fernando de Almeida Prado, presidente da Regional São Paulo da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCEP-SP), afirma que, embora seja um procedimento regulamentado, não há estudos suficientes que garantam a segurança da técnica em longo prazo, por isso é necessário ter cautela. Informações disponíveis em: <http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/12/entenda-o-que-e-o-hidrogel-e-quais-sao-os-riscos-do-procedimento.html> acessado em 15 de março de 2020.

³³⁵ Ibidem

³³⁶ URACH, op. cit., 2015, p.76

³³⁷ Ibidem.

³³⁸ Lista de procedimentos cirúrgicos de Andressa Urach: Com 20 anos em 2008: primeira prótese mamária, trezentos e quinze litros de silicone em cada mama. Com 21 anos em 2009: Rinoplastia mudou o formato do nariz. Com 21 anos em 2009: primeira lipoaspiração na barriga. Com 21 anos

Ao todo, foram mais de treze cirurgias em menos de quatro anos, em média uma a cada três meses e meio. Andressa Urach afirma ter gasto mais de um milhão de reais com esses procedimentos, e em suas palavras: “não conseguia enxergar as loucuras desses atos.”³³⁹ Dentre tantas polêmicas e excessos, o que sente mais vergonha sem dúvida foi a prostituição. Pois, com um corpo cada vez mais “padrão”, não faltaram homens que desejassem a companhia da ex-Miss Bumbum.

5.2 - O SUBMUNDO DA FAMA E DA PROSTITUIÇÃO

Ao ficar famosa e conhecida, Andressa recebeu várias ofertas de trabalho, não somente na TV, mas também de homens muito ricos para sexo, o que inclui empresários, políticos e até jogadores de futebol. Contudo, o início do ofício se deu muito antes de Andressa ficar famosa. Urach era muito pobre no Rio Grande do Sul, chegou a viver momentos tensos, quase a passar fome e não ter como sustentar o filho:

[...] comecei como a maioria das garotas. Levada pela falta de dinheiro, e a ameaça de perder a guarda do meu filho, ainda com 20 anos de idade. No dia que tirei do bolso poucas notas de real, a vergonha e a raiva me fizeram perguntar: por que não? Seria mais humilhante vender o corpo ou deixar o meu filho passar fome?³⁴⁰

Andressa precisava sustentar o filho que teve ainda muito jovem em um relacionamento passageiro. Prostituir-se foi um ato de desespero, mas acabou fazendo com que se aprofundasse cada vez mais no ofício:

[...] é claro que conforme o tempo passa nesse mundo de sujeira, somos engolidas pela ambição. Um desejo desperta outro maior ainda, as conquistas passageiras nos iludem. Um passo na lama leva a outro que nos afunda mais ainda e, quando você olha ao redor, descobre que está envolvida até o pescoço em uma enorme e mortal areia movediça.³⁴¹

em 2009: segunda prótese mamária. Com 21 anos em 2009: primeira aplicação de hidrogel. Com 22 anos em 2010: segunda aplicação de hidrogel nas coxas, menos de 1 ano depois a primeira aplicação. Com 22 anos em 2010: cirurgia para colocar 2 enxertos seguidos na boca para deixar os lábios carnudos. Com 22 anos em 2010: Bioplastia na panturrilha para deixar as pernas mais bonitas. Com 22 anos em 2010: bioplastia no maxilar, para deixar o rosto mais fino. Com 22 anos em 2010: bioplastia na maçã do rosto; Com 22 anos em 2010: bioplastia na região posterior das coxas para deixá-las ainda mais grossas e um bumbum ainda maior. Com 23 anos em 2011: segunda lipoaspiração na barriga. Com 24 anos em 2012: primeira cirurgia íntima, para reparar os males dos usos excessivos de anabolizantes e hormônios. Ibidem.

³³⁹ Ibidem.

³⁴⁰ Ibidem, p.120

³⁴¹ Ibidem, p.177

A prostituição passou a fazer parte da vida da jovem, o que justificava o apelo à estética e a busca incessante pela melhoria do corpo. Ainda no Rio Grande do Sul, foi trabalhar em casas de sexo como *stripper*, e relata que o glamour e as altas quantias em dinheiro que passavam por esses lugares enchiam os olhos e o seu pensamento.³⁴²

[...] o glamour dos shows na casa de prostituição enchia os meus olhos. Na minha mente já me via fazendo sucesso para centenas e até milhares de homens. Quando modelos e strippers se apresentavam em nosso bordel eu desejava seguir uma carreira semelhante. Mas para dar passos mais ousados eu precisava criar uma estratégia de marketing diferenciada. Eu necessitava de uma marca [...] – você precisa criar um nome de trabalho forte você não pode usar seu nome real e nem toda a noite inventar um nome novo- me aconselhava um dos donos, o que me faria afundar ainda mais.³⁴³

No bordel, Andressa Urach afirma que teve que se submeter a todo tipo de luxúria, fantasias, vontades, temperamentos e, muitas vezes, à violência sexual. Mas, segundo seu relato, suportou tudo pela simples ambição e meta particular, melhorar de vida e ficar rica. Cada cliente novo era uma nova tensão que surgia, pois muitos eram violentos, outros gostavam de coisas perversas, alguns eram adeptos de sadomasoquismo e outras experiências que Urach nem imaginava realizar. Além da vulnerabilidade com os próprios clientes, Andressa corria muito perigo pelas madrugadas de Porto Alegre, quando se deslocava para atender clientes, ou quando deixava o bordel altas horas.

[...] corria perigo pelas andanças pela madrugada como garota de programa, seja nas saídas do bordel, seja quando circulava pela cidade para atender a clientela. Assaltantes, sequestradores e estupradores. Transitava e aceitava programas em regiões dominadas pelo tráfico de drogas, o que me colocava a todo o instante no centro do alvo. Era como atravessar um penhasco sobre uma interminável corda bamba.³⁴⁴

Nem todos os clientes que atendia eram terríveis, violentos e grotescos, muitos eram homens bons, carinhosos e de caráter, e algumas vezes quase se apaixonou e tentou largar a prostituição, mas as coisas não eram tão simples assim. Afinal, relata que, por mais caráter e bom coração que um homem tenha, poucos se aventurariam em assumir um relacionamento estável, ou casar com uma prostituta.

³⁴² Ibidem.

³⁴³ Ibidem, p.125

³⁴⁴ Ibidem, p.145

Toda essa dura realidade deixava Urach muito deprimida e com crises de ansiedade.

[...] quando o movimento do bordel terminava cedo, tudo parecia sem sentido. Onde estavam os clientes? A música, as danças? O erotismo? Os pagamentos? Passava horas largada no sofá do salão, exposta como mercadoria, fumando até o dia amanhecer. Ao chegar em casa, tinha crises de choro, sem saber como reagir, mergulhava numa tristeza que me paralisava.³⁴⁵

Percebe-se que, muitas vezes, Andressa caía em depressão, e não suportava as consequências da profissão. Contudo, a vontade de ganhar fama e dinheiro persistiu, bem como as cirurgias estéticas e o convívio constante com drogas, principalmente cocaína:

[...] drogas eram o combustível para tanta prostituição. Inúmeros clientes a usavam livremente durante os programas. A maioria fumava maconha e cheirava cocaína, um ou outro consumia crack. E ao final, todos ingeriam estimulantes sexuais para encerrar a noite. Eu não conhecia esse universo do vício, mas, com o passar dos anos conheci a fundo esse universo do vício, negociando o meu corpo participei das mais diversas experiências. Acompanhava meninas definharem – algumas adoeciam, outras morriam ao trabalharem para sustentar apenas a maldita dependência.³⁴⁶

Em 2011, mudou-se para São Paulo e se tornou uma das garotas de programa mais desejadas do Brasil. A partir de então, contando com um empresário conhecido no ramo, fez ensaios sensuais, foi capa de revistas masculinas, teve várias fotos e vídeos publicados em sites adultos. Nesse momento, nasceu a estrela Andressa Urach conhecida em todo o Brasil e extremamente exposta à mídia.³⁴⁷ Em São Paulo, por meio de seu empresário, entrou no mercado da prostituição de luxo na maior cidade do país. A garota chegou a receber 30 mil reais por programa, por intermédio de seu empresário, o qual negociava com seus clientes ricos. Entre os programas e testes para dançarina na TV, Urach também fazia shows eróticos na noite, e em média cobrava 15 mil reais por apresentação. Certa vez chegou a ganhar 200 mil reais em uma performance.³⁴⁸

Desde 2012 Andressa Urach já se aproximava de alguns jogadores de futebol, alguns um pouco famosos, outros muito famosos, várias vezes fez programas com inúmeros deles e também orgias.

³⁴⁵ Ibidem, p.151

³⁴⁶ Ibidem, p.155

³⁴⁷ Ibidem, p.168.

³⁴⁸ Ibidem, p. 171

[...] o glamour da vida dos astros do futebol sempre me atraiu, e eu os atraía sempre. Os mais mulherengos, casados ou não me contratavam para programas de um ou dois dias seguidos. Tive envolvimento com vários jogadores da seleção brasileira de futebol. Em julho de 2012, um famoso atleta, me pagou 4 mil euros para passar cinco dias em Londres. Tudo desembolsado por ele; passagem de avião, hospedagem em hotel de primeira classe e os gastos durante a estadia.³⁴⁹

Em seu livro, busca não revelar os nomes dos jogadores brasileiros com os quais se envolveu, contudo, quando se tratam de nomes internacionais, Andressa não poderia esconder, visto que tanto a mídia nacional como a internacional relataram o programa que fez com o jogador do time espanhol Real Madrid, Cristiano Ronaldo. Esse fato fez o nome de Andressa ficar conhecido internacionalmente. Tratava-se de um escândalo promovido pela própria Urach, justamente para promover-se. Segundo ela, o caminho mais fácil era justamente saber escolher a isca, e nada melhor que um jogador de futebol conhecido.³⁵⁰

O encontro entre Andressa e Ronaldo aconteceu em um hotel de luxo na capital da Espanha, Madrid. Urach relata que, em um primeiro momento, o jogador foi atencioso e gentil, mas, depois da relação sexual foi mal educado e estúpido. Ronaldo a deixou presa três horas no quarto do hotel sob a vigília de seguranças até que pode sair, além de ter seu celular apreendido para não registrar absolutamente nada do encontro.

FIGURA 18: TABLÓIDE INGLÊS *THE SUN*, RELATANDO QUE “RONALDO MALANDRO SE DIVERTE COM MISS BUMBUM”



Fonte: *The Sun*, 28 de abril de 2013.

³⁴⁹ Ibidem, p.182

³⁵⁰ Ibidem.

Esse acontecimento foi o estopim para a sua vingança pessoal, não pensou duas vezes e procurou o tablóide The Sun³⁵¹ para dar uma entrevista exclusiva, atitude que irritou profundamente Cristiano Ronaldo. Como resultado, o jogador processou o tablóide e também lançou algumas ameaças a Andressa, que com o passar do tempo ficaram esquecidas.³⁵²

Antes da conversão, a trajetória de Andressa Urach não foge à norma da maioria das narrativas de conversão. Assistimos ao mesmo processo em Stormie Omartian e algo muito próximo em Sarah Sheeva. O exagero faz parte desse estilo e retórica para chamar atenção do leitor, despertar os sentimentos daquele que se identifica com a trajetória de “dor e remissão” antes da salvação, nada que soe estranho no mundo evangélico, afinal esse é o público ao qual a autobiografia de Andressa Urach fora destinada.

Esquemáticamente, as estratégias narrativas do relato de conversão ocorrem no início do livro, e os aconselhamentos cristãos se colocam da metade para o final da obra como um exemplo de redenção. O início da narrativa necessita ser intenso e melodramático, muitas vezes chocante para convencer o leitor. Para Pierre Bourdieu, a história de vida é narrada pela necessidade por parte dos indivíduos de construir um sentido coerente em suas ações. Sem que haja esse sentido não há razão para a sua história, e dessa forma ocorrem ubiquidades nas construções biográficas, o que Bourdieu denomina de ilusão biográfica.³⁵³ Em relação à Urach, todo um aparato identitário construído acompanha sua trajetória, ou seja, aquilo que depois da conversão a religiosa passa a considerar um modelo a ser seguido, ao contrário da vida pregressa do passado.

Dessa forma, sedimenta-se em sua construção autobiográfica uma relação prática que torna concreta a narrativa perante o leitor. Seguindo a premissa bourdiesiana, nem tudo que Andressa narrou em seu livro de fato se colocou como ela escreve. O que há em sua trajetória em si é um agente social que movimenta uma narrativa conforme os seus interesses e necessidades na estrutura a qual se

³⁵¹ Matéria publicada no tablóide The Sun em 2013.

Disponível em: <https://www.thesun.co.uk/archives/news/695335/cheating-ronaldo-romps-with-brazilian-beauty-miss-bumbum/> <Acessado em 25-05-2020>

³⁵² URACH, op. cit., 2015.

³⁵³ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005. p.183-191.

encontra. No momento em que Urach escreveu sua autobiografia essa estrutura já se consolidava no âmbito evangélico da Igreja Universal do Reino de Deus, a denominação em que fora acolhida. Contudo, essa análise não tem a intenção de dizer que a narrativa de Urach é inverídica ou contraditória, e sim pontuar as nuances de sua fala, suas intencionalidades enquanto autora.

5.3 - O PROCESSO DE CONVERSÃO DE ANDRESSA URACH

No final de 2014, o organismo de Andressa Urach começou a rejeitar o hidrogel, bem como se rebelar com a maioria das cirurgias estéticas. Hematomas começaram a surgir pelo corpo, principalmente nas pernas, braços, abdômen e seios; era o início de uma infecção que a levou quase à morte. Foram momentos tensos de internação na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI), onde ficou em coma durante semanas. Ao permanecer desacordada, a família de Andressa, especificamente sua mãe que era evangélica, chamou os pastores da Igreja Universal do Reino de Deus para orarem por sua vida. Era o início não somente de uma corrente de oração, mas também o pontapé inicial para a sua conversão.³⁵⁴

Nos momentos de decisão na UTI, os próprios médicos viviam um dilema, pois, era necessário extrair os focos de infecção das pernas de Andressa, e para isso era preciso perfurá-las. Muitos médicos acreditavam que ela não resistiria ao procedimento, pois a infecção havia se alastrado, e, diante do quadro clínico, a decisão final foi fazer vários buracos em inúmeros locais da perna. O procedimento possibilitou que o organismo de Urach reagisse.³⁵⁵

Andressa relata que os momentos de coma profundo a fizeram conhecer um lado espiritual que nunca havia conhecido antes, uma experiência que foi o estopim para a sua conversão. Durante o transe que sofreu, só pensava em salvar-se e viver uma vida totalmente oposta a que havia vivido. Andressa afirma ter conversado com Deus, pediu perdão pelos seus pecados e se arrependeu totalmente de sua vida desregrada, autodestrutiva, luxuriosa e decadente.³⁵⁶

³⁵⁴ URACH, op. cit., 2015, p.62

³⁵⁵ Ibidem, p. 67

³⁵⁶ Ibidem.

[...] chorei muito, tudo foi muito difícil pra mim, quando eu me lembro dos detalhes não resisto às lágrimas. Foi muita dor. No corpo e na alma. O sofrimento maior não foi ver os buracos enormes nas minhas pernas, e sim imaginar o meu destino caso tivesse morrido. Voltei do coma convencida de que há de fato vida após a morte. E que escolhemos o futuro da nossa eternidade aqui nesse mundo. Deus me trouxe de volta à vida, ele me salvou, ele me deu uma segunda chance.³⁵⁷

Quando acordou do coma, a única coisa que queria era ver e conversar com o seu filho. No tempo em que esteve no hospital, após os 28 dias só pensava em uma pessoa, seu filho. Relata que foi por ele que fez tudo o que fez, para dar-lhe uma vida melhor, para que não precisasse provar da miséria que ela provou. Urach pediu para uma amiga muito próxima o trazer do Rio Grande do Sul, pois, mesmo após a saída do coma, Andressa não estava livre da infecção, e pensou naquele momento que não teria mais tempo de vida, por isso necessitava muito falar com o filho.

[...] - filho sabe que a mamãe te ama muito eu quero conversar uma coisa muito séria. Quando mamãe esteve muito doente e quase morreu pedi para Deus cuidar de você. Sabe por quê? Porque eu nunca cuidei- admiti tomada de arrependimento e continuei segurando as suas mãozinhas. - A mamãe fez muita coisa errada a mamãe fez coisa horríveis, muito feias mesmo, fez tudo de errado nesse mundo. Mas, eu pedi perdão a Deus e mudei, e agora preciso do seu perdão. Hoje você é a pessoa mais importante pra mim. Eu preciso da sua ajuda filho.³⁵⁸

Andressa afirma que seu filho, uma criança na época, a perdoou e pediu para estar perto da mãe e nunca mais separar-se dela. A partir do momento em que saiu do hospital e recuperou sua saúde, nasceu uma nova Andressa Urach. Convertida a Cristo, aproximou-se cada vez mais da Igreja Universal do Reino de Deus, instituição na qual foi batizada, pediu perdão e jurou esquecer o passado e a partir de então renascer para uma nova vida. Atualmente, se apresenta como pastora da Igreja Universal do Reino de Deus, contudo, conforme os levantamentos feitos em relação à IURD constatamos que a igreja não ordena mulheres, algo que facilmente pode ser comprovado acessando a página oficial da denominação. A apresentação como pastora está escrito no livro de Andressa, o que soa como algo contraditório mesmo porque, se verificarmos a história da IURD, pregar, dar testemunho, ser convidada

³⁵⁷ Ibidem, p.65

³⁵⁸ URACH, op. cit., 2015, p.211

para eventos religiosos ou gravar vídeos de aconselhamento não caracteriza ninguém enquanto pastor ou pastora.³⁵⁹

Ao analisarmos os motivos pelos quais Andressa faz essa afirmação sem de fato ser verídico, podemos chegar à conclusão que o ocorrido foi proposital para a própria divulgação do livro, um efeito de sentido promovido pela própria Urach no processo de publicação da obra, e ainda um chamariz aos leitores. Contudo, até o momento, os sites evangélicos a identificam como pastora. O que nos intriga é que a religiosa não diz se saiu da IURD ou está em outra denominação, onde poderia ter sido ordenada como liderança de fato.³⁶⁰

Independente da contradição em torno dessa questão, Andressa prega constantemente no templo de Salomão em São Paulo. Na IURD, desempenha um trabalho de conscientização de jovens mulheres para manterem uma vida regrada e aconselha-as a conterem-se sexualmente. Andressa admite que, após mergulhar profundamente no universo da espiritualidade, estudou muito a Bíblia e chegou ao consenso que o nosso comportamento desregrado está diretamente ligado aos “encostos”, ou seja, espíritos malignos que se apropriam e usam o nosso corpo para satisfazerem os seus intentos.³⁶¹

Ao relatar sua trajetória, não esconde que foi prostituta, e utiliza seu passado para embalar sua narrativa de conversão. A estratégia narrativa insere-se em uma tradição literária composta por relatos de superação, os quais elencam a prostituição como um dos exemplos mais comuns de uma vida desregrada. O fundo do poço muitas vezes se coloca na vida do indivíduo para que ele encontre a “luz e a verdade” que só a conversão cristã pode proporcionar. Segundo Natânia Lopes:

A “ex-prostituta” é entendida não apenas como a mulher convertida (ou em processo de conversão) que trocava sexo por dinheiro, mas como toda mulher que tivesse muitos parceiros. A igreja evangélica pentecostal comprova como não é bom estar do “outro lado”. Atribuí valor, contudo, a esta história de vida após a “posse de palavra”. Faz uma espécie de “discriminação positiva”, revestindo de sentidos positivos dentro da

³⁵⁹ Informações disponíveis em:

<<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/as-mulheres-da-universal/>> Acessado em: 23/06/2020.

³⁶⁰ Mais informações sobre a vida religiosa de Andressa Urach encontra-se disponível na coluna “Celebidades” da jornalista Nayara Bolognesi. Disponível em <<https://www.otvfoco.com.br/andressa-urach-revela-sofrer-persegucoes-vira-pastora-e-faz-seu-primeiro-culto-me-tirou-do-lixo/>> Acessado em 23/06/2020

³⁶¹ URACH, op. cit., 2015.

cosmologia religiosa o abandono de uma prática considerada a princípio como abominável.³⁶²

Trata-se do “antes” e do “depois”, extremamente explorados em sua narrativa autobiográfica. Andressa Urach, assim como as outras religiosas estudadas nesse trabalho, dedicou parte de seu tempo após a conversão ao aconselhamento pastoral voltado à contenção dos prazeres, uma prática que faz constantemente em suas mídias sociais. A religiosa possui contas ativas no Facebook, Instagram e Twitter. No Instagram, a pastora possui até o momento (janeiro de 2020) 2,1 milhões de seguidores. No Facebook, contabilizam 767 mil curtidas, sendo o Twitter a única mídia com pouquíssimos seguidores, apenas 197.³⁶³ Andressa também tem um canal no Youtube, no qual posta pequenos vídeos de aconselhamentos para mulheres em relação ao comportamento que devem desempenhar quando estão com os namorados e maridos.³⁶⁴ Atualmente, a religiosa possui um quadro no programa “Balanço Geral - RS” intitulado “Eu Sobrevivi”, na afiliada da Rede Record no estado, no qual são relatadas histórias de superação semelhantes a sua.³⁶⁵

O vídeo com maior número de visualizações em seu canal no Youtube é intitulado: “Dúvidas sobre a relação sexual” com quase 1 milhão de visualizações.³⁶⁶ Nesse vídeo, a religiosa responde várias perguntas e inúmeras dúvidas de mulheres cristãs acerca de questões voltadas ao sexo. Tais como beijo na boca antes do casamento, sexo oral, sexo anal, sexo a três, e muitos outros levantamentos colocados por suas seguidoras.

O vídeo é feito de forma bastante informal visando interagir com as seguidoras, ao contrário de suas pregações e testemunhos na IURD, as quais são

³⁶² LOPES, Natânia. “Prostituição Sagrada” e a Prostituta como Objeto Preferencial de Conversão dos “Crentes”. : **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 37(1): 34-46, 2017.

³⁶³ **Instagram oficial de Andressa Urach:** <https://www.instagram.com/andressaurachoficial/> acessado em 21 de janeiro de 2020.

Facebook oficial de Andressa Urach:

https://www.facebook.com/pg/AndressaUrachOficial/community/?ref=page_internal acessado em 21 de Janeiro de 2020.

Twitter oficial de Andressa Urach: <https://twitter.com/AndressaUrachx> Acessado em 21 de Janeiro de 2020.

³⁶⁴ **Canal oficial de Andressa Urach no Youtube:** <https://www.youtube.com/channel/UCuxV-gqrGe5hnhS_x6j5ldA/featured> acessado em 21/01/2020.

³⁶⁵ **Programa disponível em:** <http://tv.r7.com/record-tv/rio-grande-do-sul/videos/eu-sobrevivi-22032019?fbclid=IwAR2M35-PHKH2Fd2xmKi_bwa0xeW8HiplY9ZHjuUxOryVlP7kuyJVzEIRI>

Acessado em 23/06/2020

³⁶⁶ **Vídeo de Andressa Urach- “Dúvidas sobre relação sexual”:** <<https://www.youtube.com/watch?v=a7tQeaqn6KQ&t=1s>> acessado em 21 de janeiro de 2020.

sempre muito formais do ponto de vista das palavras e retórica.³⁶⁷ A religiosa seleciona alguns questionamentos sobre sexo e responde simplesmente com as palavras “pode ou não pode”, ou seja, se uma mulher evangélica está autorizada ou não a praticar determinados atos tais como³⁶⁸:

- 1- Pergunta da seguidora: assistir filme pornô?
Resposta de Andressa Urach: não pode
- 2- Pergunta da seguidora: Sexo anal?
Resposta de Andressa Urach: não pode
- 3- Pergunta da seguidora: Sexo antes do casamento?
Resposta de Andressa Urach: não pode porque é prostituição.
- 4- Pergunta da seguidora: Sexo a dois ou a três?
Resposta de Andressa Urach: não pode, nem antes e nem depois do casamento.
- 5- Pergunta da seguidora: sexo em locais públicos?
Resposta de Andressa Urach: não é legal, porque a mulher de Deus ela se valoriza, se respeita, não é bom ficar se expondo.
- 6- Pergunta da seguidora: masturbação sozinha?
Resposta de Andressa Urach: - não pode, só pode junto com o marido, mas, jamais longe do marido.
- 7- Pergunta da seguidora: sexo depois do casamento?
Resposta de Andressa Urach: aí pode, mas tem que ser casado oficialmente, não pode só morar junto, pois, dessa forma também é prostituição.
- 8- Pergunta da seguidora: usar lingerie sensual?
Resposta de Andressa Urach: - com o marido pode, mas, tem que tomar cuidado com o tipo de fantasia e o tipo de objeto que você vai usar. Antes de usar se pergunte, isso desagradaria a Deus? Se a sua consciência não te acusar, aí tudo bem.
- 9- Pergunta da seguidora: ir ao motel?
Resposta de Andressa Urach: - não é um lugar legal para uma mulher de Deus, é um ambiente que tem muitos espíritos de prostituição.
- 10- Pergunta da seguidora: Sexo oral, pode?
Resposta de Andressa Urach: - na bíblia não existe nada que proíba, eu não vejo nenhum problema, desde que seja com o seu marido e depois do casamento, jamais antes do casamento. Para algumas igrejas é pecado, mas, isso vai depender muito da consciência de cada uma.
- 11- Pergunta da seguidora: agressão física e palavrões durante a relação?
Resposta de Andressa Urach: - quando eu era do mundo, eu gostava muito de apanhar na relação sexual, hoje eu jamais aceitaria isso, pois, sou uma princesa e só aceito ser tratada como tal. Minha consciência não permite falar e nem ouvir palavrão.
- 12- Pergunta da seguidora: bebidas alcoólicas antes da relação?
Resposta de Andressa Urach: - para algumas pessoas é pecado, para outras não. O que a bíblia condena é ficar embriagado, beber muito. Mas, uma taça de vinho ou outra bebida de forma moderada com o marido não há problema, Deus só vai se desagradar se você ficar bêbada.

³⁶⁷ Testemunho de Andressa Urach na IURD: <<https://www.youtube.com/watch?v=tRKURAvyI5w>> Acessado em 23/06/2020

³⁶⁸ Perguntas e respostas disponíveis no vídeo: Dúvidas sobre relação sexual. Disponíveis no vídeo de aconselhamento: <<https://www.youtube.com/watch?v=a7tQeaqn6KQ&t=1s>> acessado em 21/01/2020.

FIGURA 19: VÍDEO DE ACONSELHAMENTO SEXUAL PARA MULHERES EVANGÉLICAS (06/02/2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=WBD1tchgRKk>, acesso em 20/02/2018

Nota-se que todo o discurso da religiosa é construído por meio de uma retórica muito próxima à de Sarah Sheeva e Stormie Omartian, embasada na normatização da sexualidade e nos valores morais para com as mulheres mesmo na intimidade que possam vir exercer com os maridos. Dentro dessa premissa, Urach tenta construir uma sexualidade “saudável”, que elimine todo tipo de excesso que ela mesma viveu no passado. Como evangélica, não deixa de seguir e legitimar a tradição cristã no que concerne aos prazeres terrenos fora do casamento.

O cuidado com a aparência, o bem estar, as vestimentas da religiosa também chamam atenção, pois ela sabe que está falando para uma audiência maior do que a de fiéis de uma única igreja, e por isso pontua a autoridade da igreja de quem está assistindo. Andressa se apresenta de maneira bem recatada no seu Instagram, e nas demais mídias digitais, a exemplo de Sheeva, sem deixar de lado a maquiagem, o cabelo bem feito – todo um cuidado com a feminilidade. O que isso nos diz? Que Andressa está voltada as tecnologias convencionais de gênero, em que a mulher “naturalmente” deve ser feminina, obediente e recatada, estratégia reforçada pelo “antes” e o “depois”, caracterizando-o como um ideal feminilidade a ser atingido.

FIGURA 20: O ANTES E O DEPOIS: REFORÇO DA SUPERAÇÃO DE UMA VIDA "DEVASSA" E CONSTRUÇÃO DE UMA VIDA REGRADA



Fonte: <https://www.instagram.com/andressaurachoficial/>, acesso em 20/01/2017

O casamento se coloca como um valor pleno e absoluto para as evangélicas, não havendo possibilidade de brechas para qualquer intimidade ou prazer fora dele. Percebe-se, no discurso de Urach, a preocupação em relação às sagradas escrituras, o que a Bíblia fala ou não, e, por isso, muitas das interpretações vêm da constatação moral individual de cada crente, mesmo porque muitas dúvidas de práticas relacionadas ao sexo não encontram respaldo bíblico.

A normatização dos comportamentos de gênero é uma parte indissociável da cultura. Segundo Rubin, desde a infância, os valores familiares, os papéis sexuais, a repetição dos discursos se colocam como parte do sujeito na construção desses papéis por meio de imposições sociais:

[...] o gênero é uma divisão dos sexos imposta socialmente. Ele é produto das relações sociais de sexualidade. Os sistemas de parentesco se baseiam no casamento. Eles portanto transformam pessoas do sexo masculino e pessoas do sexo feminino em "homens" e "mulheres", como se cada uma dessas metades incompletas só encontrasse a completude quando unida à outra. [...] todas as formas manifestas do sexo/gênero são vistas aqui como impostas pelos imperativos dos sistemas sociais.³⁶⁹

Essas imposições constroem as relações que determinam os papéis na família, no casamento, nas relações de parentesco e na divisão social do trabalho. Contudo, vale lembrar que as normatizações de gênero, muito embora sejam

³⁶⁹ RUBIN, Gayle. **Políticas do Sexo**. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Editora UBU, 2017, p.31.

impostas, fazem sucesso no meio evangélico porque, através dessas representações, as mulheres sentem-se valorizadas, acolhidas e também empoderadas. Dentro das falas de todas as religiosas até aqui analisadas, a reafirmação do papel indispensável das mulheres na construção de uma família “perfeita”, em que os costumes, as tradições e a moralidade são preservadas se colocam na pauta central dos discursos de pastoras como Sarah Sheeva, escritoras como Stormie Omartian ou mesmo Andressa Urach.

Nesses discursos, a base de tudo advém de uma família bem administrada, no qual o pilar de sustentação se constrói na mãe e na esposa. A própria conversão de Urach à IURD se deu pelo convite de sua mãe, membro da igreja há muitos anos. Nos aconselhamentos de Sarah Sheeva sobre como criar os filhos, a religiosa se refere à figura materna a todo o momento como base de sustentação na criação de filhos moralmente saudáveis. Nos escritos de Omartian, a mulher, por meio da oração, pode operar milagres dentro da família, o que, segundo a escritora, reflete-se no casamento e na criação dos filhos.

Como vimos, à mulher é dada uma imensa responsabilidade de conduzir os rumos das famílias, de construir a felicidade em seus casamentos, de contribuir para a formação de filhos “moralmente saudáveis”. Dessa forma essas senhoras, em tese, estariam contribuindo para uma nação moralmente reta, feliz e contemplada na graça divina, o que só seria possível eliminando qualquer tipo de vício, desvio e imoralidade. Apenas a mãe e a esposa seriam capazes de consolidar essa tarefa e, dessa forma, nota-se o empoderamento dessas mulheres em seus núcleos basilares de ação.

Por meio de todas essas explanações, não é espantoso que discursos conservadores como o das fontes analisadas ecoem de forma tão ampla nos nichos evangélicos, e façam tanto sucesso com as mulheres. A religião não pode ser analisada somente pela via da proibição, como algo negativo e forçado. Essas normatizações existem, fazem parte do discurso evangélico, são construtoras de tecnologias de gênero, mas precisam ser interpretados como parte simultânea da retórica institucional e também de uma cultura evangélica que permeia a construção de normas e ao mesmo tempo contempla o universo simbólico dos sujeitos.

A cultura evangélica conectada a uma moral austera, às vezes beirando o fundamentalismo³⁷⁰, fez parte de muitos grupos religiosos ao longo do século XX. Contudo, muitos desses grupos por mais conservadores que tenham sido nas questões voltadas às relações de gênero, tiveram que ceder em partes às mudanças do tempo presente, de modo a se adaptarem ao individualismo e à sociedade de consumo.

Andressa Urach, ao levar seu discurso pós-conversão para a internet, apropriou-se dos mecanismos tecnológicos disponíveis na atualidade. Como resultado, o processo da relação entre mídia da religião, descrito no primeiro capítulo, encontra-se também em Urach. A questão se faz presente a partir do uso intenso das mídias sociais por parte da religiosa, com alimentação contínua de conteúdos em seus perfis oficiais. Para Richard Grusin, no século XXI,

[...] a temporalidade da premediação está também conectado às formas predominantes da mediação técnica que, ao início da segunda década do século XXI, são representadas pelas mídias móveis, as mídias sociais e o big data e respectivas minerações e capitalizações.³⁷¹

Conteúdo, técnica e imediatismo: valores que, segundo Grusin, permeiam o nosso tempo. Esse enfoque permite-nos compreender o processo de midiatização e como inúmeros grupos na sociedade apropriam-se dele. No caso dos evangélicos, muito embora a convivência com as mídias seja histórica e esses tenham buscado inserirem-se no mundo moderno, mantiveram a essência de seus discursos e a contundência de seus posicionamentos morais.

Os cristãos evangélicos são permeados de práticas e representações no que se constitui o papel feminino, no exercício da sexualidade e as relações de gênero. Tanto que, após a conversão, Andressa Urach mudou radicalmente seu discurso sobre o corpo e o sexo e o modelo da mulher virtuosa passou a permear o universo da convertida. Para disseminar seu novo “eu” a partir do ano de 2015, momento em que publica a autobiografia *Morri para viver*, Urach passou a estar presente de forma cada vez mais constante nas mídias sociais para divulgar sua história e promover sua pregação. A retórica conservadora em relação à família, à

³⁷⁰ A discussão sobre o fundamentalismo religioso foi realizada no primeiro capítulo.

³⁷¹ CORREA, Elizabeth Saad. Entrevista com Richard Grusin. Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século XXI. **Revista Matrizes**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2013, pp. 163-172

sexualidade e às relações de gênero é evidente nas lideranças elencadas, mas faz-se de forma mais radical em algumas delas, e no caso a seguir torna-se um objeto de militância política e guerra cultural explícita.³⁷²

A Guerra Cultural, responsável pela disputa na sociedade por duas metades antagônicas (entre conservadores e liberais), aparece de maneira recorrente na vida intelectual, política e midiática da contemporaneidade nos Estados Unidos a partir da década de 1970. O destaque dado a ela originou-se após o resgate do termo pelo sociólogo James Davison Hunter, em 1991, com intuito de explicar as crescentes radicalizações nas disputas em torno de questões culturais nos EUA. Após a publicação da tese de Hunter, o termo Guerra Cultural recebeu maior visibilidade e, consequentemente, um grande debate intelectual entre autores defensores e contrários a sua existência.

O fato é que a ideia perdurou no debate sociopolítico até o final do governo George W. Bush e início da administração Barack Hussein Obama, quando a Guerra Cultural perdeu relevância, a ponto de um grande número de comentaristas apontarem que havia terminado. No Brasil, as guerras culturais tiveram seus contornos delineados com a popularização da internet e das mídias sociais. A partir delas, o conflito de ideias ficou evidente, em especial ao longo das últimas eleições presidenciais (2018) e a cada manifestação pública do presidente eleito. Trata-se de um tipo específico de tensionamento político e social em que o conflito ocorre na dimensão da cultura - na produção artística, no pensamento, no universo de símbolos e valores.

Dentre as fontes analisadas, a psicóloga cristã defensora da família, da moral e da heterossexualidade, Marisa Lobo é a que segue um ideal belicoso em seus discursos, convocando uma verdadeira guerra cultural contra os opositores da moralidade e da tradição cristã. Trata-se de uma intelectual que utiliza seu conhecimento acadêmico e clínico em prol dos valores morais. Marisa Lobo é um

³⁷² SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. Tese de Doutorado, apresentado ao Conselho, Departamento, Programa Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia. Araraquara: UNESP, 2014. REGINA, Cláudia. **Guerras Culturais: o que são e como chegaram ao Brasil.** In: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/eventos/guerras-culturais> Acessado em 20-05-2020

dos principais baluartes do conservadorismo brasileiro do tempo presente, e por meio de sua trajetória, projetos e defesas morais, essas questões ficam evidentes.

5.4 - MARISA LOBO: “OS PERIGOS DA IDEOLOGIA DE GÊNERO”

Marisa Lobo Franco Ferreira Alves³⁷³, mais conhecida como Marisa Lobo, é uma psicóloga curitibana, especialista em sexualidade humana, pós-graduada em Saúde Mental e filosofia dos direitos humanos. Em sua prática como psicóloga, presta consultoria à prevenção e enfrentamento às drogas e pedofilia, participando assiduamente de audiências públicas em todo o Brasil. Marisa é pesquisadora de gênero desde 2000 e é perita criminal em casos referentes a abuso sexual infantil. Também é coordenadora do movimento “Maconha Não”, é pró-família tradicional, pró-vida, contra o aborto e pró-mulher virtuosa e contra os movimentos feministas e LGBTs.

Marisa escreve para vários sites cristãos e conservadores, revistas e jornais de direita.³⁷⁴ É presidente da Organização Brasileira das Mulheres Empresárias do Paraná, também é autora de inúmeros livros a favor da família cristã, ao exemplo de *Como criar os filhos felizes?* (2011), *Comportamento e ideologia de gênero na escola* (2013) e a obra que discutiremos, *Famílias em Perigo: o que todos devem saber sobre a ideologia de gênero*, lançado em 2016 pela editora Central Gospel, do pastor Silas Malafaia, e reeditado em 2018. Marisa é casada com Jofran Alves, tem dois filhos e frequenta a Igreja Batista do Bacacheri em Curitiba-PR.

Como psicóloga, se envolveu em inúmeras polêmicas com o Conselho Federal de Psicologia, bem como com a comunidade LGBT. Em 2013, quase foi proibida de exercer a profissão a pedido do Conselho, pois estaria empregando métodos proibidos pela profissão em seus pacientes, e como resultado tornou-se ré em um longo processo que teve seu desfecho somente no ano de 2014. Toda a polêmica advém de uma terapia que Marisa utilizava em pacientes homossexuais, um tipo de análise que ela propiciava aos pacientes que não estavam satisfeitos

³⁷³ Todas as informações da biografia de Marisa Lobo encontram-se disponíveis na contracapa do livro: **“Famílias em Perigo: o que todos devem saber sobre a Ideologia de Gênero”**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016.

³⁷⁴ Entre os sites para os quais Marisa Lobo escreve estão: Gospel +, Comunhão.com, Pleno News, entre outros.

com a sua sexualidade, ou seja, a possibilidade de “reversão sexual” por meio de terapia, o que popularmente ficou conhecido como “cura gay”.³⁷⁵

Marisa Lobo buscou construir uma retórica argumentativa cristã para defender seu método clínico, a sua visão sobre questões de gênero e sexualidade. Em seu discurso em livros, artigos e nas mídias sociais, o enredo da psicóloga sempre girou em torno do bem e do mal. O bem, nesse caso, é representado pela religião cristã, pela família, e em um ideal de “sociedade perfeita” calcado nos valores morais que devem permear os sujeitos. Os indivíduos, em sua visão, devem acreditar em Deus, seguir a religião e defender a família tradicional.

O mal está representado justamente nos sujeitos que não compartilham esse universo simbólico e que buscam viver de uma forma oposta. O mal que precisa ser combatido na visão da psicóloga são os LGBTs, as feministas, os não-cristãos, ateus e pessoas de esquerda. Não obstante, em suas mídias e em seus livros, busca construir uma retórica que mexe com o imaginário de seus seguidores, e para assim ganhar apoio em sua agenda moral, Marisa Lobo constrói pânicos morais.

Segundo Richard Miskolci, o pânico moral pode ser compreendido como aquilo que emerge a partir do medo social com relação às mudanças, especialmente as percebidas como repentinas e, talvez por isso mesmo, ameaçadoras no imaginário social.³⁷⁶ Dessa forma, as estruturas patriarcais rígidas, presentes até hoje em nossa sociedade, embora há tempos enfraquecidas e duramente questionadas³⁷⁷, ainda representam os valores de uma grande parte da sociedade, especialmente da sociedade brasileira, que, segundo o sociólogo Renato de Almeida, é conservadora e religiosa³⁷⁸. Dentro do pressuposto desse universo simbólico, falar de igualdade de gênero, diversidade, reconhecimento de direitos

³⁷⁵ Cf. BALLOUSSIER, Anna Virgínia. Psicóloga evangélica ganha batalha contra conselho na Justiça. **Folha de São Paulo (online)**, Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1915592-psicologa-evangelica-ganha-batalha-contra-conselho-na-justica.shtml>> acessado em 15/03/2020.

³⁷⁶ MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n.2 27, 2007, pp.101-128.

³⁷⁷ com o advento dos movimentos feministas e lgbs, e a revolução dos costumes nas décadas de 1960 e 1970, houve um profundo questionamento dos valores morais calcados no patriarcado, o que corroborou segundo o sociólogo Manuel Castells para a eminente crise da família patriarcal. in: Castells, Manuel. **o poder da identidade**. (vol. 2 a era da informação: economia, sociedade e cultura). Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: paz e terra, 1998.

³⁷⁸ ALMEIDA, Renato. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. In: **Revista Novos Estudos**. v.38, n 1, Jan/Abr 2019. pp.185-213

sociais e sexuais de mulheres e LGBTs, ainda se coloca como uma discussão de difícil compreensão em nichos conservadores de forte resistência como alguns grupos evangélicos, que são mantidos justamente por práticas e representações calcadas na retórica religiosa da tradição cristã.

Marisa Lobo sabe disso, e usa a seu favor as demandas conservadoras de boa parte dos evangélicos, universo do qual faz parte. Entretanto, a psicóloga não se direciona somente aos evangélicos, pois também apela aos moralistas em geral para defender suas teses conservadoras, com atenção especial ao que chama de cultura cristã, que envolveria todo o segmento cristão, e inclui todas as igrejas. Os seus seguidores mais fundamentalistas a apóiam e compartilham as suas ideias através de uma ampla rede midiática que vão de livros da autora, perpassando por entrevistas que cede às mídias convencionais, além da sua presença nas mídias sociais.

Magali Cunha, em seu livro *Do Púlpito às mídias sociais*, analisa a estratégia utilizada por religiosos evangélicos para criar pânicos relacionados à moralidade, e como os empregam em inúmeros casos no Brasil, principalmente quando a religião e política estão muito próximas. O caso mais visível no país se faz com o advento da bancada evangélica e suas pautas. Para Cunha esse processo foi possível somente porque no Brasil dos últimos anos foi marcado pelo conservadorismo religioso midiático.

[...] é preciso atentar portanto, para a política nas mídias e a política das mídias. Desta forma é possível afirmar que a relação entre religião e política hoje no Brasil é marcada por um processo de midiaticização. Nesse caso a lógica produtiva das mídias, baseada na espetacularização, é assumida pela religião e pela política em intercâmbio, dá-se também no terreno da ideologia, marcada pelo conservadorismo religioso e midiático e midiático, ocorrendo o que Max Weber nominou “afinidades eletivas”.³⁷⁹

No caso de Marisa Lobo, o conservadorismo religioso midiático está presente em todos os seus canais, pois seus discursos e posicionamentos acerca dos mais variados assuntos que tangem as pautas cristãs ocupam a maior parte em seus

³⁷⁹ CUNHA, Magali. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. Curitiba: Editora Prismas, 2017, p.127

livros e mídias. Em 2018 a psicóloga candidatou-se a deputada federal, recebendo o total de 29.032 votos, 0,51% dos votos, e não recebeu o mínimo para ser eleita.³⁸⁰

Em seus conteúdos religiosos e políticos, Marisa Lobo destaca exaustivamente questões relacionadas ao que convencionou denominar de “Ideologia de Gênero” que, para ela, é todo o universo sexual que foge à norma heterossexual. Antes de partirmos para as mídias de Marisa Lobo, é de grande valia analisar parte do conteúdo do livro *Famílias em Perigo: o que todos devem saber sobre a Ideologia de Gênero* (2016). Por Ideologia de Gênero podemos compreender uma análise deturpada do próprio conceito, promovida por intelectuais conservadores e por religiosos para combater os debates acerca da igualdade e direitos humanos. Toni Reis e Edla Eggert, por meio de um estudo acadêmico aprofundado sobre as relações de gênero, veem na definição “Ideologia de Gênero” algo falacioso, pois teoricamente “ideologia” pode ser compreendida de inúmeras formas, e a definição mais aceita:

[...] Uma doutrina mais ou menos destituída de validade objetiva, porém mantida pelos interesses claros, ou ocultos daqueles que utilizam. Ou também, “uma maneira de pensar que caracteriza o um indivíduo ou grupo de pessoas.”³⁸¹

Por meio da análise, é importante salientar que a psicóloga utiliza-se dessa definição apropriando-se dos estudos do intelectual argentino Jorge Scala, o qual é notadamente contra os estudos de gênero na academia e busca construir a sua própria argumentação discursiva em relação à sexualidade. Para Scala, que é advogado e jurista, gênero é uma ideologia “perversa” que desconstrói algo objetivamente consolidado, ou seja, o corpo biológico:

Uma ideologia é um corpo fechado de ideias, que parte de um pressuposto básico falso — que por isto deve impor-se evitando toda análise racional, e então vão surgindo as consequências lógicas desse princípio falso. As ideologias se impõem utilizando o sistema educacional formal (escola e universidade) e não formal (meios de propaganda), como fizeram os nazistas e os marxistas.³⁸²

³⁸⁰ Fonte: TSE. Atualizado em 13/11/2018.

³⁸¹ REIS, Toni. EGGERT, Edla. Ideologia de gênero: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. **Revista Educação e Sociedade**, v. 38, n. 138, 2017.

³⁸² SCALA, J. Ideologia de Gênero: o neototalitarismo e a morte da família. **Revista Zenit**. 31 jan. 2012. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/ideologia-de-genero-neototalitarismo-e-a-morteda-fami-lia/>> Acesso em: 20/09/2019.

Em inúmeras entrevistas, o autor afirma que a Ideologia de Gênero é parte de um projeto maior que visa a uma consolidação em nível mundial, pois alega que a ONU, por meio de sua agência de gênero, dedica-se a controlar todos os organismos e programas visando à inclusão das temáticas de gênero em suas pautas. Essa cláusula constrói-se em uma das principais condições para que o Banco Mundial, FMI, bem como a União Europeia condicionem empréstimos para países pobres ou em desenvolvimento. Para que as demandas econômicas dos últimos sejam atendidas, as pautas de gênero precisam estar presentes em programas educacionais.³⁸³

Scala é a base para uma gama significativa de conservadores, bem como religiosos fundamentalistas e políticos reacionários que buscam barrar a visibilidade e as conquistas de direitos sociais de mulheres e minorias de gênero. Na onda dessas teorias, a psicóloga cristã curitibana Marisa Lobo escreveu *Famílias em Perigo*. Embora Marisa faça uma dura crítica aos gays, lésbicas e transexuais, seu discurso pesa demasiadamente contra as feministas, pois, segundo a sua fala, elas “invertem, bem como deturpam o verdadeiro papel da mulher”³⁸⁴. Marisa também vê a sexualidade como algo binário, a partir do qual os homens possuem seus papéis e comportamentos definidos pelo determinismo biológico:

[...] na cultura ocidental, esses papéis são pautados em dicotomias, diferenças. Os homens são dotados de uma natureza ativa, são menos sentimentais, mais racionais e de instinto sexual desenvolvido, portanto suas atividades estão situadas na esfera pública. Já as mulheres são mais bondosas, emotivas e sentimentais, de sexualidade menos desenvolvida, naturalmente passivas e submissas, por isso suas tarefas estão situadas na esfera privada: donas de casa, esposas e mães.³⁸⁵

Após expor sua visão acerca dos papéis de gênero, a psicóloga fala de sua militância junto aos movimentos cristãos conservadores para impedir que discussões sobre gênero venham a ser aplicadas no âmbito educacional:

[...] desde 2010, lutamos como sociedade para retirar do Plano Nacional de Educação essa falácia, essa mentira da Ideologia de Gênero, que aparenta estar disposta a eliminar preconceitos, quando na verdade quer reorientar a sexualidade humana e, de modo impositivo legitimar a homossexualidade

³⁸³ Ibidem.

³⁸⁴ LOBO, Marisa. **Famílias em Perigo**: o que todos devem saber sobre a Ideologia de Gênero. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016, p.38.

³⁸⁵ Ibidem, p.39

como “normal”, usando a escola como seu instrumento principal. Nossas crianças estão sendo usadas como “cobaias”, servindo a uma teoria feminista de gênero que não reproduz o pensamento da grande maioria das mulheres. Como cristã, não me sinto representada por nenhum grupo feminista nem por nenhuma ideologia de gênero, pois, não militam pelas mulheres, e sim pelo “sentir-se mulher”. Quais direitos as mulheres defendem? A bandeira dos direitos humanos não pode ser usada como bandeira ideológica da minoria contra as majorias.³⁸⁶

Antifeminista assumida e defensora dos papéis tradicionais, Marisa não mede esforços ao criticar as pautas dos movimentos de mulheres, bem como se colocar a favor da longa tradição cristã:

[...] o conceito de família não pode ser compreendido como um ajuntamento de pessoas sem identidade, sem papel social e/ou sexual. A definição de papéis faz parte da definição pessoal e é importante não apenas para a proteção social, mas, para a saúde mental do cidadão e da infância. Quando Deus criou o homem e a mulher, não criou um par, e sim um pai e uma mãe, ambos com funções diferentes nessa família para simbolizar a criança, para instruir. A família tem um papel que a define: educar a geração criada por Deus. O pensamento do homem de bem não pode limitar-se a seus próprios filhos, deve ir além e ser transmitido às gerações que se seguirão, e fazer com que aquilo que é virtude se torne tradição entre elas.³⁸⁷

Sua narrativa tange o ideal cíclico em que a moral cristã deve ser transmitida de geração a geração, no qual nada e nem ninguém tenha a possibilidade de interromper o caminhar reto e seguro da família e dos papéis sociais constituídos pelas relações entre homens e mulheres. Tratariam-se, portanto, de relações que “naturalmente” devem cumprir funções determinadas por Deus. O lugar social do homem e da mulher são muito bem definidos no discurso de Marisa Lobo, e em sua visão o próprio feminismo não representa a maioria das mulheres, sendo as últimas muito mais voltadas aos valores tradicionais da sociedade do que às pautas feministas. Dessa forma, para a psicóloga, o movimento feminista desqualifica a mulher, e em inúmeras passagens de seu livro reafirma a família tradicional como *célula mater* da sociedade. Para isso cita documentos de peso, ao exemplo da Declaração Universal dos Direitos Humanos e também a Constituição Brasileira de 1988.

No artigo 16, III da Declaração Universal dos Direitos Humanos está escrito: “A família é o núcleo natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção da sociedade e do Estado”. Nosso direito religioso é protegido pela constituição e pela Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada e

³⁸⁶ Ibidem, pp.55-56

³⁸⁷ Ibidem, pp.59-60

proclamada pela resolução nº217- A(III) da Assembléia Geral das Nações Unidas em 10 de dezembro de 1948, assinada pelo Brasil na mesma data.³⁸⁸

Nota-se que a psicóloga usa meios legais e documentos oficiais para afirmar seus posicionamentos. Em suas mídias, reproduz o mesmo discurso de forma coloquial, para que seus seguidores a compreendam sem grandes dificuldades. Elencamos alguns exemplos de três de suas principais mídias: Twitter, em que Marisa possui 96.293 seguidores, 106.349 no Facebook e 28.303 no Instagram.

Nas mídias, Marisa busca construir um discurso breve para aqueles que a seguem. A psicóloga reiteradamente exalta os valores familiares por meio da religião cristã, e ao mesmo tempo constrói uma narrativa contra aqueles que possivelmente seriam os inimigos da fé, da família e da tradição. As feministas e os LGBTs, segundo Lobo, são pessoas não religiosas e ligadas a políticas partidárias de esquerda.

Como Marisa Lobo utiliza essas posturas nas mídias? Como constrói um discurso convincente para aqueles que recebem sua fala?

Exemplo número 1: Saudando e legitimando os valores tradicionais cristãos, pois a maioria de seus seguidores são evangélicos. Nessa postagem, Marisa reforça a necessidade de transmissão dos valores familiares de uma geração para a outra, considerando os pais como o canal essencial para a construção desse processo. Tratam-se de ensinamentos que devem ser passados desde a infância, e, em decorrência, pais que levam as crianças desde cedo à igreja constroem possibilidades de manutenção das tradições e de expurgo de toda imoralidade do mundo. Essa visão está constantemente presente nos textos de Marisa, por isso o seu cuidado especial com a infância e a adolescência no processo educacional.

Na imagem a seguir, é importante fazer um comentário maior, pois, a autoimagem do protestantismo branco de classe média do nosso país postado por Marisa Lobo mais parece ter saído de uma revista americana. Na imagem, longe de representar a diversidade étnica do Brasil, Marisa constrói um tipo ideal de cristãos, provavelmente algo muito próximo aos grupos sociais aos quais convive e também se identifica.

³⁸⁸ Ibidem, p. 57

FIGURA 21: MARISA LOBO DEFENDE A EDUCAÇÃO RELIGIOSA PARA AS CRIANÇAS (TWITTER, 23/11/2017)



Fonte: twitter.com/marisa_lobo, acesso em 20/01/2018

Exemplo número 2: Deslegitimando o movimento feminista, ao utilizar manchetes extremas de alguns grupos para fazer acreditar que todas as feministas possuem o mesmo comportamento e agem da mesma forma, impactando assim os seus seguidores. Para isso utiliza uma notícia sensacionalista de um site fundamentalista, o Gospel +, que constantemente é acusado de publicar notícias falsas contra grupos feministas e LGBTs.³⁸⁹ Todavia, a visualidade e o apelo emocional desse site em relação aos valores e as tradições religiosas ganham visibilidade e caráter de verdade para boa parte dos seguidores de Marisa Lobo e de qualquer indivíduo que compartilhe tais conteúdos.

³⁸⁹ Segundo Igor Tadeu Rocha, os grupos fundamentalistas criam comunidades de verdade, similares ao que sistematiza Michel Foucault como “regimes de verdade”, que seriam instâncias, instituições e protocolos socialmente organizados que produzem e validam aquilo que é considerado como verdade – além de também rejeitarem o que não é considerado verdadeiro. O meio como fundamentalistas fazem isso é criar e enraizar verdadeiros ecossistemas de informação, que se valem de igrejas, da imprensa fundamentalista e, sobretudo a partir do século 21, da internet (em sites como o Breitbart, 4chan, Infowars, e outros que ele cita, mas os canais de YouTube e grupos de WhatsApp cabem também nessa lógica). Cf. ROCHA, Igor Tadeu. **Fake news e fundamentalismo como formas de ver o mundo**. In: <http://www.justificando.com/> acessado em 20/06/2020; DIAS, ZWINGLIO. Fundamentalismo religioso e a política institucional neoliberal no Brasil. In: **Seminário Fundamentalismos e Meio Ambiente**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll, 2020. pp.13-26

FIGURA 22: MARISA LOBO DIVULGA NOTÍCIA DE IGREJA EVANGÉLICA INCENDIADA POR FEMINISTAS NA ALEMANHA. (TWITTER, 10/08/2017)



Fonte: twitter.com/marisa_lobo, acesso em 21/01/2018

Exemplo número 3: Alertar pais e familiares em relação ao que denomina de “Ideologia de Gênero” nas escolas, bem como os perigos disseminados por “professores de esquerda” a crianças e adolescentes, situação que relata em dois de seus livros, *Famílias em Perigo: o que todos devem saber sobre a Ideologia de Gênero*, e *Ideologia de Gênero na Educação*. Em suas mídias, Lobo divulga constantemente esses livros e parte de seus conteúdos, uma forma de difundir seu discurso e propagandear a sua produção intelectual.

FIGURA 23: MARISA LOBO NA DIVULGAÇÃO DE SEU LIVRO "IDEOLOGIA DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO. (TWITTER, 2017)



Fonte: twitter.com/marisa_lobo, acesso em 21/01/2018

Exemplo número 4: desqualificando os movimentos LGBTs, bem como eventos públicos ou privados que visem à promoção de direitos sociais e cidadania dessa parcela da sociedade. Na visão da psicóloga, existem outros grupos e sujeitos que necessitam de atenção maior dos direitos humanos. Na postagem em seu Instagram, de setembro de 2017, nem o Conselho Federal de Psicologia escapou de suas críticas, o mesmo conselho que em 2014 pediu sua expulsão e proibição do exercício da psicologia por violação das regras que regem o ofício. Após ganhar o processo em 2015, Lobo continuou a exercer a psicologia e constantemente faz críticas aos colegas de profissão em suas mídias:

FIGURA 24: POSTAGEM DO CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA ACERCA DO DIA DA VISIBILIDADE BISSEXUAL, SEGUIDA DE POSTAGEM OPOSITORA DE MARISA LOBO. (INSTAGRAM, 23/09/2017)



Fonte: [instagram.com/marisa_lobo](https://www.instagram.com/marisa_lobo), acesso em 21/01/2018

Por meio desses exemplos, percebe-se que Marisa Lobo alinha-se com o viés religioso tradicional defendido até agora por todas as personagens analisadas nesse trabalho. Contudo, Marisa Lobo vai além, e demonstra um profundo fundamentalismo em seus posicionamentos, desqualificando o outro, diminuindo-o muitas vezes como ser humano. Isso a difere um pouco dos posicionamentos de Sarah Sheeva, Stormie Omartian e Andressa Urach, que falam pouco desses

movimentos e quando falam fazem críticas mais brandas, menos carregadas de menosprezo se comparados às formas como Marisa dirige-se a esses grupos.

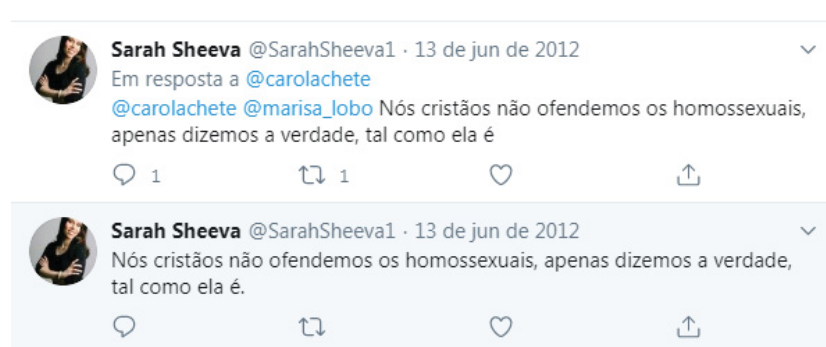
Marisa e Sarah Sheeva são amigas e a pastora sempre se refere à psicóloga em muitos de seus posts. Um grande exemplo se coloca nos debates sobre a atuação do movimento gay, e a parada do orgulho LGBT de 2012 foi amplamente comentada em uma cobertura direta das religiosas:

FIGURA 25: SARAH SHEEVA E MARISA LOBO COMENTAM A PARADA LGBT DE 2012 (TWITTER, 11/06/2012)



Fonte: twitter.com, acesso em 20/01/2018

FIGURA 26: SARAH SHEEVA E MARISA LOBO DISCUTEM O PONTO DE VISTA CRISTÃO SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE (TWITTER, 13/06/2012)



Fonte: twitter.com, acesso em 20/01/2018

Marisa Lobo possui mais leituras acadêmicas sobre questões de gênero e feminismo que as outras religiosas, pois é uma psicóloga graduada e especialista. Contudo, mesmo com sua formação, compartilha da mesma tradição das demais. O que também chama atenção é que Marisa Lobo utiliza das mesmas estratégias midiáticas para a propagação do discurso das outras religiosas, pois a psicóloga constantemente alimenta suas mídias com conteúdos voltados as suas bandeiras e defesas morais.

O exemplo de Marisa Lobo e das outras religiosas analisadas nos mostra o quanto religiões e lideranças religiosas estão presentes nas mídias e por meio dessas alimentam perfis que conquistam inúmeros seguidores. Entretanto, não podemos esquecer que há religiões com pouca mediatização, e aqui estamos trabalhando com um grupo específico em que há alta mediatização – e ainda assim, dentro do universo evangélico existem muitas igrejas que não são mediatizadas no ponto de vista digital, tais como a Congregação Cristã do Brasil, se comparada à IURD ou à Assembléia de Deus: Vitória em Cristo do pastor Silas Malafaia.

Mas, atentos justamente às lideranças midiáticas na base dessa pesquisa, é importante trazermos algumas informações sobre o uso da internet no Brasil. Segundo o levantamento da pesquisa TIC de agosto de 2019, de 67 a 70% dos brasileiros usam a internet, o que equivale em torno de 129,6 milhões de pessoas. Do percentual, aproximadamente 97% tem no celular o dispositivo preferencial ou único de acesso à rede, o que aumenta quando se analisa as camadas mais pobres da população, ou seja, as classes D e E, para as quais o celular a única forma dessas pessoas acessarem a rede.³⁹⁰

Somado a uma população significativamente conectada, a religião se faz presente e estrategicamente disseminada por seus “representantes” oficiais ou enunciadores, os quais representam o bojo de práticas e representações dos valores morais e estruturas do campo religioso³⁹¹. Nesse sentido, Marisa Lobo tem muito a nos dizer, pois, mesmo não sendo pastora, é uma grande influenciadora cristã, assim como todas as religiosas aqui estudadas, e que encontram-se amalgamadas

³⁹⁰ Todas as informações dos dados levantados pela pesquisa TIC Domicílios encontram-se disponíveis em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2018_coletiva_de_imprensa.pdf acessado em 28/01/2020.

³⁹¹ BOURDIEU, Pierre. **Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 7ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2011, pp.57-69

nas teias desse campo e utilizam de todas as estratégias possíveis que a midiatização possibilita para a construção de seus posicionamentos.

A próxima religiosa analisada não se dedica ao combate à “Ideologia de Gênero”, mas, contribui com a psicóloga Marisa Lobo nos valores morais da família. Esses valores são possíveis de serem construídos por meio de um lar cristão onde a “rainha” e comandante emocional é uma mulher virtuosa, boa mãe, esposa e dona de casa. Esse modelo é defendido pela escritora Sheila Walsh no processo de socialização das meninas desde a infância.

5.5 - SHEILA WALSH: “A BÍBLIA DA PRINCESINHA”

Sheila Walsh é um dos principais nomes da indústria cultural gospel estadunidense. Nascida na Escócia em 1956, começou a carreira como cantora ainda no Reino Unido nos anos 1970. Formou-se em teologia na London School of Theology em 1979 e música na London Academy of Operatic Art. Na juventude, Walsh trabalhou como evangelista e também cantou em um grupo de música gospel conhecido como The Oasis até se lançar em carreira solo em 1981. Após um grande êxito em sua carreira musical nos anos 1980, Walsh entrou em depressão, muito por causa dos desentendimentos que tinha com as pessoas que geriam a sua carreira. Em 1992 se afasta da música e muda-se para os Estados Unidos onde fez doutorado em teologia na Fuller Theological Seminary na Califórnia.³⁹²

Como teóloga, Walsh escreveu vários livros explorando sua luta contra a depressão e experiência com a fé cristã, boa parte de sua trajetória foi compilada em uma autobiografia intitulada *Honestamente* (1996). As discussões sobre a sua vida pessoal prosseguiram nos livros seguintes: *Viver sem medo*, *Vida Difícil* e *Deus é Fiel*, todos traduzidos para o português e publicados no Brasil. Nos últimos anos da década de 1990, Walsh dedicou-se à escrita de livros voltados às mulheres e suas relações com a Igreja e religião.

Desde 1997, escreveu mais de 17 livros, sendo a maioria voltada ao público leitor feminino. Nos últimos anos, dedicou-se à escrita evangélica para as crianças,

³⁹² POWELL, Mark Allan. **Encyclopedia of Contemporary Christian Music**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002, pp. 1013–1014. Informações também disponíveis no site oficial de Sheila Walsh: <<https://sheilawalsh.com/>> acessado em 19/03/2020.

mais especificamente meninas, com títulos tais como *A Bíblia da Princesinha*, traduzido para inúmeros idiomas. Em 2005, Walsh, em parceria com a sua editora nos Estados Unidos, lançou um conjunto de DVDs com histórias bíblicas para crianças, projeto intitulado de *Gigi, a Little Princess*.

Nessa passagem, discutiremos o principal livro de Sheila Walsh, *A Bíblia da Princesinha*, publicado originalmente em 2006 e traduzido no mercado editorial brasileiro em 2012. A tonalidade do livro é condizente com todos os discursos abordados até agora. Portando-se de forma muito semelhante a Sara Sheeva, Sheila Walsh constrói uma cartilha normatizadora para crianças. A proposta busca trazer valores que a pequena estabelecerá de fato em sua vida quando adulta, assim, desde muito cedo, deve saber comportar-se como uma “mulher de Deus”, para então ser contemplada com bênçãos no futuro.

O livro é extremamente lúdico e composto de pequenas historinhas infantis com base bíblica, ou seja, a autora busca aproximar as crianças das histórias do Antigo e Novo Testamento. Com textos curtos, ilustrativos e diretos, Sheila constrói uma narrativa que visa atrair a atenção, pois utiliza-se de uma escrita ao estilo dos contos de fadas, no qual elementos do bem e do mal aparecem representados em atitudes e ações das personagens. Mensagens de cunho moral e normatizador naturalizam-se na forma divertida em que as histórias são apresentadas. O material é composto por 86 contos, todos retirados da Bíblia e adaptados para a linguagem infantil. Aqui, destacaremos as principais historinhas, no sentido da mensagem moral concernente aos discursos de gênero.

Em um dos contos, Walsh aborda a história da princesa Rebecca, do livro de Gênesis, no Antigo Testamento. A autora aborda questões referentes à disciplina:

[...] Rebecca não tinha ideia do que estava para acontecer e, como de costume estava indo para o poço para buscar água. Ela nem sequer imaginava que Deus a observava e que o senhor estava planejando o seu futuro. Ao dar de beber aos camelos de um estranho ela foi escolhida para um novo patamar de realeza. Deus a escolheu para ser noiva e princesa de Isaque. Ela se tornaria mãe de Jacó, o pai de Israel, povo escolhido de Deus. Você gosta de limpar seu quarto? Lavar as louças? Ajudar nas tarefas de casa? É bastante normal ficar entediada e largar mão de tudo? Mas Deus está observando você. Ele a está treinando para que um dia você possa assumir seu chamado especial. Deus usa as situações do dia a dia, como dar de beber aos camelos (ou alimentar seu hamster) e servir outras pessoas, a fim de que, no futuro possa receber tarefas muito importantes e valorosas. Assim como Rebecca, precisamos estar ocupadas demonstrando

o nosso amor a Jesus, servindo as pessoas. Deus agirá na hora certa para realizar seu plano maravilhoso na sua vida.³⁹³

Por meio da história da princesa Rebecca, Walsh aponta quesitos relevantes em relação à socialização de uma menina no ponto de vista cristão, tais como a obediência, a crença em Deus e a doutrinação para que desde a mais tenra infância aprenda a ter responsabilidades com os afazeres domésticos. Dessa forma, Deus a contemplará com uma benção, de forma semelhante à princesa Rebecca na Genesis. No caso do texto bíblico, foi através do casamento com Isaque, portanto, ao fazer as coisas de forma correta e sem questionamentos, Deus saberá futuramente recompensá-la com uma graça muito parecida quando a pequena tornar-se mulher.

Questões relacionadas à obediência são constantes na *Bíblia da Princesinha*. Na lógica construída pelo livro, seguir os ditames do Senhor é uma questão de ser feliz ou não, e para reafirmar essa hierarquia Walsh cita constantemente textos dos Salmos:

[...] como são felizes os que andam em caminhos irrepreensíveis, que vivem conforme a lei do senhor! Como são felizes os que obedecem aos seus estatutos e de todo coração o buscam! Como pode o jovem manter pura a sua conduta? Vivendo de acordo com a sua palavra. Eu te busco de todo o meu coração; não me permita que eu me desvie de teus mandamentos. Guardei no coração a tua palavra para não pecar contra ti. Bendito seja o senhor! Ensina-me os teus decretos.³⁹⁴

Viver na norma, seguindo a hierarquia pregada por Deus nas sagradas escrituras coloca-se como uma obrigação nos textos de Walsh. No livrinho, a escritora constrói esse discurso de forma que a leitora absorva a mensagem, incorporando-a como parte da vida cotidiana de uma pequena cristã, a qual, ao ser temente a Deus e obediente, terá um futuro cheio de graças. Essa obediência teria início pela vida doméstica ainda na infância. Da metade para o final da *Bíblia da Princesinha*, Walsh volta a apontar as obrigações domésticas para a pequena leitora, trazendo à baila a fábula da cigarra e da formiga:

[...] observe a formiga, preguiçosa, reflita nos caminhos dela e seja sábia! Ela não tem nem chefe nem supervisor, nem governante, e ainda assim armazena as provisões no verão e na época da colheita ajunta o seu alimento. Até quando você vai ficar deitada, preguiçosa? Quando você se

³⁹³ WALSH, Sheila. **A Bíblia da Princesinha**. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro. Editora Thomas Nelson Brasil, 2012, p.39

³⁹⁴ Ibidem, p.104

levantará do seu sono? Tirando uma soneca, cochilando um pouco, cruzando um pouco os braços para descansar, a sua pobreza o surpreenderá como um assaltante, e a sua necessidade lhe virá como um homem armado. O mais interessante é que as formigas não esperam ninguém mandá-las ninguém fazer o que precisa ser feito. Sabem qual o trabalho necessário e simplesmente o fazem.³⁹⁵

Nos parágrafos seguintes, Walsh reafirma as obrigações domésticas da mulher cristã, estabelecendo uma conexão com a formiga, inseto pró-ativo que simplesmente busca trabalhos e descobre ocupações ao seu redor:

[...] Que tal hoje ser seu primeiro “dia de formiga”? Dê uma olhada pela casa e descubra maneiras de ajudar a mamãe a organizar e a limpar tudo. Comece arrumando sua própria bagunça. Arrume a cama e junte os seus brinquedos. Depois pergunte a mamãe se você pode tirar o pó dos móveis ou ajudá-la de outra forma. Fazer o trabalho doméstico sem precisar ser mandada é com certeza um sinal de que está crescendo. É também uma forma de demonstrar o amor de Deus que está em seu coração. Fazendo assim você se tornará sábia como a formiga e será uma grande ajuda para a família.³⁹⁶

Walsh segue mostrando as necessidades das tarefas domésticas para a menina que no futuro se tornará mulher e encontrará um bom marido. Mas, para fazer um excelente casamento, será preciso aprender em casa por meio de obrigações e normas os caminhos para ser uma esposa exemplar:

[...] Uma esposa exemplar, feliz quem a encontrar! É muito mais valiosa que os rubis. Seu marido tem plena confiança nela e nunca lhe falta coisa alguma. A esposa virtuosa fala com sabedoria e ensina com amor. Cuida dos negócios de sua casa e não dá lugar a preguiça. Seus filhos levantam e a elogiam; seu marido também a elogia. A beleza é enganosa, e a formosura é passageira; mas a mulher que teme ao Senhor será elogiada.³⁹⁷

Questões que envolvem a disposição para o trabalho, bem como a obediência se colocam como um dever inquestionável nas meninas:

Uma princesa sempre tem muito que fazer ao longo do dia. Algumas atividades são divertidas, outras nem tanto. Sendo divertidas ou não, os mandamentos do senhor devem ser praticados em qualquer circunstância: sem queixas, sem discussões.³⁹⁸

A submissão e o não questionamento das atividades diárias se fazem presentes nos aconselhamentos da escritora. Em seu ponto de vista, devem aprender a ter paciência desde meninas, não questionar e realizar as tarefas da

³⁹⁵ Ibidem, p.121.

³⁹⁶ Ibidem, p.123.

³⁹⁷ Ibidem, p.124.

³⁹⁸ Ibidem, p.313.

melhor forma, em suma, serem submissas. Como não poderia deixar de faltar no livro, Sheila Walsh orienta os caminhos para a pequena princesa conquistar no futuro um belo príncipe, para isso a jovem deve ser virtuosa e aprender a ser uma rainha no lar:

[...] quem sabe um dia depois de ser adulta Deus lhe de um príncipe com quem se casará, e daí será a rainha do lar. Terá seus próprios pequenos para amar. Então como você poderá ser uma boa esposa e uma boa mamãe? Comece agora, comece a treinar e a servir. Observe a mamãe para aprender como ela realiza as tarefas. Mais importante de tudo, peça a Jesus que te ajude. Se fizer isso você se tornará mais valiosa do que rubis.

Nesse livrinho lúdico, todos os aconselhamentos de Sheila Walsh possuem mensagens muito intencionadas e delimitadas acerca do comportamento de uma mulher, são discursos embutidos de uma enorme violência simbólica. Pierre Bourdieu analisa a violência simbólica nas relações humanas como algo suave, quase imperceptível, pois é algo que se encontra presente dentro de nossas categorias de entendimento. A violência simbólica está presente na comunicação e nas relações sociais, e como a estrutura de nosso pensamento é construída de forma muitas vezes impensada, tem-se a tendência a tomar certos discursos como naturais.³⁹⁹

Contudo, a violência no campo simbólico acaba por legitimar a violência que acontece nas práticas, pois nossas práticas são constituídas por símbolos que dão significadas para diversas coisas, tais como as relações de gênero. Há uma tendência a incorporar esses significados mentalmente, aceitando-o como lógico e natural. Essas questões estão presentes no cerne das discussões levantadas em todos os discursos das religiosas analisadas, e não somente em Sheila Walsh. O que faz em *A Bíblia da Princesinha* é possibilitar essa naturalização no processo de socialização e interação da criança, ou seja, de uma menina que futuramente se tornará mulher.

³⁹⁹ BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 4ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

FIGURA 27: FORMATO DO LIVRO DE SHEILA WALSH, *A BÍBLIA DA PRINCESINHA*



Fonte: <https://www.plenitudedistribuidora.com.br/>, acesso em 20/01/2018

Sheila também se encontra presente nas mídias sociais, e suas redes são constituídas por perfis no Twitter, Instagram e Facebook. No Twitter, possui mais de oitenta e cinco mil seguidores, sendo o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, um deles. No *microblog*, as postagens de Walsh concentram-se essencialmente em mensagens de paz, amor e fé, ou na divulgação de seus livros e projetos. Sheila Walsh também trabalha significativamente sua imagem por meio de uma aparência serena, de mulher virtuosa, educada e vaidosa, sempre buscando mostrar uma aparência impecável em relação a roupas, cabelo e maquiagem. Além disso, uma prática constante nas postagens da escritora e teóloga são os estudos bíblicos para as mulheres.

FIGURA 28: TWEET DE SHEILA WALSH SOBRE SEU PROJETO *PRAYING WOMEN* (TWITTER, 22/11/2017)



Fonte: twitter.com/SheilaWalsh, acesso em 20/01/2018

Na mensagem rápida, a escritora escreve a seguinte mensagem: “É uma nova semana. O que também significa novas vitórias, mas também novos desafios. Como posso orar por você esta semana?” Walsh complementa com os seguintes apontamentos: “Eu adoraria que você e alguns amigos se juntassem ao #prayingwomen movimento com meu estudo bíblico online que começa dia 23 de fevereiro”. Nota-se o uso do Twitter para atrair mulheres interessadas no projeto, bem como no discurso de Walsh acerca de seu conhecimento. O seu conhecimento sobre as mulheres evangélicas e seus envolvimento com a religião ficam bastante nítidos em outra de suas mídias.

No Instagram, Sheila Walsh possui 94,3 mil seguidores, e em sua descrição deixa bem claro que se trata do perfil de uma mulher cristã: “apaixonada por Jesus e a palavra de Deus, escritora e professora, esposa e mãe”.

FIGURA 29: DESCRIÇÃO DO PERFIL DE SHEILA WALSH (INSTAGRAM, 16/01/2017)



Fonte: [instagram.com/SheilaWalsh](https://www.instagram.com/SheilaWalsh), acesso em 16/01/2017

Assim como as outras religiosas analisadas, Walsh defende os valores familiares, bem como os comportamentos femininos calcados na virtude. A escritora segue em seus escritos a proposta traçada por Stormie Omartian em relação à oração, correntes de oração para a mulher, a importância da mulher que ora, também a virtude da mulher que ora.

FIGURA 30: DIVULGAÇÃO DA CAMPANHA *JOIN A MILLION WOMEN IN PRAYER ACROSS AMERICA* (AGOSTO DE 2016)



Fonte: shelovesoutloud.org, acesso em 20/01/2018

No post acima, de agosto de 2016, Sheila Walsh divulga sua corrente de oração feminina, uma campanha construída por mulheres nas mídias sociais intitulada: "*Join a million women in prayer across America*", em tradução direta: "Junte-se a um milhão de mulheres em oração em toda a América". Nessa campanha, Sheila e outras mulheres oram em nome de algumas pautas, tais como "a cura dos corações, o futuro dos filhos e para honrar Deus em nosso país". Para isso, Deus teria dado a missão de orar às mulheres, pois elas trariam a boa nova por meio da fé.

As pautas defendidas nessa questão são bem evidentes, corações restaurados em Deus, para o futuro dos filhos das famílias cristãs, bem como a defesa do país. Nota-se que a proposta de Walsh é construir uma nação restaurada em Cristo, restauração construída na conversão cristã, na família e na norma. No Facebook, a postura da escritora teóloga não é diferente de suas outras mídias. Nessa mídia dedica-se de forma mais contundente à divulgação de seus livros e o poder da oração. No Facebook, Sheila Walsh possui 214.651 curtidas e 216.159 seguidores.⁴⁰⁰

FIGURA 31: LANÇAMENTO DO LIVRO *PRAYING WOMEN* (TWITTER, SETEMBRO DE 2017).



Fonte: facebook.com/sheilawalshconnects, acesso em 20/01/2018

⁴⁰⁰ Cf. <https://www.facebook.com/sheilawalshconnects>, acessado em 20/02/2020.

Todo o discurso normativo de Walsh assemelha-se com as enunciações trabalhadas nas outras fontes desse trabalho. A normatização de gênero se torna uma realidade nas falas de todas as religiosas estudadas. Nesse quarto e último capítulo, fizemos um exercício de pesquisa que contribuisse para com o aprofundamento da problematização dos objetos centrais da análise, o conteúdo discursivo de Sarah Sheeva e Stormie Omartian.

Buscou-se complementar a visibilidade das enunciações presentes nas religiosas protagonistas e perceber que se trata do mesmo discurso, do mesmo universo simbólico, quando analisamos outras lideranças. Não obstante, nesse último capítulo, não buscamos aprofundar demasiadamente a vida e os projetos das coadjuvantes de Sarah Sheeva e Stormie Omartian, pois as religiosas desse capítulo foram importantes para entendermos até que ponto religiosos e lideranças evangélicas femininas empenham-se em construir seus ideais de sociedade perfeita.

Mas, pela via da quantidade de seguidores de todas essas religiosas, visível por suas mídias sociais, é possível defendermos a tese que esse discurso possui um grande apelo na sociedade, não apenas com as mulheres religiosas, mas também com indivíduos que simplesmente defendem um ideal de sociedade calcado na tradição, nos costumes e nas hierarquias das relações de gênero. Um elemento indispensável nessa premissa é a compreensão de que, no espaço de atuação feminino, o apelo conservador se faz também como um espaço de poder construído pela atuação direta da mulher na família.

Nesse sentido, o casamento, o cuidado diário na criação dos filhos, a vigilância sobre os passos do marido em sua vida social e profissional, bem como a vigília para com as amizades e relacionamentos da prole, a atuação das mulheres ao conduzirem a família por meio da oração para a igreja e a aceitação de Cristo, se constitui como um processo imenso de atuação direta do protagonismo feminino. E, como vimos ao longo da pesquisa, as lideranças religiosas defendem em seus discursos essa atuação, de forma conservadora, restauradora e pela marcação direta nos papéis tradicionais de gênero, o que inclui a submissão da mulher ao marido. Pastoras e escritoras buscam restaurar a sociedade em Cristo, condenando os comportamentos que fogem à regra, algumas de formas brandas, outras de forma mais austera e fundamentalista. Todavia, encontram nas mulheres o canal direto

para a defesa de seus discursos, o meio pelo qual o estar no mundo, mas não viver o mundo pode se fazer de maneira eficiente.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Stormie Omartian, Sarah Sheeva, Andressa Urach, Marisa Lobo, e Sheila Walsh: todas possuem perfis ativos em mídias sociais, algumas delas as utilizam mais, outras menos. Contudo, em comum, frisam mensagens normatizadoras acerca das relações de gênero, o que inclui visões muito próximas sobre corpo e a sexualidade. Apesar da presença variada nas mídias, algumas delas não deixam de construir discursos moralistas de forma ampla em livros de autoajuda. As religiosas desse trabalho também difundem seus discursos em cultos, palestras e aconselhamentos na internet, situação bastante coerente em uma sociedade como a nossa, cada vez mais plural em suas identidades, gostos e necessidades.

No tempo presente, as religiões e a família patriarcal perderam muito de seu poder simbólico, mas milhões de pessoas ainda buscam sentidos para as suas vidas nessas instituições. Dessa forma, a visibilidade e o sucesso do discurso religioso adquiriram uma nova roupagem para manter e angariar fiéis em nossa sociedade de consumo. Esse processo ficou evidente ao longo dessa tese, por meio do empenho das religiosas para trazer à baila as suas pautas.

O sucesso do discurso dessas mulheres não nos surpreende, pois ele não ocorre por acaso, afinal, as falas que enunciam estão diretamente ligadas à forma como parte dos indivíduos se relaciona com a realidade, uma relação ainda muito voltada a respostas imediatistas e na tradição. Como aponta Peter Berger em suas análises sobre modernidade e secularização, embora a filosofia secular tenha contribuído para uma nova proposta de sociedade, laica e secularizada, na modernidade os indivíduos não abandonaram totalmente a religião pela razão.⁴⁰¹ Atualmente, quando analisamos o crescimento das religiões evangélicas, bem como a disseminação de discursos de lideranças como aquelas estudadas nessa tese, a perspectiva de Berger mostra-se bastante coerente, pois a busca por respostas pela via da tradição é uma realidade no tempo presente.

Essas respostas podem ser vistas também pelo sucesso de venda de livros do gênero autoajuda, publicados pelas lideranças estudadas. Trata-se de leituras em que aconselhamentos levam leitores e leitoras em busca de possibilidades de

⁴⁰¹ BERGER, Peter. **Múltiplos Altares da Modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Tradução de Noeli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017, pp.112-113

superação de dificuldades. No caso de nossas religiosas, essas dificuldades só podem ser superadas através de uma vida regrada, saudável e contida. Nossas fontes buscam traçar literalmente o caminho para uma vida feliz e contemplada de paz, que só é possível pela religião, tradição, moralidade e bons costumes.

Sabendo que existe um público fiel e profundamente ligado a esse padrão normativo, as lideranças pesquisadas criam inúmeras formas de propagar suas mensagens, para além dos livros, e dessa forma usam demasiadamente as mídias sociais, por meio das quais estão expostas a um grande público para construir suas enunciações. As visibilidades que as mídias proporcionam a essas mulheres as fazem protagonistas de um conservadorismo religioso que encontra recepção e respeito em inúmeros segmentos da sociedade. Para manterem seus discursos ativos em uma gama significativa de recepção, buscam respaldo na tradição para sustentar suas agendas morais.

Quando tratamos de maternidade, família e tradição, muitos religiosos recorrem à Bíblia para justificar posicionamentos e decisões. Contudo, a maioria deles, embora defendam e se identifiquem com um discurso conservador, não podem fazer com que a sociedade retorne aos moldes e valores do passado, e isso ocorre em muitas dimensões da vida cotidiana. Entre elas, os modelos de família e maternidade, as relações amorosas, as orientações sexuais e identidades de gênero. No caso das mulheres, em específico, muitas delas, inclusive as evangélicas, precisam unir a tradição ao estilo e ao ritmo de vida do tempo presente. Na maioria das vezes, esse exercício não é nada fácil, mas torna-se necessário em um mundo multicultural em que as fronteiras identitárias, econômicas e sociais não se restringem a nossos gostos. Ao se inserirem na realidade do mundo, essas mulheres não precisam aceitá-lo, mas necessitam estar nele para trabalhar, estudar e minimamente se relacionar com as pessoas.

Uma particularidade analisada ao longo da pesquisa é que, devido ao discurso das lideranças religiosas ser profundamente conservador no ponto de vista moral, essa enunciação faz sucesso e ganha adeptas. A maioria das mulheres que seguem Omartian, Sheeva, Walsh, Lobo e Urach encontram no conservadorismo uma ampla possibilidade de ganho, em especial na conduta moral que buscam traçar e no modelo familiar, o que inclui a formação dos filhos e a luta cotidiana para manterem os seus casamentos. Todos esses exemplos consolidam representações coletivas que geram reconhecimento e constituem amplos espaços de atuação.

Esses são espelhados na autoimagem de nossas próprias fontes que são mulheres casadas ou em busca de matrimônio, são mães, e mulheres de sucesso - pastoras, escritoras, psicólogas. Dessa forma, o combate pela moralidade nas falas de nossas fontes possui alcance e aceitação.

Todas as enunciações trabalhadas estão diretamente ligadas à tradição e ao discurso restaurador presentes no cristianismo, a partir do qual o modelo de família tradicional é amplamente defendido. Como se viu, trata-se de uma tradição que tem sido resgatada não somente pelas religiosas analisadas, mas por inúmeros outros religiosos. A busca pelo conservadorismo e a tradição é consequência direta de conquistas de direitos sociais de uma ampla gama de segmentos historicamente excluídos, uma reação dos conservadores, afirmação sustentada sociologicamente por Anthony Giddens.⁴⁰² O sociólogo argumenta que o modelo que se convencionou chamar de família tradicional constituída por um homem e uma mulher, em que o masculino é provedor e o feminino submisso, foi um modelo forjado por inúmeros discursos institucionais, o que inclui a religião.⁴⁰³ Todavia, ao longo do século XX, ocorreu o que denomina de crise da família patriarcal. Uma crise que não acabou com a família mas, abalou seu *status quo*, intimidou conservadores e enfraqueceu um modelo de relações de gênero em voga há séculos.

Nas últimas décadas do século XX e início do século XXI a família passou por profundas transformações, sobretudo com o avanço das conquistas feministas, as lutas por visibilidade, cidadania e direitos da população LGBT e as novas formas de se relacionar das novas gerações, as quais não são necessariamente pautadas no casamento monogâmico indissolúvel e na família nuclear.⁴⁰⁴

Todo esse contexto possibilitou uma maior diversidade nas formas de relacionamentos. Esse processo foi o combustível para reações conservadoras, como as que ocorreram nos Estados Unidos na década de 1970 com a ascensão da direita cristã.⁴⁰⁵ Contudo, Sally Gallagher afirma que, após esse período conturbado da história norte-americana, ocorreram mudanças no contexto estadunidense em relação ao convívio entre tradição conservadora e flexibilização dos costumes. Em alguns grupos evangélicos daquele país, a partir da década de 1980, houve uma

⁴⁰² GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. 6ª Ed. Porto Alegre. Editora Penso, 2012. pp.269-274

⁴⁰³ Ibidem.

⁴⁰⁴ Ibidem.

⁴⁰⁵ LAROCCA, op. cit, pp.94-95.

profunda adaptação na sociedade em mudança, grupos conservadores buscaram manter a tradição e os costumes.⁴⁰⁶

No Brasil, uma democracia ainda jovem, a reação cristã conservadora é recente, datada das duas últimas décadas: 2000 e 2010. Nesses anos, pautas progressistas não somente foram debatidas, mas também conquistadas, tais como os direitos de mulheres e minorias.⁴⁰⁷ Esses avanços podem ser vistos por meio da punição rígida da violência contra a mulher, tendo como marco inicial a aprovação da Lei Maria da Penha⁴⁰⁸; pela aprovação em 2011 da União Civil dos Homossexuais no Supremo Tribunal Federal,⁴⁰⁹ pela Lei do Feminicídio em 2015⁴¹⁰ que pune com rigor crimes contra mulheres. E nessa linha de direitos conquistados está a criminalização da homofobia.⁴¹¹

Todo esse processo tem causado uma intensa reação dos setores conservadores da sociedade, entre eles os cristãos, o que ficou mais evidente na última década com atuações de políticos ligados à Bancada Evangélica, tais como o deputado Marco Feliciano do Partido Social Cristão (PSC-SP), e pastores influentes, ao exemplo de Silas Malafaia, líder da Igreja Assembléia de Deus Vitória em Cristo.⁴¹² O que esse segmento tem feito é convocar os cristãos a se posicionarem contra o avanço de pautas progressistas, os quais, em suas concepções, seriam prejudiciais à tradição e aos costumes. Essa atuação reflete-se diretamente na defesa da família nuclear cristã. Logo, feministas, LGBTs ou mesmo indivíduos com pautas políticas progressistas constantemente são colocados como sujeitos que

⁴⁰⁶GALLAGHER, op. cit., pp.105-110

⁴⁰⁷ CARMO, Cláudio Márcio do. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in) tolerância: uma relação linguístico- discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 64, Agosto de 2016, pp. 201-223.

⁴⁰⁸Lei disponível no site governamental: Acessado em 20-07-2020 http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acessado em 20/07/2020.

⁴⁰⁹**Resolução do Supremo Tribunal Federal** disponível em: <https://www2.stf.jus.br/portal/StfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515> Acessado em 20/07/2020.

⁴¹⁰**Lei** disponível no site governamental: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.104%2C%20DE%209.de%20homic%C3%ADdio%2C%20e%20o%20art. Acessado em 20/07/2020.

⁴¹¹**Resolução do Supremo Tribunal Federal**, disponível em: Acessado em 20-07-2020 <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010> Acessado em 20/07/2020.

⁴¹² CUNHA, Magali do Nascimento. **Do Púlpito às Mídias Sociais**: evangélicos na política e ativismo digital. Curitiba: Editora Prismas, 2017, pp.122-123

devem ser combatidos, situação que fica bastante evidente na militância digital, ou seja, nas mídias sociais⁴¹³.

Essa militância religiosa foi bem relatada no trabalho em todas as religiosas, mas principalmente nas figuras de Sarah Sheeva e Marisa Lobo. No caso da pastora, suas pautas são claras e estruturadas na defesa constante da contenção sexual feminina em prol do casamento e da família. Outra questão destacada foi a moralidade dentro do lar, que deve ser exercido pela mãe na criação dos filhos. Segundo Sheeva, os pequenos devem conviver somente com pessoas da igreja e com filhos de famílias respeitáveis. Todos esses cuidados seriam responsáveis pelo cultivo de uma família feliz e saudável, longe da “decadência moral” do mundo.

No caso da psicóloga cristã, esses cuidados vão além, pois se colocam por meio de um discurso de militância política. A defesa da família tradicional é tão intensa em Marisa Lobo que todos os grupos progressistas são pautados como inimigos a serem duramente combatidos. Um dos principais instrumentos desse combate no discurso da psicóloga são suas críticas constantes ao que denomina pejorativamente de “Ideologia de Gênero”.

O universo simbólico dessas mulheres se faz por meio de um ideal de “sociedade perfeita”, uma sociedade “saudável” que só seria possível com a preservação da tradição e dos valores cristãos. Para Ariana Silva, o discurso religioso reproduz os valores vigentes em uma sociedade que se identifica com ele, logo a religião e as relações de gênero fazem parte desses valores.⁴¹⁴No tempo presente, vivemos uma maior liberdade sexual se comparada ao século passado, contudo, as religiões e lideranças religiosas continuam com os mesmos ideais em relação ao sexo, pregando a castidade antes do casamento e a contenção dos prazeres, defesas presentes no discurso de todas as fontes.

Quando se estuda casamento, família e tradição, nota-se que muitas lideranças cristãs recorrem à Bíblia para justificar posicionamentos e decisões. Embora a maioria defenda um discurso tradicional, é impossível fazer com que a sociedade retorne aos moldes do passado, mas podem apelar a uma gama significativa de pessoas que tem no discurso conservador a resposta direta para

⁴¹³ Ibidem.

⁴¹⁴ SILVA, Ariana Kelly Leandra. Diversidade Sexual e de Gênero: a construção do sujeito social. **Revista NUFEN**, v.5, n.1, Janeiro-Julho de 2013, pp. 12-25.

compreender o mundo. Esse apelo pode facilmente ser identificado nas mulheres conservadoras, ao exemplo das protagonistas desse trabalho e o público para o qual dirigem-se.

No caso das lideranças, essa interação ocorre para além do universo evangélico, pois a partir do momento que disponibilizam os seus discursos nas mídias, seus posicionamentos alcançam visibilidade e ficam à disposição para identificações, interações e compartilhamentos. Todo esse processo midiático foi visível nas fontes, com graus variados de intensidade. Trata-se de algo que se encontra menos presente em Stormie Omartian e Sheila Walsh, escritoras estadunidenses que dedicam uma atenção maior para os seus livros, mesmo porque são escritoras de sucesso com livros traduzidos para inúmeros idiomas. No caso das brasileiras, a interatividade nas mídias é maior, pois, embora também sejam escritoras, não possuem o alcance editorial das estadunidenses, o que faz suas presenças nas mídias maior. Sarah Sheeva, Marisa Lobo e Andressa Urach são bons exemplos.

Ao fecharmos essa discussão, precisamos compreender que o elemento central que conecta todas essas mulheres é o conservadorismo, que se revela na forma como interpretam a realidade, nas formas que buscam viver e se relacionar com as pessoas. Trata-se de um conservadorismo que se dissemina pela via religiosa no discurso de cada uma. Dessa forma, todas as fontes desse trabalho fazem parte de um universo maior, presente e cada vez mais atuante na sociedade.

Em nossa realidade imediata, ou seja, na sociedade brasileira, não tem como ignorarmos a presença dos cristãos evangélicos nos espaços públicos, nas bandeiras que muitos deles defendem, na política e nas propostas elencadas por suas lideranças. Essa atuação está presente em projetos de lei, na guerra cultural constante e nos pânico morais que algumas lideranças constroem justamente por terem certeza que serão acolhidos por uma parcela significativa da população ainda muito conservadora, ligada à tradição e a uma cultura patriarcal. Conceitos como família e sexualidade ainda se encontram profundamente ligados à tradição, independentemente das mudanças ocorridas nas últimas décadas.

A despeito da opressão que constrói, essa normatização de comportamentos ganha adeptos, e, no caso desse trabalho, adeptas que enxergam na norma o caminho para uma sociedade restaurada, pacificada e harmônica. Em relação às mulheres, elas também vislumbram a possibilidade de atuação como protagonistas

em uma sociedade que historicamente as excluiu dos cargos de liderança, bem como de hierarquias mais altas da religião, da política, e da família.

Como historiadores e historiadoras, precisamos atentar à proporção que o elemento conservador está tomando em nossa sociedade. Vivemos novos tempos, e dificilmente grupos que conquistaram direitos irão se curvar a uma agenda moral excludente. Por muito tempo iremos conviver com guerras de narrativas, discursos de convencimentos identitários e com a disputa constante do dualismo “nós” e os “outros”, a menos que busquemos entender o outro e construir pontes para um diálogo democrático.

Essa tese é acima de tudo política, um manifesto em defesa de um mundo plural, onde todos são iguais por serem humanos, mas diferentes em suas essências. Para construir um mundo melhor, no qual todos consigam viver sem querer destruir o opositor, é necessário entender como o outro pensa e respeitar as diferenças, o que só é possível pelo conhecimento. Por isso, levar o conhecimento a um grande público, não somente o acadêmico, é de grande valia, uma obrigação social de pesquisadores financiados por essa mesma sociedade. Criar um debate democrático com uma ampla gama de sujeitos se faz urgente.

REFERÊNCIAS

Fontes

LOBO, Marisa. **Famílias em Perigo**: o que todos devem saber sobre a Ideologia de Gênero. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2016,

OMARTIAN, Stormie. **Uma história de perdão e cura**. Traduzido por Susana Klassen. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2007.

_____. **O poder da esposa que ora**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2005.

_____. **O poder da mãe que ora**. Tradução de Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 2012.

_____. **O poder da mulher que ora**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2000.

_____. **O poder do Marido que ora**. Tradução de Susana Klassen. São Paulo: Mundo Cristão, 2003.

_____. **O poder dos pais que oram**. Tradução de Magali Fraga Moreira. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2001

SHEEVA, Sarah. **Defraudação Emocional, segundo os princípios bíblicos**: Como casar com a pessoa certa e evitar o casamento encalhado. Rio de Janeiro: Editora Santa Geração, 2007.

_____. **Defraudação Emocional, segundo os princípios bíblicos**: como casar com a pessoa certa e fugir do casamento encalhado. 2ªed. (readaptada). Belo Horizonte: Editora Conceição Milagres, 2012.

_____. **Onde foi que eu errei?** Belo Horizonte: Editora Naós, 2008.

URACH, Andressa. **Morri para viver**: meu submundo de fama, drogas e prostituição. São Paulo: Editora Planeta, 2015.

WALSH, Sheila. **A Bíblia da Princesinha**. Tradução de Lena Aranha. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2012.

Sites oficiais e Redes Sociais das Autoras Evangélicas

Canal oficial de Andressa Urach no Youtube:

<https://www.youtube.com/channel/UCuxV-qqrGe5hnhS_x6j5ldA/featured>

acessado em 21/01/2020.

Facebook oficial de Andressa Urach:

https://www.facebook.com/pg/AndressaUrachOficial/community/?ref=page_internal
acessado em 21/01/2020.

Instagram oficial de Andressa Urach:

<https://www.instagram.com/andressaurachoficial/> acessado em 21/01/2020.

Twitter oficial de Andressa Urach: <https://twitter.com/AndressaUrachx> Acessado em 21/01/2020.

Facebook oficial de Marisa Lobo: <https://www.facebook.com/MarisaLoboFamilia>
acesso em 26/07/2020

Instagram oficial de Marisa Lobo: [instagram.com/marisa_lobo](https://www.instagram.com/marisa_lobo), acesso em 21/01/2020

Twitter oficial de Marisa Lobo: twitter.com/marisa_lobo, acesso em 15/07/2020

Site oficial de Sarah Sheeva: <https://www.sarahsheeva.com.br/> acessado em 10/07/2020

Blog Oficial de Sarah Sheeva: <<http://sarahsheeva.wordpress.com/adoracao-musica-e-entrevistas/>>. Acesso em 01/08/2018.

Canal oficial de Sarah Sheeva no Youtube:

<https://www.youtube.com/user/SarahSheeva> acessado em 26/07/2020

Facebook oficial de Sarah Sheeva: <https://www.facebook.com/SarahSheevaOficial>
acessado em 20/07/2020

Instagram oficial de Sarah Sheeva <[instagram.com/sarahsheeva](https://www.instagram.com/sarahsheeva)>, acesso em: 17/07/2019

Twitter oficial de Sarah Sheeva: twitter.com/SarahSheeva>, acesso em: 12/10/2019

Site de Stormie Omartian: <<https://www.stormieomartian.com/>> Acesso em: 03/04/2020

Facebook oficial de Stormie Omartian: <https://www.facebook.com/stormieomartianofficial> Acesso em 26-07-2020

Instagram oficial de Stormie Omartian: <https://www.instagram.com/stormieomartian/> Acesso em 26/07/2020

Twitter oficial de Stormie Omartian: <twitter.com/StormieOmartian>, acesso em 30/03/2020

Site oficial de Sheila Walsh: <<https://sheilawalsh.com/>> acessado em 19/03/2020.

Facebook oficial de Sheila Walsh: facebook.com/sheilawalshconnects, acesso em 20/01/2018

Instagram Oficial de Sheila Walsh: instagram.com/SheilaWalsh, acesso em 16/01/2017

Twitter oficial de Sheila Walsh: twitter.com/SheilaWalsh, acesso em 20/01/2018

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. Bolsonaro Presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. In: **Revista Novos Estudos**. v.38, n 1, Jan/Abr 2019.

ALVES, Guilherme di Angellis da Silva. **O Erótico da Pornografia**: imagens, sons e escritas das representações do sexo. Tese de doutorado apresentada a Universidade de Brasília- UNB: Brasília, 2018.

ANKER, Roy. **Self-Help and Popular Religion in Modern American Culture**: An Interpretive Guide. Westport: Greenwood Press, 1999.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. In: **Revista de Psicologia Científica**. vol.22 n.2 Brasília Jun, 2002.

BADINTER, Elizabeth. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BAXTER, R. **Manual Pastoral de Discipulado**. Traduzido por Elisabeth Gomes. São Paulo: Cultura Cristã, 2008.

BELLOTTI, Karina Kosicki. A batalha pelo ar: a construção do fundamentalismo cristão norte-americano e a reconstrução dos “valores familiares” pela mídia (1920-1970). **Revista Madrágora**, v.25, nº1, 2019.

_____. **A Mídia Presbiteriana no Brasil**: luz para o caminho e editora cultura cristã (1976-2001). São Paulo: Fapesp, 2005.

_____. **“Delas é o reino dos céus”**: Mídia evangélica infantil na cultura pós-moderna do Brasil (anos 1950-2000). São Paulo: Fapesp, 2010.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: Tratado de sociologia do conhecimento. tradução de Floriano de Sousa Fernandes. 6ªed. Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Os múltiplos altares da modernidade**. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista. Tradução de Noeli Correia de Melo Sobrinho. Petrópolis: Vozes, 2017.

BOSCO. ÂNGELO Marcos. **Sucessos que não ocorrem por acaso**: literaturas de autoajuda. Dissertação de mestrado apresentada a Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia, Ciências e Letras. Campinas: 2001.

BOURDIEU, Pierre. **L'illusion biographique**. Actes de La recherche em sciences sociales, v.62/63, n.L'illusion biographique, juin, 1986.

_____ **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 4ªed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2005.

_____ **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia da Silveira. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____ **Economia das trocas simbólicas**. Tradução de Sérgio Miceli. 7ªed. São Paulo, Perspectiva, 2011.

_____ **O Poder Simbólico**. Tradução de Fernando Thomaz. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1998.

BRAGA, José Luiz. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, Jeder; JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação & midiatização**. Salvador: EDUFBA, 2012.

BRAIDOTTI. Rosi. **Sujeitos nômades**: Corporización y diferencia sexual em La teoría feminista contemporânea. Buenos Aires: Paidós, 2000.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma História Social da Mídia**: de Gutenberg à internet. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. 2ªed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BROWN, Peter. **Corpo e Sociedade**: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

BURKE, Edmund. **Reflections on the Revolution in France**: a Critical Edition. Stanford: Stanford, 2000.

BUTLER, Judith. **As Questões de Gênero e Os Corpos que Importam**. Cultura Visual Queer. Disponível em:

<<http://culturavisualqueer.wordpress.com/2010/07/12/judith-butler-as-questoes-de-genero-e-os-corpos-que-importam/>> Acessado em 28 de outubro de 2018.

_____ **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. 12ªed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2016.

CARMO, Cláudio Márcio do. Grupos minoritários, grupos vulneráveis e o problema da (in) tolerância: uma relação linguístico- discursiva e ideológica entre o desrespeito e a manifestação do ódio no contexto brasileiro. In: **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. n. 64, Agosto de 2016.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Vol. 2 A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

CASTRO. Talita Pereira de. **Sobre curso da vida e autoajuda:** contrastes entre a literatura de autoajuda brasileira, norte americana e portuguesa. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas: UNICAMP, 2016.

CECARELLI, Paulo Roberto. A Invenção da Homossexualidade. **Revista Psicanalítica Bagoas**, n. 2, pp.71- 93, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. 3ª ed. tradução de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

_____ **A Invenção do Cotidiano:** as artes de fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 19ªed. Petrópolis: Vozes, 2012.

CHARTIER, Roger. **A Beira da Falésia:** a história entre certezas e inquietude. Tradução de Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

_____ O Mundo Como Representação. **Revista Estudos Avançados**, v. 5, n. 11, São Paulo, Janeiro/Abril de 1991.

CLARK, Lynn. **Religion, Media and the Marketplace**. New Jersey: Rutgers, 2007.

CORREA, Elizabeth Saad. Entrevista com Richard Grusin. Da remediação à premediação: ou de como a sensação de imediatismo da sociedade digital dos anos 1990 evoluiu para um clima de contínua antecipação do futuro no século XXI. **Revista Matrizes**, v. 7, n. 2, jul./dez. 2013.

CUNHA, Magali. **Do púlpito às mídias sociais: evangélicos na política e ativismo digital**. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

DIAS, Diego Madi. FOUCAULT, Michel. 2018. Histoire de la sexualité IV: Les aveux de la chair. In: **Sex, Salud Soc.** (Rio J.) n. 28, 2018.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Revista Tempo e Argumento**. Florianópolis, v.4, nº1, p.5-22, Janeiro/Junho de 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente. Desafios. **Revista Cultura Vozes**, v.94, nº3. pp.111-124, Maio/Junho, 2000.

_____ AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. 2ªed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

_____ Notas iniciais sobre a história do tempo presente e a historiografia no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 10, n. 23, p. 80 - 108, jan./mar. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade Vol.I**. A vontade de Saber.Tradução de Maria Thereza Alburquerque. 21ªed. São Paulo. GRAAL, 2011.

_____ **A História da Sexualidade Vol. 2**. O Uso dos Prazeres. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. 12ªed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.

_____ **História da Sexualidade Vol. 3**. O cuidado de si. Tradução de Maria Theresa da Costa Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

_____ **Histoire de la sexualité 4**. Les aveux de la chair. Paris: Gallimard, 2017.

_____ **A Ordem do Discurso.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

_____ O combate pela castidade. In: ARIÉS, Phillippe. **Sexualidades ocidentais.** Tradução de Thereza Christina Ferreira Stummer. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____ **Ditos e Escritos V.** Ética, Sexualidade e Política. Tradução de Elisa Monteiro. 3ªed. Rio de Janeiro: Forense, 2017.

_____ O Nascimento da Biopolítica. In: FOUCAULT, Michel. **Resumo dos Cursos do Collège de France (1970-1982).** Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1997.

_____ **Os Anormais.** Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

FUNARI, Pedro Paulo. **Grécia e Roma.** 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

GALLAGHER, Sally. K. **Evangelical Identity & Gendered Family Life.** New Jersey: Rutgers University Press, 2003.

GARDNER, Christine J. Gardner. **Making Chastity Sexy:** The rhetorical of evangelical abstinence campaigns. Los Angeles: University of California Press, Berkeley , 2011.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Tradução de Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Unesp, 1991.

_____ **Para além da esquerda e da direita.** Tradução de Alvaro Hattnher. São Paulo: Unesp, 1996.

_____ **Sociologia.** Tradução de Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES, Wadislau Martins. Pregação e aconselhamento: uma aproximação multiperspectiva: **Revista Fides Reformata**, v. 12, n. 1, 2007.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Revista Educação e Realidade**, nº22, v.2, Julho/Dezembro de 1997.

HJARVARD, Stig. Midiatização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **Revista Matrizes**, v. 5, n. 2, Janeiro/Junho de 2012.

HARPPRECHT, Christoph Schneider. The transformations in the area of pastoral counseling until today. **Revista Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 56, n. 2, pp. 306-320, jul./dez. 2016.

HARTOG, François; REVEL, Jacques. Note de conjecture historiographique. In: DELACROIX, Christian; DOSSE, François; GARCIA, Patrick. (Orgs.). **Les usages politiques du passé**. Paris: Editions de L'École des Hautes Études em Sciences Sociales, 2001.

HEINEMANN, Uta Ranke. **Eunucos Pelo Reino de Deus**. Mulheres, Sexualidade e Igreja Católica. Tradução de Paulo Froes. Rio de Janeiro. Editora Record, 1996.

HOOVER, Stewart. Mídia e religião. Premissas e implicações para os campos acadêmico e midiático. **Revista C&S**. São Bernardo do Campo, v.35, n. 2, p.41-68, Jan/Jun. 2014.

Religion in the media age. New York: Routledge, 2006.

HORTELAN. Luiza Terassi. “Moderno à Moda Antiga”: discursos terapêuticos, concepções românticas e performances de gênero no movimento Eu Escolhi Esperar. **Revista Debates do NER**, Porto Alegre, ano 19, n. 34, p. 251-277, ago./dez. 2018.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. Tradução de Susana de Alexandria. 2ªed. São Paulo: Aleph, 2009.

LAQUEUR, Thomas. **Inventando o sexo**: corpos e gênero dos gregos a Freud. Tradução de Vera Whately. Rio de Janeiro. Editora RelumeDumará. 2001.

LOPES, Natânia. "Prostituição Sagrada" e a Prostituta como Objeto Preferencial de Conversão dos "Crentes". : **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 37(1): 34-46, 2017.

LARAIA, Roque. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

LAROCCA, Gabriella Muller. **O Corpo Feminino no Cinema de Horror**: gênero e sexualidade nos filmes Carrie, Halloween e Sexta-Feira 13 (1970 – 1980). Dissertação de Mestrado em História. Curitiba: UFPR, 2016.

LAURETIS, Teresa Di. **Technologies of Gender**: Essays on Theory, Film, and Fiction. Indianapolis: Indiana University Press, 1987.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala**: a experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LÖVHEIM, Mia. **Media, Religion and Gender**: Key Issues and new challenges. New York: Routledge, 2013.

MACHADO, Maria das Dores Campos. Corpo e Moralidade Sexual em Grupos Religiosos. **Revista Estudos Feministas**, v.7, nº1, 1995.

MANNHEIM, Karl. **Conservatism**: A Contribution to the Sociology of Knowledge. New York: Routledge, 1986.

MARSDEN, George M. **Fundamentalism and American culture**. 2ªed. New York: Oxford University Press, 2006.

MARTINS, Ana Paula Vosne. **A Católica e a Feminista**: O protagonismo público de Stella de Faro e Eugenia Hamann no cenário das políticas brasileiras de assistência social na primeira metade do século XX. Relatório de atividades pós doutorais apresentado ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Niterói: UFF, 2016.

MATEO, Luiza Rodrigues. **A direita cristã e a política externa norte americana durante a administração W. Bush**. 3º Encontro Nacional ABRI, 2011.

MILLER, Montana. Vernacular abstinence. Teenagers, purity rings, and rites of (blocked) passage. **Practical Matters**, v. 2, pp.1-19, agosto de 2009.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n.2 27, 2007.

Nardi, H. C., Silva, R. N. da. Ética e subjetivação: as técnicas de si e os jogos de verdade contemporâneos. In: Guareschi, N, Hüninng, S. M. (org.) **Foucault e Psicologia**. Porto Alegre: Abrapso Sul, 2005.

PESSANHA, José Américo Motta. Vida e Obra de Santo Agostinho. In: SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira dos Santos e Ambrósio de Pina. São Paulo : Editora Nova Cultural, 2004.

PINEZI, Ana Keila Mosca. O sentido da morte para os protestantes neopentecostais. **Revista Padeia**.maio-ago. 2009, Vol. 19, No. 43, 199-209.

PIZA, Mariana Vassalo. **O fenômeno do Instagram**: considerações sob a perspectiva tecnológica. Monografia apresentada ao departamento de sociologia da Universidade de Brasília. Brasília, 2012.

POLISTCHUK, Illana, **Teorias da Comunicação**: o pensamento e a prática da comunicação social. 4ª Ed. Tradução de Luiz Rouanet. São Paulo: Loyola, 2001.

POWELL, Mark Allan. **Encyclopedia of Contemporary Christian Music**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2002.

QUITANDEIRO, Tânia; BARBOSA, Maria Lígia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de. **Um toque de Clássicos**: Marx, Durkheim e Weber. 2ªed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar e a resistência anarquista- Brasil 1890-1930. 4ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. DUTRA, Elza Maria do Socorro. Não nascer: algumas reflexões fenomenológicas existenciais sobre o aborto. **Revista Psicologia em Estudo**, Maringá, v.16, nº3, pp. 419- 428. Julho/Setembro de 2011.

REGINA, Cláudia. **Guerras Culturais**: o que são e como chegaram ao Brasil. In: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo.

Disponível em: <http://www.iea.usp.br/eventos/guerras-culturais> Acessado em 20-05-2020.

REIS, Toni. EGGERT, Edla. **Ideologia de gênero**: uma falácia construída sobre os planos de educação brasileiros. Revista Educação e Sociedade, v. 38, n. 138, 2017.

ROCHA, Glauco Capper da. FILHO, Veridiano Barroso de Souza. **Da guerra às emoções**: história da internet e o controverso surgimento do facebook. Trabalho apresentado no IV Encontro Regional Norte da História da Mídia. Rio Branco- AC, 19 e 20 de Maio de 2016.

RUBIN, Gayle. El tráfico de mujeres: notas sobre la “economía política do sexo”. In: NAVARRO, Marysa, STIMPSON, Catharine R. (Org.) **¿Qué son los estudios de mujeres?** México, Brasil, Venezuela, Argentina, Colômbia, Chile, Espanha, EUA. Fondo de Cultura Económica. 1998.

_____ **Políticas do Sexo**. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Editora UBU, 2017.

RÜDIGER, Francisco. **Literatura de Auto-Ajuda e Individualismo**: Contribuição ao Estudo da Subjetividade na Cultura de Massa Contemporânea. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

RUSSEL, Bertand. **Casamento e Moral**. Tradução de Fernando Santos. São Paulo: Editora da Unesp, 2015.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SCALA, J. Ideologia de Gênero: o neototalitarismo e a morte da família. **Revista Zenit**. 31 jan. 2012. Disponível em: <<https://pt.zenit.org/articles/ideologia-de-genero-neototalitarismo-e-a-morteda-fami-lia/>> Acesso em: 20/09/2019.

SCOTT, Joan. **Gênero**: uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade, v.15, n.2, jul./dez. 1990.

SCHMIDT, Benito. História e Biografia. CARDOSO, Ciro. VAINFAS, Ronaldo. **Novos Domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SANTOS, Fernanda Cássia. **Entre o altar e a fogueira**: relações de gênero na censura católica a romances (1907-1924). Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba: UFPR, 2017.

SILVA, Ariana Kelly Leandra. Diversidade sexual e de gênero: a construção do sujeito social. **Revista NUFEN**. v.5, n.1, p. 12-25, 2013.

SOUZA, Claiton Vicente Veiga de. **O Poder da Mente**: Religião, bem estar e felicidade na produção literária e midiática de autoajuda de padre Lauro Trevisan (1980-2013). Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal do Paraná. Curitiba: UFPR, 2017.

SOUZA, Marco Aurélio Dias de. **O fim da Guerra Cultural e o conservadorismo estadunidense?** Uma leitura sobre a trajetória de ascensões e quedas da direita religiosa americana. Tese de Doutorado, apresentado ao Conselho, Departamento, Programa Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia. Araraquara: UNESP, 2014.

SPINELLI, M. **Helenização e recriação de sentidos**. A Filosofia na época da expansão do Cristianismo - Séculos, II, III e IV. Porto Alegre: PUC-RS, 2002.

TORRIANI, Tristan. **A construção estética e teórica de personagens no iluminismo alemão**: Lessing, Moses Mendelssohn, Mozart e Kant. Tese de Doutorado em Filosofia. Campinas: Unicamp, 2004.

VAINFAS, Ronaldo. **Casamento, amor e desejo no ocidente cristão**. São Paulo: Ática, 1992.

VEYNE, Paul. **História da Vida Privada Vol. 1**: Do Império Romano ao ano mil. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

SITES CONSULTADOS

Biografia de Michael Omartian:

<https://www.allmusic.com/artist/michael-omartian-mn0000888066/biography>.

Acessado em: 04/04/2019

Distribuidora de Livros Plenitude: <https://www.plenitudedistribuidora.com.br/>, acesso em 20/01/2018.

Informações sobre a ordenação de mulheres na Igreja Universal do Reino de Deus:

<<https://www.universal.org/bispo-macedo/post/as-mulheres-da-universal/>>

Acessado em: 23/06/2020.

Informações sobre as missões evangélicas de Andressa Urach:

<https://www.otvfoco.com.br/andressa-urach-revela-sofrer-perseguiçoes-vira-pastora-e-faz-seu-primeiro-culto-me-tirou-do-lixo/>> Acessado em 23/06/2020

Informações sobre a substância química Hidrogel:

<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2014/12/entenda-o-que-e-o-hidrogel-e-quais-sao-os-riscos-do-procedimento.html> acessado em 15 de março de 2020.

Lei Maria da Penha disponível no site governamental:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm Acessado em 20-07-2020

Lei do Feminicídio disponível no site governamental:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13104.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2013.104%2C%20DE%209.de%20homic%C3%ADdio%2C%20e%20o%20art. Acessado em 20-07-2020

Matéria da Folha de São Paulo sobre o processo movido pelo Conselho

Nacional de Psicologia contra Marisa Lobo:

<<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/09/1915592-psicologa-evangelica-ganha-batalha-contr-conselho-na-justica.shtml>> acessado em 15/03/2020.

Matéria sobre Andressa Urach e Cristiano Ronaldo no tabóide inglês The Sun em 2013: <https://www.thesun.co.uk/archives/news/695335/cheating-ronaldo-romps-with-brazilian-beauty-miss-bumbum/> <Acessado em 25-05-2020>

Participação de Sarah Sheeva no Programa Marília Gabriela SBT (2012).

Disponível em <disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GRpiWeul6lY>>. Acesso em 10 de abril de 2019.

Pesquisa da Tic Domicílios sobre o acesso dos brasileiros à internet:

https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2018_coletiva_de_imprensa.pdf
 acessado em 28/01/2020.

Portal Pop- Biografias:

<http://palcoprincipal.sapo.ao/bandasMain/snz/video/lquL3yOf1SI> Acessado em
 15/05/2015

Programa Balanço Geral RS, com o quadro “Eu Sobrevivi” de Andressa

Urach: <http://tv.r7.com/record-tv/rio-grande-do-sul/videos/eu-sobrevivi-22032019?fbclid=IwAR2M35-PHKH2Fd2xmKi_bwa0xeW8HiplY9ZHjuUxOryVlpTU7kuyJVzEIRI>
 Acessado em 23/06/2020

Resolução do Supremo Tribunal Federal sobre a união estável entre homossexuais:

<https://www2.stf.jus.br/portalStfInternacional/cms/destaquesNewsletter.php?sigla=newsletterPortalInternacionalDestaques&idConteudo=238515> Acessado em 20-07-2020

Resolução do Supremo Tribunal Federal sobre a criminalização da homofobia:

<https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=414010>
 Acessado em 20-07-2020

Site da Editora de Sheila Walsh: <http://www.thomasnelson.com.br/autor/sheila-walsh/> Acesso em 15/07/2019.

Site da Harvard Divinity School. <<https://www.thoughtco.com/what-is-transcendentalism-3530593>>. Acesso em: 14/07/2019

Site Evangélico Pleno News <<https://pleno.news/galeria/sarah-sheeva-da-dicas-de-moda-para-suas-seguidoras>> , acesso em: 18/01/2017

Site do Mercado Livre <www.mercadolivre.com.br> Acesso em: 02/06/2018